Keep your friends close...your enemy closer.

Everything for You





A BERGMAN BROTHERS NOVEL

CHLOE LIESE

BWC



Tabela de Conteúdos

NOTAS DE CONTEÚDO

NOTA DA LISTA DE REPRODUÇÃO

AVISO DO BWC

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20



21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
AGRADECIMENTOS



NOTAS DE CONTEÚDO

INCLUI SPOILER

Este é um romance de portas abertas que retrata a intimidade sexual consensual em suas páginas. Esta história também inclui um personagem principal que vive com dor crônica e um personagem principal que sofre de ansiedade, incluindo dois ataques de pânico em suas páginas. Informamos que, em uma cena, um insulto queerfóbico é direcionado a um dos personagens principais, mas não é nomeado na página, e é veementemente condenado por mim e pela narrativa. Com a orientação de minha própria experiência, bem como leitores de autenticidade e leitores beta, espero ter dado a esses assuntos o cuidado e o respeito que eles merecem.



NOTA DA LISTA DE REPRODUÇÃO

No início de cada capítulo, uma música e um artista são fornecidos como outro meio opcional de conexão emocional com a história. Não é uma necessidade – para alguns, pode ser uma distração ou para outros, inacessível – nem as letras são literalmente sobre o capítulo. Ouça antes ou enquanto você lê para uma experiência sonora. Se você gosta de playlists, em vez de pesquisar individualmente cada música enquanto lê, pode acessar diretamente essas músicas em uma lista de reprodução do Spotify logando em sua conta do Spotify e digitando “Everything for You (BB # 5)” no navegador de pesquisa.



Para quem está com medo ou machucado,
quem é amado e está perdido.
Você é corajoso.
Você é suficiente.

Eu acredito em você.



“Não tenho noção de amar as pessoas pela metade, não é minha natureza.”

— *Jane Austen, A Abadia de Northanger.*



AVISO DO BWC

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.



OLIVER

Música da Playlist: “Capsized”, Andrew Bird

EU SEREI o primeiro a admitir que não sou a minha melhor versão quando embriagado. Como um cara geralmente otimista e sociável, eu não procuro álcool por seu burburinho relaxado e descontraído e, depois de beber alguns copos, não noto. Eu simplesmente me transformo, por falta de palavras melhores, em uma bagunça emocional extremamente sem filtro.

É por isso que eu não vou beber este fim de semana. Não, nem uma gota. Não quando eu apenas comecei a me sentir como eu mesmo de novo, meses depois de ter meu coração partido. Não quando estou prestes a passar as férias de primavera celebrando o casamento do meu irmão ao lado dos meus pais ainda muito apaixonados e seis irmãos, quatro dos quais também tem parceiros felizes.

Beber seria uma má escolha. Não só porque, como eu disse, não sou uma flor que se cheire quando bêbado, mas porque não vai demorar muito para me enviar em espiral para os pensamentos sombrios que me atormentam desde o meu término.

— Oliver.

Meu irmão Viggo, tão próximo de mim em idade e aparência que operamos como gêmeos, desliga o som do carro alugado, nos banhando em silêncio.

Eu olho em sua direção de onde eu estava olhando pela janela.

— O quê?

— Eu estou *falando* com você.

— Então continue falando.

Viggo suspira e passa a mão pelo cabelo castanho despenteado, nossa única diferença perceptível, comparado ao meu loiro escuro. O mesmo maxilar anguloso e o furinho no queixo de nosso pai, as mesmas maçãs do rosto salientes



e olhos azul-acinzentados pálidos que herdamos de mamãe. Os mesmos corpos altos e magros, exceto que comecei a ganhar mais músculos, graças ao treinamento com pesos, para que eu possa me manter na divisão 1 em um campo de futebol.

— Eu poderia continuar falando. — Viggo lança um olhar preocupado em minha direção, os olhos em mim por muito mais tempo do que deveriam pela velocidade que ele está dirigindo. — Mas eu não acho que você está ouvindo.

— Estou ouvindo — digo a ele, para que ele mantenha os olhos na estrada e não nos mate antes mesmo de chegarmos à festa.

— Uh-huh. — Felizmente, ele vira seu olhar para frente mesmo quando se inclina na minha direção, franzindo o nariz.

— O que você está fazendo? — Um sorriso que não consigo segurar puxa minha boca. Viggo me enlouquece, mas ele é praticamente a única pessoa que tanto se deixa levar pelo meu raro mau-humor quanto consegue me puxar para fora disso.

— Estou farejando você — diz ele, ligando o pisca-alerta e ultrapassando uma tartaruga na nossa frente.

— Me farejando.

— Hum. Sinto o cheiro da angústia saindo de você.

— Cale a boca — Eu soco sua coxa. Ele belisca meu mamilo. Eu grito de dor. — Droga, Viggo! Isso dói!

— Bem feito para você — diz ele. — Foi na minha perna ruim que você bateu. Eu poderia ter causado um acidente.

Eu, mal-humorado, me afundo no meu assento e olho pela janela. A luz do sol amarelo-limão corta o céu azul-ardósia, marmoreado com nuvens. É início da primavera e – ao contrário da atual casa da nossa família em Los Angeles – o estado de Washington, onde mamãe e papai moraram em primeiro lugar e começaram sua ninhada de sete filhos dos Bergman, parece que luta por cada flor frágil e broto verde que abre caminho na terra fria e dura. No noroeste do



Pacífico, há limites e empenho. Aqui, a esperança parece que foi conquistada com muito esforço.

É assim que a esperança se sente dentro de mim também.

Abaixando a janela, eu chupo um gole do ar úmido de meados dos anos 50 – cheiro de chuva e a promessa de uma primavera completa ao virar da esquina. Deus, eu amo este lugar.

— Então... — Viggo limpa a garganta, me tirando dos meus pensamentos. — Eu sei que você está temendo ver todos em sua névoa de felicidade de casal.

— Névoa de felicidade? — Eu dou uma risada, tentando desviar do quão certo Viggo está. Irritantemente, isso é típico, sua intuição emocional é confiante e assustadoramente precisa. Depois de ler centenas de romances de época, meu irmão se considera um especialista no coração humano.

— Vou ficar bem, Viggo. Eu superei.

Praticamente.

Pela primeira vez, meu irmão deixa para lá e fica quieto, embora sua sobrancelha arqueada e cética diga muito, quando ele faz a curva fechada que antecede a entrada da casa de férias da nossa família, uma estrutura em formato de A aninhada na floresta à beira do lago.

Bem, nós o chamamos de "Chalé A", mas, na verdade, ele foi amplamente expandido. Conforme Viggo entra no local, a visão me atinge como um chute direto no peito. Madeira escura e telhado íngreme, janelas altas de vidro na frente, a extensão, que o tornava espaçoso o suficiente para todos nós, se aproximando à esquerda, fumaça saindo da chaminé. Pequenas folhas verdes e botões rosados beijam os galhos pretos e molhados, formando um dossel sobre nós.

É uma visão tão agridoce e bonita que dói. Um nó se forma na minha garganta.

— Eu tenho um plano para lidar, ok? — Viggo diminui a velocidade enquanto rolamos sobre um buraco.

— Um plano.



Ele concorda.

— Então, Axel e Rooney já estão casados...

— Eu me lembro de ter sido informado disso no mês passado. Meio difícil de esquecer, junto com a visão do seu rosto quando você descobriu.

Viggo faz uma careta. Ele não se recuperou da devastação que foi seu radar de leitura de romance não captar o sinal no casamento secreto de nosso irmão Axel e Rooney.

Ele murmura sombriamente.

— Ainda estou bravo sobre isso. Um casamento secreto! Uma fuga! Como eu perdi isso?

— Porque eles não estavam acelerando em uma carruagem puxada por cavalos para Gretna Green?

— Cale-se.

Dou um tapinha nas costas dele para consolá-lo, enquanto Viggo murmura baixinho sobre irmãos constipados emocionalmente.

— Mesmo que você tenha lido romances posteriores ao século XIX — digo a ele —, você não teria a menor ideia do que estava acontecendo até que Ax estivesse pronto para nos contar. É assim que ele é.

Meu irmão mais velho é um homem de poucas palavras. Profundamente amoroso, mas intensamente privado e tranquilo, Axel mora na propriedade da família, aqui, em sua própria cabana, então, vemos e ouvimos dele com menos frequência e quando ouvimos falar dele, é frequentemente através da palavra escrita.

Axel está no espectro do autismo e acha que escrever é a maneira mais fácil de nos contar coisas pessoais. E é por isso que, quando ele nos contou como estava perturbado com Rooney no Natal passado – quando vi quanto tempo eles passaram sozinhos na varanda depois que ela apareceu, o quão perto eles pareciam enquanto ela passou os próximos dias conosco – eu não fiquei *muito* surpreso ao receber um belo bilhete escrito à mão de Axel no mês passado, explicando que, desde o outono, ele e Rooney estavam juntos



e que agora estavam casados. A carta também dizia que ele lamentava não ter podido nos tornar parte de seu casamento, mas ainda queria muito celebrar seu casamento conosco.

A única coisa que fez com que a carta sentimental escrita com os rabiscos altos e inclinados de Axel fosse ainda melhor, foi assistir ao horror crescente de Viggo enquanto ele lia sua carta também. Não porque desaprovasse os métodos de Axel, mas porque não tinha noção do que estava acontecendo.

— Como eu estava dizendo. — Viggo fareja, contornando os outros veículos estacionados na clareira. — Meu plano para lidar. É uma festa discreta. Não é como se você tivesse que vê-los se casar. Conhecendo Axel, vai ser tranquilo. Prático. Relaxado. Vamos comer uma comida deliciosa. Eu vou te deixar bem e bêbado, te aconchegar e você vai dormir. Amanhã voltará às mesmas velhas travessuras da família, e você pode explodir na minha cara com uma bola de futebol quando jogarmos bola.

— Pela centésima vez, foi um *acidente.*

Ele esfrega a ponte de seu nariz agora um pouco menos que perfeitamente reto.

— Uh-hum. E não tinha nada a ver com a cobra falsa que coloquei na sua cama na noite anterior.

— Se isso *aconteceu* — eu digo irritado, jogando meu telefone, a garrafa de água e os lanches na minha bagagem de mão entre minhas pernas —, foi subliminar. E você mereceu.

Colocando o carro no estacionamento, Viggo se vira e olha para mim.

— Ouça, algo que eu digo a mim mesmo regularmente, enquanto espero pelo meu único e verdadeiro amor...

— Lá vamos nós. — Eu caio para trás no meu assento e esfrego meu rosto.

—... é que o ganho romântico de alguém não equivale à minha perda. A maioria de nossos irmãos está feliz e, embora eu também desejasse estar, posso ficar feliz por eles



enquanto espero. Nossa hora *vai* chegar. — Ele coloca a mão no meu ombro e dá um aperto. — Até então – bem, mais pelas próximas setenta e duas horas – vamos ser os filhotes de homens livres e nos divertir um pouco. Entendido?

Eu suspiro e abro a porta do meu carro.

— Certo.

BEM. Estou embriagado. Ainda bem que não dei um showzinho de merda.

Embora eu acho que eu poderia estar no meio do caminho.

Escondido em um canto sombrio do amplo deck traseiro do Chalé A, estou fora do alcance dourado de inúmeras luzes cintilantes penduradas no alto. Uma brisa fresca do final de março atravessa a pequena reunião e enquanto tomo minha cerveja sabe-se lá que número, meu olhar viaja pela minha família.

Mamãe e papai balançam ao som da música, olhando apenas um para o outro. Mamãe desliza as mãos pelos cabelos cor de cobre dele, que estão com fios brancos, e sorri suavemente para ele. Os olhos do papai se enrugam quando ele sorri para ela, envolvendo as mãos mais apertadas ao redor de sua cintura.

Eles parecem tão apaixonados, e eu amo que meus pais ainda são loucos um pelo outro, mas eu não preciso vê-los se beijando, o que eles estão prestes a fazer. Então, eu desvio o olhar bem a tempo e pego a mais velha de nós, minha irmã Freya, com os braços em volta do pescoço do marido, Aiden, – *eca*! – beijando-o.

Fecho os olhos brevemente e quando os abro novamente, lá está Axel, o próximo na ordem de nascimento, balançando sua esposa, Rooney, ao ritmo da música. Ele é o mais alto de nós, o que o torna gigantesco, já que ninguém na família tem menos de um metro e oitenta. Seu cabelo, castanho chocolate



como o de Viggo, cai sobre sua testa enquanto encara Rooney, os fios dourados dela adornados por uma coroa de flores. Ele beija sua testa, olhos fechados, seu mundo é nada além dela.

Depois, há Ren, tão parecido com papai, com seu corpo largo e cabelo ruivo, e um pouco como mamãe com seus olhos azul-acinzentados pálidos e maçãs do rosto salientes. Eu tento não vê-lo fazer sua namorada, Frankie, abrir um raro sorriso largo e rir enquanto ele sussurra em seu ouvido.

Eu esperava poder contar com meu irmão Ryder, com cara de lenhador rabugento – com os olhos verdes mal-humorados de papai e propensão a provocar a mulher que ele ama – para me dar um tempo, mas até *ele* está sendo romântico. Um sorriso acalorado brinca em sua boca enquanto sua namorada, Willa, sorri para ele e afunda as mãos em seu coque loiro escuro, puxando-o para um beijo profundo e forte.

Minha irmã Ziggy, a única mais nova que eu, está sentada alegremente enrolada em uma espreguiçadeira, uma mecha de cabelo comprido e ruivo enrolado no dedo, sorrindo para si mesma enquanto lê um de seus romances de fantasia. Conheço esse olhar, seus olhos verdes percorrendo a página, um rubor ardente aquecendo sua pele pálida – ela está sendo arrebatada por outro vilão sarcástico de cabelos escuros que, de alguma forma, será redimido e se tornará um interesse amoroso no final, se as últimas histórias sobre as quais ela falou servem de ajuda.

Entre alguns outros amigos próximos estão os pais de Rooney também. E embora estejam divorciados, eles compartilham o que parece ser uma dança confortável entre amigos agora, seus olhares amorosos direcionados para sua filha.

Resumindo, estou cercado por todos os tipos de finais felizes, o que é adorável... mas também terrível.

— Ok. — Viggo se senta ao meu lado e troca minha cerveja por um copo d'água. — Eu não sabia que Axel iria



surpreender Rooney com a renovação de seus votos na frente de suas famílias e amigos mais próximos.

Eu esfrego meu peito, onde ainda dói com o nó de alegria e tristeza que está lá desde que eu os vi se prometerem um ao outro novamente, apenas algumas horas atrás.

— Você me disse que ia ser apenas uma festa.

Oh, garoto. Minhas palavras são desleixadas. Eu pareço muito bêbado.

Concentrando-me na minha dicção, tento parecer mais sóbrio enquanto digo ao meu irmão:

— Eles já se casaram. Era para ser uma *festa.*

— Eu sei, amigo — murmura Viggo, segurando meu pescoço, um gesto afetuoso e firme que é comum em nossa família. Inclinando sua cerveja, ele toma um longo gole. — Mas parece que nosso irmão mais velho mal-humorado e silencioso se transformou em um romântico completo em algum lugar nos últimos três meses e teve a ideia de convidar as pessoas mais importantes de suas vidas para um encontro íntimo para que pudessem compartilhar um casamento conosco no final das contas.

Olho de volta para Axel, que está segurando Rooney. Ele a beija por tanto tempo que eles param de dançar, até que seu cão resgatado, Harry, pula e os separa com um latido alegre.

Fecho os olhos novamente.

— Estou feliz por eles — eu sussurro.

— Eu sei que você está — diz Viggo. — Ainda é difícil de ver e tudo bem. Você e eu, Ollie, não fazemos nada pela metade. Você se apaixonou e você caiu com tudo. Se curar de um coração partido leva mais tempo para corações grandes como o nosso.

Quando abro os olhos novamente, eles pousam nos amigos íntimos de Axel, Parker e Bennett, que dançam com sua filha, Skyler, aninhada entre eles. Isso é o que eu costumava pensar que teria com Bryce. O que eu sonhava.



Eu sei que sou jovem e sei que nem todo mundo encontra sua pessoa para sempre, quando está no segundo ano na faculdade. Mas eu tive tanta certeza que tinha encontrado. Tínhamos tudo o que eu achava que você deveria ter – conversávamos facilmente e nos demos bem imediatamente. Bryce era todo brincalhão e divertido, o que equilibrava minha ética de trabalho brutalmente disciplinada tanto no campo quanto na sala de aula. Era fácil com ele, simples. Não deveria ser fácil? Quando eu perdi os sinais de que meu namorado estava perdendo o interesse? Que seus olhos começaram a vagar?

Meu peito aperta enquanto essas perguntas não respondidas, essas preocupações obsessivas, gritam umas sobre as outras em meu cérebro até que o ruído familiar e ansioso dentro do meu crânio ameaça me fazer gritar.

Eu inspiro e expiro com firmeza, persuadindo-me a me concentrar nas sensações ao meu redor – o ar frio na minha pele, o som da música suave nas proximidades. Um truque que meu terapeuta me ensinou desde que percebi que aqueles "dias ansiosos" que eu estava tendo eram todos os dias, que a ansiedade não era apenas um subproduto da minha agenda ocupada e da alta pressão, mas uma realidade do meu cérebro, meu corpo, minha vida.

Enquanto eu estava aprendendo a lidar, enquanto eu começava a experimentar remédios ansiolíticos, Bryce era minha pessoa divertida e alegre. Meu lugar feliz. Eu pensei que sabia disso tão completamente, tão completamente. E, então, com um golpe de infidelidade implacável, veio abaixo o castelo de cartas.

— Eu nunca quero me sentir assim — murmuro. — *Nunca* mais.

Viggo fica quieto por um momento.

— Eu sei. Eu não quero também.

Eu fechei meus olhos. O mundo está começando a girar quando digo a Viggo:



— Por que ele tem que jogar no time e estar na metade das minhas aulas? Eu ficaria bem se eu pudesse apenas... ficar longe dele.

— E para resolver isso, minha oferta ainda está de pé.

Eu dou uma risada bêbada, abrindo meus olhos.

— Embora eu aprecie muito a sua oferta de pregar peças em Bryce tanto que ele deixaria a UCLA, tenho certeza de que dois terços do que você planejou é crime e não quero que você vá para a cadeia.

Viggo zomba.

— Eu sou um cara discreto. Eu poderia me safar.

— Ou eu poderia dizer sim à oferta do Galaxy e ficar longe de tudo.

Sua cabeça vira em minha direção.

— O quê?

Eu coloco meus lábios entre meus dentes.

— Meeerda. Eu disse isso em voz alta.

Viggo se vira para mim completamente.

— Eu não estou surpreso de que eles queiram você. Estou surpreso de que você esteja considerando isso. Você sempre disse que queria concluir sua graduação, não importava o quê.

— Eu disse. — Eu me sinto instável, então, me inclino contra a casa. O mundo está girando ainda mais rápido agora. Eu soluço bêbado. — Eu queria – eu *quero* – *meu* diploma de pré-medicina.

Pelo menos, acho que sim.

Eu quero?

Meu irmão fica quieto por um minuto.

— Por que você faz isso, Ollie? Trabalhar *tanto*? Você sabe o quão bom você é no futebol, o quanto você o ama. Quando se tornar um médico era um plano real para você, sendo que se tornar profissional era inevitável?

— Não era inevitável. — Eu tento beber a água que Viggo me deu e quase sempre erro minha boca.

Viggo revira os olhos.



— Sim, era. E eu nunca entendi por que você está se esforçando desde o primeiro ano do *ensino médio* para se preparar para algo que você nunca teve a intenção de perseguir.

Eu rio sem humor. Posso contar quase tudo a Viggo, mas não isso. Como é difícil ser o quinto filho, viver à sombra de um veterano militar condecorado e um pai médico e de quatro irmãos mais velhos que, cada um à sua maneira, são profundamente capazes, talentosos e confiantes. Como tem sido difícil me encontrar em meio a tudo isso, me sentir visto e... talvez um pouco admirado?

Axel é um artista brilhante e bem-sucedido. Ren é um jogador profissional de hóquei, um queridinho da NHL. Ryder está construindo rapidamente um império acessível de experiência selvagem e loja de acessórios. E Viggo é tão bom em *tudo* que tenta, mesmo que não pareça manter seus interesses por muito tempo, ele poderia literalmente fazer o que quisesse.

Depois, tem minhas irmãs. Freya, a mais velha, uma fisioterapeuta que já está administrando sua clínica, pelo amor de Deus. Ela está apenas na casa dos trinta! E Ziggy, que sempre soube o que queria e perseguiu singularmente: futebol. Ela é a bebê amada, a segunda filha adorada e desejada, o suporte perfeito para nossa família.

Então há eu. Um trabalhador. Um atleta estudante assíduo. Alguém que se envolveu com a medicina porque era fascinante, mas, o mais importante, porque era algo sobre o qual papai e eu sempre podíamos conversar. Alguém que se saía bem em todos os testes, por ser a única coisa que eu fazia que fez minha mãe sorrir e me abraçar com força, em alívio por eu não estar me metendo em encrencas de novo ou fazendo travessuras com Viggo.

Estar em um curso de pré-medicina, tirar boas notas, eu tenho orgulho e satisfação disso. Sempre gostei de fazer o bem, saber que superei as expectativas, agradou as pessoas que me importam ao fazê-lo. Se o futebol não fosse o único



lugar em que me sentisse mais livre, mais alegre, mais eu mesmo, gostaria de ser um médico compassivo e competente. Mas o futebol é meu coração e a oportunidade que eu queria há tanto tempo finalmente chegou, implorando-me para ser corajoso, para desistir desses lugares familiares e seguros de validação e garantia direta, para arriscar e agarrar essa oportunidade com ambas as mãos.

— Eu acho... — Eu lambo meus lábios, que estão formigando, quase dormentes. — A faculdade de medicina era meu plano B.

Viggo bufa.

— Só você teria a faculdade de medicina como plano reserva.

— Eles vão se orgulhar de mim? — eu murmuro.

Sua diversão morre. Ele se inclina, sua mão deslizando pelo meio das minhas costas.

— Quem?

— Mamãe e papai. Todos vocês.

— Ollie, claro. Já estamos orgulhosos de você. Se você não fizesse nada além de existir pelo resto de sua vida, estaríamos orgulhosos de você. Porque você é parte nossa e nós te amamos.

Eu soluço uma risada.

— Certo.

Viggo franze a testa.

— O que sequer te fez duvidar disso?

Eu afasto seu braço.

— Você não entenderia.

— Então me diga que eu vou entender.

Embriagado, apoio os cotovelos nos joelhos, enterrando o rosto. Um cotovelo escorrega.

— Eu vou fazer isso. Eu vou dizer ao Los Angeleeeeees Galaxy, sim.

Há uma pausa espessa.



— Talvez — arrisca Viggo —, esta decisão deva esperar pela luz do dia. E sobriedade.

— Pf. — Eu aceno com a mão e perco tanto o equilíbrio que quase caio de cara. Viggo me puxa de volta. — Quem precisa de sobriedade?

— Você, meu irmão. Agora, vamos, vamos levá-lo para a cama...

— De jeito nenhum, José. — Eu cambaleio enquanto estou de pé. Viggo envolve um braço em volta da minha cintura, e eu uso sua influência que me estabiliza para pegar meu telefone no bolso. — Vou pegar meu gmaaaaails e dizer a eles minha resposta *agora*. "Sim, por favor, Galaxy! Assinado, atenciosamente, cordialmente, Oliver Abram Bergman."

— Eu vou pegar isso. — Viggo pega o telefone da minha mão. — Você não está enviando e-mail para ninguém agora.

— *Adeus* , Bryce — eu canto enquanto Viggo nos conduz em direção às escadas do deck, longe da festa. Ele vai me esgueirar pela lateral da casa, pela porta da frente, para que eu não me envergonhe com a família, e, em alguma parte obscura e não tão bêbada da minha mente, eu sou grato por isso. — *Adeus*, futebol universitário — eu canto. — Eu era melhor do que você de qualquer maneira.

Uma risada silenciosa ressoa em seu peito.

— Esta é a minha parte favorita de sua embriaguez. Você finalmente encontra seu ego.

— Sou rápido como uma pantera — canto para o céu. — E excelente em química orgânica! E eu tenho uma bunda grande! Ouviu isso, ser celestial incorpóreo, lá em cima? Ooh, acho que vejo a Ursa Menor. Ela é a minha favorita. — eu soluço. — Oh, céus. Acho que estou muito bêbado. Como isso aconteceu?

Viggo ri novamente.

— Você tomou muita cerveja, Ollie. O que você esperava?

O que você esperava? Essa frase. Isso me envia de volta à terra da minha observação de estrelas enquanto a rotação do mundo piora, as memórias se confundem no tempo e no



espaço. Foi o que Bryce me disse, quando entrei na casa dele e o peguei com alguém de joelhos, o pau na garganta, e perguntei o que diabos estava acontecendo.

O que você esperava?

Como se não estivéssemos exclusivamente juntos por meses. Como se esperar que meu namorado fosse fiel fosse um absurdo. Como se eu não *valesse* a sua fidelidade. Ou seu remorso.

Meu estômago embrulha. Eu gemo.

— Vou vomitar.

Viggo parece ter antecipado isso, porque está me conduzindo pelo gramado, onde a luz não chega e há uma fileira de arbustos de rododendros resistentes. Assim que os contornamos, nós dois paramos. Minha irmã Freya está curvada, fazendo exatamente o que estou prestes a fazer.

Abro a boca para perguntar se ela está bem, mas o vômito sai em vez disso.

Freya dá uma olhada em mim, então, se vira e vomita novamente.

— Ok. — Viggo levanta as mãos, recuando. — Eu amo vocês dois. Profundamente. Mas eu... — Ele engasga. — Eu não tenho seus estômagos de ferro de médicos. Fiquem bem. Peçam ajuda se precisarem, mas enviarei reforços se necessário.

Então, ele dispara de volta pelos degraus do deck.

Depois de outra onda de vômitos, Freya geme e afunda na grama, caindo de costas. Sinto uma última onda de álcool subindo pela minha garganta, desgosto, depois me viro e encaro minha irmã mais velha. Ela parece uma merda, uma estrela-do-mar na grama, olhos fechados.

Eu, no entanto, já me sinto oito mil vezes melhor depois de ter vomitado minhas más decisões líquidas. Tenho um lenço no bolso, que uso para enxugar a boca. Então me agacho e ofereço a Freya o meu reserva do outro bolso. Ela o pega com indiferença, enxugando a testa coberta de suor, depois a boca, antes de enfiá-lo entre o decote e estremecer.



— Exagerou na dose com o vinho? — Eu pergunto.

Ela coloca a mão sobre a boca.

— Por favor, não fale sobre álcool. Pensar nisso me dá náuseas.

— O que há de errado? — Eu caio ao lado dela e deito de costas. Lado a lado, olhamos um para o outro, os mesmos olhos claros e os cabelos loiros de mamãe, embora o de Freya ainda seja loiro branco, enquanto o meu está escurecido, como o de Ryder.

Suspirando, Freya olha para o céu escuro, brilhando com estrelas prateadas.

— Meus seios doem — ela sussurra, enxugando uma lágrima no canto do olho. — E minha menstruação está atrasada.

Discutir este tópico não é tabu na família Bergman. Quando cada um dos meninos teve a conversa sobre a puberdade, isso incluiu meu pai nos sentando e dizendo:

"Vocês não se transformam em idiotas juvenis por causa da menstruação de suas irmãs. Vocês perguntam se elas precisam de alguma coisa e, se precisarem, vocês irão até a loja e comprarão absorventes, analgésicos, alimentos reconfortantes, o que elas precisarem para sobreviver, então, agradeçam a Deus que seu corpo não faz isso com você a cada vinte e oito dias."

— O mês passado também foi leve — Freya diz, sua voz suave. — Quase como... não de verdade.

Eu me apoio em um cotovelo.

— Espera. Você está...

— Grávida — ela sussurra, sorrindo tão largo para o céu, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Tenho tanto medo. Era bom demais para ser verdade, depois de esperar e torcer... ainda não podia fazer o teste.

Agarro a mão dela, porque a conheço. Eu sei que quando Freya está emotiva, ela não precisa que você conserte nada para ela, ela só precisa de uma mão para segurar. Então, eu seguro firme.



— Aiden sabe?

Ela morde o lábio.

— Ele sabe que estou alguns dias atrasada e me sentindo exausta. Eu prometi a ele que faria um teste amanhã de manhã se ainda me sentisse assim quando acordasse, mas... — Ela balança a cabeça, enxugando mais lágrimas. — Eu não tinha grandes esperanças. Eu não acho que poderia finalmente... — Um meio soluço, meio riso salta dela. — Eu *nunca* vomito. E meus seios nunca pareceram assim. Tem que ser um bebê, não é?

Eu rio baixinho, mas minha garganta está apertada de emoção.

— Sim, Frey. Eu acho que sim.

O sorriso da minha irmã se alarga. Ela começa a rir em meio às lágrimas de felicidade, e então eu rio com ela, como não fazia há meses. Meu coração está cheio, suas rachaduras e hematomas enfaixados pela esperança.

A clareza deste momento parece surreal. Como tenho certeza, como me sinto livre por tomar essa decisão – ainda que sob a influência do álcool, mas *no vinho está a verdade*, como diria o ditado – de seguir em frente, de ser corajoso, de entrar nesta nova temporada, acreditando em mim e nas possibilidades esperando por mim.

Chega de ser amigável com Bryce. Chega de relacionamentos complicando minha felicidade ou arriscando minha alegria no futebol. Meus amigos e família, jogando o belo jogo, isso será o suficiente para mim. E, em breve, haverá um pequeno bebê Bergman para adorar e derramar meu amor.

Vou proteger meu coração, manter minha cabeça baixa, trabalhar duro. Esses serão meus mundos, dois distintos – as pessoas que amo e o jogo que amo. Quando olho para cima, com a esperança queimando tão brilhante e quente dentro de mim quanto aquelas estrelas iluminando o céu, prometo a mim mesmo: nunca vou deixar que eles sejam um único e o mesmo de novo.




Everything
for You

2

OLIVER

Música da Playlist: “Simplify”, Los Coast

Quatro anos depois

— MINI TERROR CHEGANDO! — Eu grito do lado de fora da sala de treinamento.

No momento em que ela ouve os familiares gritos de medo ensaiados, minha sobrinha, Linnea, desliza pela porta, um borrão na camiseta do Galaxy e meias de futebol, uma bola de futebol tamanho dois grudada em seus pés.

— Cuidado, pessoal. — Eu imito a voz de um locutor esportivo através das mãos em concha ao redor da minha boca. — Ela tem noventa...

— E seis! — Linnie grita.

— Noventa e seis — eu emendo. —, e ela está aqui para fazer você...

— Se mijar! — ela grita.

Crianças no pré são estranhas. Ainda falando com as mãos em concha, digo a ela:

— Eu ia dizer ”chorar”.

O cabelo escuro de Linnie, que ela herdou de Aiden, está trançado para trás, sua língua para fora em concentração. Aqueles olhos pálidos dos Bergman que Freya deu a ela, enquanto ela corre para Ben, um de nossos defensores. Ele fica de pé com as pernas abertas para ela, e ela dá um toque de noz-moscada, mandando Ben cair no chão com uma derrota exagerada.

— Ela é imparável — eu explodo, enquanto ela dá um passo para cima, que Santi finge se apaixonar espetacularmente, chorando em desespero enquanto ela bate nele. Em seguida, ela joga um ombro na coxa de Carlo e passa por ele, aproximando-se de Amobi, nosso goleiro. — E ela está indo para....

— Arrasar! — Linnie grita.



Amobi se posiciona, bloqueando a entrada para a próxima sala cheia de esteiras. Linnie faz um pequeno arco-íris, e Amobi deixa-a navegar pelas suas mãos abertas.

— Na verdade — digo a ela — eu ia dizer...

— *Gol!* — Linnea grita, com os olhos arregalados de adrenalina, punhos no ar. A sala explode em comemoração.

Rindo, Amobi rola a bola de volta para Linnea e me diz:

— Estou com medo, cara. Se eu tivesse movimentos assim com noventa...

— E seis — diz Linnie, driblando com a bola.

— Ela me pegou legitimamente na semana passada — diz Carlo atrás de mim. — A mini Maradonna jogou minha bun... quero dizer, meu bumbum, direto no chão.

— Sim, eu joguei! — Linnie grita. Tudo o que ela diz está em VOLUME MÁXIMO. Balançando as sobrancelhas, ela sorri para mim. — Eu vou marcar em *você*, tio Ollie.

Eu agito minhas mãos em um gesto de *me dê o seu melhor chute*. O que Linnea faz. Ela completa alguns passos, puxa a bola de volta, então, a acerta direto nas minhas bolas.

— Oooh. — Um gemido coletivo de simpatia ecoa na sala.

Eu caio como um saco de farinha.

— Filha de um biscoito.

— Desculpe, tio Ollie! — Linnie grita, jogando-se em mim.

Puxando-a para o meu peito, eu digo a ela:

— Ainda bem que eu sei exatamente como dar o troco.

Linnea grita quando eu faço cócegas nela, então, rapidamente sai de cima de mim, me empurra de bruços e prende meu braço atrás das costas.

— Sem cócegas! — ela grita.

Eu giro, gentilmente a rolando de cima de mim e cedendo à nossa típica luta de luta livre. Como de costume, todo o vestiário começa a torcer pela minha sobrinha.

— Linnie! Linnie! Linnie!



— Ai! — Estou em um estrangulamento que é bastante impressionante para alguém tão pequeno quando o barulho desaparece abruptamente.

Lentamente, olho por cima do ombro. Linnea cai, correndo atrás de mim enquanto me sento.

A treinadora se levanta, os braços cruzados sobre sua barriga muito grávida. E, ao lado dela, está Gavin Hayes. O melhor jogador do mundo recentemente, o rabugento mais rabugento, o capitão rabugento e, uma vez, meu ídolo.

Depois de uma carreira impressionante de quinze anos jogando exclusivamente pelos clubes mais prestigiados da Inglaterra, ele se mudou para os Estados Unidos há dois anos para jogar pelo Galaxy. Desde então, ele me ignorou ou fez uma careta para mim, como ele faz agora, olhos escuros com desaprovação.

Eu abro um sorriso com covinhas.

Sua carranca se aprofunda.

É assim que vai. Porque o homem que eu admirei uma vez – que se assumiu gay publicamente e me inspirou a sair do armário, para mais do que meus amigos e familiares, a ser abertamente bissexual em minha vida pública profissional – é um idiota de proporções épicas. A vida é muito curta para ser um idiota, especialmente quando a mídia está sempre de olho em você e as repercussões de algumas brincadeiras inofensivas dos Bergman podem explodir na minha cara, então, optei por matá-lo com gentileza.

Linnie fica boquiaberta para Gavin, parecendo intimidada. Ela se esconde atrás dos meus ombros. Para seu crédito, ele é intimidador. Lembro-me de ficar igualmente boquiaberto quando o vi pessoalmente pela primeira vez. Lembro-me de minha garganta trabalhando com um gole áspero, meu olhar deslizando por seu corpo. Ele parece o mesmo hoje como dois anos atrás, quando se juntou a nós: altura alta, um corpo largo e poderoso. Pele bronzeada, olhos escuros como café, barba cerrada e cabelos grossos –



cortados nas laterais, um pouco mais compridos em cima, a mesma cor rica e agridoce.

Gavin paira sobre nós naquela postura agressiva que eu o vi tomar antes de cada cobrança livre de pênalti, desde que eu estava na escola primária e ele era um jovem adolescente figurão que ascendeu ao mais alto nível do futebol antes mesmo de poder beber legalmente. Seus olhos nunca deixando os meus, ele sacode a bola de Linnea no ar com o pé e a pega, espalmando-a em sua mão.

— Bergman — a treinadora diz, suas tranças pretas balançando enquanto ela se inclina para ver além de mim. — E Linner, a Vencedora, é claro.

Linnie espia por trás do meu ombro.

— Oi, Treinadora.

— Mantendo esses meninos sob controle? — A treinadora pergunta a ela.

Ela acena.

— Bom. Bem... — A treinadora limpa a garganta, enxuga a testa e o brilho do suor brilhando em sua pele marrom escura. Como Freya, a treinadora parece estar experimentando um dos sintomas não tão agradáveis da gravidez avançada de estar insuportavelmente quente o tempo *todo.* — Eu estava procurando por você, Bergman. Importa-se de escoltar a senhorita Linnie de volta para sua mãe para podermos ter uma conversa rápida?

Eu me levanto, colocando uma mão tranquilizadora no ombro de Linnea, quando ela envolve seus braços ao redor da minha perna.

— Claro, treinadora.

— Tio Ollie — Linnie sussurra alto, porque ela é incapaz de falar baixinho. — Você pode pegar minha bola do rabugento?

— Oh, merda — alguém murmura.

Gavin olha para ela. Ele é enorme. Um metro e noventa e três centímetros, constituição de um linebacker – um defensor no futebol americano. Para seu tamanho, ele desafia



a física com a rapidez de seus pés, e eles não são mais tão rápidos quanto costumavam ser, não que eu dissesse isso na cara dele – eu gosto de meus membros intactos, muito obrigado.

Enquanto eu olho para ele, debatendo a maneira mais diplomática de dizer ao excêntrico para devolver a bola à garota, seu olhar encontra o meu por apenas um momento. Então ele pisca, deixa cair a bola, gira e sai correndo da sala.

A treinadora olha por cima do ombro dela enquanto abre a porta e desaparece, um suspiro saindo dela.

— Tio Ollie. — Minha sobrinha bate no meu ombro. — Eu tenho que fazer xixi.

— Meu escritório em cinco — diz a treinadora. — E não se esqueça dos doces.

Eu sorrio.

— Eu te dou cobertura, treinadora.

— Tio Olllieeee — Linnie choraminga, começando a fazer a dança *tenho que fazer xixi*, pulando de um pé para o outro, segurando seu short.

— Ok, parceira. Vamos encontrar sua mamãe.

Como de costume para essas visitas de Linnie, tinha deixado Freya conversando com nossos preparadores físicos da equipe, Dan e Maria, que são amigos dela dos tempos de faculdade. Se o passado é alguma indicação, Dan e Maria estarão em suas cadeiras giratórias, bebendo os cafés que eu trouxe para eles, Freya com os pés em uma mesa de massagem, as mãos apoiadas na barriga, que atualmente é o lar do bebê Bergman-MacCormack número dois.

Agachado, dou minhas costas a Linnie, e ela pula, bola de futebol agarrada em um braço.

— Tchau, treinadora! Tchau, pessoal! — ela liga. — Vejo vocês na próxima vez quando eu bater em suas bundas!

Eles riem, se despedindo enquanto saímos do vestiário.

— Depressa, tio Ollie! — Linnie grita. — Vou fazer xixi nas calças!



DEPOIS DE ENTREGAR Linnea para Freya, estou a meio caminho do escritório da treinadora quando paro e volto, lembrando do que preciso. No meu cubículo no vestiário, abro o refrigerador e pego o recipiente que contém um dos caseiros *semlor,* de Viggo. Com uma corrida rápida de volta pelo corredor, estou no escritório da treinadora. A porta está entreaberta, então, eu entro e a fecho atrás de mim.

— Oh, graças a Deus — diz a treinadora, esfregando as mãos. — Você é o melhor.

Sorrindo, coloco a sobremesa que faz seus olhos brilharem – semlor, um pão com infusão de cardamomo repleto de chantilly de maçapão, uma lasca do pão descansando em cima, polvilhado com açúcar de confeiteiro.

Gavin assiste a essa transação com sua expressão habitual ilegível, embora fria, mas posso imaginar o que ele está pensando: *Lambe-botas. Puxa-saco. Bajulador.*

Quando, na verdade, eu só gosto de fazer as pessoas felizes. Eu gosto que Viggo consiga vendas por sua agitação paralela de assar, e que a treinadora consiga os doces que ela está desejando. Faz-me sentir bem em dar às pessoas o que elas precisam e colocar um sorriso em seus rostos.

Mas já deixei de esperar que Gavin entendesse de onde estou vindo. Ele deixou claro desde o primeiro dia que não me suporta.

Doeu quando ele se juntou pela primeira vez. Eu esperava que pudéssemos pelo menos ser companheiros de equipe amigáveis – isto é, depois que eu superasse o espanto. E talvez seja porque eu o admirava *tanto* que seu desdém me cortava tanto. Ele não é apenas o maior jogador do mundo na história moderna – ele é um dos primeiros e poucos jogadores de futebol profissional abertamente gay.

Sua saída, dada naquele rosnado baixo e autoritário em uma entrevista coletiva com tanta confiança e equilíbrio



sucintos, me inspirou a estar em todos os lugares da minha vida. Isso me encorajou a falar abertamente sobre ser queer com minha faculdade e depois com times de futebol profissional, sobre minhas esperanças de que o jogo se tornasse mais seguro e mais receptivo – se os jogadores estavam questionando, apenas para si mesmos, para suas famílias, para seus amigos ou para o público.

Eu esperava que, como dois caras abertamente aquileanos no mesmo time, pudéssemos apoiar um ao outro em um esporte que me falhou muitas vezes ao longo dos anos. Masculinidade tóxica. Homofobia e bifobia flagrantes e sutis. Nos vestiários, no campo, nas seletivas, na mídia.

Mas não. Desde que ele se juntou a nós dois anos atrás, tudo o que Gavin fez foi agir como se ele visse essa mudança de carreira como um rebaixamento completamente desagrádavel. Tudo o que ele faz depois de marcar cada um daqueles belos gols é fazer uma careta para a câmera, tomar banho depois do jogo, rosnar nas entrevistas e sair.

— Então — a treinadora diz em torno de uma mordida, gesticulando para eu me sentar. — Bergman. Tenho algumas boas notícias.

Boas notícias parecem promissoras. Eu deveria estar animado, mas não tenho ideia do que se trata, então, a ansiedade e a tendência penetrante da minha mente para o pior cenário sempre me deixa sem clareza sobre as nuvens no momento. De alguma forma, meu cérebro transforma "boas notícias" em "boas notícias, *mas*".

Eu engulo nervosamente enquanto a treinadora apoia o semlor e tira o pó de suas mãos.

— Em suas três temporadas — ela diz —, você demonstrou verdadeira liderança e incrível ética de trabalho.

Nervos apertando meu estômago.

— Mas...?

Ela franze a testa, passando o dedo pelo recheio de creme e o colocando na boca.

— Mas nada. Estou te dando um elogio.



— Uh. Ok. — Eu me mexo desconfortável na cadeira. — Bem, obrigado, treinadora.

— De nada. E é por causa dessa dedicação e liderança que você demonstrou, que você é nosso novo co-capitão.

Meus olhos se arregalam. Meu olhar se volta para Gavin, que está fazendo buracos na cabeça da treinadora com seu olhar.

— O quê? — Eu sussurro.

A treinadora se inclina, exibindo um sorriso largo e brilhante.

— Você é. Nosso. Novo. Co-capitão. Parabéns.

— M–mas, não. Espera. Eu... — Limpando minha garganta, eu me movo para a beirada do meu assento e me inclino. — Eu não sou. Isso é, Hayes é...

— Uma presença incrível em campo — a treinadora termina, sorrindo para Gavin, cuja única indicação de que ele está a dois segundos de virar a mesa em que ela está se apoiando é uma veia pulsando furiosamente em sua têmpora. — Brilhantemente habilidoso. Mas você também é. Vocês dois têm... pontos técnicos fortes e complementares, estilos de liderança e presença em campo.

Agora sua mandíbula está batendo.

Seu olhar encontra o de Gavin com calma, então, desliza na minha direção.

— Dado isso, a administração e eu concordamos que nossa equipe será melhor com vocês *dois* liderando, a estrela em ascensão da nossa equipe e nosso ilustre jogador veterano. A pressão está ligada. Ganhamos nossa primeira Copa da MLS[1] em anos no último dezembro. Agora temos que manter esse ritmo, retomar esta pré-temporada exatamente de onde paramos no final do ano passado e fazer tudo de novo. Estou contando com vocês dois para nos levar até lá.

[1] Sigla para Major League Soccer, o principal campeonato de futebol nos Estados Unidos.



Estou atordoado. E honrado. É o tipo de oportunidade que eu queria desde que me lembro. E ainda assim meu estômago dá um nó de preocupação. E se eu ferrar com tudo? E se eu errar? E se eu falhar com a equipe? E se...

— Você não parece tão feliz quanto eu pensei que ficaria. — A preocupação aperta as feições da treinadora, enquanto seus olhos procuram os meus.

— Está brincando? — Sento-me na cadeira, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e dando meu sorriso mais jovial, esperando esconder bem meu terror. — Mais feliz que um urso polar depois que a ONU se comprometeu a tomar medidas concretas para evitar que o aquecimento global ultrapasse dois vírgula de sete graus.

— Eles não fizeram isso — Gavin resmunga, olhando resolutamente para a frente. Sua voz é grave, sua fala é nítida e limpa, traindo que mesmo sendo americano, até dois anos atrás, ele morava na Inglaterra desde os dezessete anos.

— Verdade — eu digo a ele. — Mas o que temos se não tivermos esperança!

A boca da treinadora se curva.

— Tudo bem ficar nervoso, Oliver.

— Quem, eu? — Eu aceno com a mão. — Puff. Mais tranquilo do que um mini pepino enfiado na gaveta de legumes. Você sabe do que eu estou falando? Aqueles pequeninos que ficam *tão* tranquilos que são praticamente pequenos picolés vegetarianos. É assim que eu sou tranquilo. Picolé de pepino é tranquilo

Ela sorri, os olhos estreitos.

— Hum.

Por um segundo, eu poderia jurar que sinto os olhos de Gavin em mim, mas assim que olho em sua direção, eles estão fixados acima do ombro da treinadora. Entediado, aborrecido, já além deste momento, deste limiar que estamos prestes a cruzar.

Tornando-nos co-capitães.



Respirando lenta e profundamente, forço um sorriso. Então eu digo:

— Treinadora, estou honrado.

Ela sorri de volta.

— Eu sei que você está. Uma das muitas razões pelas quais você merece isso. Você não se vê com direito à capitania. Você valorizará a oportunidade pelo que é – uma honra. É uma *honra* ser líder.

Isso é de alguma forma para Gavin? Ela lhe lança um olhar penetrante e arranca um canto do pão, depois outro, coberto com chantilly de maçapão, e oferece um a cada um de nós.

— É também uma responsabilidade.

Gavin balança a cabeça. Pego o pedaço de semlor e digo a ela:

— Eu entendo.

— Você não sabe o que está perdendo, Hayes — a treinadora diz enquanto joga de volta a mordida que ele recusou.

Quando coloco o pão na boca, sinto os olhos de Gavin em mim novamente. Eu olho em sua direção, lambendo o chantilly do meu polegar, e Gavin se levanta tão abruptamente, que ele manda sua cadeira raspar no chão.

— Me deem licença — diz ele.

— Licença para onde? — A treinadora diz, arqueando uma sobrancelha.

Gavin agarra a parte inferior das costas.

— Ow — ele diz, impassível. — Essas costas precisam de tratamento. Indisposição comum, para um velho *jogador veterano* — ele retruca, antes de abrir a porta e depois fechá-la atrás dele.

Gemendo, a treinadora enfia outro pedaço de semlor em sua boca.

— Isso foi bem.

— Com todo o respeito, você esperava que fosse?

Ela sorri, oferecendo-me outra mordida de semlor.



— Não. Mas pelo menos temos aqui os melhores pãezinhos recheados com creme do mundo.

— Verdade. Semlor pode consertar quase tudo.

— Exceto datas de parto mal cronometradas — ela murmura.

— Ah, treinadora. Vai ficar tudo bem. Te pegamos pelo menos na pré-temporada. Vamos administrar alguns jogos da temporada regular, então, você estará de volta aqui, nos colocando em forma novamente antes que você perceba.

— Eu sei. Ainda é irritante que eu não possa simplesmente estalar os dedos, tirar um bebê e voltar para ele. No entanto, suponho que você esteja certo – são apenas alguns jogos. Não é o pior. E me disseram que a fofura desse garoto fará com que a inconveniência profissional valha a pena.

Um sorriso aquece meu rosto, pensando em como Linnea derrubou não apenas o mundo ordenado de Freya e Aiden, mas de toda a nossa família, além de nossos sonhos mais loucos. Como capas de super-heróis e massinhas de modelar e redes de futebol em miniatura, pequenas marcas de mãos pegajosas e fotos pintadas a dedo e infinitas fotografias de um bebê perfeito de cabelos escuros, olhos azuis como gelo, depois de uma criança pequena, depois de uma garota no pré, enchem nossas casas, cobrem nossas geladeiras e paredes.

— Eu não acredito que você esteja sendo enganada.

Suspirando, a treinadora se recosta e coloca o semlor em seu recipiente sobre a barriga.

— Você e Hayes vão resolver isso — diz ela. — Estou confiante. E com vocês dois liderando a equipe juntos, junto com Rico e Jas, vocês ficarão bem sem mim.

Nossos treinadores assistentes são pessoas sólidas, boas e excelentes em seus trabalhos. Não tenho dúvidas de que estaremos em boas mãos até que ela volte. A parte sobre Gavin e eu liderando *juntos*, é sobre isso que eu não tenho tanta certeza.



— Ele mal fala comigo, treinadora. É tudo grunhido e *porra.*

Ela ri.

— Ele pragueja como um marinheiro.

— Estou pronto para trabalhar com ele... — Eu passo a mão pelo meu cabelo. — Mas ele não parece compartilhar da minha boa vontade.

— Agora vamos lá — diz ela, dando outra mordida no pão. — Não aja como se você fosse *totalmente* inocente.

Eu fico boquiaberto.

— *Moi*?

— Uh-hum. *Toi*. Estou de olho em você. Você é muito doce, mas tudo o que você diz a ele é como se fosse especialmente projetado para ficar sob sua pele.

Eu coro. Esfrego a parte de trás do meu pescoço.

— Sou o segundo mais novo de sete filhos. Está no meu DNA.

— Mhmm, bem, você pode ter que alterar essa abordagem geneticamente predisposta. — Depois de uma batida e outra mordida no semlor, ela diz: — Hayes tem uma... casca dura. E, sim, ele é intimidador. Teimoso...

Eu rio baixinho.

— Não acredito.

— Ele é velho e tem seus hábitos — ela admite. — Quero dizer, velho para o futebol. Quem sabe, esta pode até ser sua última temporada.

Eu não tinha considerado isso. Gavin tem trinta e quatro anos e joga futebol de classe mundial desde os dezessete anos. Muitos jogadores se aposentam nessa idade, especialmente depois de jogar fisicamente e sofrer tantas lesões quanto ele. Dito isso, não consigo imaginar Gavin se aposentando, nem acho que *ele* também possa se imaginar se aposentando. No final da temporada passada, quando um repórter perguntou a ele sobre a possibilidade, ele os encarou por tanto tempo e tão cruelmente que eles saíram correndo da sala chorando.



A treinadora coloca o último pedaço de semlor na boca e fecha o recipiente.

— Há mais em Hayes do que aparenta. Você só tem que... — Ela faz uma careta, olha para o teto. — Inferno, eu não sei. É difícil de explicar. Eu mal vi esse ”mais“ e o conheço há mais de uma década.

A treinadora e Hayes jogaram na mesma época, e ambos fizeram aparições pelas seleções nacional e olímpica dos EUA, embora ela estivesse mais adiantada em sua carreira do que ele e um pouco mais velha. Eu sabia disso, mas é engraçado pensar neles como colegas. Gavin nunca agiu como se fosse igual a ela, nunca se referiu à história deles. Ele a ouve, a respeita, mesmo que seus olhos se contraiam às vezes quando ela está latindo ordens que o incluem.

— Eu sei que isso é difícil — diz ela. — Mas vocês dois não serão co-capitães para sempre. Enquanto você é, por que não tentar... dar a ele outra chance, fazer o melhor, certo?

Eu contemplo como isso vai parecer. A tarefa monumental à minha frente é encontrar uma maneira de compartilhar a liderança com o homem que me detesta profundamente.

Encontrando seus olhos, forço meu sorriso mais largo ainda.

— Certo.



3

GAVIN

Música da Playlist: “Lo/Hi”, The Black Keys

— DROGA, VOCÊ ESTÁ JOGANDO SUJO ESTA NOITE. — Mitch, meu acusador, joga suas cartas na mesa enquanto eu coloco minhas fichas.

— Estou jogando pôquer, Mitchell. É um jogo sujo.

Ele resmunga baixinho junto com os outros quatro homens ao redor da mesa enquanto jogam suas cartas. Meus companheiros de pôquer estão todos na casa dos setenta e não se importam que eu seja um jogador de futebol profissional mundialmente famoso. Assim que descobriram que eu não jogava beisebol, basquete ou futebol americano, eu era um zero à esquerda. Mais do que bem para mim depois de viver mais de uma década em um lugar onde os jogadores de futebol são a realeza, perseguidos pelos paparazzi, constantemente sob o microscópio. Comparado a isso, os caras do pôquer são uma lufada de ar fresco.

Eu os conheci através de Mitch, que é meu vizinho – não meu vizinho colado, mas ele mora na vizinhança. E eu conheci Mitch quando eu estava vendo um especialista sobre minhas costas que estão sempre fodidas, e ele estava lá para o acompanhamento da substituição do joelho, nós dois sentados na sala de espera. Eu o levei para casa depois de seu compromisso desde que ele mencionou que usava transporte público, e quando percebemos o quão perto morávamos, não havia sentido em ele pegar um ônibus quando eu podia levá-lo. No momento em que o deixei, de alguma forma, eu tinha me envolvido não apenas nas noites semanais de pôquer com seus amigos, mas também as recebendo.

A mesa está cheia de salgadinhos, doces e latas de água com gás. Você acha que os adolescentes comem muito, cuidado com cinco septuagenários. Eles vão limpar sua despensa em uma noite.



— Eu preciso de uma bebida — Lou resmunga, seu cabelo afro grisalho balançando enquanto ele balança a cabeça e faz uma careta para Jim.

Empilhando minhas fichas em ordem, digo a ele:

— Eu ficaria feliz em atender se a polícia do álcool aqui não proibisse toda a diversão.

— É contraindicado para meus remédios! — Jim estala. — Se eu não posso me divertir, nenhum de vocês idiotas também pode.

Resmungos coletivos enchem a sala enquanto Jorge negocia.

Itsuki cutuca meu bíceps.

— O que está em sua mente? Você está particularmente mal-humorado esta noite.

Eu olho para ele. Ele sorri de volta. Ele não está nem remotamente assustado comigo. Nenhum deles está. É estranho. Todo mundo tem medo de mim. Tenho 1,93m, ossos grandes, minha voz soa como gelo misturado com cascalho e minhas frases são constituídas em oitenta e cinco por cento de palavrões. Esses caras não se importam. Eles simplesmente reviram os olhos pela forma como eu sou e me provocam ao longo do caminho.

Eu sei que se alguém ouviria o que transformou meu dia em uma merda e não me julgaria por isso, seriam eles. Estou muito acostumado a manter minhas cartas perto, em todos os sentidos da palavra.

— Nada — murmuro, varrendo minhas cartas da mesa.

— Nada — todos eles zombam.

— *Oi*. — Eu olho para eles.

— Vamos lá — Jorge canta, reorganizando suas cartas. — Basta botar para fora. Você se sentirá melhor. Menos constipado.

— Eu não estou constipado, seu ogro de cabelo rosa.

Jorge acaricia seu cabelo tingido de ouro rosa, que, embora irritantemente brilhante, admito, complementa muito bem sua pele quente e bronzeada.



— Emocionalmente, você é.

— Não sou.

Itsuki, o parceiro de Jorge, me lança um olhar longo e sério.

— Oh, querido.

— O quê? — Jorge aperta suas cartas contra o peito e se inclina.

Itsuki coloca uma mão sobre a minha.

— Acho que nosso garoto foi mordido pelo inseto do amor.

A sala explode.

Quem é ele? Conte-nos sobre ele! Como ele é? Você beijou?

— *Oi*! — Eu grito.

Eles ficam em silêncio.

— Eu *não* fui mordido pela porra do inseto do amor. Eu... — Minha voz morre. Mitch me dá um aceno encorajador. Eu limpo minha garganta rudemente, olhando para as minhas cartas. — Eu... posso ter experimentado um... revés... profissional... hoje.

Jim franze o nariz, fingindo pensar.

— O que diabos você fez de novo?

Mitch retruca com desaprovação.

— Vá com calma com ele.

— Cara, eu ainda estou bravo com isso — diz Lou. — Mitch nos enrola com alguma merda sobre você ser um grande atleta profissional. Estou imaginando assentos atrás do home plate no Dodgers Stadium, uma bela caixa quentinha na arena. Eu vejo uma quadra com o Lakers, a linha de cinquenta jardas no SoFi Stadium, e o que você faz? Chuta uma bola que parece um azulejo de banheiro e corre tanto que *me* cansa.

Itsuki bufa uma risada, então se recompõe.

— Isso não foi legal, Louis. Além disso, eu gosto de futebol. É muito calmante.



— Você está assistindo o tipo errado de futebol, então — digo a ele.

— De volta ao assunto em questão — diz Mitch. — O que está acontecendo? — Ele apoia os cotovelos na mesa, oferece um aceno de encorajamento. Seu cabelo branco é uma suave nuvem branca, seu bigode combinando arrumado e aparado. Ele me lembra muito Fred, a única pessoa que já viu algo em mim, cuja bondade mudou minha vida.

Talvez seja isso que me faça abandonar momentaneamente minha armadura típica enquanto falo rispidamente:

— Tenho que me unir a alguém no trabalho com quem não quero me unir de jeito *nenhum.*

Um coro de *hmms* e *oohs* ecoa ao nosso redor.

Itsuki pergunta:

— Por que não?

— Vocês não se dão bem? — Lou oferece.

— Eu odeio compartilhar *ar* com ele — eu estalo.

Parece cruel, mas Deus me ajude, é verdade. Eu odeio dividir um time, um campo, um espaço de treino, um vestiário, reuniões, o que for, com Oliver Bergman. Compartilhar a *capitania* é a gota d'água.

Jorge franze a testa para mim com curiosidade.

— Por quê?

Eu mordo minha bochecha, lembrando vividamente como me senti na primeira vez que o vi há dois anos. Como se eu tivesse levado um chute direto no estômago. Alto, rápido. Todos longos, membros ágeis e sorrisos fáceis. Ele é tudo que eu já fui e muito mais. Novo. Feliz. Saudável. O mundo a seus pés. Possibilidade incalculável em campo.

Doeu como mil recortes de papel mergulhados em vinagre. Doeu de tantas maneiras. E a última coisa que preciso na minha vida cheia de dor é mais uma coisa para me fazer sofrer. Então deixei bem claro para Oliver Bergman que não quero nada com ele.



— Diferenças de disposição — murmuro. — Agora podemos jogar algumas malditas cartas?

— Não. — Jim se levanta lentamente, as mãos apoiadas na mesa. Seu olhar percorre seus companheiros tubarões de cartas. — Senhores. Vocês sabem o que precisamos fazer.

Mitch suspira, esfregando o rosto.

— Eu vou ter que ligar para dizer que estou doente amanhã, não é?

— Você está aposentado, idiota — Lou resmunga. — *Eu sou* o único que vai se odiar pela manhã.

— Oh, céus — Itsuki diz baixinho.

— O quê? — sai como latido. — O que diabos está acontecendo?

Jorge acaricia minha mão e sorri.

— É melhor não fazer perguntas e apenas acompanhar o passeio.

MINHA LÍNGUA PARECE UMA LIXA. MINHA CABEÇA LATEJA.

— Porra. — Gemendo, abro os olhos, odiando a existência da luz do dia. Estou na minha cama, ainda vestindo as roupas da noite passada, cheirando a suor, frituras e bebidas tiki açucaradas.

Uma vaga lembrança da noite passa pela minha mente. Os caras do pôquer se amontoaram no meu Land Rover, comandando meu sistema de som, me arrastando para algum buraco que Mitch me prometeu que "ninguém que é alguém conhece."

Eu gemo novamente enquanto eu lentamente rolo para o meu lado, então, me sento. Meu corpo grita em protesto sobre como eu dormi – meu joelho dolorido dobrado para fora da cama, minhas costas sempre doloridas torcidas bruscamente.

Respirando lentamente, fecho os olhos e tento juntar as peças do resto da noite enquanto a dor pulsa pelo meu corpo. Me lembro de karaokê. Eu definitivamente não cantei. Eu



nunca cantaria. Mas os caras do poker sim, especialmente Jim, que se apegou aos mocktails[2] e derrubou a casa com sua versão de "Stronger" da Kelly Clarkson.

Claramente eu bebi uma tonelada métrica de bebidas tropicais com aqueles malditos guarda-chuvas de papel para sobreviver à experiência.

Cautelosamente, eu saio da cama e me levanto.

— Merda. Porra. Merda. Merda. — Cada passo em direção ao banheiro é uma agonia. Meu joelho me odeia. Assim como minhas costas. Assim como meu pescoço. Ondas de uma dor incandescente irradiam pelo meu corpo, tão intensas que meu estômago se revira.

Ou talvez seja o álcool falando também.

Eu vomito, e, a dor do meu torso se contraindo, envolvendo meus espasmos nos músculos das costas quase me faz vomitar de novo.

Xingando baixinho, eu dou a descarga e cautelosamente me coloco na posição vertical. Evito meu reflexo no espelho, sabendo que isso me mostrará algo que não quero ver, e lavo o gosto das más escolhas da noite passada.

Porra, eu não deveria ter bebido assim.

Depois de tirar minhas roupas com cuidado, entro no chuveiro, assobiando quando a água quente atinge minha pele. Depois de tomar banho, trocar de roupa e engolir meu habitual shake de café da manhã completo, pego minha bolsa de treino, carteira e chaves, coloco meu telefone no bolso e saio pela porta.

É quando percebo que meu carro não está à vista.

— Puta merda — eu rosno, arrastando meus Ray-Bans. O sol está tentando fritar minhas retinas para fora da minha cabeça.

— Bom dia, vizinho!

Minha mandíbula aperta ao som de sua voz. Sim, esta é a pior parte. Não só tenho que *ver* Oliver Bergman quase todos

[2] Tipo de bebida sem álcool, um cocktail sem álcool.



os malditos dias, de janeiro a dezembro, como moro ao lado dele.

Isso mesmo. Ele é a porra do meu vizinho.

Vivemos em bangalôs espelhados em Manhattan Beach, a poucos quarteirões da própria praia. Não é totalmente surpreendente que ele esteja na vizinhança – muitos jogadores dos times profissionais de LA moram em Manhattan Beach – mas de todas as casas que eu tive que escolher, *tinha* que ser esta. Bem ao lado dele. Eu gostaria de saber. Depois de assinar com o Galaxy, antes de comprar este lugar, eu daria tudo para saber que ele estaria ao lado. Eu poderia ter evitado tanta miséria.

— Ótimo dia, não é? — ele diz, sorrindo brilhantemente.

— Glorioso — eu digo inexpressivo.

Oliver franze a testa pensativo, olhando para o local vazio onde meu Land Rover preto está normalmente estacionado.

— Hum. Parece que você está sentindo falta do seu típico meio de transporte. Não vejo aquela bela fera bebedora de gasolina em lugar nenhum.

Meus dentes rangem. Eu não respondo. Nada do que eu disser me pintará sob uma luz favorável.

Oh, bem, veja, Bergman, eu estava saindo com um punhado de homens de setenta anos de idade e fiquei tão embriagado que tive que deixar meu carro em um bar de karaokê-barra-havaiano, duvidosamente higiênico. Então, eu acordei esta manhã cheirando igual a uma fritadeira sobrecarregada e com más decisões de prateleira de fundo, e aqui estou eu.

— Você, uh — Ele esfrega a parte de trás do pescoço e sorri, os olhos azul-acinzentados pálidos apertados contra a luz do sol. — Quer uma carona?

— Não.

Ele franze a testa novamente. Uma carranca pensativa. Não azeda, mal-humorada ou taciturna, porque ele é constitucionalmente incapaz disso.



— *Não* — ele repete. — Hum. — Fungando, ele olha para o sol e sorri ainda mais. — Bem, aproveite a caminhada!

Como ele sabe que eu odeio qualquer sistema de motorista – ser colocado na traseira de um veículo com alguém aleatório no controle, capaz de foder tudo, enquanto eles se envolvem em conversa fiada e me fazem desejar uma morte rápida e misericordiosa – está além de mim. Mas ele sabe. E isso significa que ele sabe, agora mesmo, que estou ferrado.

— Tudo bem — eu resmungo, indo em direção ao seu carro híbrido absurdamente compacto.

— Entre — diz ele, como se esperasse isso, o que só faz meus dentes rangerem com mais força. Depois de destrancar o carro, ele abre o porta-malas. — Você só levou vinte e quatro meses e três semanas para aceitar minha oferta de carona, mas quem está contando?

— Eu gosto de espaço pessoal — resmungo.

— O meio ambiente gosta de emissões mais baixas. — Ele aponta para o céu. — Mas o que é uma pegada de carbono colossal para a preferência pessoal pela solidão em um trajeto de vinte minutos, duas vezes ao dia?

— Exatamente. — Eu jogo minha bolsa no porta-malas, então, ando para o lado do passageiro. — Deus, cara. Eu não consigo me encaixar aí.

— Você é apenas um centímetro mais alto do que eu, e eu me encaixo bem — diz ele com outro daqueles sorrisos irritantes, antes de cair no banco do motorista e fechar a porta.

Amaldiçoando baixinho, eu me acomodo no banco do passageiro e deslizo para trás até esbarrar em alguma coisa. Eu olho para trás para ver o que é, mal segurando um gemido enquanto meu pescoço queima com o movimento. Já estou tão cansado de me machucar, e só estou acordado há trinta e cinco minutos.

— Desculpe pelo assento do carro. — Ele sorri, rastreando meu olhar enquanto aperta o botão de partida do



carro. — Tenho que manter a sobrinha segura nos dias do tio Ollie.

Eu grunho em resposta.

Estamos no carro por quinze segundos antes que ele ligue o que soa perigosamente como um musical da Broadway, tão alto que o baixo chacoalha seus alto-falantes. Meu crânio ainda está latejando, e preciso de silêncio como preciso de outra xícara de café. Muito mesmo.

Eu desligo a música. Oliver me lança um sorriso, mas é um pouco contido nas bordas. Ele liga novamente. Eu desligo.

— Agora, Sr. Hayes — Oliver diz. *Algo* estranho percorre minha espinha, ouvindo-o me chamar assim. — Sou um homem simples com uma simples necessidade de começar o dia com o pé direito: o sol enchendo o céu e o melhor da Broadway enchendo meus ouvidos enquanto viajo em meu veículo ambientalmente consciente.

— E eu tenho uma dor de cabeça furiosa. A música fica desligada.

Oliver olha para frente, exalando lentamente. Sessenta segundos se passam em um silêncio feliz. Até que ele começa a assobiar.

Soa como o som melodioso do canto de pássaros, como Bing Crosby em *White Christmas*, qualquer merda que seja tão perfeita que não é natural. Na verdade, é adorável. Pelo menos seria se minha cabeça não tivesse uma britadeira chacoalhando dentro dela.

— Bergman — eu estalo.

— Hum? — Ele olha na minha direção. — Oh. Eu estava assobiando, não estava? Desculpe por isso.

Eu olho para ele.

— Hora do pit stop! — ele diz brilhantemente, me fazendo estremecer.

— Jesus Cristo.



— Não — diz ele, virando em um drive-thru de café. — Apenas Oliver Bergman se apresentando para o serviço de bebidas cafeinadas.

— Deus, me atinja.

— Bom dia, Sra. Bhavna! — ele diz alegremente para a mulher na janela do drive-thru. — Você está radiante hoje. Ainda está dormindo bem?

A mulher irradia para ele, pele marrom escura, sorriso largo, cabelo preto com fios de prata presos em um coque na cabeça.

— Você é um doce, Oliver. Eu estou. Desde que experimentei aquela máquina de ruído branco que você recomendou, os roncos da minha esposa não me incomodaram nenhum pouco!

Eu gostaria de poder dizer que foi o fim da tortura. Mas não foi. Oliver faz dezessete – *dezessete* – pedidos de bebidas altamente específicos, então, enquanto esperamos, começa a conversar incessantemente com o caixa, Ivan – que chama Oliver, é claro, pelo primeiro nome – não se limitando aos próximos planos de férias, como o cachorro está respondendo aos antibióticos e se eles experimentaram ou não o novo restaurante chinês.

Estou prestes a abrir minha porta e mancar no meu caminho para o trabalho, quando Oliver finalmente abre a janela e coloca um elaborado sistema de porta-copo para transporte de várias camadas no meu colo.

— Ufa — diz ele. — Graças a Deus você está aqui hoje! Devia me ver tentar conduzir enquanto mantenho esses cachorrinhos em segurança. Eu os fecho, mas me deixe dizer a você, as paradas e partidas do tráfego matinal de Los Angeles *não são* propícias para uma passagem livre de derramamentos.

Eu olho para ele quando ele finalmente sai.

— Lembre-me de nunca mais entrar em um carro com você.

— Ah, isso não é tão ruim, é?



— Diz o homem dirigindo um carro em vez de segurar um porta-copos contendo dezessete bebidas de café, a camada inferior contendo uma mistura perturbadora de líquidos quentes e frios que, posso garantir para você, não é uma experiência agradável para minha virilha.

— Mas você ama um Icy Hot — Oliver diz, me lançando um sorriso. — Ou não, é aquela coisa natural – Tiger Balm, certo?

— Que observador. — Eu levanto o porta-copos um pouco para aliviar meu pau da sensação altamente desagradável de estar parcialmente congelado, parcialmente cozido no vapor. — No entanto, nunca em um milhão de anos eu colocaria Tiger Balm ou Icy Hot no meu pau.

Oliver fica vermelho brilhante quando a palavra ressoa no carro, seu olhar resolutamente treinado no trânsito. Isso é ele se calando. E, por alguma razão inexplicável, meu olhar permanece fixo nele, observando com fascínio enquanto um rubor sobe por sua garganta e mancha suas bochechas. Ele afunda os dentes em seu lábio inferior, e meu pau se contrai.

Merda.

Eu olho para longe, para fora da janela.

Olhar para ele era uma má ideia. Olhar para ele enquanto corava e mordia o lábio era o cúmulo da auto-sabotagem.

Porque nos dias mais comuns, sem citar quando ele está corando e afundando os dentes naquele lábio inferior, Oliver tem o tipo de beleza que é inegável – um rosto para escultura. Maçãs do rosto salientes, maxilar forte, a menor covinha no queixo. Pele clara e bronzeada. Cabelo da cor do trigo ao pôr-do-sol, pálidos olhos azul-acinzentados, frios e marcantes como gelo ao luar.

Porra, eu tenho que parar de ler poesia. Apenas acredite.

Enquanto o tráfego diminui até parar, Oliver olha na minha direção. E por um momento algo... trava. Como bater meu dedo do pé no meio-fio. Passar por um buraco enquanto estava no carro.



Eu desvio o olhar e esfrego minhas têmporas, que martelam sem piedade.

Depois de um leve pigarro, Oliver diz:

— Atenção, sete pontos.

Antes que eu possa fazer um comentário mordaz sobre frases juvenis, seu braço roça minha coxa enquanto ele alcança meu colo, em volta dos porta-luvas, e abre o porta-luvas.

— Aspirina, naproxeno, ibuprofeno, paracetamol — diz ele, apontando para uma bolsa preta fina com o símbolo de uma cruz vermelha. — Fique à vontade.

— O quê?

O trânsito recomeça. Ele puxa o braço para trás, mais uma vez roçando minha coxa para navegar ao redor dos porta-copos.

— Você disse que está com dor de cabeça, e estou assumindo que é muito ruim, já que você está olhando para o sol como se fosse o próprio diabo. Ah, e este aqui — ele diz, com os olhos na estrada, batendo em um copo pequeno na bandeja com *GG* escrito na lateral. — Varra sua dor de cabeça com seu alívio de preferência com isso. Aspirina e paracetamol misturados com cafeína vão controlar essa dor de cabeça rapidamente.

Eu engulo, tentando desesperadamente ignorar o calor que queima minha coxa depois de um contato tão fraco. Limpando a garganta, desenterro o copo que ele apontou.

— GG — eu leio. — O que significa isso? Chá de gengibre? Eu odeio essa merda.

— Não — diz ele.

— Então o que é?

— Um breve[3] muito chique — diz ele depois de uma batida, olhando resolutamente para a estrada.

Eu pisco para ele.

[3] Tipo de bebida de cafeína, um *breve* consiste em um expresso feito com cappuccino mas com meio vapor invés de leite.

— Como diabos você sabe que eu prefiro breve?

— Hayes, todos na terra verde de Deus sabem que você toma um breve. Sempre que estivermos em público, você pede um.

— Qual é o significado do GG, então? — Eu pergunto.

Oliver me dá um daqueles sorrisos irritantes e deslumbrantes.

— Isso é entre Deus, eu e Bhavna de Deja Brew.

DEPOIS DE SEGURAR dezessete bebidas especiais de café cheirando a uma mistura de xaropes com sabores de revirar o estômago, incluindo, mas não limitado a, avelã, morango, hortelã e abóbora, enquanto Oliver cantarolava baixinho o resto do nosso caminho, estou à beira de perder minha paciência sempre tão amorosa.

— *Buenos días*, Julio! — Oliver grita como se estivéssemos na porra da Broadway em vez de no saguão que entramos no complexo esportivo.

Julio, que é o chefe de segurança – de meia-idade, grande como uma casa – sorri, um largo sorriso iluminando seu rosto.

— *Qué tal*, Oliver? — Sua testa franze quando Oliver extrai um copo para viagem da torre de bebidas que ele está segurando e entrega para ele. — Oh, cara, isso é que eu acho que é?

— Seu Mocha Mexicano, e desta vez eu verifiquei três vezes se eles não esqueceram a pimenta caiena — diz Oliver, sorrindo quando Julio abre a tampa e respira o aroma de sua bebida.

— *Gracias*, Oliver. Isso é exatamente o que eu precisava.

— *De nada*. Estou feliz — Oliver diz. — Bom dia, Júlio! E você me conta como vai a cirurgia de Paulina semana que vem, tudo bem? Estarei pensando nela.

— Eu conto, cara. Conto sim.



Oliver se vira para mim e me entrega um porta-bebidas. Então, outro.

— Seja útil se você só vai ficar aí parecendo mal-humorado.

— Eu...

— *Hasta luego*, Julio! — Oliver liga.

Cerrando os dentes, eu me viro e dou a Julio um aceno educado.

Julio levanta seu café em saudação e sorri levemente, nada como o sorriso largo e caloroso que ele tinha para Oliver.

— Tenha um bom dia, Sr. Hayes.

— *Gavin* — falo antes que eu possa me parar.

O que diabos há de errado comigo? Alguém sequestrou meu cérebro e minha boca esta manhã. Essa é a única explicação do porquê eu, voluntariamente, entrei em um carro com Oliver Bergman, segurei suas malditas bebidas de café especial, e agora estou me certificando de que cumprimentar Julio, da segurança, pelo primeiro nome.

Talvez eu tenha me machucado ontem à noite no bar. Não seria meu primeiro ferimento na cabeça, e os médicos me avisaram que não posso arcar com muito mais antes de começarem a se preocupar com o impacto neurológico a longo prazo.

Julio ergue as sobrancelhas.

— Desculpe?

Eu limpo minha garganta, olhando para o suporte de bebidas e prendendo um copo com mais segurança em seu suporte.

— Apenas me chame de Gavin. A menos que você prefira ser chamado de Señor Rodriguez.

A risada profunda de Julio começa em seu peito do tamanho de um barril. Ele parece um pouco surpreso que eu saiba seu sobrenome.

— Não. Primeiros nomes estão bons para mim... Gavin.



Eu aceno, levantando minha cabeça e olhando para Oliver, que está assobiando pelo corredor.

— Certo, bem — Eu balanço minha cabeça dessa maneira. — O dever das bebidas chama.

Julio ergue a xícara novamente em uma saudação, seu sorriso mais amplo, mais amigável.

— *Chau.*

— Chau.

Meus passos são longos, embora um pouco irregulares, porque meu joelho ainda está pulsando com uma dor que estou profundamente acostumado a passar. Logo estou atrás de Oliver, que está mais uma vez assobiando alegremente e me fazendo desejar ter um par de tampões de ouvido.

Eu culpo a exaustão, talvez até estar um pouco bêbado ainda, pelo estranho feitiço de ser forçado a uma manhã com a Porra do Raio de Sol e Canto de Passáro, Oliver Bergman, que me foi lançado, pelo que eu permito que aconteça:

Me permito olhar para ele como fiz no carro.

Como eu absolutamente não deveria.

Começando com seus tênis amarelos brilhantes que têm uma listra azul-cobalto, até o comprimento de suas pernas, que estão envoltas em calças de corrida azuis justas que abraçam sua bunda apertada e ficam baixas em seus quadris estreitos.

Maldito seja.

— Apreciando a vista? — Oliver chama por cima do ombro.

Merda.

— Mais como me perguntando como você pode respirar em calças tão apertadas.

— Considerando que meu sistema respiratório está localizado abaixo das costelas e não nas extremidades inferiores, com bastante facilidade, Sr. Hayes.

— Pare de me chamar assim — eu rosno.

Oliver para tão rápido que eu mal olho para ele. Instintivamente, agarro sua cintura para estabilizá-lo



enquanto giro para que não colidamos totalmente. Nós batemos de ombros, tão perto, eu sou inundado por seu cheiro. Roupa limpa, linha seca pela brisa do mar e sol. Suave e quente e limpo.

Afasto minha mão, porque está queimando.

Oliver está de costas para mim, a cabeça inclinada sobre os porta-copos enquanto os segura.

— Desculpe por isso — diz ele, muito mais baixo do que o normal, antes de limpar a garganta. — Esqueci meu sinal de direção.

Estou atordoado, como se fosse um golpe nas costas – brutal, rápido, escurecendo o mundo ao meu redor. A sensação dele, magro e duro sob suas roupas, o cheiro delicioso de seu corpo. Meu cérebro está inundado com uma imagem que não consigo parar. Pele quente, suada e dourada. Roupa de cama branca. Minhas mãos prendendo os quadris enquanto minha boca o provoca, enquanto ele aperta os lençóis, suspira, implora...

— Bom dia, Maria! Bom dia, Dan! — Oliver grita ao entrar na sala de treinamento.

Eu expiro rudemente, desejando que o calor que rugiu através do meu corpo se dissipe. Implorando ao meu corpo para esfriar.

Porra. Apenas... *foda-se.*

Ignorando-me, graças a Deus, Oliver entrega as próximas duas bebidas aos nossos treinadores esportivos. A conversa deles paira fora da minha consciência.

Isso não pode estar acontecendo. Eu não vou deixar.

Sem outra palavra, coloco o porta-copos que estava segurando na mesa dentro da sala, acenando educadamente para os nossos treinadores, enquanto Oliver tagarela de costas para mim.

E então eu vou embora.

Indo direto para o banho pré-treino mais frio do mundo.



4

OLIVER

Música da Playlist: "Cuando Suena la Tambora", Fernando Villalona & Johnny Ventura

UM SOL DE TOM AMARELO-MANTEIGA cai sobre nós. Um vento fresco de janeiro sopra pelo campo, carregando a música da amada banda de Santi, que explode nos alto-falantes enquanto treinamos. Eu acostumei a todos com o hábito de se revezar tocando suas músicas favoritas para manter o clima leve, e cara, nós precisávamos de um humor mais leve hoje.

Há muita pressão ao voltar e tentar colocar as pernas sob nós. Depois de alguns meses de folga, trocas e novos contratos, somos um grupo novo, enferrujado e um pouco desacostumado uns com os outros. Há uma fase de prender a respiração, quando começamos o treinamento de pré-temporada, um senso de importância fundamental. Se não conseguirmos ficar sincronizados e confiantes antes do início da temporada, provavelmente teremos uma série de empates e derrotas até encontrarmos nosso ritmo.

Porque o futebol, mais do que qualquer outro jogo, é um esforço coletivo, um jogo verdadeiramente colaborativo. Quanto mais sintonizados estivermos uns com os outros, mais confortáveis e conectados, melhor será o nosso jogo. Podemos colocar em campo onze atletas de elite, mas teremos nossas bundas entregues a nós de bandeja por jogadores menos habilidosos *se* esse time jogar de forma coesa e nós não. O futebol é tanto um esporte de equipe quanto você pode obter, e suas vitórias dependem da união.

O que parece ser algo que Gavin esqueceu. Porque ele está bufando e pisando fundo como um touro furioso agora, gritando com os caras por pequenos erros, jogando muito mais duro do que o necessário quando estamos apenas treinando e voltando ao ritmo.



Olho para a treinadora, que fica à margem, seu olhar crítico, concentrado. Rico e Jas estão ao lado dela em posturas idênticas. O cabelo preto de Jas está puxado para trás, revelando seu corte raspado bem baixo, a luz do sol do fim da tarde refletindo em suas lentes polarizadas e na pele marrom escura enquanto ele franze a testa para o campo. Rico também franze a testa, os braços de pele bronzeada e tatuagens coloridas dobrados no peito.

— Treinadora — murmuro entre goles de água do lado de fora.

— Hum? — Ela estreita os olhos para Ben, que se esparrama depois que Santi o engana e corta em direção ao gol.

— Você, uh, vai dizer a Hayes para se acalmar antes que ele quebre alguma coisa?

— Ou alguém — murmura Rico.

Santi acerta um chute de rasteira no canto da rede, que Amobi não teve chance de salvar, e dança em comemoração pelo campo ao ritmo da música. Gavin encara Ben com um olhar mortal.

Jas limpa a garganta e diz:

— Concordo, treinadora. Hayes está na zona de perigo.

Eu levanto minha garrafa de água para eles em saudação.

— Valeu.

— Bergman — a treinadora diz.

Eu olho na direção dela.

— Sim, treinadora.

— Que tal eu treinar e você jogar?

Ai.

Troco olhares com Rico e Jas, mas eles são inabalavelmente fiéis a ela. Eles concordam com a cabeça, confiando na treinadora para lidar com isso, seja como for que ela planeja.

Com um gemido, deixo cair minha garrafa de água e corro de volta para o campo.



— Levanta a bunda, Benjamin — Gavin grita para Ben, que ainda está sentado no chão, de cabeça baixa, depois que Santi o driblou. — Você esqueceu em qual time você está hoje? — ele late.

Ben suspira enquanto se levanta.

Dou-lhe um tapinha encorajador no ombro enquanto corro.

— Deixa para lá, B. Da próxima vez, você vai conseguir.

— Oli! — Santi dança na minha direção, sorrindo largamente. — *Bailemos*!

Eu rio e danço em direção a ele, espelhando seus movimentos, até darmos um high five. Os olhos de Gavin se estreitam para mim, sua mandíbula apertando furiosamente.

É a primeira vez que ele reconhece minha existência desde a nossa colisão no corredor logo antes de eu entregar café para nossos treinadores. Ele tinha desaparecido quando me virei depois de dar a Maria e Dan suas bebidas, pronto para ir para minha próxima parada.

O que provavelmente foi o melhor.

Na verdade, definitivamente foi para o melhor.

Porque em nosso pequeno passeio pelo corredor que levava àquela entrega, eu estava um pouco, bem, *muito*, distraído. Eu não conseguia me livrar do calor que me atingiu pelo corpo inteiro no carro quando Gavin me olhou nos olhos e disse a palavra "pau".

Pela primeira vez, eu me preocupei de ter me entregado.

O fato é que, embora eu ache que ele tenha a personalidade de um freezer enferrujado, não posso negar que Gavin é gostoso para caramba. Felizmente, descobri que suas atitudes ruins em relação a *tudo* me ajuda a suprimir a paixão que tenho desde minha adolescência, muito antes de conhecê-lo.

Freya cresceu desejando David Beckham. Eu cresci desejando Gavin Hayes. Como um adolescente excitado descobrindo sua sexualidade, eu me acariciei tantas vezes com a imagem mental do que eu tinha visto em seus jogos na



televisão. Coxas grossas e esculpidas, a memória de seu peito largo e nu depois de arrancar sua camisa em vitória – polvilhado com cabelo escuro que gira em torno de seus mamilos, então, desliza para baixo de seu estômago, passando por sua cintura, levando a um contorno grosso e pesado em seu short.

Isso ajudou, o quanto ele é um idiota. Ficou muito mais fácil manter a promessa que fiz anos atrás: luxúria, sexo, romance – nada disso vai se infiltrar na minha vida profissional novamente.

Mas no carro? Essa resolução simplesmente... derreteu. Era só eu e Gavin e sua voz rouca dizendo "pau" e o som dele balançando atrás de mim como um terremoto de baixo nível.

E então eu o senti olhando para mim enquanto eu caminhava pelo corredor. Depois de dois anos dos mal olhares que ele me lança quando pensa que eu não estou olhando, eu aprendi como é ter os olhos de Gavin em mim.

E eles estavam bem na minha bunda.

O que, você sabe, é compreensível. Eu tenho uma bunda grande. Ele tem olhos em sua cabeça, e eles foram naturalmente atraídos pela vista agradável à sua frente. Mas parecia como a luz do sol aquecendo minha pele em um dia frio, como uma trilha quente de beijos lentos na minha espinha, mãos agarrando meus quadris, me puxando de volta contra...

É... não. É aí que não posso deixar minha mente vagar novamente. Porque foi assim que me empolguei com os devaneios e quase passei direto pela sala da treinadora.

Foi isso que fez Gavin quase bater em mim, nós dois salvos por sua agilidade sobrenatural para um corpo tão grande. Seu ombro roçou o meu, sua mão em volta da minha cintura, e santo Deus, eu o inalei, o que *não foi* sábio, mas infelizmente inevitável, porque ele cheirava tão bem. Limpo e picante.

Um arrepio percorre minha espinha quando a treinadora apita para outro pontapé inicial. Eu suspiro, posiciono meus



ombros, contenho este absurdo. Eu não posso fazer isso: começar a pensar em Gavin de uma maneira que uma vez veio tão naturalmente, uma maneira que jurei a mim mesmo que nunca mais teria um lugar perto da minha carreira no futebol. Aprendi isso da maneira mais difícil na faculdade e não vou cometer esse erro duas vezes.

Concentro-me no meu entorno. Meu lugar feliz. O campo. O sol no céu, a bola aos meus pés, uma brisa beijando minha pele. Pelo menos, eu tento, mas é difícil, quando tudo que eu posso pensar é no que fez Gavin Hayes mais desagradável do que ele jamais foi.

Ele está *tão* bravo com a coisa de ser co-capitão?

Jogando a bola de volta para Carlo, corro pelo campo, ficando no centro. Estou distraído enquanto vejo Gavin latir ordens de seu centro de comando no meio-campo, o vento chicoteando severamente seu cabelo escuro para um lado, o sol lançando as pontas de seus cílios grossos de bronze, pegando o ruivo em sua barba.

Ele olha na minha direção e faz uma careta para mim assim que a bola chega aos meus pés, um passe rápido de Andre, que está correndo pelo meio-campo. Viro-me com a bola, engano Stefan, que está me marcando, e corto na direção de Nick, nosso goleiro reserva.

Ethan faz exatamente o que deveria e entra para me marcar depois que Stefan me deixa livre. Stefan se esforça para marcar Andre, então, eu não posso dar um passe de tabela e mandar de volta para Andre para um chute no gol.

Quando Ethan se aproxima, eu corto a bola e jogo meu peso nele, mais forte do que normalmente faria, minha frustração com Gavin se derramando na parte física do meu jogo. Ethan está desequilibrado com isso, tropeçando, seu pé escorregando para frente e inadvertidamente me fazendo tropeçar. Eu pulo sobre ele, dou mais um passo e arremesso, cravando a bola nos noventa graus superiores da rede.

Virando-me para Ethan, ofereço-lhe uma mão.

— Desculpe por isso — eu digo a ele.



— Eu também — diz ele. — Tudo certo?

— Tudo bem.

Ele pega minha mão e me deixa levantá-lo antes de darmos tapinhas nas costas um do outro.

A voz de Gavin estala como um tiro sobre a grama.

— Bergman! — ele berra. Quando me viro e olho para ele, há fogo em seus olhos.

Eu limpo minha garganta e forço um sorriso amigável enquanto Ethan sabiamente se afasta para tomar seu lugar para o pontapé inicial.

— Hayes.

Ele está vindo em minha direção, rapidamente fechando a distância.

— Que *porra* foi essa? — ele estala.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Uh. Um gol. Você perdeu isso?

Um coro de risadinhas que rapidamente se transforma em tosse dançada pelo campo. Gavin os ignora, os olhos colados em mim.

— Você não ajuda alguém depois que eles te fizeram tropeçar.

— Foi incidental. — Eu dou de ombros. — Eu o empurrei primeiro. Além disso, ele é meu companheiro de equipe.

— Agora mesmo ele não é. Agora, ele é seu oponente.

— Hayes, é apenas prática.

— Exatamente. — Gavin se aproxima, até que nossos peitos quase se tocam, explorando toda a altura que ele tem sobre mim para olhar por baixo de seu nariz. — E é chamado de *prática* por uma razão. O que você faz agora é o que você faz no jogo. E você *não* os ajuda porra nenhuma.

Minha mandíbula aperta. O fogo enche a boca do meu estômago, queimando minha garganta.

— Da última vez que verifiquei, Hayes — digo a ele, dando o passo final, alongando minha coluna para apagar a lacuna em nossas alturas enquanto o olho nos olhos —, você



não era meu treinador. Vou jogar no nível de espírito esportivo que eu valorizo. Eu vou ajudar quem eu quiser.

O silêncio ressoa ao nosso redor. Todo mundo está assistindo. E estou farto demais para fazer o que fiz por dois anos: me obrigar a sorrir, ignorar isso e seguir em frente.

Uma veia pulsa na testa de Gavin. Seus olhos brilham perigosamente, um tom âmbar ardente à luz do sol.

— Seu "espírito esportivo" — diz ele, baixo e ameaçador — transmite uma tolerância a ser ceifada que faz com que *todos* nós pareçamos ingênuos. Não vou aceitar que isso seja o exemplo. Eles nos empurram, nós empurramos de volta. Eles caem de bunda, nós corremos. Este é um jogo brutalmente competitivo, não um boliche recreativo.

— Ah, obrigado pelo lembrete. Mas acho que sei o que estou fazendo. — Eu me inclino, minha voz quase tão baixa e uniforme. Estou tão longe do ponto de retorno que não conseguiria calar a boca se tentasse. — Ou você esqueceu quem teve mais gols na temporada passada?

Seus olhos se arregalam. Suas narinas se dilatam.

Eu sei que é um ponto sensível para ele. Ele tem um histórico incrível com todos os clubes que já jogou – um artilheiro, ano após ano, que é realmente uma façanha para um meio-campista central cujos gols vêm de longe no campo, aqueles chutes milagrosos nos minutos cada vez menores para empatar o jogo, durante jogos de alta pressão. Os momentos que fazem ou quebram um jogador são aqueles que Gavin quebrou sob sua vontade, uma e outra vez.

Até a temporada passada. Quando eu o superei por nove gols.

— Você acha que isso é tudo, hmm? — ele zomba, seu peito cutucando o meu. Eu posso sentir a raiva mal contida vibrando dentro dele. — Concluir metas de gols abertos? Ficar bem e exibir aquele seu sorriso de comercial de pasta de dente quando você marca, simplesmente aproveitando o que os frutos da boa genética e da juventude têm a lhe



oferecer? — Seu lábio se curva. — Você é a porra do capitão deles agora, não seu amigo. Eles precisam de um líder, alguém que esteja faminto com o melhor, que exija mais, não alguém que se atrase para treinar porque está beijando a bunda da equipe, que tolera chutes descuidados e defesas de merda e desvios medíocres. Mas você está muito obcecado em agradar a cada porra de pessoa neste lugar.

Cada palavra é um golpe no peito, tirando o fôlego de mim.

A raiva ferve através do meu sistema quando coloco minhas mãos em seu peito e o empurro violentamente para longe. Os olhos de Gavin se arregalam em surpresa, depois se estreitam, a fúria queimando em suas profundezas enquanto ele dá um passo involuntário para trás para se equilibrar. Mas então ele dá um passo à frente e me empurra com mais força. Eu empurro de volta, com mais força ainda.

— Ei! — A treinadora apita. Olho para ela, respirando como o touro furioso que acusei Gavin de ser há menos de cinco minutos. — Vocês dois, saiam do campo e se acalmem!

Fervendo, eu corro para fora do campo, atravesso o túnel e entro no vestiário, arrancando minha camisa pela cabeça e a jogando no meu armário. Está me sufocando. Ou talvez seja a pressão da minha raiva, o peso de tudo que coloquei em meus ombros, tudo que guardei por muito tempo.

Eu ouço as chuteiras de Gavin no concreto, irritantemente calmo, seu andar ligeiramente irregular. Ele não tem pressa. Ele ganhou. Ele ficou sob minha pele, me fez perder o controle e perder a calma na frente do time.

Isso é tão ruim?, uma voz dentro de mim sussurra*. Para eles te verem como um ser humano de carne e osso, alguém que tem limites e lutas e dias ruins?*

O pensamento dessa... exposição, dessa vulnerabilidade, me faz estremecer. Não é quem eu sou aqui. Eu sou o confiante, o que está sempre bem, o otimista imparável que leva seus problemas para casa e os afoga em queijo francês de vinte e sete dólares a meia grama.



Gavin entra, me ignorando, indo para o banheiro. Ele entra em uma cabine, mija e depois sai. Eu vejo seu reflexo no espelho enquanto ele lava metodicamente as mãos, os olhos em sua tarefa, sua expressão suave e distante. Eu quero gritar.

Eu quero agarrá-lo pela camisa, sacudi-lo até que *eu* o segure como ele faz comigo. Um punho em torno de suas entranhas como ele tem em torno do meu, a necessidade de ganhar sua aprovação, seu respeito profissional, sua decência dentro e fora do campo.

Por que ele não me dá? Por que ele *nunca* me deu?

Esse medo velho e ferido se enrola em meus pensamentos e sussurra: *Por que não sou suficiente?*

— O que eu fiz com você para fazer você me odiar assim? — Eu cuspo as palavras, o ar saindo dos meus pulmões.

Lentamente, Gavin olha para cima até nossos olhos se encontrarem no espelho. Seu olhar percorre meu peito nu, depois volta para o meu rosto. Sua expressão é plana, ilegível.

— Quem disse que eu te odeio?

Uma risada vazia salta de mim.

— Como você agiu nos últimos dois anos diz muito.

Calmamente, ele seca as mãos, depois caminha em direção ao seu cubículo.

— Discordar de suas escolhas de liderança não é odiar você. Esperar mais de você em campo não é te odiar...

— Não é disso que estou falando, e você sabe. — Eu passo as duas mãos pelo meu cabelo. — É cada brilho e olhar de desaprovação. É a sua incapacidade de me oferecer uma saudação educada ou de se envolver em uma conversa civilizada em todas as centenas de horas...

— Milhares — ele murmura.

— *Milhares* de horas que passamos no mesmo time, no mesmo vestiário, no mesmo...

— Chega — ele retruca, o ar saindo de seu peito.



Ele se vira em direção a sua bolsa, procurando nela grosseiramente, em seguida, puxando um frasco de prescrição que posso ver daqui é uma dose alta de AINE. Ele abre a garrafa, joga de volta um comprimido e engole seco.

— Volte para lá — diz ele. — Nós terminamos de conversar.

— Não, não terminamos. — Eu fecho a distância entre nós, ficando bem atrás dele. — Responda a minha pergunta. Por que você não pode ser civilizado comigo? Como diabos devemos ser co-capitães, quando você não pode nem me tratar decentemente?

Ele fica em silêncio, aquela veia pulsando em sua têmpora enquanto ele abre um pote de Bálsamo de Tigre de sua bolsa e o esfrega no joelho, depois no pescoço, depois nas têmporas. Ele não vai olhar para mim.

Como um raio de luz deslizando por baixo de uma porta fechada, as palavras me deixam, baixas, imparáveis:

— Por que não podemos ser amigos?

Eu gostaria de poder voltar no tempo, pegar de volta aquelas palavras que eu pensei tantas vezes e me recusei a me humilhar dizendo. Mas é muito tarde.

O Bálsamo de Tigre cai. Gavin se vira e me encara, nos colocando frente a frente, cara a cara. Nossos olhos travam. De repente, estou bem ciente do roçar de seu corpo duro contra o meu, o tecido de sua camisa raspando meu peito nu, fazendo arrepios florescerem em minha pele, o cheiro picante do que ele esfregou em sua pele nos envolvendo como um soletrar.

Estamos tão perto. Eu o respiro, sinto seu corpo, quente e duro e *mal* tocando o meu. Nossos peitos. Nossos quadris. Nossas coxas.

Gavin engole, sua respiração rápida e instável enquanto ele olha para mim, enquanto seu olhar desce para minha boca. Eu me inclino, o mais leve balanço do meu corpo em direção ao dele. Agora ele está mais perto também. Tão perto



que nossas bocas compartilham o ar, nossos lábios quase se roçam.

O que diabos está acontecendo?

O tempo suspende, sem som, sem peso. Nada existe além da batida do meu coração, o impulso rápido e brutal de prová-lo, de afundar minhas mãos em seu cabelo enquanto sua boca se abre para a minha, de raspar minhas unhas em seu couro cabeludo e fazê-lo implorar. Fazer ele pagar por toda a dor que ele me causou ao torturá-lo com um prazer tão insuportável, que o deixaria de joelhos.

Meus olhos se fecham. Não posso acreditar que isso está acontecendo, mas sou impotente para impedir, impotente para evitar algo que sei que vou me arrepender. Exceto que o que vem a seguir não é um roçar de lábios, nem o gosto de sua boca na minha.

Sua voz é baixa e sombria, o calor de seu corpo derramando sobre mim enquanto ele diz:

— Nós *nunca* seremos amigos.

Meus olhos se abrem e travam com os dele. Estou sem palavras. Atordoado.

Um soco na porta quebra o momento, nos separando.

— Vocês dois! — A treinadora late. — Meu escritório. *Agora.*



5

GAVIN

Música da Playlist: "Believer", Imagine Dragons

— QUE *DIABOS* FOI ISSO? — A treinadora fecha a porta do escritório atrás de nós. Na direção de seu dedo apontado, sentamos nas cadeiras do outro lado de sua mesa.

Estou cambaleando. Faz tanto tempo desde que eu descontei em algo dessa maneira. Claro, eu praguejo e lato ordens para meus companheiros de equipe, mas é sempre algo medido, intencional. Aprendi há muito tempo que o futebol não era o lugar para perder o controle – era o lugar onde eu o encontrava. Mesmo quando estou em campo, minha agressividade é precisa e controlada, reservada para as almas infelizes contra as quais jogo, não para meus companheiros de equipe.

Depois, há o que aconteceu no vestiário. Isso *nunca* aconteceu antes.

E nunca mais acontecerá.

Enquanto me sento, meu joelho se dobra muito bruscamente, muito rápido, a dor cortando minha perna. Um choque sóbrio e agonizante de volta ao momento presente. Pelo menos, até eu olhar para Oliver, que está mordendo o lábio. E então eu penso em quão perto eu estava de arrastar aquele lábio entre meus dentes, ganhando seu suspiro sem fôlego...

Eu estico meu joelho, sabendo que a dor de estendê-lo será pior, quase insuportável, antes que eu tenha alívio, uma agonia que deixa minha visão embaçada. Mas não o suficiente. Porque, uma vez que está tranquilo, ele ainda está lá, parecendo tão inquieto quanto eu me sinto enquanto ele olha para seus pés, em silêncio. Eu sou atingido por um soco de culpa terrivelmente indesejável. Eu vejo tudo de novo, a pálida chama azul piscando em seus olhos escurecendo quando eu lhe disse a verdade: *Nós* nunca *seremos amigos*.



Eu comprimo esse sentimento indesejável de volta para dentro de mim. Não há espaço para culpa ou suavidade, ou arrependimentos. Há espaço para este jogo e não há nada entre mim e jogá-lo enquanto eu o tiver em mim.

— A qualquer momento — diz a treinadora, sentando-se em sua cadeira e estacionando os dois cotovelos em sua mesa. — Sempre que vocês quiserem se explicar por que, um dia depois de serem nomeados co-capitães, vocês estão agindo como crianças em campo. Que tipo de mensagem vocês estão enviando para a equipe? E se houvesse cobertura da imprensa na prática?

A cabeça de Oliver se levanta

— Tinha?

A treinadora arqueia uma sobrancelha, inclinando a cabeça.

— Poderia ter tido, para todos os efeitos. Vocês dois não estavam pensando na imprensa. Ou na equipe. Ou na publicidade de merda que sairia da briga. Vocês não estavam pensando, e é exatamente isso que um capitão *não* deve fazer. Vocês são os únicos que mantêm suas cabeças, que mantêm a calma.

A fúria emana dela em ondas. Há algo perigoso em sua expressão, um aviso. Hora de desarmar a situação.

— Bergman e eu conversamos — eu a tranquilizo. — Não vai acontecer de novo.

Oliver me lança um olhar cético.

— Podem crer que não — diz ela, sentando-se, os braços cruzados sobre o estômago. — Porque se isso acontecer, vocês dois podem dar tchau à suas capitanias.

Eu mal impeço meu queixo de cair.

— Você não está falando sério.

— Muito sério.

— Lexi...

— *Treinadora* — ela me lembra. — De dezembro a janeiro, você pode me chamar de Lexi, porque não estou mandando em você e porque, o que passamos quando



comemoramos o ouro olímpico de 2012 foi péssimo, e, por mais que você nos tenha tirado daquela situação, garantindo uma vida de privilégios de tratamento pelo primeiro nome, mas apenas e *somente* apenas.

— Mas a equipe masculina dos EUA nem *se classificou* para as Olimpíadas de 2012 — diz Oliver, piscando inocentemente na minha direção.

Eu cortei-lhe um olhar mordaz.

— E você estava fazendo o que em 2012, Bergman? Ainda estava limpando sua bunda?

— Ei. — A treinadora aponta um dedo na minha direção, depois na dele. — É disso que estou falando. Seja legal.

— Ele começou! — Eu digo a ela.

Ela revira os olhos, então, dirige-se a Oliver.

— Bergman, você está correto. Os homens não se classificaram. Mas Hayes estava lá na primeira fila com alguns dos caras do time masculino, torcendo pelas mulheres.

— De volta ao assunto em questão — eu digo através de uma mandíbula cerrada.

Ela se vira e olha para mim.

— Continue.

— *Treinadora*. Sou capitão desde que assinei. Você não está, honestamente, me ameaçando com a perda da *minha* capitania, quando essa complicação só surgiu depois desse...

Ela limpa a garganta. Levanta as sobrancelhas.

— Prossiga com cautela, Hayes.

Oliver se senta e cruza os braços sobre o peito, olhando para mim. Esperando o que eu vou dizer.

— Eu estou simplesmente apontando... — Eu evito cuidadosamente os olhos de Oliver. — Se alguém deveria estar em observação por isso, é o Bergman.

O ar sai dele. Como se eu o tivesse chocado. O que só mostra o quão ingênuo ele é, o quão pouco ele me conhece e o desespero com que me agarro a cada momento que me resta neste mundo. Por que além disso?



Eu não tenho nada. Futebol é isso para mim. E quando eu estiver muito velho para isso, muito quebrado de muitas maneiras, eu honestamente não posso dizer o que a vida vai segurar, mas eu posso te dizer que eu não vou gostar disso. Oliver Bergman com certeza não vai ficar entre mim e cada momento que me resta liderando um time, começando cada jogo, jogando cada porra de minuto.

A treinadora está de pé, com as palmas das mãos na mesa enquanto se inclina.

— Sua capitania está tão em jogo quanto a dele, Hayes. É conquistada continuamente. Porque ser capitão é mais do que ser um jogador incrível ou carismático, ou – normalmente, pelo menos – no controle. — Seu olhar dança entre nós. — Trata-se de mostrar ao seu time que você tem os melhores interesses deles no coração, que todos os seus momentos em campo são para eles, que seu amor pelo jogo e pelo clube que você representa é o que orienta seu comportamento dentro e fora do campo.

Eu olho para baixo, meu olhar percorrendo as cicatrizes no meu corpo de tantos jogos que terminaram em uma nova lesão, uma nova fonte de dor. Esse jogo é tudo para mim. Eu literalmente quebrei meu corpo por isso. Essa é a minha vida. Ser lecionado sobre isso é como ácido derramado em uma ferida aberta. Dói como o inferno.

— Vocês dois — ela diz baixinho, me fazendo olhar para cima. — Vocês são melhores parceiros do que imaginam, ou *seriam*, se dessem uma chance um ao outro. Mas vocês ficam de cara fechada um para o outro, vocês dois, e isso têm que ir embora. Se não fizerem, não quero substituí-los, mas o farei.

Oliver assente.

— Entendido, treinadora.

Eu não digo uma palavra. Mas eu aceno com força.

— Excelente. — Ela se endireita lentamente, esfregando a parte inferior das costas. — Bem, pelo menos vocês esperaram até que estivéssemos encerrando o treino para



esse absurdo. Agora vão para casa, descansem um pouco e, quando voltarem amanhã, espero ver nada além de completo profissionalismo.

Depois de jogar a bolsa no ombro, ela abre a porta e aponta para o corredor.

— Vão. Xô. Estou com fome e vocês estão me irritando.

Oliver segura a porta, gesticulando para ela ir primeiro.

— Por favor.

A treinadora praticamente derrete, lançando-lhe um sorriso cansado e agradecido.

— Obrigado, Bergman. — Ela me corta um olhar de olhos estreitos. — Hayes.

Aceno com a cabeça novamente e digo incisivamente:

— *Treinadora.*

Nós a seguimos com um atraso em algum instinto de autopreservação mutuamente entendido, dando à treinadora um amplo espaço para mais ou menos andar pelo corredor e virar a esquina, antes de prosseguirmos por esse caminho. Oliver arrasta a porta dela até ela se fechar e travar. É quando outra coisa clica também.

A menos que eu esteja disposto a suportar um táxi – e eu não estou – eu preciso de alguém para me levar para pegar meu carro no bar onde os caras do pôquer me arrastaram ontem à noite. Entro no vestiário e olho em volta enquanto reúno minhas coisas. Todo mundo foi para o dia. Sou só eu. E Oliver.

Puta que pariu.

— Bem, Bergman — digo, jogando minha bolsa no ombro. — Se vamos tentar se dar bem, por que não começamos com você me dando uma carona?

SE EU me importasse com a estranheza, o passeio de carro seria muito estranho.

Felizmente, eu não me importo.



Eu não me importo que Oliver me leve em silêncio absoluto para o bar tiki, que, no final da tarde, parece ainda menos provável de passar por uma inspeção de saúde do que na noite passada. Não estou incomodado que ele não faça uma única piada ou trocadilho sobre um lugar chamado A Furada Tiki.

Na verdade, depois que Oliver sai com carro no momento em que saio do carro, estou completamente além da estranheza do dia, desde nossa infeliz e nunca a ser repetida carona que virou compra de café até a colisão desajeitada no corredor para perdendo a paciência totalmente em campo para o momento no vestiário quando eu estava a centímetros da boca de Oliver, pensando em coisas muito específicas e inapropriadas sobre o que eu gostaria de fazer com ela.

No momento em que paro na frente da minha casa, tenho uma coisa em mente: um banho escaldante envolvendo uma rápida e furiosa punheta para a imagem mental de um homem sem rosto que absolutamente não se parece com Oliver, então, ir dormir nessa porra.

Assim, ao acordar no dia seguinte, resolver me manter firme pelos próximos dez meses, enquanto tenho que ser co-capitão com Oliver Bergman.

— Puta merda — eu murmuro, batendo a porta do meu carro. Eu olho para a visão de Oliver no telefone, andando do lado de fora de sua casa ao lado. Gritando.

Não que seja da minha conta ou que seja preocupação que ele esteja fazendo algo tão anormal. Estou apenas intrigado. Eu não sabia que ele era capaz disso.

Olhos nos meus pés enquanto ando em direção à porta, eu tento muito – e falho completamente – ignorar o que ele está dizendo.

— Eu não me *importo* se você está arrependido! — ele grita ao telefone. — Se sentir mal não me traz de volta à minha casa!

Ele está muito chateado para perceber que estou por perto ou está me ignorando. Oliver se vira e faz outra curva



em seu circuito, percorrendo toda a extensão de sua casa em direção à entrada dos fundos.

— Sim, bem — ele sussurra —, eu sei que sim. Mas esta *não é* uma resposta proporcional, Viggo. Estou trancado fora da minha casa e você está em Escondido!

Eu estremeço. Escondido, uma cidade na Califórnia, fica à duas horas de carro para o sul, e isso se o trânsito estiver calmo. Parando do lado de fora da minha porta da frente, verifico a correspondência, porque já faz um tempo desde a última vez, e não porque estou escutando a estranheza que é Oliver Bergman com raiva o suficiente para realmente gritar. Hoje mesmo em campo ele não gritou.

O que é preciso para provocá-lo a agir assim? Mão emaranhada em seu cabelo, peito arfando, calor alto em suas bochechas, sua voz alta e desinibida.

— Eu quero entrar na *porra* da minha casa! — ele grita ao telefone, segurando-o e apertando com tanta força que pode quebrar. A voz de um homem soa fracamente no telefone, antes que Oliver o leve ao ouvido. — Você está *ferrado*! — ele grita, antes de apertar o botão "desligar" em seu telefone, virando-se e arremessando-o na grama.

Estou irracionalmente feliz por isso.

— Trancado para fora? — Eu pergunto, inclinando-me contra a frente da minha casa.

Eu assisto Oliver fechar os olhos lentamente antes de abri-los, como se estivesse convocando a calma de um lugar profundo dentro de si mesmo.

— Sim.

— Perdeu suas chaves?

Ele geme, esfregando o rosto com as duas mãos.

— Não exatamente. Sem ofensa, Hayes, mas eu realmente não quero falar com ninguém agora.

— Hum. — Saindo da minha varanda, começo a descer a lateral da minha casa. Eu levanto meu queixo em direção à fechadura da porta dos fundos. — Pena que você não tem



um programa de código como o meu; você seria capaz de simplesmente redefini-lo do seu telefone.

As narinas de Oliver se dilatam. Suas mãos se fecham em punhos enquanto ele as abaixa do rosto.

— Sim. É tão útil agora. Obrigado.

Este é um novo lado fascinante de Oliver Bergman. Raiva crepitando dele como eletricidade infundada. Ele se parece com Thor, o sol da tarde deixando seu cabelo como ouro líquido, seus olhos da cor brilhante da luz fria da manhã atravessando o céu. Ele está impossível de se desviar o olhar.

E agora, eu percebo com um sentimento de desânimo, ele vai ser impossível de se *manter* longe também.

Até agora eu lidei com Oliver evitando-o a todo custo. Mas agora que somos co-capitães, com a treinadora respirando em nossos pescoços para nos ajeitarmos, o que devo fazer? Não posso fazer amizade com ele, mas com certeza também não posso brigar com ele quando minha capitania está em jogo.

— Vamos — eu digo a ele, apontando minha cabeça em direção a minha casa.

Oliver ainda está respirando pesadamente. Ele pisca para mim, como se eu o tivesse chocado.

— Vamos o quê? — ele pergunta.

— Entre, até o seu chaveiro aparecer, ou quem tiver a chave.

Sua mandíbula se contrai. Virando-se, ele procura seu telefone na grama, pega-o e o limpa.

— Eu só vou... esperar na casa do meu irmão. Ele está perto.

Eu dou de ombros, ignorando a estranha picada que pulsa através de mim na sequência da limpeza no celular.

— Como quiser.

Abrindo a porta dos fundos, estou prestes a entrar quando ele diz:

— Espere!



Dá para estar ao mesmo tempo aliviado e cheio de pavor? Eu estou.

Eu me viro, segurando a porta aberta enquanto Oliver varre sua bolsa e corre pelo pátio até a minha varanda. Parando bem no limiar, ele coloca a bolsa mais alto em seu ombro. Como eu, ele ainda está com o equipamento de treino, suado, o cabelo despenteado, a luz do sol brilhando na barba.

— Obrigado — diz ele com firmeza antes de entrar.

Olho para o céu, sabendo que estou provocando o destino. Que mais de um limiar está sendo cruzado, e nenhum deles é inteligente.

Oliver entra com cuidado na minha casa enquanto eu fecho a porta atrás de mim. Eu largo minha bolsa e tiro meus sapatos, observando-o tomar o lugar.

— Então... — Ele olha ao redor, tirando os sapatos. — Aparentemente, você tem uma queda por tons de cinza.

Olho ao redor da minha casa, vendo-a da perspectiva dele. Pisos de madeira escura, paredes brancas, acabamentos metálicos frescos nos armários brancos da cozinha e luminárias modernas. Fotografias em preto e branco, sofá carvão, poltronas cinza-escuras. Um tapete prateado. Eu dou de ombros.

— É calmante.

Ele aponta para Wilde, meu gato preto e branco, que pula do sofá e, como um traidor, se esgueira pela sala, enrolando-se nas pernas de Oliver.

— Você ainda tem um gato que combina. Um pouco de cor te machucaria? Talvez apenas um toque de verde para combinar... — Ele acena para o gato.

Eu engulo, vendo-o agachar e coçar o queixo do meu gato.

— Wilde — digo a ele com relutância.

Ele sorri enquanto o gato ronrona.

— *Wilde*. Que tal um pouco de verde menta para combinar com os olhos de Wilde? Alguns rosados como seu



nariz. O que você acha? — ele pergunta a Wilde enquanto o gato pressiona seu joelho e mia enquanto ele acaricia mais forte sua cabeça. — Eu também não sei o que as cores fez para irritá-lo, mas claramente, ele não superou isso.

Wilde ronrona mais alto. Bastardos traidores, gatos.

— Nem todos nós queremos que nossas casas se pareçam com o interior de uma caixa de cereal Fruit Loops.

Oliver balança a cabeça e suspira como se eu não tivesse esperança. Se não fosse por seu telefone, que começou a tocar, ele provavelmente acariciaria Wilde e me ignoraria até que seu chaveiro chegasse. Levantando-se relutantemente, ele desenterra seu telefone e murmura algo baixinho que não soa distintamente inglês. Enquanto o observo, algo terrível se prende dentro do meu peito.

Bochechas coradas, mandíbula apertada, polegares dançando na tela do telefone, ele está emoldurado no arco, sua camisa de treino amarelo brilhante e cabelo dourado iluminando o espaço como o sol derramado.

Olho para ele, em pânico enquanto tudo se torna um caleidoscópico – colorido, fora de ordem, vertiginosamente brilhante – e tenho o desejo frenético de abrir minha porta e empurrá-lo para fora até que meu mundo seja novamente pequeno, monocromático e gerenciável.

Ele me pega olhando. Desvio o olhar, virando-me em direção aos meus armários e abrindo um como um tolo mexido.

— Serei capaz de voltar para minha casa em cerca de duas horas — diz ele. — Mas eu realmente posso entrar na casa do meu irmão. Eu não quero incomodar...

— Você não está. — Eu encontro um copo, bato na água para enchê-lo. — Você, uh... quer um banho, eu imagino. Saímos antes de tomarmos banho, você tomou banho, quer dizer…

Foda-me.

Eu arrasto uma respiração. Eu *não* posso olhar para ele.

Oliver limpa a garganta.



— Quer dizer, sim, eu não me importaria de tomar um banho.

— Fique à vontade. — Minha voz é grave. Meu sangue está em chamas. Minha imaginação traiçoeira não consegue parar de imaginá-lo pisando na água, riachos escorrendo por seu corpo magro e bronzeado. Os cumes de seu estômago, aquele V angular apertado em seus quadris. Suas longas pernas com seus finos pelos loiros.

— Desculpe? — ele diz.

— Eu disse fique à vontade para banho. Vai lá.

Depois de um segundo espesso de silêncio, ele diz:

— Ok.

Quando a água liga, eu caio para frente e bato minha testa no armário.

— Eu preciso transar.

MEU CORPO ENCHARCADO DE LUXÚRIA não é melhor forma quando Oliver ressurge, cabelo limpo e molhado penteado para trás em um daqueles rabos-de-cavalo minúsculos, vestindo uma camiseta branca e uma calça jogger vermelho-vivo que está apertada em suas longas pernas.

O calor corre através de mim. Isso é o que eu ganho por estar em abstinência desde que me mudei para cá, por não aproveitar o amplo interesse que é um dado, quando você é um atleta de aparência decente. Sou uma fera miserável quando estou sexualmente frustrado, mas não conseguia suportar a ideia de ser procurado pelo que sinto escorregar pelos meus dedos toda vez que entro em campo, mais do que poderia suportar a vulnerabilidade de tentar encontrar alguém que me queira por quem eu sou de outra forma, já que *eu* nem sei que porra é essa.

Encaro resolutamente o meu telefone, que não tem nenhuma mensagem de ninguém, exceto minha assistente, Angela, me atormentando como de costume para realmente



mostrar meu rosto na organização sem fins lucrativos que fundei, compartilhar publicamente o relacionamento com a organização sem fins lucrativos e considerar se gostaria de aceitar uma abordagem mais prática, caso ocorra o evento que não falamos envolvendo uma camisa sendo pendurada para sempre. Ao que eu respondo *não, não,* e *porra não.*

— Sua pressão da água é melhor que a minha — diz ele.

— As coisas que o dinheiro pode comprar.

Ele se aproxima do meu campo de visão.

— Ouça... sobre o que aconteceu...

— Estou respondendo um e-mail.

Uma pausa.

— E aqui eu pensei que você estava apenas tentando não reconhecer minha existência.

— É muito difícil fazer isso quando você está na minha cozinha, parecendo uma garrafa de ketchup humana.

Ele revira os olhos.

— Você não reconheceria uma garrafa de ketchup nem se ela batesse na sua cara. Você provavelmente coloca sal e pimenta em suas batatas fritas e encerra o dia, porque Deus não permite que você desfrute de algo brilhante e delicioso como o maravilhoso mistério culinário que é o ketchup.

Porra, ele é irritantemente engraçado às vezes. Eu não dou a ele a satisfação de ver minha irritada diversão, no entanto; eu olho para o meu telefone, me recusando a olhar para cima.

Eu não vou fazer isso, cobiçar alguém cuja capacidade de me irritar é incomparável, cuja própria existência me irrita e me faz lembrar que a melhor parte da minha vida, a parte que espera por ele, está quase acabando para mim.

— Hayes, sério, devemos conversar sobre isso — diz ele, sentado em um banco do outro lado do balcão, que serve como balcão de café da manhã. Seu estômago ronca alto.

Aponto para a tigela de frutas na frente dele e a cesta de barras de proteína. Não estou cozinhando para ele. Isso é além demais.



— Vá em frente — eu digo a ele.

Ele pega uma banana e a descasca.

— Obrigado — ele murmura em torno da mordida, sua garganta trabalhando em um gole grosso que faz meu corpo esquentar.

— Hum. — Fazendo tudo o que posso para não me concentrar nele, olho para o meu telefone novamente.

Então, a banana se foi.

— Então, sobre essa reunião — diz ele, colocando a casca no balcão, em seguida, dobrando-a em três, como um esquisito.

— E quanto a isso — eu resmungo

Ele se inclina um pouco, enviando aquele cheiro de sol e brisa do mar na minha direção.

— Bem, eu tinha a impressão de que você estava lá e ouviu sermos ameaçados de perder a capitania se não superarmos nossas... diferenças.

— Não há como superar nossas diferenças, Bergman.

Ele inclina a cabeça, curioso.

— Eu não estou entendendo.

Minha mandíbula aperta. Eu olho para ele e imediatamente me arrependo, porque nossos olhos se encontram e eu não consigo desviar o olhar.

— Não estamos superando nossas diferenças. Não estamos sendo amigos.

Ele cruza os braços sobre o peito.

— Não.

— Desculpa?

Ele levanta o queixo.

— Eu disse *não*. Isso não funciona para mim.

Minhas sobrancelhas levantam. Lentamente, eu persigo meu caminho ao redor do balcão. Oliver gira em seu assento para ficar de frente para mim enquanto eu fecho a distância entre nós. Eu me aproximo dele, de pé enquanto ele se senta, mas Oliver parece totalmente imperturbável.



— Eu quis dizer o que eu disse no vestiário — digo a ele. — Eu não estou andando em seu carro. Não vou pegar café com você. Eu nem mesmo vou reconhecê-lo como um companheiro de equipe no campo para o qual eu mando uma bola, *se* você colocar sua bunda onde deveria estar e ganhar. Você vai dar seu sorriso chamativo e garantir que a treinadora saiba que está tudo bem. E vou tolerar compartilhar esse título com você. É assim que isso vai acontecer.

Os olhos pálidos de Oliver piscam e escurecem em chamas azuis. Ele se levanta, colocando nossos corpos mais uma vez quase nivelados, nossos rostos a milímetros de distância.

— Você parece estar esquecendo uma coisinha, Hayes.

— E o que seria *isso*? — Eu rosno entre os dentes cerrados.

Ele sorri, mas é diferente. É novo. Na verdade, pode até ser... sinistro. Ele se inclina tanto que nossas bocas quase se tocam antes que ele se afaste, seus olhos encontrando os meus.

— Você não é mais o único a dar as ordens.

Eu me levanto, atordoado, quando ele dá um passo para trás, pega sua bolsa e sai pela porta dos fundos.



6

OLIVER

Música da Playlist: "Let It All Out (10:05)", COIN

DOIS DIAS. Passei dois dias fumegando. Sendo civilizado com Gavin, que está me observando como se eu fosse uma bomba prestes a explodir e que ele gostaria de estar no universo do lado. Estou fervendo. E eu estou farto. Cansei de ser um merda por alguém que precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Gavin perde sua capitania se não acalmarmos as coisas, e estou *quase* com raiva dele o suficiente para sabotar nós dois.

Mas a maior parte de mim ama demais essa honra, valoriza demais essa oportunidade, para arruiná-la simplesmente para irritá-lo, sabendo o que isso me custaria também.

Vou salvar esta capitania. E eu *terei* meu retorno. De alguma forma. De algum jeito.

Eu só não descobri ainda. Então, sob o limoeiro que domina o quintal do bangalô de Freya e de Aiden em Culver City, eu me sento, remoendo. O que não é o que eu deveria estar fazendo. Eu deveria estar feliz, comemorando. Tenho um sobrinho novinho. Minha irmã teve um parto tranquilo e descomplicado.

O que entrou em ação logo depois que eu saí da casa de Gavin, entrei no carro e estava prestes a ligar para Ren, que mora perto, sobre ficar em sua casa enquanto eu esperava Viggo chegar e me deixar entrar na minha própria casa. Eu tinha acabado de conectar meu telefone quando recebi a mensagem de Aiden informando que Freya havia entrado em trabalho de parto – algumas semanas antes, embora não tão cedo para causar grande preocupação.

Então, em vez disso, fui até a casa deles e distraí Linnea, enquanto Freya fazia ruídos de gemidos muito intensos e xingava *muito* à medida que Aiden a ajudava a ir para o carro. Eu era o único disponível para cuidar de Linnie e não



estava reclamando, passando a noite colorindo, fazendo limonada com os limões que pegamos lá atrás, tocando ao som da trilha sonora de *Encanto* – "Não Falamos do Bruno" alugou um triplex na minha cabeça.

Minha mãe encontrou Freya e Aiden no hospital, porque Freya queria minha mãe lá para apoio enquanto ela entrava em trabalho de parto. Papai, embora finalmente aposentado da medicina, ainda tem suas mãos em uma dúzia de organizações relacionadas à saúde, estava em uma reunião do conselho em Stanford e tentava pegar o primeiro voo para casa.

Tanto Ziggy quanto Ren estavam viajando com suas equipes para treinamento e jogos fora, respectivamente. Frankie, a noiva de Ren, estava voando de volta depois de uma visita ao leste para ver sua mãe, irmã, cunhado e sobrinha recém-nascida. Ryder e sua noiva, Willa, Axel e sua esposa, Rooney, moram no estado de Washington e, embora tenham voado para conhecer o bebê, estavam a três horas de voo na época.

E Viggo, o babaca, estava vindo de Escondido com as chaves das novas fechaduras que ele colocou na minha casa depois da minha última jogada na nossa interminável guerra de brincadeiras entre irmãos.

Provavelmente soa juvenil e talvez seja, ter 24 anos e ainda fazer coisas como enfiar um Tootsie Roll em forma de cocô no café do seu irmão ou encher sua pasta de dente com creme azedo – sim, isso é tão trabalhoso quanto parece –, mas é assim que somos e, francamente, preciso disso, de algum tipo de saída sinistra. Eu passo tanto tempo com a equipe, sendo tão bom, sendo gentil e positivo, enquanto Gavin, o rabugento gigante, joga dados a torto e a direito.

E cheguei ao meu limite. Estou no ponto em que nem mesmo as travessuras juvenis com Viggo e indulgências caras com queijo podem dissipar minha raiva. Minha frustração com Gavin, meu ressentimento em relação a ele, está envenenando tudo.



Como esta noite. Agora mesmo. Quero estar relaxado, presente, positivo. Minha irmã está em casa, se sentindo bem. O bebê Theo está aqui seguro e sendo mais do que precioso. Minha mãe preparou um smorgasbord sueco[4] – sua especialidade, já que ela é da Suécia – para todos nós comermos, e o freezer está cheio de refeições que todos nós trouxemos, então, Freya e Aiden têm uma coisa a menos com que se preocupar, enquanto se acostumam a ser pais de dois.

Agora que todos cresceram, nossas vidas estão cheias e ocupadas e espalhadas pela Costa Oeste; não é sempre que estamos todos no mesmo lugar, reunidos para uma boa comida e para uma ocasião tão feliz. Eu quero absorver isso, o conforto de estarmos juntos, os sons suaves das vozes da minha família e risos através das janelas abertas enquanto entramos e saímos da casa.

Mas tudo o que posso fazer é olhar para um limoeiro, pernas balançando, com algo crescendo dentro de mim que parece perigosamente explosivo.

— Ok, cachinhos dourados — Viggo dá um tapa na minha coxa ao se sentar ao meu lado. — O que está acontecendo?

Eu não respondo a ele. Estou tão perto de gritar ou chorar, ou das duas coisas, que não confio em mim mesmo para abrir a boca.

— Cara — diz Viggo. — Você não acha que eu já não paguei o suficiente sem receber o tratamento do silêncio? Eu ainda pareço um Oompa Loompa.

Eu lhe dou um olhar e sinto um sorriso involuntariamente abrir minha boca. O tom alaranjado de sua pele está quase desbotado, mas contra seu cabelo castanho e olhos azuis pálidos, o que resta da cor que tinge sua pele ainda fica aparente.

[4] Uma smorgasbord sueca é uma refeição de múltiplos pratos do estilo buffet servida na Suécia, que reúne variadas iguarias típicas do país.



— Para que serve um curso de bioquímica pela metade — digo a ele —, se não posso usá-lo para a vingança final da brincadeira?

Viggo resmunga para si mesmo antes de morder seu sanduíche.

Willa se joga na mesa ao ar livre à nossa frente, ondas castanhas encaracoladas emaranhadas em um coque que balança enquanto ela come as almôndegas suecas da mamãe.

— Porra, isso é bom — diz ela em torno de uma mordida. — Eles podem realmente ser um pouco *melhores* que os de Ryder, mas não diga a ele.

— Seu segredo está seguro comigo — eu a tranquilizo.

Ela me dá um sorriso antes de seu olhar dançar para Viggo e ela engasgar com sua mordida.

Ele revira os olhos.

— Pode rir.

Willa ri e me diz:

— Parece que ele tomou banho de betacaroteno.

Frankie se acomoda ao lado dela, colocando sua bengala de acrílico cor de fumaça entre as pernas e alisando o cabelo escuro em um rabo de cavalo.

— Parece que ele tirou uma soneca em uma cama de bronzeamento e esqueceu de acordar.

Willa gargalha mais forte, segurando seu estômago.

— Uau — diz Viggo em torno de seu sanduíche. — Quem precisa de seis irmãos para chutar suas bolas, quando você tem seus companheiros para fazer isso por eles?

— Alguém precisa de mais comida? — Ren chama da porta. O sol deixa seu cabelo cor de cobre brilhante enquanto ele abre um sorriso radiante. Meu irmão mais velho é o tipo de bondade de um coração puro que aspiro. Não há um cara mais gentil e doce no mundo.

A verdade é que tentei aprender como ser gentil como Ren que é como atleta profissional, agora capitão de seu time de hóquei, o LA Kings. Quão composto ele sempre é, quão



caloroso é com a mídia, quão gentil é com os fãs. Ele é tão bom nisso. Fiz o que pude para seguir o exemplo dele.

E, de certa forma, acho que encontrei meu ritmo. Estou muito feliz em conversar com os fãs, especialmente as crianças, participar do circuito de relações-públicas, participar de iniciativas humanitárias. Eu amo minhas paradas quinzenais de café para a equipe, fazendo com que eles se sintam vistos e apreciados. Eu gosto de ser a voz de encorajamento para meus companheiros de equipe, mantendo as coisas otimistas, acreditando em nós quando a crença parece um pouco difícil de encontrar.

Mas também estou cansado. Porque, desde que Gavin apareceu, ficou cada vez mais difícil manter essa positividade. Estou cansado de ser bom e amigável e infinitamente paciente com sua presença miserável e penetrantemente negativa. Estou cansado de seu mau-humor implacável. E estou cansado do fato de que toda vez que fecho meus olhos, sinto seus quadris roçando os meus, sua boca a um sussurro, o calor queimando através de mim.

— Estamos bem, Zenzero! — Frankie diz a Ren, tirando-me dos meus pensamentos.

— Você está bem, Ollie? — Willa empurra seu prato limpo. A mulher come mais rápido do que eu, o que eu realmente não acreditava que fosse humanamente possível.

Eu forço um sorriso.

— Apenas um pouco desgastado.

Axel passa por Ren na soleira e atravessa o pátio, um prato de comida na mão, apertando os olhos contra o sol da tarde.

— Ele não está esgotado — diz Viggo. — Ele está trabalhando em algo. Apenas fale sobre, Ollie. Você sempre se sente melhor quando faz isso.

— Estou bem — murmuro.

— Uh-hum. — Ele balança nas pernas traseiras de sua cadeira, uma mão voando ao seu telefone, a outra penteando sua barba sarnenta que ele se recusa a cortar. Eu nunca



deveria ter feito aquela aposta com ele. — Com certeza você está.

Frankie e Willa trocam olhares.

— Na verdade – diz Willa, cutucando Frankie suavemente. — Acontece que eu quero repetir.

Frankie se levanta devagar e segura sua bengala.

— Eu também.

Eu suspiro miseravelmente, quando elas saem. Eu sei o que significa um êxodo em massa de outros significativos: um influxo de irmãos Bergman.

Axel se joga na cadeira que Willa acabou de desocupar. Rooney está no meio do quintal conversando com minha irmã Ziggy, ambas prontas para se juntar a nós, mas eles param quando Willa e Frankie lhes dizem algo. Depois de uma conversa rápida e tranquila, durante a qual todos os olhos se lançam em minha direção, elas giram e voltam para dentro.

— O que há de errado com ele? — Axel pergunta a Viggo, direto como sempre.

Viggo limpa a garganta, dando tapinhas nas minhas costas.

— Ollie tem alguns sentimentos para externar, e ele está sendo teimoso em compartilhar com a turma.

— Por favor, deixa para lá — eu digo entre os dentes cerrados.

Viggo faz um barulho exasperado no fundo da garganta ao retirar a mão, depois foca sua atenção em Axel, que é melhor conversar com ele quando a dinâmica do grupo é pequena e você pode conversar com ele pessoalmente.

Esperando que talvez eu tenha evitado uma intervenção fraternal completa, que as senhoras que estavam saindo fossem apenas para me dar algum espaço, eu me afasto, recostando-me na cadeira, olhando para o limoeiro, até que uma sombra seja lançada sobre mim.

— Aiden. — Eu caio de volta à terra na minha cadeira.



Meu cunhado está de costas para o sol baixo e brilhante, protegendo o bebê Theo de sua luz. Ele parece apagado e também sonhadoramente feliz. Seus óculos de armação de nerd grossos e pretos não fazem nada para esconder sua exaustão, as sombras de meia-lua sob seus olhos azuis vívidos. Com a barba por fazer, ele tem cabelos escuros e ondulados, como os de Linnea, embora mechas prateadas agora brilhem em suas têmporas. Seu cabelo está um pouco achatado de um lado, como se ele tivesse adormecido daquele jeito e não tivesse arrumado quando acordou.

Ele sorri cansado.

— Eu tive a sensação de que você poderia usar outra rodada de aconchego de bebê.

Eu sorrio de volta, abrindo meus braços e aceitando Theo, que está enrolado em um cobertor macio de cor creme, uma touca combinando confortável sobre seu cabelo louro-branco felpudo. Ele se agita por um momento, então, acomoda-se depois que eu o coloco dentro da dobra do meu braço e o balanço com um ritmo constante. Aiden se joga no banco ao meu lado com um gemido e se curva até sua cabeça cair para trás.

— Boa noite — ele murmura.

— Uh-huh — eu digo a ele. — Suas verdadeiras intenções são reveladas.

Seus olhos se fecham.

— Apenas, tipo, cinco minutos. Isso é tudo que preciso.

Aiden está roncando em segundos, o que faz Viggo rir. Ele se levanta, pega um pedaço de alface do prato de Axel e está prestes a fazer cócegas no nariz de Aiden com ele, mas Axel dá um tapa no alface de sua mão.

— Sente sua bunda, Cenourinha — Axel diz a ele. — Deixe-o em paz. Ele está exausto.

Viggo faz beicinho.

— Mas seria tão bom...

— Viggo. — Axel arqueia uma sobrancelha. — Os pais de recém-nascidos privados de sono estão fora dos limites.



— Você está se juntando ao ranking? — Eu pergunto, meio provocante, meio curioso.

Axel me lança um olhar afiado.

— Eu mal consigo compartilhar Rooney com o cachorro, muito menos com um bebê. Me dê um tempo.

— Ninguém é mais divertido — resmunga Viggo, lançando um olhar azedo para Axel, em seguida, tirando um romance de época do bolso de trás, quando ele olha na minha direção e eu não o apoio. Estou muito ocupado olhando para Theo, seu rosto perfeito e minúsculo franzido em uma carranca pensativa. Ou talvez ele esteja prestes a descarregar em sua fralda.

De qualquer forma, ele parece adoravelmente mal-humorado.

O que me lembra outro rabugento, embora muito menos adorável. Mais como agravante. E lá se vai meu humor, em queda livre.

— Pare de fazer cara feia para o bebê — Ren diz em torno de um pedaço de pão, quando ele se junta à mesa. Depois de limpar as migalhas de suas mãos, ele vem em minha direção.

— Vamos lá. É a minha vez.

— Tudo bem — eu suspiro, deixando-o levar Theo.

Viggo larga o livro tempo suficiente para olhar para Ren, que é o maior amante de bebês de todos os tempos.

Ren acaricia um dedo ao longo da bochecha de Theo e suspira melancolicamente.

— Ele é tão pequenininho.

— Algo pelo qual acho que Freya é muito grata — brinca Viggo, com os olhos voltados para o livro.

Ryder aparece em seguida, carregando seu cantil de água de aço inoxidável e um prato cheio de comida. Ele se senta ao lado de Ren e olha para Theo, sorrindo.

Eu olho ao redor. E percebo que meus medos foram confirmados.

— Viggo Frederik Bergman.

Viggo não tira os olhos do livro.



— Presente e contando.

— Você enviou o bat sinal, seu cuzão.

Ren suspira e coloca a mão em volta da orelha de Theo.

— Uma criança está presente. Cuidado com a língua.

Eu olho para Viggo.

— Eu disse que não queria falar sobre isso.

— Huh? — Ryder diz, apontando para sua orelha. Desde o primeiro ano da faculdade, quando contraiu meningite bacteriana, ele teve perda auditiva severa e moderada nos ouvidos esquerdo e direito, respectivamente. Enquanto seus aparelhos auditivos permitem que ele ouça muito mais, e nós aprendemos em família como nos comunicarmos de forma atenciosa e eficaz com ele, ainda não é incomum que Ryder nos peça para repetir.

Eu digo a ele:

— Eu estava dizendo que eu disse a Viggo que não quero falar sobre isso.

Ryder se inclina, parecendo confuso.

— Falar de quê?

— Sobre meu companheiro de equipe e vizinho chato, Gavin – oh, *merda*! — Deus, eu sou tão crédulo. Gemendo, eu me jogo meu assento e esfrego meu rosto.

— Oli. — Ryder estala a língua. — Desculpe, meu irmão. Você mergulgou de cabeça nisso.

Viggo sorri para ele.

— Eu me curvo à sua grandeza.

— Vocês são tão idiotas. — murmuro dentro de minhas mãos.

— Na verdade — Ren diz diplomaticamente —, eles estão apenas sendo engenhosos. Não temos muito tempo antes de seguirmos caminhos separados, e você claramente precisa de...

Eu gemo quando eles dizem em uníssono:

— Uma reunião da cúpula dos Irmãos Bergmans.



O QUINTAL ESTÁ silencioso, exceto por alguns pássaros cantando no limoeiro e os roncos rítmicos de Aiden.

Eu apenas contei a eles o que aconteceu no campo com Gavin, a essência do nosso confronto no vestiário e os detalhes do que a treinadora disse em seu escritório. Deixei de fora a parte em que nossas bocas estavam a milímetros de distância no vestiário *e* mais tarde, na cozinha dele, quando as coisas foram de mal a pior nessa frente.

Eu simplesmente não suporto admitir que quase beijei alguém que tem sido um idiota comigo.

Ren anda de um lado para o outro no quintal, balançando Theo, porque ele começou a se agitar e o movimento o mantém dormindo.

— Aquele filho da p... — Ele se detém enquanto olha para o bebê, então, gira para sua alternativa habitual de palavrões, juramentos shakespearianos: — Flor de cancro em fígado de pombo!

Ryder cruza os braços sobre o peito.

— Ele soa como um idiota.

— Concordo — Axel murmura.

— O dano que eu poderia fazer... — Viggo olha para a meia distância, usando a expressão familiar de um homem planejando uma travessura profunda e terrível.

Eu sorrio fracamente, animado por sua defesa sincera por mim.

— Ele não é a pessoa mais fácil de se brincar... ou de ser co-capitão. Mas vou descobrir como lidar com isso.

— Como? — Ryder pergunta honestamente. — Ele parece impossível.

— Sua treinadora não deveria tê-lo amarrado a esse ultimato – Ren diz, mantendo sua voz baixa para não acordar Theo. — Gavin é o único que estava cruzando os limites.

— Quero dizer, eu o empurrei primeiro.

— Depois que ele foi horrível com você por dois anos — Ryder aponta.



Ren concorda com a cabeça, um raro lampejo de raiva em seus olhos.

— A treinadora não deveria tolerar esse tipo de comportamento.

— Essa foi a primeira vez que ele me superou assim, no entanto. Geralmente o que ela vê é a minha rotina de matá-lo com bondade e a sua risadinha mal-humorada. Aos olhos dela, nosso antagonismo tem sido mútuo, ao invés de sua responsabilidade, o que... — Suspiro. — É meio justo. Ele definitivamente começou, mas eu fiz o meu melhor para deixá-lo tão infeliz, quando percebi que ele não gostava de mim. Ele nunca me humilhou na frente da equipe. Normalmente, ele joga limpo, me deixa em paz – basicamente me ignora –, mas é só que quando interagimos, cara a cara, ele é tão...

— Frio — diz Viggo, pensativo.

— Sim.

— Oli. — Ele se vira para mim. — Obviamente, por mais que gostaríamos, nenhum de nós pode pagar os honorários de um advogado por espancar esse cara que tratou você como lixo.

— Embora seja muito tentador — Ryder resmunga.

Axel assente.

Aiden ronca alto.

Ren levanta o pequeno punho de Theo, que saiu de seu embrulho, e imita um gancho de direita.

— Eu sei disso — digo a todos eles. — Eu aprecio o sentimento.

— Mas... — diz Viggo, os olhos se iluminando, quando ele coloca a mão no meu pescoço e aperta suavemente.

— Mas o quê?

— Você quer que a dinâmica mude — diz ele. — Certo?

Eu olho entre meus irmãos, sem ideia de onde isso vai dar.

— Sim — eu digo lentamente.



— E ser legal não mudou nada, mudou? Seu método de matá-lo com bondade é quase como se tivesse saído pela culatra.

Os olhos de Ryder se arregalam.

— Ah, merda.

— Ei. — Ren cobre a orelha de Theo novamente. — Olha a boca. Mas também, sim, Viggo. Você está absolutamente certo.

— Certo? O que foi? — Eu pisco para eles, confuso. — Do que você está falando?

— A lógica de Viggo — diz Axel — é que, se ser gentil não mudou a forma como ele te trata, talvez ser *rude* mude.

Viggo sorri para nosso irmão mais velho.

— Você leu aqueles inimigos para amantes que eu enviei, não é?

Axel funga, mexendo em um botão solto em sua camisa de flanela xadrez.

— Talvez eu tenha lido.

— Do que vocês estão *falando*? — Eu meio que grito.

— Shh! — eles me repreendem, gesticulando em direção a Theo, que grita com o meu barulho, então, se acomoda nos braços de Ren.

— Você se recusa a ler mais romances — diz Viggo. — Então, você não entenderia.

— Bem, então, isso é extremamente útil.

Viggo dá de ombros.

— Eu não sei o que te dizer. Todos os outros aqui viram a luz e seguiram meu caminho de brilhantismo na leitura de romances.

Axel revira os olhos.

— *Brilhantismo* é um pouco exagerado.

— Desculpe, sua vida é ou não é, sem dúvida, mais rica por causa dos livros que *eu* lhe dei para ler?

Axel resmunga baixinho e morde um pãozinho.



— Sem ofensa — digo a eles, olhando para minhas mãos. — Romances simplesmente não são para mim. Estou feliz por eles te fazerem feliz, mas...

Viggo se inclina, cotovelos nos joelhos.

— Mas o quê?

Eles são muito dolorosos, eu quase digo a ele. *Eles atingem muito perto do alvo, para o que eu sempre quis. Eles me fazem sentir e esperar por coisas que são muito assustadoras, muito arriscadas para tentar compartilhar com alguém novamente, apenas para que sejam arrancadas, apenas para serem usadas contra mim, para me fazer sentir as piores coisas que sinto sobre mim.*

— Eles não são uma boa opção para mim — digo a ele. — Eu tentei. Eu irei assistir uma comédia romântica na TV até porcos voarem, mas romances não são minha vibe.

— Explique isso para mim — diz Viggo. — Claramente você não é avesso à ideia de romance. Por que os filmes, mas não os livros?

— Eu... — Olhando para minhas mãos, eu suspiro. — Você sabe o quão Bryce me ferrou.

Meus irmãos são tranquilos, pacientes.

— Eu só... não descobri como posso tentar ter um relacionamento diferente, como ser mais cuidadoso, mais cauteloso. Esses romances, Viggo, são tão intensos. É como se eu estivesse lá, como se estivesse no meu coração, e é apenas... meio difícil não tê-lo e não saber se estou pronto para tê-lo.

Viggo acena com a cabeça, gentilmente acaricia minha coxa. E, pela primeira vez, ele fica quieto também.

— Filmes — digo a eles, ganhando força, como se uma represa dentro de mim tivesse estourado —, eles obviamente não são reais, sabe? É apenas entretenimento de bem-estar, atores interpretando papéis. Ele satisfaz o romântico em mim, mas me permite manter meus olhos bem abertos, me lembra que tudo isso é fingimento.



"Mas seus romances, eles sempre pareceram tão... reais. Eu não sei se é porque eu os imagino, suas vozes estão claras na minha cabeça, elas parecem... parte de mim. E antes de ter meu coração partido, eu costumava amá-los por isso. Mas desde então? Não sei, cara, dói ler isso, *sentir* que as pessoas se amam do jeito que eu sempre quis ser amado, só para chegar ao *fim* e perceber que acabou. Que minha vida não se parece com isso e honestamente não tenho certeza se quero, porque, merda, é assustador se apaixonar."

— Isso faz muito sentido, O — diz Viggo. — E você leva o tempo que precisar para decidir o que quer, para o que está pronto. Ninguém está te apressando aqui. Nós só queremos entender de onde você está vindo. Obrigado por nos contar.

Eu aceno, tomando uma respiração profunda e estabilizadora.

— Então, o que minha falta de leitura de romance tem a ver com meus problemas com Gavin?

Meus irmãos franzem a testa, trocando olhares inescrutáveis.

— O quê? — Eu pergunto.

Viggo olha para o céu enquanto o crepúsculo se aproxima e pinta o mundo com mau-humor, tingido de tangerina.

— Quero dizer, romances, embora focados em relacionamentos românticos, também gastam muito tempo escavando a interioridade dos personagens principais – suas feridas passadas, como elas conduzem seu comportamento e motivações atuais, o que alimenta sua dinâmica com seu interesse amoroso e o resto dos personagens. Eu ia simplesmente usar uma certa trope para ilustrar meu ponto de vista, mas falar com clareza serve. Eu sei que, quando você assinou com o Galaxy, você viu isso como... virar a página. Um novo começo. Uma nova tomada.

— Sim — eu digo a ele. — E?

Axel limpa a garganta.

— E às vezes nos preocupamos com você. — Ele olha para Ren.



— Você mudou, Ollie — Ren diz, quieto pelo bem de Theo. — Parte disso é bom, é claro – crescer, amadurecer.

— Mas você foi tão longe — acrescenta Ryder — que nos preocupamos de que você tenha enterrado uma parte fundamental de si mesmo.

— Que parte? — Eu pergunto cautelosamente.

— A criança selvagem — Viggo me diz. — O filhote de homem que ama travessuras.

— O garoto que faz brincadeiras implacáveis e brilhantes — diz Aiden, assustando-nos.

— Jesus! — Viggo sibila, a mão batendo no coração. — Quando você acordou?

Aiden se endireita, esfregando o rosto.

— Quando meu filho gritou. Estou programado para ouvi-lo, não importa o quão cansado eu esteja. — Gentilmente, ele pega Theo de Ren e o segura como uma bola de futebol em seus braços. — Eu vou dar a esse cara uma fralda limpa e deixar Freya cuidar dele.

Mas primeiro ele para, despenteando suavemente meu cabelo.

— Ollie, não importa o que aconteça, assim como você me disse anos atrás, você nos tem sempre. Nós te amamos, ok?

Eu engulo, emoção inesperada dando um nó na minha garganta.

— Ok.

— O ponto que estamos tentando chegar — diz Ren, juntando-se a nós novamente na mesa, enquanto Aiden desliza para dentro da casa com Theo —, é que talvez essa frustração que você está experimentando com Gavin seja tanto sobre *você* quanto sobre ele.

— Exatamente. — Viggo assente. — Ele não apenas está ficando sob sua pele, mas você também está levando isso de uma maneira que o Ollie que conhecemos nunca faria. Isso é obrigado a desgastar você.



— Então, o que eu devo fazer? Eu lhe disse, se a treinadora nos vir brigando ou de alguma forma em desacordo, ela nos demitirá como capitães.

— Oli. — Viggo balança a cabeça. — Escute a si mesmo. Claro, ela não pode *ver* vocês brigando. E ela não vai. Ela também não vai ver que você está se vingando dele.

Ryder se inclina, cotovelos sobre a mesa.

— Mas isso não significa que você *não vai* se vingar mesmo dele.

— Faça no estilo Bergman — diz Axel. — Furtivo como o inferno. Você é mais sorrateiro do que todos nós. Se alguém pode se vingar de um cara e colocá-lo em seu lugar parecendo um anjo, é você.

Eu balanço minha cabeça.

— Não posso.

— Você pode — diz Ryder. — Desabafe. Você não é alguém feito para aceitar besteira com um sorriso, Oliver. Dê o troco a ele. Coloque-o em linha reta.

Deus, eu adoraria. Mas eu não posso... posso?

Eu olho para Ren.

— Você entende. É diferente, as apostas são maiores, quando você está na frente de todas essas pessoas, quando você sabe que qualquer coisa que você faz pode acabar em algum tabloide.

— Eu sei — diz ele. — Então, seja doce e encantador com ele quando estiver na frente da treinadora, dos fãs, do time. Mas ele é seu *vizinho*. Quero dizer, é como se Deus o tivesse entregado a você em uma bandeja de prata para fazer o que quiser, O. Quando forem vocês dois, para de tentar consertar as coisas com alguém que não quer. Já tive que lidar com companheiros assim antes e, acredite, mantive a calma, mas tive que encontrar maneiras de desabafar para poder lidar com isso.

— Você teve?

Ren ri.



— Claro que sim. Não sou nenhum santo, Ollie. Claro, eu me comporto de uma certa maneira publicamente, e você continuará fazendo isso também. Mas em particular? Eu sou um bobão de boca alta com vocês, vocês sabem disso. Eu faço minha história com um saco de pancadas praticamente todos os dias. Eu sou nerd, ajo como um esquisito com meu clube de Shakespeare; tomo mais do que algumas cervejas na varanda com Frankie algumas noites até que estejamos rindo como tolos. Você tem que desabafar às vezes. Você tem que se deixar ser um pouco ruim, quando passa tanto tempo sendo tão bom. Ninguém espera que você seja perfeito.

— Exceto... *você* — Ryder diz suavemente.

Essas palavras são como um cadeado que abre algo dentro de mim. Algo que foi retido por anos. Minha garganta parece grossa. Minha visão turva com lágrimas que ameaçam transbordar.

— Ollie. — Viggo coloca a mão nas minhas costas. — Você não pode fazer isso consigo mesmo. E é por isso que você tem que começar a fazer as coisas de forma diferente. Inferno, esse cara Gavin pode ser exatamente o que você precisava.

Eu rio vazio, olhando para minhas mãos, que estão tão atadas que meus dedos estão brancos.

— Para quê? Para me tirar do fundo do poço?

— Não. — Ele se inclina, usando um sorriso conspiratório familiar, que eu conheço muito bem. — Para lembrá-lo exatamente de quem você é.

— O que isso significa?

Viggo lança um olhar malicioso para nossos irmãos, depois se volta para mim.

— Significa que você, meu querido Oliver, está muito atrasado para fazer alguma travessura.



7

GAVIN

Música da Playlist: "Personal Jesus", Johnny Cash

— A QUALQUER MOMENTO QUE você quiser me dizer por que estou realmente aqui, sou todo ouvidos — diz Mitch, olhando para as estrelas da minha varanda dos fundos. — Eu não estou ficando mais jovem, sentado, esperando.

Eu suspiro antes de tomar um gole de seltzer.

— Um homem não pode ter pena de seu vizinho que não se alimenta adequadamente e o alimentar com uma refeição caseira?

Mitch me lança um olhar fulminante.

— Tenho setenta e oito. Qualquer dano que eu causei, viver uma vida boa, beber, fumar, comer comidas deliciosas com alto teor de colesterol, está feito. Deixe-me comer minhas cozinhas enxutas em paz.

— Elas são puro sódio. Elas são um ataque cardíaco embrulhado em plástico.

— Você é pior do que minha esposa era! — ele diz, fazendo o sinal da cruz e mandando um beijo para as estrelas. — Sinto sua falta, querida.

— Você está aqui, porque não conseguiu dizer não à minha piccata de frango.

Mitch zomba.

— Certo. Ok.

Meu peito aperta. Está pior hoje, o peso esmagador caindo sobre mim, se expandindo dentro de mim, a ponto de eu sentir que mal consigo respirar.

— Eu estou fodidamente enlouquecendo — eu deixo escapar.

Mitch olha na minha direção, uma sobrancelha branca prateada arqueada. Ele move sua cadeira até que ela fique de frente para mim. Decido inspecionar o interior do meu copo de seltzer.

— Vá em frente — diz ele.



Limpando a garganta, faço uma inspeção nas estrelas em seguida. Assim como eu os deixei da última vez.

— O cara que eu estava... Na outra noite, o cara com quem eu estava frustrado, com quem eu tive que me juntar....

Mitch está quieto, esperando por mim.

— A treinadora nos fez co-capitães *e* disse que temos que nos dar bem.

— E? — ele diz depois de uma batida.

— Eu não posso — eu murmuro. — Eu não posso ser amigo dele.

— Por que não?

Porque um momento, aquela voz perturbadoramente honesta dentro de mim diz, *com minha guarda baixa, eu quase bati minha boca na dele, para calá-lo, para limpar o olhar ferido e aflito de seu rosto e substituí-lo por prazer.*

— Porque ele é intolerável.

Mitch revira os olhos.

— Deixe-me adivinhar. Ele é feliz. E de boa aparência. E gentil.

Eu olho para ele.

— Se ele fosse, isso seria irrelevante. Vendo como trabalhamos juntos. E nós somos companheiros de equipe. E ele é *dez anos* mais novo que eu.

— E você gosta dele. E isso assustou a merda fora de você. Então, você tem sido duro com ele.

— Ele é fodidamente irritante! Ele assobia como um maldito personagem da Disney. Ele sorri o tempo *todo*. Ele é irritantemente otimista. Ser duro com ele é tudo o que *posso* fazer.

— Não é verdade. Você pode se desculpar.

Eu puxo meu cabelo.

— Porra, Mitchell. Não é tão simples assim.

— Sim, é — diz Mitch enquanto corta uma de suas tosses molhadas de ex-fumante. — Você está tão acostumado a complicar as coisas, Gav.

— Que diabos isso significa?



— Isso significa que você está sozinho, mas você não vai deixar ninguém se aproximar. Você é infeliz, mas não abre os braços para a felicidade. Você está assustado...

— Eu não estou assustado.

—... e você não vai deixar ninguém te confortar ou te ajudar a descobrir como vai ficar tudo bem.

Porque não vai ficar.

Eu engulo grosseiramente.

— Um pouco duro, Mitchell.

Ele dá de ombros.

— Estou velho demais para enrolar. Agora, ouça aqui. Eu não sei muito sobre você além do que você me deixa ver. Eu sei que seus pais nunca aparecem. Eu sei que você deixou uma vida inteira na Inglaterra – amizades, um lar, talvez um relacionamento – que você construiu por mais de uma década. Eu sei que você está sofrendo de várias maneiras, e você odeia que as pessoas vejam isso. Então, você rosna e rosna e levanta suas grandes paredes frias para evitar que eles se aproximem demais, que vejam as rachaduras em sua armadura.

Minha garganta engrossa.

— Mas eu tenho novidades para você, Gav. — Mitch coloca as mãos cruzadas na barriga, a aliança de casamento que ele nunca tirou brilhando ao luar. — E eu odeio soar como um comercial da Hallmark, mas *são* das rachaduras que a luz brilha. Você pode negar até ficar sem fôlego, mas todo mundo quer ser amado de alguma forma, de algum jeito, por seu pouco de luz distorcida e irregular, por aquelas rachaduras que moldaram quem eles são – não apenas por sua alegria, mas por sua dor. Todo mundo quer ser visto. — Ele faz uma pausa, alisando o bigode. — Algumas pessoas são muito boas em negar isso a si mesmas. E você é um especialista.

Eu pisco para ele enquanto o silêncio se estende entre nós. A porta do carro bate, um cachorro late. Lá dentro, meu gato,



Wilde, mia sobre alguma coisa, depois cai no chão de sua cama na janela.

— Então — diz Mitch, sustentando meu olhar. — Quando você terminar de viver em negação, estou aqui para ouvir. Ou melhor ainda — Ele projeta o queixo na direção por cima do meu ombro. — Fale com aquele copo de água alto e novo que mora ao lado.

Eu tremo como se tivesse sido eletrificado, a cabeça chicoteando tão rápido, um músculo estoura no meu pescoço e queima.

— Porra — eu assobio, batendo uma mão sobre ele.

Lá está ele, Oliver Bergman, cabelo de trigo ao pôr-do-sol caindo em seu rosto, apenas o suficiente para enfiá-lo atrás das orelhas, franzindo a testa para a fechadura da porta dos fundos. O holofote transforma as pontas de seus cílios em pequenas estrelas brilhantes, banha sua cabeça em uma aura de luz.

Quão apropriado. Lá está ele, angelical, inteiro, deslumbrante na luz. Enquanto eu me sento na escuridão, quebrado, com cicatrizes.

— Bem, provavelmente, é hora de eu pegar a estrada — Mitch diz em voz alta. Tão alto, Oliver olha em nossa direção.

— Eu vou matar você — eu rosno.

— Eu gostaria de ver você tentar. — Ele flexiona um bíceps tatuado na Marinha enquanto se levanta e dá um tapinha nele, então, diz a Oliver: — Boa noite!

Oliver olha entre nós, franzindo o cenho confuso antes de sua expressão suavizar e aquele sorriso familiar e cintilante aquecer seu rosto.

— Boa noite! — Ele acena de volta.

— Mitchell O'Connor, ao seu dispor — diz Mitch, atravessando o pátio.

Oh, Deus. É uma batida de trem. Eu não posso pará-lo. Não consigo parar de assistir. Meus mundos estão prestes a colidir.



Até agora, consegui evitar apresentar os caras do pôquer ao Oliver, também evitar conhecer alguém que seja importante para ele. É bastante simples, já que sempre fingi que Oliver não é meu vizinho.

Quando os caras vêm para o pôquer, eu os apresso para dentro como se fosse um bar clandestino, desesperado para que eles não o vejam, com certeza eles saberão que há algum tipo de conexão, principalmente uma que eu me ressinto profundamente. E sempre que o pequeno quintal de Oliver, um espelho meu, está cheio de pessoas rindo, gritando – os sons da família, o cheiro de comida caseira e de pertencimento a um lugar flutuando em minha direção – eu fecho minhas janelas, abaixo as persianas e aumento a música até que seja abafado.

Era apenas uma questão de tempo até que essas táticas de evasão falhassem. Eu deveria estar preparado. Eu não estava.

— Oliver Bergman — ele está dizendo, enquanto Mitch aperta sua mão. — Prazer em conhecê-lo.

Eu jogo de volta o resto do meu seltzer, desejando que fosse algo mais forte.

— Ollie — Mitch diz, acariciando sua mão —, é um prazer conhecê-lo. Gavin disse grandes coisas.

A água com gás corre pela minha traqueia, fazendo-me tossir.

Oliver lhe dá um sorriso divertido.

— Duvido muito disso.

— Está brincando? — Mitch coloca a mão no braço de Oliver e olha para mim. — Disse que você é uma verdadeira estrela em ascensão com quem ele tem a honra de dividir o campo, não é mesmo, Gav?

Meus olhos estão lacrimejando, quando eu bato no meu peito, mas ainda consigo encarar Mitchell com um olhar assassino.

Oliver não acredita nisso, e não deveria. Nossos olhos se encontram, e os cabelos da minha nuca se arrepiam. Algo



está diferente. Aquele sorriso irritantemente otimista, aquele otimismo obstinado escorrendo de seus poros, foi-se. Em seu lugar, está um fogo de chama azul em seus olhos, postura despreocupada, uma borda sinistra em seu sorriso.

Aquele filho da puta está sorrindo para mim?

Mitchell limpa a garganta, tirando-me dos meus pensamentos.

— Bem, é melhor eu ir.

— Eu vou te levar. — Eu me levanto da minha cadeira tão rápido que ela caí para trás.

Mitch olha da cadeira para mim e levanta as sobrancelhas.

— Não, você não vai.

— Sim, Mitchell — eu digo entre os dentes cerrados. — Eu vou.

Uma buzina soa na frente. Mitch sorri.

— Não, você não vai. Eu tenho planos. E minha carona está aqui.

— Planos! — Eu berro, indignado. — O que foi jantar comigo, então?

— Ah. — Acenando com a mão, Mitch começa a caminhar em direção à frente da minha casa, onde os caras do pôquer estão empilhados no Chevy '55 de Lou. — Você não quer passar a noite toda com um bando de velhos embriagados.

Exceto Jim, pelo menos, que buzina e grita pela janela do passageiro da frente:

— Apresse-se, seu velho lerdo! Eu tenho uma Shirley Temple chamando meu nome!

— Ollie — diz Mitch, dando-lhe uma piscadela. — Ótimo conhecê-lo. Não seja um estranho, ok?

— Você também — Oliver diz com um sorriso.

Jorge acena do banco de trás. Eu lhe mando um dedo.

— Imbecis — Eu grito.



Eu recebo um monte de xingamento por isso. Oliver morde o lábio, com as mãos nos bolsos enquanto os observa sair. Eu me viro e nossos olhares colidem.

— Quem são eles? — ele pergunta, projetando o queixo em direção ao Chevy de Lou, quando ele faz a curva e desaparece. — Eles parecem divertidos.

Enfio as mãos nos bolsos.

— Eu jogo pôquer com eles.

Sua testa franze.

— Você joga pôquer com um bando de vovôs?

— Eles são vovôs rabugentos — eu resmungo defensivamente.

Ele sorri novamente – aquele maldito sorriso!

— O quê? — Eu estalo.

Oliver dá de ombros.

— Só não imaginei você como um jogador de pôquer. Ou do tipo divertido que sai com cidadãos idosos. Então, novamente, eu não posso dizer o que eu imagino *você* sendo, além de miserável.

Minhas sobrancelhas disparam.

— Algo... *rude* acabou de sair da sua boca?

— É rude se for a verdade?

Uma risada surpresa explode em mim, profunda e enferrujada. Não me lembro da última vez que ri.

— Uau. Ok.

Oliver se inclina contra sua casa, de braços cruzados sobre o peito.

— Só porque eu não *disse* isso, não significa que eu não tenha pensado nisso, Hayes.

Bem, bem-vindo a esse clube. Eu limpo minha garganta e olho para meus sapatos.

— Justo.

Há um silêncio denso entre nós. Eu o vejo inalar profundamente, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Mas ele não fala.

E ele não deveria.



Porque *eu* deveria. Sou eu que lhe devo um pedido de desculpas. Uma explicação. Eu sei isso. Eu sou um idiota às vezes, mas não sou nenhum tolo. Uma coisa tem sido criar distância, ser indiferente, exigente, conciso – usar minha velhice como uma desculpa para manter todos à distância. Mas eu sei que isso escapou de mim. Eu levei muito longe no campo outro dia e na minha casa. Eu o ataquei. Perdi o controle, bati, falei como um idiota arrogante. E eu não deveria. Eu deveria ter mantido a calma.

Em vez disso, a voz de advertência dentro de mim sussurra, *você explodiu em chamas e chegou tão fodidamente perto de prendê-lo contra a parede e beijá-lo até que nenhum de vocês se lembrasse de seus próprios nomes.*

— Bergman, eu... — Minha voz falha. Eu limpo minha garganta. — Percebo que fui... um pouco arrogante outro dia.

Fica um silêncio, exceto pelo rugido fraco do Pacífico a alguns quarteirões de distância, um pássaro desgarrado cantando sua canção noturna. Lentamente, Oliver empurra a lateral de sua casa e sai de sua sombra. À luz da lua, seus olhos são assustadoramente pálidos, os planos nítidos de seu rosto mais nítidos enquanto projetam sombras em sua pele.

— "Um pouco"? — ele diz.

Eu cerro os dentes.

— Sim, *um pouco*. No entanto, em poucas palavras, eu quis dizer o que eu disse. Não estamos ficando íntimos, mas vou manter meu temperamento sob controle com você. Eu tenho feito nos últimos dois dias, não tenho?

— Você tem estado bem, eu acho. — Ele dá mais um passo. Então, outro. Um pé está entre nós, espelhos um do outro. Mãos nos bolsos, olhares travados. — Então, é isso que vamos ser... civis.

— Sim.

— E é isso.

— Sim — sai como um rangido.

Ele inclina a cabeça, me examinando.

— Por quê?



Essa é a pergunta que eu não posso responder. Que eu *não vou*.

Eu não estou dizendo a ele que eu já cansei de aprender o quão pouco eu significava para as pessoas além do que eu posso fazer com uma bola nos meus pés e o mundo que isso pode me comprar. Eu não estou dizendo a ele que em breve serei um ex-atleta sempre com dores, e ele estará onde eu já estive, o mundo antes dele, e não posso deixar mais uma pessoa, muito menos alguém que tem tudo o que estou prestes a perder, decida que não valho muito, certamente não vale a pena se manter por perto quando sua vida e carreira estão subindo na estratosfera enquanto a minha falha e queima.

— Eu não tenho amigos aqui — eu finalmente digo a ele.

— Exceto os vovôs do pôquer.

— Eles se forçaram na minha vida. E "amigos" é um termo generoso. Eu os suporto. Isso é tudo que eu faço com qualquer um aqui e foi o que eu quis dizer quando eu disse isso para você — eu minto. — Mesmo se eu dissesse... um pouco... duramente.

— Mas você quis dizer isso — diz ele. — Você nunca será meu amigo.

Eu olho para ele, sabendo até os meus ossos, que isso é impossível.

— Não. Não serei amigo.

Meu intestino torce. Eu não gosto de machucar as pessoas, acredite ou não. Acabei de aceitar que muitos pequenos cortes são melhores que uma grande ferida aberta. Para evitar danos muito piores no caminho, essas punições breves e agudas são necessárias.

Eu me preparo para aquela expressão aflita novamente, como no vestiário, aquela que me cortou direto como uma faca no estômago. Mas não vem.

— Você conseguiu — diz ele, olhando para baixo, pisando na grama.

Eu pisco, surpreso.



— Eu o quê?

Ele olha para cima, e lá está – o fogo em seus olhos, aquele sorriso diabólico enquanto ele retrocede em direção a sua casa.

— Nos dias de treino, você leva uma muda de roupa, certo?

Meus olhos se estreitam.

— Sim. Por quê?

Oliver desliza para as sombras de sua casa, sua expressão escondida quando ele diz:

— Só me perguntando. Boa noite, Sr. Hayes.

SÓ ME PERGUNTANDO, MINHA BUNDA.

Fervendo, eu entro no vestiário na manhã seguinte, com confete de arco-íris grudado no meu cabelo.

E roupas.

E pele.

E outros lugares que não vou citar.

Vou matar Oliver Bergman.

Santi, cujo cubículo fica ao lado do meu e cuja disposição ensolarada dá a Oliver dificuldades, vira-se para dizer seu habitual bom dia, mas fica sem fôlego.

— *Buenos días*, Santiago. — Eu deixo cair minha bolsa, fazendo toda a sala se assustar. Eles me encaram com cautela.

Santi engole, seu olhar correndo nervosamente sobre mim.

— *Capitán*. O que aconteceu com seu cabelo? E roupas? E...

— Meu corpo inteiro, porra? — Eu arranco minha camisa brilhante, enviando uma nuvem de confete de arco-íris explodindo no ar acima.

Santi salta para trás para evitá-lo.

— Uh... sim?



Oliver entra, assobiando alegremente, bolsa em seu ombro, a metade superior de seu cabelo puxado para trás em uma mecha irritante de cabelo dourado que o faz parecer enganosamente inocente.

Seus olhos dançam sobre mim. Ele morde o lábio. Forte. Um coquetel de enfurecedora raiva e consciência indesejável de sangue quente se espalha por mim, lembrando-me daquela boca que cheguei tão perto de provar, aquelas respirações rápidas e afiadas, enquanto nossos corpos se aproximavam. *Muito* perto.

Fumegando, eu fico lá e tiro o glitter do meu peito. Oliver desvia o olhar enquanto limpa a garganta, indo para seu cubículo.

— Bem, Santiago, vou lhe dizer o que sei. — Indo em direção às pias, corro minha cabeça sob a água, depois meu rosto, enxaguando o máximo de glitter que consigo. — Estava cuidando da minha vida esta manhã, abri a porta do carro, sentei-me e, quando o sol bateu bem nos meus olhos, baixei o visor. — Eu cortei um olhar fervente para Oliver, que começou a se trocar, de costas para mim. — Imagine minha surpresa quando uma bomba de confete brilhante batizou a porra do meu carro.

— *Ay, Dios mío*. — Santi se encolhe. O resto da equipe faz sons de simpatia.

— Droga, Capitão. — Ben faz uma careta. — Isso foi uma brincadeira desagradável.

— As crianças hoje em dia — diz Amobi, cansado. — Elas não têm vergonha.

Carlos concorda com a cabeça.

— Pelo menos elas não...

— Colocaram na saída de ar também? — Eu ofereço. — Ah, eles fizeram. — Eu olho para as costas de Oliver. — Eu tenho confete na porra dos meus seios nasais.

Oliver tosse, então, limpa a garganta. Ele se vira, sem camisa, a pele brilhando, sua camisa enrolada em uma mão.



— Droga, Hayes, isso é difícil. Independentemente do quão péssimo seja o que você está passando, eu com certeza gostaria de me aliar com eles, se é disso que eles são capazes. — Passando, ele abaixa a voz e diz: — Especialmente quando eles estão apenas começando.



8

OLIVER

Música da Playlist: "It Ain't Easy", Delta Spirit

BEM. Parece que subestimei Gavin Hayes. Quem sabia que ele tinha isso dentro dele?

— Oliver — Santi diz enquanto se aproxima de mim no aeroporto. — *Tu pelo*[5]. Como você consegue deixar tão... macio?

Gavin está à nossa frente, olhos para baixo em seu telefone, inexpressivo como sempre, uma estátua chamada *Inocente Desinteresse.*

Mesmo que ele seja *tudo,* menos isso.

Silenciosamente, desejo a ele um rápido e violento caso de diarreia no momento em que embarcamos no avião, depois me viro para encarar Santiago.

— Nada como um tratamento de hidratação profunda, Santi. Faz maravilhas por isso.

Santi pega meu cabelo e para.

— Posso tocar?

— Fique à vontade.

Ele desliza a mão pelo meu cabelo, que, depois de cinco lavagens caseiras na noite passada, está apenas começando a parecer que não está coberto de manteiga. Depois que percebi que Gavin – e sem dúvida foi Gavin – trocou o condicionador e o shampoo nos dispensers do meu chuveiro favorito na instalação – tentei não pensar em como ele *sabia* qual era o meu favorito –, minha cabeça parecia que havia sido mergulhada em uma tigela de óleo.

Um movimento tão sujo. Então, novamente, eu tinha bifurcado o quintal dele na noite anterior e coberto a maçaneta da porta com manteiga de amendoim que parecia muito cocô depois que eu adicionei um pouco de cacau em pó e corante vermelho, então, eu deveria ter previsto.

[5] Seu cabelo, em tradução do espanhol para o português.



Ele parecia muito rabugento para ser o tipo que brincava retaliando.

— Uau — diz Santi com admiração, acariciando meu cabelo um pouco mais. André se junta a ele. Então, Ben.

— Oi — Gavin estala. Todos olham para ele, abaixando as mãos como crianças pegas com as mãos no pote de biscoitos. — Estamos em um aeroporto, não em um zoológico.

Eu dou de ombros.

— Estamos modelando uma saída saudável da masculinidade tóxica, vocês não acham, caras?

Suas cabeças balançam na minha direção.

A mandíbula de Gavin aperta, seu olho esquerdo se contraindo enquanto ele olha de volta para o telefone. Ele pode não estar olhando diretamente para mim, mas está prestando atenção. Eu dou meu sorriso mais largo e doce.

— Homens — eu digo, alto o suficiente para ele ouvir a poucos metros de distância — que são ensinados a tocar uns nos outros sem aspereza por razões consideradas socialmente aceitáveis, como um esporte de contato, tem um sinal de fraqueza ou um sinal de ter *sentimentos* um pelo outro, o que o patriarcado heteronormativo proíbe.

— Ah, sim — Gavin fala lentamente, os olhos ainda em seu telefone. — Se alguém precisa de uma palestra sobre a inerência da homofobia em construções patriarcais, esportes profissionais e uma cultura mais ampla, sou eu.

— Não é uma palestra. Apenas dizendo, algumas fotos na internet dos caras tocando meu cabelo seria o fim do mundo? Seria até... uma coisa boa?

Lentamente, Gavin olha para cima de seu telefone, os olhos procurando os meus.

— Falou bonito — murmura Carlo. — Ollie, você deveria escrever um livro. Você fala de forma tão... inspiradora.

— Nah. Mas isso é legal da sua parte, Carlo.

Ben pisca, fungando.

— Cara, isso realmente mexeu comigo.



Amobi dá um tapinha nas costas dele para tranquilizá-lo. Ben se vira, jogando um braço em volta dele e diz:

— Eu te amo, cara.

— Eu também te amo, mas saia. — Amobi o empurra, sorrindo. — Só porque estamos desconstruindo nosso patriarcado implantado não significa que eu goste de abraços não solicitados.

AO CONTRÁRIO DE MUITAS outras equipes esportivas profissionais, a MLS, até o ano passado, voava com suas equipes quase exclusivamente na parte executiva. Este ano, depois de basicamente uma década de idas e vindas com os poderes constituídos, garantimos pelo menos oito voos fretados, e a viagem pelo país para nosso primeiro jogo de pré-temporada contra a Nova Inglaterra foi considerada um candidato sólido.

Então, em vez de embarcar em um velho Boeing 747 normal junto com todos e sua avó, estamos entrando em um avião particular. Nada de bebês chorões ou gargalos desajeitados para tirar fotos nossas. Nenhuma perna espremida em um assento cuja fileira não foi feita para acomodar minha estatura de 1,80 m. Sem escalas com duração de horas a fio.

Eu deveria estar em êxtase.

Em vez disso, meu peito está apertado em um torno invisível chamado *ansiedade desencadeada por novos ambientes* junto com *medo geral de voar.*

— Bergman. Hayes. — A treinadora aponta para o par de assentos de couro largos que compõem a primeira fila do avião. — Assentos de honra. — Ela levanta as sobrancelhas, sua expressão alta e clara: *estou observando vocês. Se comportem.*

Sem esperar que respondamos, ela passa por nós e se junta a Jas na próxima fila, que já está puxando seus fones de ouvido para silenciar o barulho da equipe.



Gavin exala uma respiração lenta e medida, vira-se e abre o primeiro compartimento, em seguida, joga sua bolsa lá antes de descer para seu assento. Eu sigo o exemplo, levantando minha bolsa para guardá-la no compartimento superior, mas minhas mãos estão tão trêmulas que eu a deixo cair.

A bolsa cai bem no joelho de Gavin. O que parece incomodá-lo mais.

— Porra — ele rosna baixinho. Ele olha para cima, olhos escuros de café raivosos fixando os meus.

— Desculpe. — Minha voz sai rouca e tensa, mas é o melhor que posso fazer. Limpando a garganta, pego minha bolsa. Meu coração bate em meus ouvidos. Eu sou uma bagunça desajeitada, mas consigo colocar minha bolsa no compartimento de cima e fechá-la antes de cair mais ou menos no meu assento.

Não quero nada além de colocar meus fones de ouvido e sintonizar o voo com minha playlist favorita de Best of Broadway que sempre escuto, mas percebo que meus fones de ouvido ainda estão na minha bolsa, e acho que, se tentar me levantar e voltar para minha bolsa, eu poderia desmaiar antes mesmo de chegar lá.

Gavin inclina um olhar para mim, testa franzida.

— O que você tem?

— Estou bem — murmuro, concentrando-me na respiração. Ou tentando.

Meu coração é uma caixa no meu peito, sua batida frenética reverberando pelo meu corpo. Fecho os olhos, aperto as mãos sobre o estômago e me concentro em sentir minha respiração. Estendendo as pernas, faço tudo o que posso para me deleitar com o raro prazer de poder esticá-las completamente, em vez de voar com os joelhos apoiados no assento à minha frente.

Vagamente, sobre o rugido do sangue em meus ouvidos, o baque rápido do meu coração, ouço a aeromoça-chefe



explicar a segurança do voo, o capitão vem pelo interfone e nos diz que estamos em um voo tranquilo através do país.

— Bergman — diz Gavin. — O que está acontecendo?

— Não posso. — É tudo o que consigo, balançando a cabeça. Estou muito focado em fazer tudo o que sei para lidar com minha crescente ansiedade.

Eu respiro pelo nariz quando o avião começa a rolar para a frente e vira para a pista, enquanto os motores começam a rugir. O avião ganha velocidade. O impulso me prende contra o assento, exacerbando a sensação de compressão no meu peito.

Minha ansiedade é um enigma tão frustrante. Ela diminui por trechos, nina-me em uma sensação de calma. Dias se passarão em que eu sinta que finalmente tenho a melhor medicação, o equilíbrio certo entre rotina reconfortante e variedade e excitação para melhorar o humor, e então isso acontece – eu acordo, meu peito apertado, minha respiração curta, meu totalmente estômago embrulhado que eu mal posso comer, por causa de algo que, apenas alguns dias atrás, eu senti que seria completamente administrável.

Agarrando a borda do meu assento, eu afundo meus dedos no couro fresco e amanteigado e imploro à sensação sufocante de pavor apertando minha garganta, rasgando e me cercando como um tornado, para liberar seu aperto.

— Oliver. — A voz de Gavin corta o caos como uma faca quente na manteiga.

E agora estou derretendo.

O meu nome. Ele nunca disse meu nome. Muito menos assim – como se a escuridão me engolindo fosse um véu imaterial que sua voz havia tornado, um fio de fumaça clareado com um som áspero: *Oliver.*

Estou à beira de um ataque de pânico completo. Eu reconheço isso agora, rastejando na borda e então...

Uma mão. *Sua* mão. Quente, áspera, pesada. Ele se instala sobre a minha. O ar sai de mim antes que eu o sugue, gaguejando como se eu tivesse emergido por muito tempo



debaixo d'água, como se meus pulmões estivessem prestes a explodir.

— Você está bem — diz ele. Sua mão é tão pesada. Tão forte. Envolvido ao redor da minha, apertando-a com força. — Você está seguro.

Estou muito desesperado pela tábua de salvação para tentar entender quem a jogou, a última pessoa que eu esperava que me desse bondade, muito menos conforto. Eu giro minha mão e agarro a dele, porque ainda estou lá na borda, o pânico assobiando ao meu redor como um vento violento que está prestes a me lançar em uma queda livre aterrorizante.

Por longos momentos, enquanto o avião sobe no céu, eu conto minhas respirações, aterradas pela mão de Gavin segurando a minha com tanta força que sinto meu pulso na palma da mão. Um pulso que está diminuindo, estabilizando-se.

Minhas respirações ficam mais fáceis, oxigênio inundando meu sistema, trazendo-me de volta ao meu corpo.

— D–desculpe — eu murmuro.

Ele aperta mais forte, seu polegar deslizando pelas costas da minha mão. Algo se quebra dentro do meu coração e se espalha pelos meus membros.

— Você deveria se desculpar — ele diz, sua voz baixa e calma — por bombardear meu carro com purpurina. Por bifurcar meu quintal e enfiar manteiga de amendoim com que parecia merda na minha maçaneta, mas não por isso.

Minha boca se inclina em um sorriso fraco. Mas não dura. Eu estou tão cansado. Fico sempre cansado depois que isso acontece. E dormi muito mal ontem à noite, porque estava nervoso. Sobre o jogo. Sobre o voo.

Sobre ele.

Quando o avião finalmente nivela, as faixas da minha ansiedade começam a se soltar ao redor das minhas costelas. E quando o sono me envolve, pesado, pacífico, ainda sinto...



A mão dele. Calorosa. Forte. Segurando a minha.

TENHO a sensação de que Viggo teria algo a dizer sobre isso.

Eu estou dentro do nosso quarto de hotel.

O quarto de hotel *meu* e do Gavin.

E há apenas uma cama.

Algo me incomoda na parte de trás do meu cérebro. Faz anos que não leio um romance, quando estávamos no ensino médio, quando Viggo os deixou na casa de mamãe e papai e eu os pegava assim que ele terminava. Em um desses romances, lembro-me de ter havido alguma situação como essa. Um casal em desacordo, recém-casados, mas estritamente por conveniência, parando sua viagem de carruagem para dormir em uma pousada, apenas para perceber que havia somente um quarto para eles e com apenas uma cama.

Que eles teriam que compartilhar.

E então compartilhar uma cama levou a compartilhar muito *mais*.

O que definitivamente não vai acontecer. Especialmente porque minha pele ainda está quente, minha palma formigando com a memória da mão de Gavin em volta da minha.

O. Voo. Inteiro.

Quando acordei com um solavanco quando pousamos, Gavin lentamente soltou minha mão, em seguida, usou-a para envolver seus fones de ouvido velhos em torno de seu telefone como se não fosse nada. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Então, desde então, eu não disse e não fiz nada além de me mover como um zumbi, seguindo os movimentos. Desembarcando, entrando no ônibus, olhando pela janela enquanto íamos para o nosso hotel, depois aceitando minha chave. Andando de elevador com Gavin.

Andando pelo corredor com Gavin.



Parando do lado de fora do mesmo quarto que Gavin.

— Puta merda — ele resmunga, jogando sua bolsa de lado e indo para o banheiro.

Que só tem um chuveiro.

Não que eu esteja pensando em dividir um banho com Gavin Hayes como se estivesse dividindo uma cama.

— Eu fico com lado da janela — eu digo às suas costas, tentando desarmar a enorme tensão na sala.

Ele levanta a mão e um dedo médio longo e grosso, antes de desaparecer no banheiro com um *baque* da porta.

— Aconchegante e fofinho como sempre — murmuro, atravessando a sala e colocando minha bolsa na cômoda. Afasto as cortinas e olho ao redor, tentando me distrair com a vista da cidade de Foxborough e do Gillette estádio, mas é inútil.

Não consigo me livrar do que aconteceu no avião.

Pior: eu não quero.



9

GAVIN

Música da Playlist: "Come a Little Closer", Cage The Elephant

HÁ MUITA COISA na minha vida que parece um rebaixamento desde que assinei com um time da MLS. Isso provavelmente soa arrogante e mimado, e talvez seja, mas, depois de jogar por alguns dos times mais ricos e prestigiados do futebol europeu – não o americano, é claro – foi um ajuste. Pelo menos foi, a princípio. Já me acostumei depois de dois anos: dividir voos comerciais com passageiros, dividir estádios com outras equipes profissionais locais, dividir quartos de hotel.

Não dividir uma cama.

Escondido no banheiro, pego meu telefone. *Isto é excepcionalmente pouco profissional, Alexis.*

Três pontos aparecem. Então Lexi, a treinadora, responde, o que faz meu telefone tocar baixinho. *Não que eu concorde com a sua afirmação de que fazer co-capitães dividir um quarto *é* pouco profissional, mas quem disse que fiz de vocês dois colegas de quarto?*

Não apenas colegas de quarto, eu escrevo*. Há apenas uma. Porra. De. Cama.*

Ops, ela responde na mensagem de texto*. Espero que Bergman não monopolize o colchão.*

— Jesus Cristo. — Eu deixo meu telefone no balcão, espalhando as palmas das mãos sobre a superfície fria de quartzo. Com um olhar para cima, eu travo os olhos no meu reflexo. Olhos escuros. Manchas mais escuras abaixo deles. Eu pareço exausto. Porque eu estou.

De tantas maneiras.

Não consigo parar de repetir o que aconteceu no avião tal que não consigo parar a dor no meu peito que bate no ritmo do meu coração.

Ou talvez *seja* meu coração.



Isso dói para caralho. É uma dor irritante e incômoda que quer que eu faça algo tolo como segurar Oliver, apertá-lo no meu peito e fazê-lo me dizer de onde diabos isso veio e como diabos eu posso fazer isso nunca acontecer novamente.

O que é... um problema.

É por isso que eu mantive minha distância. *É* por isso que eu evitei a proximidade.

Porque eu sabia que seria assim. No momento em que eu o deixasse atravessar aquelas paredes de gelo que construí ao meu redor, eu derreteria mais rápido do que uma casquinha de sorvete caída em uma calçada de Los Angeles em julho.

E eu não posso fazer isso. Exceto que eu não consigo me conter.

— Droga. — Agarro o balcão com mais força, depois me afasto, esfregando o rosto. Com um movimento da maçaneta, eu dou a descarga para fazer parecer que eu estava fazendo o meu negócio em vez de perder a porra da minha mente em nosso banheiro. Então, abro a torneira, coloco água fria e jogo no rosto.

Certo. Eu consigo.

Olho para o meu reflexo.

— Você consegue.

Meu reflexo não parece convencido. É por isso que me afasto e abro a porta.

Oliver se inclina contra o parapeito da janela, prendendo a cortina entre seu ombro e a parede. Ele olha para a vista, que, daqui, eu posso ver que inclui o estádio. Quando ele me sente, ele olha por cima do ombro, aqueles olhos claros e brilhantes encontrando os meus.

Por um momento que dura uma eternidade, ele não diz nada. Nem eu. O mundo não é nada além do calor da luz do sol se derramando em seu rosto, lançando um lado em uma sombra nítida. O leve zumbido do ar forçado das aberturas, os sons distantes dos convidados fechando as portas, as



rodas das malas esmagando o tapete macio, o ding de um elevador.

Eu bebo no momento, como um copo magnificamente alto de água gelada depois de uma corrida em um calor brutal. Estou com calor e, enquanto absorvo o que estou fazendo, uma frieza feroz se infiltra em mim, um choque, um aviso: *isso não é sábio.*

E, ainda assim, eu não consigo desviar o olhar nem se minha vida dependesse disso. Eu olho para a luz do sol brilhando em seus cílios, deslizando por seu nariz longo e reto em um calor sussurrante, como a carícia de um amante, sobre maçãs do rosto afiadas e lábios macios. Uma intimidade que nunca terei com ele.

Não que eu queira.

Muito.

Porque eu não me permito. Não me permito olhar e me demorar e pensar e sonhar. É inútil. Fútil. Sua vida está apenas começando. A minha está chegando ao fim, pelo menos a parte significativa dela. Ele é jovem. Eu sou velho. Eu sou um misantropo miserável e cheio de dor, e ele é um raio de sol eternamente feliz.

Ou assim eu pensava.

Eu o vejo novamente, suas mãos segurando o assento, o ar saindo de seus pulmões. Eu juro que ouvi seu coração voando de onde eu estava sentado ao lado dele. Talvez ele não esteja tão "bem" assim. Ou "feliz". Por mais que seu comportamento sempre otimista me aborreça, a ameaça a ele me deixa infinitamente mais irritado.

— O que é que foi isso? — Eu pergunto bruscamente.

Oliver pisca para longe, olha para seus tênis amarelos brilhantes, pisando no tapete.

— Uma competição de olhares? Que eu perdi.

Eu suspiro impaciente.

— Não é disso que estou falando, e você sabe disso.

— Sim, Sr. Hayes. Eu sei.

— Eu disse para você parar de me chamar assim.



Ele olha para cima e me fixa com aqueles olhos pálidos de luar novamente. Um leve sorriso inclina sua boca.

— E eu nunca te disse que pararia.

A raiva queima dentro de mim, quente, agitada. Eu quero atravessar a sala, agarrar sua camisa e beijar aquele fodido sorriso tímido para fora do rosto dele. Eu quero jogá-lo na cama, pressionar meu corpo no dele e mostrar a Oliver o que acontece quando ele insiste em me provocar, sorrindo para mim, segurando meus olhos por tanto tempo, que eu quero cair naquelas piscinas de cor azul-gelo e nunca mais ressurgir.

— Responda-me — eu exijo. — Pare de provocar e enrolar. Responda-me, caramba.

Ele levanta o queixo.

— Por quê?

Meus dentes rangem. Não digo o que estou pensando. Eu não digo a ele que é *porque estou preocupado. Porque você me assustou. Porque eu odeio o que estar perto de você faz comigo, mas eu odeio o que está te machucando mais, e eu tenho que saber o que é isso. Para que eu possa dobrá-lo nas garras de ferro da minha vontade e protegê-lo disso.*

— Porque eu tenho o direito de saber. — Eu estou na minha altura total, pernas largas, braços cruzados sobre meu peito. Minha postura mais autoritária. — Como seu co-capitão, o que acontece no tempo da equipe é um jogo justo.

Os olhos de Oliver brilham, seu sorriso desaparece, mas por apenas um momento, antes que aquele charme tímido volte, brilhando em seus olhos.

— Jogo justo, hein? Trocadilho pretendido?

— Foda-se, Bergman. Me diga.

Lentamente, ele se desencosta da parede, então, caminha na minha direção. Ele para com um pé entre nós, postura natural, pés afastados na largura dos ombros, enquanto desliza as mãos nos bolsos de sua calça da cor verde-grama. Como um tolo, deixei meu olhar se desviar daqueles horríveis tênis amarelos brilhantes, calças verdes, para seu



moletom Galaxy dourado e azul, que pende frustrantemente solto em torno de seu torso.

Oliver limpa a garganta.

— Que tal eu te contar, quando você terminar de me despir com os olhos.

Meu olhar salta e encontra o dele, medo e calor me inundando em igual medida. Seus olhos brilham. Seu sorriso se alarga. Ele está me provocando.

— Eu *não estou* despindo você. Estou lutando para entender como um homem adulto pode se vestir tão terrivelmente assim.

Sua boca cai aberta, atordoada com o meu insulto.

— Eu uso cores como um profissional.

— Você parece uma caixa de giz de cera desorganizada.

Ele inclina a cabeça, me dando uma lenta e avaliadora olhada que chamusca uma nova onda de calor através de mim.

— Sem ofensa — diz ele. — Mas vindo de um cara que usa três cores, preto, carvão e cinza urze, sua crítica de moda não tem muito peso.

— Besteira. — Eu puxo minha jaqueta com zíper com o logotipo da equipe em relevo. — Eu uso outras cores. Azul. Amarelo. São cinco.

Ele revira os olhos.

— Hayes, você é *obrigado* a usar essas cores. Você não as usa voluntariamente.

— Terrivelmente ciente do meu guarda-roupa, não é?

— É difícil não notar quando você anda vestido como uma nuvem de tempestade.

Estamos totalmente fora do assunto. Eu cerro os dentes.

— Você está me distraindo.

Ele sorri.

— Você está percebendo.

Eu fecho a distância entre nós, e seu sorriso evapora; sua respiração fica presa na garganta. Eu olho para sua boca, então, encontro seus olhos. E então, bom Deus, um leve



rubor rosa sobe por suas bochechas. É tão gratificante quanto torturante.

— Você está brincando com fogo, Bergman. Cuidado para não se queimar.

Todo o humor desaparece de seu rosto. Ele engole em seco, e eu assisto seu pomo de Adão revirar. Eu mal reprimo um gemido. Eu posso ver isso tão facilmente, sua cabeça jogada para trás, sua garganta trabalhando enquanto seus olhos se fecham, seu rosto apertado com prazer agonizante.

— Diga-me — eu digo baixinho, segurando seus olhos. — Diga-me o que aconteceu. — Eu mordo minha língua para não revelar mais do que já revelei. Quão preocupado estou. O quanto eu me importo.

Ele procura meus olhos por um longo e silencioso momento.

— Tive um ataque de pânico.

Como eu pensava. Mas não é suficiente.

— O que o desencadeou?

Algo pisca em seu olhar, mas ele se fortalece e fica ereto.

— Uma combinação de coisas — diz ele devagar, com cuidado.

— Isso acontece regularmente? — Eu nunca notei. Eu me lembraria se isso tivesse acontecido com ele antes.

Ele concorda.

— Você esconde isso.

Ele hesita, depois diz:

— Eles não acontecem com frequência e, geralmente, quando acontecem, sim, consigo me isolar e lidar com eles em particular. Eu vejo um terapeuta. Eu sei o que fazer.

— Mas eles ainda acontecem.

Suas narinas se dilatam.

— Sim, Hayes. Eles ainda acontecem.

— E o que causou isso?

Ele dá de ombros, agitado.

— Como eu disse, uma combinação de coisas. Eu não dormi muito bem e não era nossa maneira normal de voar e



eu odeio voar, para início de conversa. É o nosso primeiro jogo da temporada, minha primeira vez como co-capitão, com alguém que me odeia...

— Eu *não* odeio você. Eu te falei isso.

— Suas ações, no entanto, indicam o contrário.

Meus dentes estão tão apertados que meu maxilar já deveria ter rachado.

— O que eu fiz por dois anos que é tão notório, hmm? Então, eu não beijo sua bunda e me satisfaço com suas travessuras brincalhonas. Não te convidei para um churrasco de domingo na varanda dos fundos simplesmente porque somos vizinhos. Depois de dois anos mordendo minha língua, eu te apresentei a um inferno pela primeira vez em campo no treino. E, francamente, isso estava muito atrasado. Você sabe por quê? Porque você esconde quem você realmente é por trás dessa merda ensolarada, e estou cansado disso. Você está sufocando alguém dentro de você que é muito mais capaz do que você acredita, e eu exijo essa grandeza, para o seu bem e do time.

— Quem *diabos* você pensa que é? — Oliver diz, a raiva endurecendo suas feições. — Você não me conhece, Hayes. Você não pode me manter à distância por anos e depois tentar falar da minha vida...

Eu me inclino até nossos narizes quase se tocarem, e é o vestiário e minha cozinha tudo de novo, exceto, Deus me ajude, que estou muito mais perto de ceder, de pegar o que eu quero e que se dane as consequências, mas eu não posso, não. Eu não vou.

— Eu te conheço melhor do que você pensa — digo a ele. — E eu vejo através da ilusão que você criou tão habilmente. Eu disse que não te odeio, e eu quero dizer isso. Se eu odeio alguma coisa, é a mentira que você vive e força todos ao seu redor a manter.

O silêncio ressoa entre nós. Oliver me encara, olhos arregalados, boca aberta, como se eu o tivesse atordoado. Eu deveria parar. Deus, eu deveria parar. Mas não posso.



Eu fecho a distância entre nós, minha boca quase roçando a concha de sua orelha. Eu o inspiro, porque não consigo evitar, e a dor dentro de mim me aperta tão forte que não tenho escolha a não ser me banhar com cheiro dele, preso em meus pulmões. Até que o ar finalmente me deixa em uma expiração lenta e dolorosa.

— As ações falam mais alto que as palavras, não é esse o ditado? Eu segurei sua mão ao atravessar a porra de um continente, Oliver Bergman. Faça o que quiser com isso.

Antes de ceder e esmagar minha boca na dele, dou um passo para trás, pego a chave do meu quarto e saio correndo pelo caminho que vim.



10

OLIVER

Música da Playlist: “Young & Sad”, Noah Cyrus

A PORTA SE fecha no mesmo instante em que percebo que estou de queixo caído.

— Puta merda — eu sussurro para o quarto.

Eu me jogo no colchão como se tivesse levado uma pancada lá. Acho que levei. De choque.

— Merda, merda, merda. — Procuro meu telefone na bolsa e ligo para Viggo.

— Você ligou?

De pé, ando pela sala e puxo meu cabelo.

— O que você fez?

— Quero dizer, eu fiz muitas coisas desde a última vez que te vi. Qual delas...

— Viggo. — Fecho o punho com a mão vazia, desejando que fosse a frente de sua camisa e pudesse lhe dar uma boa sacudida. — Algo está... algo está acontecendo com Gavin e... — Eu expiro pesadamente, esfregando meu rosto.

— Gavin e...? — ele pede.

Eu suspiro miseravelmente.

— E eu.

— Hum. — Ele funga. Eu posso vê-lo encostado no balcão da cozinha na casa da mamãe e do papai, que é onde ele está morando agora. Em seguida, vem o barulho de uma maçã entre os dentes. Em torno de sua mordida, ele diz:

— Por que você acha que eu fiz alguma coisa?

Parece ridículo, mas isso não torna minha suspeita de que ele e meus irmãos tenham causado algum tipo de destruição secreta em minha psique menos sem precedentes.

— Porque desde que nos sentamos no quintal de Freya e Aiden e vocês imbecis me forçaram a uma reunião dos irmãos Bergman, as coisas mudaram completamente entre nós.

Outra trituração em sua maçã.



— Não era mudança o que você queria?

— Droga, Viggo, não esse tipo de mudança! Eu não queria escalar meu antagonismo entre mim e meu agora co-capitão do nível de brincadeiras juvenis mútuas, para dar as mãos enquanto se atravessa todo o maldito país, então, ficar preso no mesmo quarto de hotel COM APENAS UMA CAMA!

Há uma breve pausa.

— Você disse apenas uma cama?

— Viggo!

— O quê? Estou fazendo uma pergunta!

Eu gemo de frustração, jogando minha cabeça para trás e olhando para o teto.

— Sim — eu murmuro friamente. — Apenas uma cama.

— E vocês... deram as mãos? — ele pergunta com cuidado.

Eu olho para o teto.

— Tive um ataque de pânico durante o voo. Ele segurou minha mão e conversou comigo, me ajudou a me acalmar antes que ficasse ruim. Então eu adormeci e acordei, e ele ainda estava segurando minha mão, e agora estamos em um quarto de hotel juntos, e ele estava agindo todo intenso e preocupado com o que aconteceu no avião, então, ele disse algo realmente enigmático, e isso me assustou, porque isso não faz sentido. Ele é um idiota gigante que me odeia e que francamente também não suporto, mas, puta merda, continuamos entrando nos espaços pessoais um do outro, e agora ele joga essa bomba poética em mim! — Eu continuo, sugando uma respiração afiada. — *"Eu segurei sua mão ao atravessar a porra de um continente, Oliver Bergman. Faça o que quiser com isso."* Foi o que ele disse!

Finalmente, terminei. O outro lado da linha fica em silêncio por um momento, até que meu irmão solta um assobio longo e lento.

— Uau. Isso *é* poético. Ele realmente disse isso?



— Sim. — Meu peito está apertado novamente. Minhas pernas coçam com a necessidade de andar. Atravessando a sala, entro no banheiro. Um leve traço de Gavin permanece – limpo e quente e um pouco picante. Eu não respiro profundamente para pegar cada pedacinho disso.

Porque isso seria assustador.

Eu só tomo um... pouco do cheiro.

— Você está bem aí? — pergunta Viggo. — Fazendo seus exercícios de respiração profunda?

— Para que eu não machuque você, quando chegar em casa — murmuro, olhando para o meu cabelo de avião e tentando fazer algo com ele. Está nessa estranha fase de crescimento, que está apenas passando pelas minhas orelhas, mas mal dá para puxar a maior parte em um rabo de cavalo. — Viggo, o que está acontecendo? O que vocês, caras, fizeram? Que diabos está *acontecendo*?

— Ollie-bo-bollie. — Viggo mastiga sua maçã e diz em torno de sua mordida: — Primeiro de tudo, sinto muito que você tenha tido um ataque de pânico. Esses são zero divertidos.

— Zero divertido — eu concordo, desistindo do meu cabelo, girando e apoiando minha bunda contra a pia. — Obrigada. Eu ficarei bem. É apenas... muito.

Não consigo ver, mas sinto seu aceno afirmativo.

— Voos pelo país, quando você odeia voar.

— Sim.

— Primeiro jogo da pré-temporada — acrescenta.

— Sim.

— Ver seu ex da faculdade, que joga no time adversário.

— Isso também — eu concordo.

— Co-capitão pela primeira vez com um cara por quem você é apaixonado desde a adolescência.

— Deus, sim... uau! — Eu me afasto da pia, como se escapar da sala cujo cheiro de Gavin ainda perdura fosse, de alguma forma, me distanciar do que acabei de admitir. — Eu não... você me enganou com isso.



— Oliver.

Droga. Agora posso ver sua sobrancelha arqueada. Aquele que diz: *eu vejo suas mentiras, e não compro nenhuma delas.*

— Cara, eu cresci com você, lembra? — ele diz. — Eu sei o quanto você se apaixonou por ele, quando éramos adolescentes. Merda, *eu* me apaixonei por ele quando éramos adolescentes. Gavin Hayes é quente e competente. Além de competente. Ele é uma maldita lenda. Ele será, muito depois, lembrado como um dos grandes.

— Ele não está morto — eu digo defensivamente. — Ou aposentado. Pare de falar sobre ele no passado.

Há uma pausa grossa e pesada. Sem dúvida, ele está mordendo o lábio, tentando não sorrir.

Eu caio de volta na cama, gemendo de frustração.

— Eu odeio conhecer você tão bem, eu sei exatamente o que você está fazendo *e* pensando agora.

— Eu sou tão previsível?

Eu olho para o teto.

— Você está tentando não sorrir, falhando totalmente, e você está com aquele brilho conivente em seus olhos.

— Droga, você é bom. Ok, de volta ao que eu estava dizendo, ponto número dois: você acha que talvez vocês dois estejam... a fim um do outro? Quero dizer, há sentimentos? Apenas realmente...

— Eu não tenho sentimentos! — Eu me espreguiço na cama. — Eu tenho uma enorme ereção por ele. É isso. Ele é gostoso e, como você diz, competente. E ele é... mandão e intenso, e essa é a minha erva-de-gato. Mas ele também é um idiota gigante, arrogante, frio e sarcástico que eu não suporto.

— Quem segurou sua mão — ele me lembra.

— Um caso isolado.

— E lançou a bomba poética — acrescenta.

— Ok, então, outro caso à parte.



— Ollie, você pode ignorar essa bomba poética, mas se o fizer, estará em negação. Ele tem algum tipo de sentimento por você — diz Viggo.

— Sim. *Sensação* de frustração e aborrecimento. Ele provavelmente está fazendo tudo isso para mexer com a minha cabeça e me fazer sentir mal por lhe provocar.

— Ou ele segurou sua mão porque ele se importa e perguntou sobre seus ataques de pânico porque ele está preocupado com você; e ele quase te beijou quando vocês brigaram no vestiário outro dia porque ele está caidinho por você e ele está ficando sem forças para esconder.

Eu reviro os olhos.

— Você realmente lê muitos romances.

— Nada disso, Oliver. Nada disso.

— Estou lhe dizendo – espere — Eu franzo a testa. — O quase-beijo. — Bem, quase beijo*s,* não que eu admita isso para Viggo. — Eu nunca disse nada sobre isso.

— Ollie, Ollie, Ollie. Estava escrito na sua cara. Você não lê tantos romances como eu e não aprende os sinais de um bom quase beijo de ódio.

— Pare com os romances — eu imploro. — É disso que estou falando. Eu não *quero* começar a olhar para ele com óculos cor de rosa, com felizes para sempre. A vida não é um romance.

— Um dos meus maiores problemas com a vida. — *Crunch.* Mais uma vez ele está de volta à maçã.

Suspirando, esfrego minhas têmporas com o polegar e o indicador.

— O que eu vou fazer, V? Eu sinto que estou todo revirado e de cabeça para baixo. Por mais que eu odiasse como as coisas eram antes de essa co-capitânia mudar tudo, pelo menos ele era previsível. Agora nem sei o que esperar.

Viggo fica quieto por um momento, exceto pela última mastigação de sua maçã, o tapa na tampa da lixeira para a abrir antes que eu ouça o miolo cair com um *baque*.

— Alguma coisa precisa ser feita?



— É uma existência muito estressante agora. Eu não posso manter isso.

— Então, fale com ele durante sua pequena festa do pijama hoje à noite. Veja onde as coisas vão. Deixe a paixão levá-lo aonde puder...

— Viggo, não. Não que eu ache que algo próximo ao romance seja possível entre nós, mas, mesmo que fosse, prometi a mim mesmo que nunca faria isso de novo – me apaixonar por alguém que está na minha profissão.

— Quem disse alguma coisa sobre se apaixonar?

Eu estreito meus olhos.

— Você sabe o que eu quero dizer. Dar um passo com alguém na minha vida profissional, mesmo que seja apenas casual.

— Quem disse alguma coisa sobre casual?

— Pare de ser tão maldito socrático. Pare de repetir o que eu disse.

— Certo. — Viggo limpa a garganta. — Ollie, embora eu adore uma boa jornada romântica na estrada para o felizes para sempre, você conhece o melhor caminho para a felicidade. Você sabe se está pronto para o romance ou não. Você não precisa levar isso a lugar nenhum com Gavin, mesmo que meu palpite pessoal seja de que pode haver algum lugar para levá-lo.

Eu franzo a testa, desconfiada.

— Você está com febre? Você trocou de personalidade com alguém?

Ele ri baixinho.

— Oh, se eu aprendi alguma coisa até agora em meus vinte e cinco anos de existência intrometida, é isso: você pode levar um cavalo para a água – e eu sou *muito* bom em levar um cavalo para a água – mas você não pode fazer eles usarem calção de banho.

— Que diabos isso significa?

— Significa — diz Viggo pacientemente — que você tomará sua própria decisão sobre como proceder no caminho



à sua frente, mesmo que seus irmãos o tenha orientado a vê-lo por um ângulo ligeiramente diferente. E talvez um pouco mais adiante no caminho do que você estava antes.

— "Um *pouco* mais adiante no caminho"?

— Oliver, você tem que admitir que estava no limite. O que íamos dizer a você, quando claramente o que você estava fazendo não estava funcionando? Mantenho nosso conselho e serei honesto: nossa principal preocupação era o seu bem-estar. Claro, meu coração de amante de romance viu o potencial para uma conexão explosiva, mas como uma vantagem, não um ponto. — Ele limpa a garganta. — No final do dia, nós só queremos que você seja feliz. E talvez em seu jeito bundão, Gavin quer que você seja feliz também. Por que mais ele se importaria com o que está acontecendo com seus ataques de pânico? Por que mais ele te confortaria no avião?

Eu engulo nervosamente.

— Eu realmente não sei.

— Bem, eu acho que é um bom sinal. Talvez você e o Sr. Chatinho acabem pelo menos sendo amigos. Cara, eu realmente amo nada mais do que um bom romance de amigos para amantes. A vontade. As apostas altas de arriscar uma amizade duradoura por um novo tipo de amor que pode não durar. A angústia. O anseio. O "eles não vão. Vão?"...

— Viggo.

— Desculpe. Eu divaguei. O que eu estava dizendo? Oh, sim. Amizade entre vocês dois...

— Confie em mim, eu abordei o assunto. *Apenas* a parte do amigo. Ele não gostou dessa ideia.

— Hum. — Viggo suspira, parecendo pensativo. — Então você tem tesão por ele, mas você não quer se apaixonar por ele. Ele parece... investido em você, mas diz que não quer ser seu amigo. E estar em desacordo não é mais permitido, se você quiser manter sua capitania.

— Sim.



— Merda, filho. Isso até me deixou perplexo.

Meu telefone vibra com um lembrete de calendário. Preciso descer para pegar o ônibus até as instalações, para que possamos começar nosso treinamento.

— Viggo, por mais adorável que tenha sido essa conversa, tenho que fazer meu trabalho.

Ele finge um ronco longo e prolongado.

— Empregos são superestimados.

— Diz o cara que tem cinco.

Ele ri.

— Tudo bem. Vai. Te amo.

— Amo você também.

— Me mande uma mensagem quando quiser, ok? Você consegue, Ollie.

Viggo desliga antes que eu possa confessar que realmente não tenho certeza se consigo.

FELIZMENTE, tenho muito para me manter distraído o resto do dia. Passamos o final da manhã fazendo treinamento técnico mais leve. Em seguida, paramos para o almoço, durante o qual Gavin fica o mais longe possível de mim, evitando-me, enquanto percorre o que a história dita como notícias esportivas em seu telefone. Depois disso, vem uma tarde de treino, que, como a manhã, mantemos no lado da luz.

O jantar é mais do mesmo: uma refeição saudável que todos compartilhamos. Normalmente, eu gostaria, exceto por 1) é a noite antes do nosso primeiro jogo da temporada, o que me deixa enjoado e ansioso e 2) estou tão visceralmente consciente de Gavin e do fato de que estamos prestes a voltar para um quarto com apenas uma cama, que mal sinto o gosto da comida que consigo enfiar na garganta.

Pegando o elevador com boa parte da equipe, forço um sorriso, faço uma piada que alivia o clima e faz a galera rir. Ninguém sabe que, por dentro, estou enlouquecendo.



Quando Gavin destranca a porta com a chave e a abre, ele se vira e reconhece minha existência pela primeira vez desde que saiu do nosso quarto esta manhã.

— Discretamente, perguntei sobre quartos vazios ao gerente — diz ele. — Não há nenhum.

Meu estômago cai. Ele está tão ansioso para colocar distância entre nós. Eu não deveria estar surpreso, não deveria sentir como se tivesse dado um chute à queima-roupa no plexo solar. Mas sinto mesmo sim.

— Ah, vamos lá, Hayes — digo a ele, passando rapidamente, depois me virando, andando de costas enquanto abro bem os braços. — Vai ser divertido.

— *Divertido*. — Ele deixa a porta se fechar atrás dele com um baque sinistro e joga seu cartão-chave sobre a mesa. — Certo.

— Ouça... — Eu me jogo no colchão, procurando as palavras certas.

Gavin evita meus olhos, colocando um recipiente com comida de plástico na mesa ao lado de seu cartão-chave.

— Acho justo dizer que as coisas... saíram do controle nos últimos dias — digo a ele. — Admito que fui juvenil com essas travessuras.

Ele ainda olha para os pés. Sua mandíbula se contrai. Ele esfrega a ponte do nariz.

— E?

— E... — Eu vasculho o que Viggo e eu conversamos do nosso jeito sinuoso, o que deixei de lado enquanto me concentrava nos treinos de hoje. — Eu proponho uma trégua. Vou tentar acalmar com a provocação. Você vai tentar não ser um idiota gigantesco.

Gavin estala os dentes e dá de ombros se desculpando.

— Não posso evitar o que a natureza me deu.

Minha boca se abre.

— Você acabou de fazer uma piada? E uma piada de *pau*?

O silêncio paira entre nós por um momento longo e tenso.



— Parece que sim — ele finalmente diz, caminhando até sua bolsa.

Eu o observo, atordoado e intrigado. O menor indício rosa está em suas bochechas. Puta merda, Gavin Hayes está corando. E eu sei que prometi não propositalmente lhe irritar, mas isso foi antes que eu soubesse que poderia fazê-lo corar.

— Você sabia — pergunto a ele — que, em termos absolutos, a baleia azul tem o maior pênis, *mas* em relação ao seu tamanho, é superado pelo crustáceo, cujo pênis pode se estender até oito vezes o comprimento do próprio crustáceo? Truque evolucionário bem bacana, se você pensar bem, certos crustáceos precisam se consertar sozinhos...

— Bergman, pelo amor de Deus, pare.

Ele está batendo em sua bolsa. Suas bochechas agora estão vermelhas *brilhantes*.

— O que você está procurando aí? — Eu pergunto.

— Algo para amordaçar você — ele murmura.

Eu me inclino para trás em minhas mãos.

— Eu não gosto de mordaças, Hayes. Vendar os olhos é mais minha praia.

Ele quase deixa cair sua bolsa, salvando-a no último minuto com aqueles reflexos bizarros.

— Você — ele diz — é um incômodo. Um incômodo inapropriado e que dá tesão.

— Foi você que começou com uma piada de pau — eu aponto.

Ele suspira enquanto se vira com uma braçada de roupas nas mãos.

— Confie em mim, eu me arrependo. Se eu soubesse que isso nos levaria até aqui, nunca teria dito uma palavra. Agora vou tomar banho. E enquanto eu estiver lá, você vai comer.

Ele pega o recipiente que eu o vi carregando, coloca o pacote de plástico descartável em cima dele e o enfia em minhas mãos.



— Você quase não comeu nada no jantar e você será inútil amanhã se não colocar carboidrato para dentro esta noite.

— Eu ia comer uma barra de alto teor de carboidratos — murmuro, ouvindo como pareço irritado, enquanto abro o recipiente e desembrulho meu garfo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Inadequado. Coma isso. Então, quando eu sair do chuveiro, você vai entrar e tomar banho em seguida. Depois disso, vamos colocar todos os travesseiros que não precisamos entre nós naquele colchão, e não vamos falar sobre pênis pertencentes a qualquer coisa na terra ou no mar, e então dormir um pouco. Entendido?

Eu olho para ele, uma mordida enorme de frango grelhado e macarrão ao modo arrabiata me deixando com bochechas de esquilo. Tem um gosto muito melhor agora que meu estômago não está embrulhado pelos nervos.

— Alguém já te disse que você é mandão pra caramba?

Ele sorri.

— O tempo todo. Agora coma.



11

OLIVER

Música da Playlist: “Lay Down”, Son Little

ACONTECE QUE comer uma refeição de verdade me faz sentir muito melhor. Assim como um pouco de provocação com Gavin, que sai do banheiro em uma de suas roupas em tons de cinza – calça jogger carvão, camiseta preta, cabelo escuro molhado e encaracolado nas pontas.

Meu corpo inteiro se contrai, uma dor se instalando profunda e baixa na minha virilha. Olhando para ele agora, repetindo quando ele me disse para comer com o tipo de comando preocupado que absolutamente vira minha manivela, eu pulo da cama e corro em direção ao banheiro, antes que Gavin tenha a chance de perceber como estou excitado.

Não faço sexo há anos. Passei por uma fase no primeiro ano em que estive com o Galaxy em que parecia que tudo o que fazia era sexo, absorvendo a atenção, os olhares apreciativos, os toques e os beijos. Estava bem. Eu precisava disso. Eu precisava limpar a tristeza que associava ao sexo por causa de Bryce. Eu precisava fazer sexo que fosse divertido e despreocupado e simplesmente por prazer, sem sentimentos, sem repetições. Mas então – e não, não vou analisar o momento – quando nossa segunda temporada começou, começou a parecer insatisfatório. O que antes me fazia feliz começou a doer. Eu sabia por que. Eu estava pronto de novo, não para a onda de alívio anônimo, mas para familiaridade, conforto e carinho...

Intimidade.

Eu queria isso. Só não sei como ou onde encontrá-lo. A equipe e toda a publicidade que faço para isso é demorada. Passo quase o ano inteiro treinando ou jogando. E, ao contrário da maioria das outras pessoas, conhecer e se apaixonar por um colega de trabalho está fora dos limites para mim. Não vou arriscar nada implodir minha alegria na



minha profissão ou comprometer sua estabilidade como deixei meu relacionamento com Bryce mexer com minha carreira universitária, mesmo que isso acabasse me levando a fazer a melhor escolha que eu poderia ter feito ao assinar com o Galaxy, em vez de ficar na UCLA e terminar meu curso.

Faz sentido, sabendo dessa solidão dentro de mim, que eu me sinta atraído por Gavin depois de um dia tão longo, depois de ele testemunhar minha vulnerabilidade e realmente me mostrar compaixão por ela.

Mas só porque de certa forma faz *sentido* não significa que seja algo que eu esteja investindo. Ou reconhecendo. Eu nem mesmo bato uma no chuveiro, porque eu sei com o que eu fantasiaria se o fizesse. E é exatamente nessa direção que não posso deixar minha mente, corpo ou sentimentos vagarem.

Apesar de me deixar desconfortável na parte da ereção, meu banho casto me faz sentir de outra forma incrível, a água quente acalmando meus músculos tensos e doloridos. Cheio de frango e macarrão ao modo arrabiata, extasiado com um banho quente e minhas roupas confortáveis, estou assobiando feliz para mim mesmo, quando saio do banheiro.

Então meu assobio morre como o som de Wile E. Coyote caindo para sua perdição.

Minhas entranhas lembram aquele momento em que o pobre Wile E. corre para fora da borda e paira no ar, suspenso no tempo, antes de perceber que está na merda.

Gavin está sentado na cama – *nossa* cama – pernas cruzadas nos tornozelos, pés descalços, pernas longas e grossas apertadas em sua calça de moletom carvão. Um livro repousa sobre sua barriga lisa enquanto ele franze a testa para a página, depois a vira.

— Procurando espaço? — ele pergunta sem olhar para cima.

— Não poderia dizer se era você ou sua sombra — brinco.

Ele bufa.



— Pelo menos não me pareço como o Rainbow Brite.

Estou vestindo uma camisa verde-limão e calça jogger azul-marinho.

— Eu não sei quem eles são, mas apenas pelo nome, eles soam como algo bom.

— Um personagem de TV da minha infância — diz ele, virando a página novamente. — O que obviamente é antes do *seu* tempo.

— Havia televisão em cores naquela época?

Ele revira os olhos.

— Cai fora, Bergman.

— Eu quero ouvir sobre Rainbow Brite. Claramente, eles têm um ótimo olhar para as cores, já que eu os lembro deles.

Ele olha para mim, a sobrancelha arqueada, antes de sua expressão neutra. Seu olhar percorre metade do meu corpo antes que ele volte a se concentrar em seu livro.

— Vai dormir.

Meu estômago dá um nó quando olho para ele, enquanto me lembro do que Viggo me encorajou a fazer.

Falar com ele.

— Primeiro, precisamos conversar — digo a ele.

Suspirando pesadamente, ele fecha seu livro e o joga na mesa de cabeceira.

— Vamos, então.

Sento-me na beirada da cama, o meio do colchão dividido por uma fileira de travesseiros que Gavin deve ter alinhado enquanto eu estava no chuveiro. — Eu sei que você disse que não podemos ser amigos. Eu sei que as coisas estão... tensas entre nós.

Ele se mexe um pouco na cama, então, limpa a garganta. Mas ele não diz nada.

Eu olho para cima para encontrá-lo olhando diretamente para mim.

— Eu posso aceitar que não seremos amigáveis, apenas civilizados. Mas essa tensão...

Nossos olhos se sustentam.



Gavin engole em seco.

— Sim — diz ele. Sua voz é baixa e áspera.

O calor desliza pelas minhas veias, me aquece. Eu o engulo, lembro-me do que estou tentando fazer.

— Essa tensão está me esgotando. É uma distração e é exaustivo e, acredite ou não, mesmo que você pense que sou um grande moleque no campo, não quero distrações ou qualquer coisa que me esgote, Hayes. Eu quero vencer. Quero que sejamos co-capitães para tornar este time ainda melhor. Eu quero esmagar a Nova Inglaterra amanhã e quero terminar nossa pré-temporada invicto. Eu não posso fazer isso quando estamos assim.

Seus olhos procuram os meus.

— O que significa?

Eu levanto meu queixo, preparando-me.

— Quero honestidade e respeito entre nós. Sem mais jogos.

— Sem mais jogos, como em não mais manteiga de amendoim que parece merda na minha maçaneta?

— Ou condicionador no dispensador de shampoo — eu atiro de volta.

Ele inclina a cabeça, sua expressão irritantemente inescrutável.

— Honestidade quando se trata de quê?

— O que quer que esteja afetando nosso desempenho, nossa capacidade de ser o melhor para a equipe. Qualquer bagagem que estejamos trazendo para o campo, qualquer coisa que esteja nos impedindo de ser a frente unida que nosso time merece.

O silêncio se mantém entre nós. Sua mandíbula aperta.

— De acordo.

— E respeito? — eu indico.

— Vou respeitar você em campo. — Sua boca se curva. — Mas, fora dele, eu ainda vou arrebentar sua bunda.

— Da mesma maneira. No entanto, na frente da equipe, todas e quaisquer aparições públicas...



— Sim. Seremos respeitosos.

— Ok... — Eu olho para minhas mãos, cutucando uma cutícula. — Então, no espírito de honestidade e contando com o seu respeito, eu só vou... botar para fora isso.

Ele se mexe novamente na cama, me encarando mais completamente.

— Estou ouvindo.

— Estou nervoso — eu admito. — Estou nervoso por usar a braçadeira de capitão ao lado de um dos maiores jogadores de todos os tempos. Estou nervoso que vou falhar em ser um líder em campo. Estou nervoso por decepcionar todos que estão contando comigo e de fazer isso na frente de um cara que realmente mexeu comigo.

Sua expressão se aguça.

— O quê?

— O que você quer dizer com *o quê*?

Ele se inclina, as mãos entrelaçadas entre as pernas.

— Quem mexeu com você? Quando?

Estou surpreso com a intensidade de sua voz, o fogo em seus olhos.

— Uh... um dos caras do time da Nova Inglaterra. Foi anos atrás, no entanto. Águas passadas, exceto quando eu jogo contra ele, isso parece remoer as coisas.

— Nome, Bergman. Eu quero um nome.

Procuro seus olhos ainda mais, desejando que ele não seja difícil de ler.

— Por quê?

— Porque você prometeu honestidade, e eu mereço saber.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Eu quero um pouco de honestidade de *você* primeiro. Um pouco de *equivalência*, por favor.

Ele me encara. Eu olho de volta.

Suspirando, ele se inclina contra o travesseiro e espia pela janela, as luzes do estádio e os postes de luz brilhando na escuridão.



— Estou lidando com alguns... problemas crônicos que não foram resolvidos no período fora da temporada, que afetaram meu jogo desde que começamos e afetarão meu jogo amanhã… indefinidamente, mesmo.

Dor, é o que ele não está dizendo. Ele está com dor. E, se ele está admitindo isso para mim, se ele está admitindo que está afetando seu desempenho – sua velocidade, sua agilidade – isso significa que ele está em agonia.

Meu coração se contorce. Pela primeira vez, porém, fico quieto, ouvindo, esperando. Eu posso dizer que ele não terminou, que ele precisa de tempo para dizer qualquer outra coisa que ele queira que eu saiba.

— Eu não vou ser muito rápido — diz ele, o olhar fixo na vista do lado de fora. — Quando estivermos contra-atacando, separados, não conte comigo logo atrás de você.

Eu forço um sorriso fácil e me apoio em um cotovelo.

— Você gosta de mandar no centro de comando de qualquer maneira. Eu não preciso de você lá em cima, atrapalhando meu jogo.

Ele me dá um olhar de *eu vejo através de você*.

— E me deixe dar a porra dos pênaltis. Você é uma merda neles e se tornar co-capitão de repente não fez você ficar melhor fora de vinte metros.

Minha boca se curva.

— Justo.

— Agora — ele diz severamente. — Um nome, como prometido.

Engulo em seco, pensando em mentir, mas de que adiantaria dizer a ele o nome errado? Finalmente, digo a ele:

— Bryce Burrows.

— Bryce Burrows? — Ele faz uma careta. — Aquele maldito imbecil das quedas?

Eu mordo meu lábio.

— Ele tende a cair.

Recuperando seu livro da mesa de cabeceira, Gavin o abre na página dobrada.



— Não posso acreditar que você estava com *Burrows*. Cristo.

— Bem, nem eu. — Agora reconheço a perda de tempo que Bryce foi. Eu só queria não ter sido um desastre apaixonado depois que ele me traiu. Eu gostaria de ter tido a perspectiva que tenho agora muito mais cedo. E eu gostaria que o pensamento de vê-lo novamente não aumentasse minhas inseguranças, não ferisse meu orgulho novamente.

Mas eu não vou chafurdar nesses pensamentos negativos. Vou me lembrar do que meu terapeuta disse – que a traição reflete o caráter do traidor, não do traído – e vou me distrair com programas confortáveis.

Pegando o controle remoto, eu afundo na cama e me estico.

— Burrows — ele murmura novamente, desgosto pintando seu rosto. — De todas as pessoas...

— Foi na faculdade — eu digo defensivamente. — Eu era jovem e...

— Delirante? — ele oferece, virando a página de seu livro um pouco grosseiramente. — Entregue a uma fase particularmente masoquista?

— Ele era charmoso e fofo. Quero dizer, ele parecia assim naquela época.

Gavin bufa, balançando a cabeça enquanto vira outra página.

— Que seja.

— Eu definitivamente usava óculos cor de rosa, quando se tratava dele. Eu vi o que eu queria em vez do que estava lá. — Olhando para o controle remoto, eu deslizo meus dedos pelos botões. — Ele foi a última pessoa que eu namorei, na verdade. Eu realmente não confio em mim para não cometer o mesmo erro duas vezes.

Gavin fica parado por um momento, antes de limpar a garganta e se concentrar no livro em sua mão.

Eu me viro de lado, ainda olhando para ele.

— Quem foi a última pessoa que você namorou?



Suspirando, Gavin olha para mim.

— Sério? Conversa de travesseiro?

Eu dou de ombros.

— Eu só estou perguntando.

— Sim, bem... — Ele vira a página em seu livro novamente e funga. — Já que concordei com a honestidade apenas no que se refere à equipe e nossa co-capitânia, não vou dizer tão educadamente para você se foder e ir dormir.

— Ah, vamos. Vamos nos unir. Trocar histórias de corações partidos.

Sua mandíbula se contrai.

— Eu prefiro não falar.

— Então você *tem* uma história de coração partido?

— Todo mundo tem algum tipo de história de coração partido — diz ele rispidamente.

Meu estômago revira. Há algo ferido e reservado em como ele disse isso. Algo cru no quão apertado ele segura seu livro. Eu não forço o tópico. Posso reconhecer quando alguém foi ferido e não quer se ferir mais ao falar sobre isso.

— O que você está lendo? — Eu pergunto, trocando de assunto.

Ele levanta o livro, mostrando-me a capa.

— Poesia. Carlos Phillips.

— Ele é bom? — Eu pergunto.

Ele vira a página de novo, os olhos correndo da esquerda para a direita.

— Muito.

— Ele é esquisito?

— Muito — ele diz novamente.

— Legal. — Bato meus dedos na cama e suspiro, reconhecendo que bati em uma parede com Gavin. Então, novamente, chegamos muito mais longe do que eu pensava que iríamos. Nós ainda não nos damos bem ou nos sentimos muito felizes com esse quarto tão próximo, mas pelo menos parte dessa tensão se foi. Uma onda de alívio cresce dentro de mim. Eu me sinto mais calmo do que em dias.



Isto é, até eu perceber o quão quente eu fiquei. Estou suando. Gavin também.

— Está muito quente aqui? — Eu pergunto. — Ou é só comigo?

Gavin limpa a garganta.

— Não, você está certo.

— Anote isso, pessoal. Gavin Hayes disse que estou certo sobre uma coisa.

Ele revira os olhos.

— Eu tentei desligar o termostato depois do meu banho. Acho que não funcionou.

Eu pulo da cama e vou até o termostato.

— Está piscando. Isso é ruim?

Gavin geme enquanto joga seu livro de lado. Ele sai da cama rigidamente, então, segue meu caminho.

Olho mais de perto o termostato.

— Acho que está quebrado.

Ele passa por mim para dar uma olhada por si mesmo.

— Puta merda.

O suor escorre por sua têmpora. Ele goteja ao longo da minha garganta. Está tão quente.

— Nós podemos pedir para eles virem consertar isso — eu sugiro.

Gavin se vira, balançando a cabeça.

— Está tarde. E, mesmo que eles conseguissem alguém aqui para consertar, eu já te disse, não há quartos livres. Estaremos presos, sentados e esperando o cara do HVAC sair, e perderemos o sono.

— Bem, tenho novidades para você, Hayes, não vou dormir muito num calor desses.

— Nós vamos ficar bem — diz ele, afundando na cama, em cima dos cobertores novamente. Gavin arranca sua camisa, e minha boca fica seca. Ombros maciços e redondos. Tronco grosso. Músculos ondulando em suas costas enquanto ele joga sua camisa de lado.

— Tire esse cobertor — ele ordena.



Estou muito quente e incomodado, em todos os sentidos dessa frase, para reclamar sobre o quão mandão ele está sendo. Enquanto eu arrasto o cobertor para baixo e para fora da cama, ele arruma os travesseiros no meio da cama novamente, então, puxa a corrente do abajur, banhando o quarto com nada além de luar e o brilho do estádio pintando o quarto de branco perolado.

— Você também está tirando as calças? — Eu pergunto, enquanto tiro minha camisa.

— Não. Eu pensei em me escaldar em minhas calças de moletom a noite toda, não dormir porque estou tão miseravelmente quente, então, jogar para caramba amanhã. Sim, estou tirando minhas calças.

— Oh! Graças a deus. — Eu arranco minha calça e a lanço no ar, ela pousa na minha bolsa. Gavin está deitado de costas para mim, o lençol dobrado cuidadosamente ao longo de seus quadris. — Quer contar histórias de fantasmas até esfriarmos?

— Vá dormir, Bergman.

— Eu não estou cansado.

— Jesus Cristo — ele rosna.

Eu escorrego sob os lençóis, chutando uma perna em cima deles para me ajudar a esfriar.

— Eu ia assistir um pouco de *Hamilton* até meus olhos cansarem. É meio que minha coisa na noite anterior a um jogo. Você se importa?

Ele suspira.

— Fique à vontade. Apenas mantenha o volume baixo.

— Pode deixar.

Ligo a TV e ajusto meu travesseiro atrás de mim, tomando cuidado para não perturbar o travesseiro macio entre nós enquanto navego até a apresentação ao vivo gravada. Pegando o pequeno bloco de notas que eles deixaram na mesa de cabeceira, eu me abano. Explosões de calor dos radiadores. É sufocante.



Apenas alguns minutos após o número de abertura, Gavin se vira cautelosamente de costas, franzindo a testa para a TV. Eu prendo minha respiração. Se ele disser algo sarcástico sobre *Hamilton*, eu vou enlouquecer. Eu reconheço que posso estar um pouco mais tenso sobre sua potencial crítica ao meu musical favorito, mas estou suado e inquieto. Conversar com Gavin deveria me fazer sentir melhor, e enquanto isso aliviava a tensão entre nós até certo ponto, agora o que eu ganhei, de alguma forma, piorou-a.

Conhecimento pessoal. Um pouco de confiança. Agora eu sei que alguém partiu seu coração e seu corpo dói e ele lê poesia e está assistindo *Hamilton* de má vontade.

E eu quero fazer algo ridículo. Como me enroscar ao lado dele e emaranhar minhas pernas com as dele, respirar aquele cheiro picante de seu sabonete e o calor de sua pele.

Gavin bufa ironicamente de algo que Aaron Burr diz, e uma nova onda de aborrecimento cresce em mim. Eu bato no controle remoto, desligando-a.

— Oi! — ele brada. — Eu estava assistindo isso.

Eu a ligo novamente, nossos olhos se encontrando no brilho da TV.

— Este é o lugar que me sinto feliz. Sem rir disso. Sem comentários condescendentes. Entendido?

Gavin faz uma careta para mim.

— Vamos lá, essa linha foi um pouco...

— Nem uma palavra, Hayes, ou acabou. Assistirei no meu celular se for preciso.

Seus olhos se estreitam. Ele vira seu olhar para a TV, então, de volta para mim, antes de se acomodar em seus travesseiros.

— Certo. Continue.

Depois que o número de abertura termina, pergunto a ele:

— Bem?

Ele dá de ombros.

— É surpreendentemente... poético.



— Isso porque Lin-Manuel Miranda é um *gênio*. Shakespeare e Sondheim em um só corpo. É tudo poesia.

— Shh — ele repreende quando o próximo número começa, os olhos não deixando a TV. — Estou tentando ouvir.

A familiar mistura sinuosa de satisfação e aborrecimento se emaranha dentro das minhas costelas. Pego um travesseiro e o abraço no meu peito. É isso ou socar a cara de Gavin.



12

GAVIN

Música da Playlist: “Animal”, Neon Trees

A DOR É TÃO FAMILIAR para mim quanto puxar o ar para dentro dos meus pulmões, como abrir os olhos quando o sol rompe o horizonte. O que está longe de ser familiar, o que está ausente na minha vida há tanto tempo que esqueci sua forma, sua textura, provocando meus sentidos, é o prazer.

Pela primeira vez em muito tempo, o prazer é uma luva enrolada no punho nu da minha dor. Está em minhas mãos, assentada contra a pele quente e lisa. Em meu rosto, enterrado na suavidade do sol, o cheiro da brisa do mar beijando minha pele. Em cada centímetro de mim, duro, quente, dolorido, onde estou aninhado contra uma construção firme e apertada.

Deus, faz tanto tempo. Tanto tempo desde que eu senti qualquer coisa, menos dor. Roendo minhas articulações, gritando em meus músculos, uma reverberação sem fim em meus ossos. Meus olhos se enchem de lágrimas, enquanto o prazer inunda cada canto de mim, um dilúvio de sol quente que derrete a borda gelada da minha dor, suaviza o palpitar do nervo que arranha meus sentidos todos os dias até eu desmaiar de exaustão à noite.

Agora, é tudo prazer. Minhas mãos, emaranhadas com força quente. Minha boca, roçando a suavidade quente de veludo. Meu pau, aninhado em conforto. Oh, Deus. Eu vou gozar. Isso cresce dentro de mim, aperta meu corpo, faz com que se mova. Minha respiração fica presa na minha garganta até explodir em um gemido rouco.

E então eu o ouço ecoando de volta para mim, mais suave, áspero. Um gemido que puxa minha consciência, aproxima-me da superfície da vigília.

Ainda não. Não quando é tão bom. Não quando estou tão perto.



Eu arquejo, impotente, desesperado. Mas eu não estou sozinho nesses sons. É uma sinfonia, uma onda de respirações ofegantes, ofegos apressados, e isso me arrasta para a consciência, chegando a uma visão brilhante, quando abro os olhos.

A luz do sol inunda o quarto. Lençóis emaranhados com longos membros que estão enrolados com os meus, cabelos dourados, pele bronzeada, músculos flexionados...

Porra!

Eu pulo da cama. Bem, eu tento, mas minhas costas queimam em protesto, puxando-me para o colchão junto com o lençol branco torcido confortavelmente ao redor do meu torso.

Oliver está dormindo, a cabeça aninhada no meu antebraço, cabelos dourados espalhados no travesseiro como uma auréola. Eu olho para nós com horror. Ainda bem que nossas cuecas ainda estão vestidas, não que isso esteja ajudando muito. A bunda coberta de cueca boxer de Oliver está aninhada contra meu quadril. Sua mão repousa sobre seu estômago, que é, eu percebo, onde minha mão estava até um momento atrás.

— Jesus — eu sussurro. Uma oração. Um apelo. Eu tenho que sair daqui, deixá-lo inconsciente. Não posso ficar enrolado aqui por nem mais um segundo.

E, claro, porque acabei de tomar essa resolução, Oliver aproveita a oportunidade para suspirar durante o sono e se virar para mim. Ele desliza sua longa perna sobre a minha; sua mão desliza sobre o meu estômago, depois mais para baixo, roçando o cós da minha cueca boxer. O que mal segura a ponta da minha ereção dolorosamente dura.

Meu estômago sacode sob seu toque. Meu cérebro está em curto-circuito, recusando-se a dizer ao meu pau para parar, parar de responder ao empurrão de sua coxa, ao sussurro de sua respiração na minha pele, ao deslizar de sua mão ao longo de minha trilha feliz.



— O–Oliver. — Isso sai tão rouco, eu mal o ouço. Não tem como ele ter escutado. Fechei os olhos contra a doce agonia de seu toque, sabendo o quão errado isso é, o quão desesperadamente eu preciso fazer isso parar.

— Hmm — ele murmura sonolento, sua boca roçando minha pele.

Ah, foda-se. Porra.

Cerro os dentes e tento me sentar de novo, para escapar desse nó górdio de lençóis que não há esperança de se desfazer.

Mas, ao fazer isso, eu bato minha cabeça contra a cabeceira da cama. Forte.

— Porra — eu rosno.

Os olhos de Oliver se abrem, então, se arregalam de horror. Lentamente, seu olhar desliza pelo meu torso, antes que seus olhos encontrem os meus.

— Ah! — ele grita, debatendo-se violentamente de volta.

Estamos tão emaranhados nos lençóis que isso me traz com ele, torcendo minhas costas dolorosamente, depois meu joelho.

— Porra!

— Merda — diz ele com a voz rouca, balançando-se freneticamente. — Eu sinto muito. Eu sinto muito.

— Bergman, pare. — Ele não para. Ele está se debatendo, puxando, girando, e é um inferno. É uma agonia, porque, quanto mais ele puxa, mais perto chegamos, nossos quadris, virilhas, coxas. — Espera. Apenas... Foda-se!

Descemos da cama. Eu aterrisso nele, mas me seguro com as mãos. Não faz nada para nos manter separados, exceto para impedir de batermos os rostos. O lençol está amarrado em torno de nós com tanta força agora que eu o sinto, cada centímetro dele, duro e longo, preso bem ao meu lado, o material entre nós horrivelmente inadequado.

O ar sai dos pulmões de Oliver, as mãos sobre a cabeça, o cabelo espalhado no tapete escuro, como um cometa



riscando o céu noturno. Seus olhos estão arregalados, um rubor doce e injustamente bonito em suas bochechas.

— Jesus — ele sussurra, fechando os olhos.

Estou sem palavras. Estou com medo de me mexer. Uma única esfregada de meus quadris ou dos dele, e eu estou em apuros para derramar minha carga. Meu pau pulsa, minhas bolas estão apertadas e pesadas. Oliver exala bruscamente, movendo seus quadris o suficiente para eu bater a mão em seu pulso, para fazer seus olhos se abrirem.

— Não. Se. Mexa.

Ele olha para mim, congelado, boca entreaberta. Olhando para ele, sei que se o próprio Deus colocasse um novo corpo diante de mim, as forças cósmicas do tempo para dobrar e se reverter à minha vontade, e me fez escolher entre aquele e um gosto da boca exuberante desse homem, honestamente, não posso dizer se eu teria a força para fazer a escolha sensata.

— Gavin — Oliver sussurra.

Eu olho para ele. O meu nome. Em seus lábios. É minha ruína.

— O quê? — Minha voz está rouca. Sem fôlego.

— Nós estamos... realmente presos — ele diz calmamente.

— Eu sei. Eu só... — Fechei os olhos. — Me dê um minuto.

Ele fica em silêncio por dois segundos patéticos, antes de uma risada esfumaçada explodir em seu peito.

Meus olhos se abrem.

— Do que diabos você está rindo?

Seu nariz se enruga, e ele agarra meus ombros, sorrindo tanto ao gargalhar, que fodidamente me destrói.

Eu olho para ele, lágrimas escorrendo de seus olhos enquanto suas mãos, quentes e fortes, agarram-me, a ondulação de sua garganta, quando ele joga a cabeça para trás e ri ainda mais forte, tão forte que enrola as pernas para cima, prendendo ainda mais os nossos quadris.



Um grunhido de aborrecimento ressoa em mim, enquanto Oliver treme de tanto rir.

— D–desculpe — diz ele entre espasmos de riso. — Deus, você é pesado. Eu... — Ele ri ainda mais forte.

— Você é fodidamente inútil — eu resmungo.

Oliver explode outra risada, mas ela para abruptamente, quando eu me apoio em cada lado de sua cabeça, então, o puxo comigo, de modo que agora *estou* de costas, um movimento que dói como o inferno, mas vale a pena, porque agora Oliver está em cima de *mim.*

Sua risada morre. Seus olhos procuram os meus.

Eu olho para ele, minhas mãos deslizando entre nós para o nó mais apertado de tecido preso entre nossos quadris.

— Não é tão engraçado agora?

Ele ri nervosamente.

— É uh.. — Ele engole em seco e tenta se mexer, o que esfrega nossos corpos juntos novamente. Eu assobio em uma respiração quando seus olhos se fecham. — Talvez não seja tão engraçado quanto pensei originalmente.

— Exatamente — eu digo com os dentes cerrados, atacando o nó entre nós. — Agora fique quieto.

Pela primeira vez, Oliver faz o que eu peço, quieto, mãos apoiadas em ambos os lados da minha cabeça, enquanto minhas mãos fazem progressos lentamente nos lençóis, meus dedos roçando sua barriga lisa, fazendo-o sacudir. Nossas respirações ecoam na sala. Eu olho para cima e vejo sua garganta trabalhar em um gole, suor fresco escorrendo por sua pele.

Olhando de volta para baixo, mantenho meus olhos em minha tarefa e vasculho meu cérebro em busca de algo horrível para abaixar minha ereção, mas nada – *nada* – está funcionando. Se Oliver está tentando como eu estou, ele também não tem sucesso.

Nós dois estamos tão duros quanto quando tudo isso começou, o que eu tento muito não pensar.

Infelizmente, é tudo em que consigo pensar.



Finalmente, o nó cede. E então Oliver Bergman se move mais rápido do que eu jamais o vi, levando um emaranhado de lençóis brancos atrás dele, enquanto ele corre em direção ao banheiro.

— Primeiro no chuveiro! — ele brada.

A porta bate.

Eu deito no chão, desejando que meu pau se abaixe, rezando para que meu corpo possa esquecer o que acabou de acontecer.

É absolutamente inútil.

ESTOU VESTIDO e pronto quando Oliver ressurge do banheiro, uma toalha pendurada em seus quadris, suas bochechas coradas. Digo a mim mesmo que é por causa de um banho quente, embora as chances de ele tomar um banho quente quando ainda está sufocante em nosso quarto, e ele tendo uma ereção dura como ferro, sejam praticamente nulas.

Eu me afasto, dando-lhe privacidade, enquanto finjo que estou lendo os e-mails que chegam no meu telefone.

E, então, alguns minutos depois, ele está lá, bem atrás de mim, aquele cheiro familiar limpo e quente flutuando de sua pele, mastigando o resto de uma banana.

Eu me viro enquanto nós dois dizemos:

— Desculpe.

Oliver balança a cabeça enquanto joga a casca na lixeira.

— Está bem. Foi um acidente.

Eu concordo.

— Certo.

Ele desvia o olhar, as bochechas esquentando, um sorriso irritante no rosto. Ele bufa uma risada.

— Não é engraçado. — Pego o cartão-chave e minha bolsa, em seguida, abro a porta.

Ele coloca sua mochila no ombro, passando por mim para o corredor.



— É meio engraçado.

— Nós nunca mais vamos falar sobre isso. Não aconteceu.

Ele franze o nariz, olhando para o teto e me ignorando completamente.

— O que eu quero saber é, como nós movemos *tantos* travesseiros? Quero dizer, você tinha feito um verdadeiro forte de travesseiros entre nós.

— Bergman. Esqueça.

Ele levanta a mão em rendição, e caminhamos pelo resto do corredor em silêncio. Quando chegamos ao elevador, há música tocando, uma música funk que Oliver começa a dançar, antes de fazer a transição para a dança da galinha e usar o cotovelo para apertar o botão.

— O que diabos está errado com você?

— Tudo — diz ele com naturalidade. — Mas, embora usar meu cotovelo possa parecer engraçado, é uma boa higiene. Botões, maçanetas – maçanetas são centrais para os germes.

A porta do elevador se abre com um ding, e eu gentilmente o empurro para dentro.

— Capitães de times de futebol profissional não fazem a dança da galinha.

— Esse aqui faz. E o moonwalk. — Oliver desliza para trás pelo elevador. Estou perigosamente perto de sorrir.

— Estou envergonhado por você.

— Vamos, Hayes. — Ele começa a fazer o passo. — É a única maneira de superarmos o embaraçoso. Temos que dançar nosso caminho até lá.

— Absolutamente não.

Ele gira nos calcanhares e começa o running man.

Eu mordo minha bochecha e olho para o teto.

— Você é uma ameaça.

— Mas um movimento suave — diz ele em uma piscadela. A porta apita, e ele caminha para fora dela, então, prontamente gira e se endireita profissionalmente, com um



sorriso alegre devidamente no lugar. — Bom dia, Donald! — ele chama o cara na recepção.

— Como diabos você sabe o nome dele?

— Ele tem essa coisa que está usando chamado crachá. Você precisa de óculos, Hayes?

Eu olho para ele. O crachá é um borrão.

— Como caralhos você consegue ler isso.

— Acredite, meu amigo. Acredite!

— Bergman. — Eu o puxo pelo colarinho em direção à sala de café da manhã. — Comida primeiro. Futebol depois.

— Ah, certo.

A partir daí, a manhã é um misericordioso borrão de uma viagem de ônibus e meu ritual pré-jogo de Bálsamo de Tigre e gelo, bandagens e suspensórios, depois aquecimento no estádio.

Oliver está incorrigivelmente otimista no momento em que estamos no campo, fazendo os caras rirem, até mesmo deixando a treinadora à vontade o suficiente para sorrir para ele antes que ela volte a se aconchegar em sua prancheta com Rico e Jas.

Por hábito, ela olha para mim, quando é hora de reunir todo mundo.

Estou prestes a gritar meu costume e reunir o time, mas, observando Oliver, paro. E então eu chamo o nome dele.

Ele olha para cima, então, corre.

— E aí, co-capitão?

Eu pisco para ele, olhando sua expressão. É quando eu vejo, o que está escondido sob o sorriso largo, os movimentos de dança e a conversa sem parar. Ele está nervoso.

— Você está bem? — Eu pergunto.

— Não — diz ele entre os dentes cerrados. — Acho que estou prestes a vomitar aquele segundo prato de ovos mexidos. Eu sabia que exagerei.

Eu coloco uma mão em volta de seu pescoço, firmando-o.



— Você consegue fazer isso. Vá vomitar se for preciso, depois volte aqui e diga uma palavra para os caras.

Seus olhos se arregalam.

— O quê? Mas você... você normalmente...

— Resmungo algo ameaçador sobre como eu vou bater suas cabeças se eles não darem tudo de si no campo? Sim, eu digo. Mas agora você também faz isso.

Ele engole em seco.

— Ok, agora eu definitivamente vou vomitar.

Eu aperto seu pescoço, deslizando meu polegar ao longo de sua pele. Ele olha para mim enquanto eu digo a ele

— Vamos agora. Você consegue.

— Promete? — ele diz baixinho.

Eu gentilmente o empurro em direção aos banheiros.

— Prometo.

— O que foi isso? — A treinadora pergunta.

Olho para Oliver, ansioso para segui-lo, tirar seu cabelo do rosto, esfregar as suas costas, apertar seu pescoço com força para que ele não comece a hiperventilar no banheiro.

— Apenas fortalecendo nosso vínculo de capitães. — Lanço-lhe um olhar vazio, escondendo tudo.

Espero.

A treinadora procura meus olhos por um longo momento antes de se voltar para a equipe, que está fazendo seu aquecimento normal. Um leve sorriso inclina o canto de sua boca.

— Já não era hora.

Enquanto eu fecho meus olhos e estico todos os lugares que Dan forçou demais esta manhã por não me alongar o suficiente ultimamente, eu tento não me estressar com Oliver, mas, quando ele está correndo de volta na minha direção, eu estou prestes a sacudi-lo por tomar tanto tempo e me deixar preocupado.

— Ok — diz ele, sorrindo com força, sua pele úmida de salpicos. — Não foi tão ruim. Apenas algumas rodadas de



vômito, joguei um pouco de água fria no meu rosto e agora estou pronto para ir.

— Tudo bem, caras? — A treinadora pergunta enquanto se junta a nós.

Eu termino meu alongamento.

— Bergman vai dizer uma coisinha antes de começarmos — explico a ela.

Ela sorri largamente.

— Muito legal. Eles poderiam aproveitar uma pequena atualização de "Não estraguem tudo ou eu vou bater em suas cabeças até que vocês esqueçam aquele esforço de merda que vocês tiveram a audácia de chamar de futebol".

— Ei, funcionava — Oliver diz — considerando onde acabamos na temporada passada.

— Hum. — A treinadora joga as tranças por cima do ombro. — No entanto, tenho certeza de que Gavin diria a você que o que funciona em um ponto de sua carreira nem sempre funciona eternamente. A mudança é inevitável. E todas as coisas boas chegam ao fim.

Eu a encaro. Ela lança um olhar fugaz para o meu tornozelo enfaixado. E joelho. Minhas costas, que ainda sofrem espasmos periódicos por causa da eletroestimulação e também estão envoltas por baixo da minha camisa. Decido que vou ignorar o que sei que ela está dizendo sem dizer.

— Oi! — Eu grito, chamando os homens.

Uma vez que eles estão reunidos, Oliver lança seu sorriso mais largo e reconfortante. Uma pontada de culpa me atinge. Seu otimismo, seu sempre-tudo-bem alegre, eu dei a ele tanta merda por isso, chamei isso de mentira. Mas agora percebo que não é mentira. É... lidar. É como ele sobrevive.

Dobro meu joelho levemente enquanto minha perna tem espasmos, e uma dor incandescente atinge minha perna. Eu olho para o meu corpo enfaixado, registrando a dor dolorida que está prestes a ficar muito pior, focando nisso em vez dessa corrida fervorosa de *algo* que eu não vou nomear, não vou admitir, suavizando-me, puxando-me para mais perto



de Oliver, enquanto ele limpa a garganta, fica de pé e se dirige à equipe.

— Bem, pessoal — diz ele. — É isso. Temos que começar tudo de novo. Terminamos em alta na última temporada. Parece bastante lógico pensar que não há para onde ir daqui, a não ser para baixo.

A treinadora olha para ele com olhos arregalados.

Ele lhe dá um sorriso.

— Mas a verdade é que chegamos a este mais alto patamar e podemos ficar aqui. — Olhando ao redor, ele limpa a garganta, coloca as mãos nos quadris. — Onde ficamos presos é quando dizemos a nós mesmos que individualmente não estamos no nível de jogo que estávamos na temporada passada. Nós nos preocupamos que, pessoalmente, não somos o que éramos, tão rápidos quanto éramos, tão afiados com nossos chutes, tão ágeis em nossos reflexos.

Algo treme dentro de mim. As palavras que confessei a ele ontem à noite, minhas limitações, minhas fraquezas, é como se ele as estivesse colocando na minha frente uma a uma. E ainda, olhando ao redor, eu diria que parece que todos os homens se sentem assim.

— Adivinha o quê, no entanto? — ele diz. — Essa é a beleza do futebol. O futebol não é ganhado por um "eu". Foi ganhado por um "nós". — Ele olha ao redor. — Você tem uma fraqueza. Talvez algumas. Eu sei que eu tenho. Mas isso não importa. Porque o que me falta, ele tem. — Ele aponta para mim. Para Ethan, ele diz: — Quando você erra, quem te protege?

— Andre — diz Ethan.

Ele concorda.

— Está certo. Amobi... — Ele se vira para nosso goleiro. — Quando chega a você, o que a treinadora diz?

— Tinha que passar por todos os outros primeiro — diz ele calmamente.



— Sim. — Oliver sorri mais largo. — Eu sei que você está nervoso. Eu estou. É difícil começar na altura cobiçada, que todos estão com fome de chegar, para que possam nos derrubar. A psicologia do esporte nos diz que é sempre mais fácil ser o azarão do que ser aquele que chegou ao topo e tem que lutar para permanecer lá. O legal é que, mesmo que você não esteja onde estava na temporada passada, outra pessoa neste time está, e esse jogo leva *todos* nós, com todas as nossas fraquezas e pontos fortes, para vencer. — Ele olha ao redor. — Tenho todas as crenças que venceremos.

Ben funga.

Carlo pisca para afastar a umidade dos olhos.

Amobi parece alarmantemente emocionado enquanto olha para suas grandes luvas de goleiro.

Oliver lança um olhar de pânico na minha direção, quando ele percebe que sua conversa de motivação verdadeiramente bonita atingiu talvez um pouco perto demais do lar emocional.

Eu sustento seus olhos e espero que ele veja o que eu quero que ele veja. *Bom trabalho.*

— Vocês o ouviram! — Eu lato, colocando uma mão, observando mais mãos, de todas as cores e tamanhos, batendo em cima das minhas. — Coloque suas bundas lá fora e façam isso.



13

OLIVER

Música da Playlist: “Here We Go”, WILD

BEM. EU DEI UM BOM DISCURSO. Não pense que fez muita diferença, no entanto.

Dizer que estamos um pouco... fora de sincronia seria generoso. Estamos aos oitenta minutos, estamos perdendo por 1 a 0 e desperdiçamos tantas oportunidades ofensivas, que até *eu* estou chateado, embora seja claro que não estou mostrando isso.

Nem Gavin, e isso é tudo que você precisa saber. É quando você sabe que é ruim – quando Gavin Hayes está quieto, os olhos apertados em concentração feroz, criando estratégias, destruindo seu cérebro pelo que ele pode fazer para salvar isso. Ele aperta os olhos, que parecem café preto brilhando com manchas de caramelo quando o sol os atinge. Um vento gelado voa pelo estádio, jogando para trás seu cabelo escuro. Ele solta uma baforada de vapor que eu vejo quando ele recua no meio-campo, recebendo a bola, nem mesmo olhando para os pés enquanto ele a detém com um toque impecável que é tão natural para ele quanto exalar de seus pulmões.

Ao me encontrar, ele manda um passe perfeito, enfiado entre dois zagueiros, que se viram e correm atrás de mim. Eles são rápidos. Mas sou mais rápido.

Infelizmente, eles estão atrás de mim. A Nova Inglaterra leu nossa formação como um livro e marcou todos os homens. Santi está coberto. Carlão também. Ethan está lutando para me dar algo ao longo da ala enquanto ele voa do meio-campo, mas sua cobrança está bem ali, bem perto dele. Eu não tenho nada. Sou só eu.

É quando me lembro do que disse a todos. Este jogo não é vencido por uma pessoa. Nem tudo está nos meus ombros. Leva todos nós.



Olhando para trás, encontro Gavin, sabendo exatamente o que vou fazer.

Eu engano meus defensores e passo por eles, levando a bola à la Maradona e cortando o centro. Eu pego o olhar de Gavin, desejando que tivéssemos praticado isso, desejando que eu tivesse dito algo, quando ele me disse para não esperar que ele fosse rápido o suficiente para estar bem atrás de mim.

Você ainda pode chegar lá, eu deveria ter dito a ele. *Eu posso te comprar tempo.*

Mas então eu percebo, eu não tinha que dizer a ele. Ele sabe. Gavin sabe exatamente o que estou fazendo. Ninguém está com ele. Ele desempenha um papel de comando fundamental no meio-campo, mas não é a posição mais importante a ser coberta ao defender um ataque ofensivo, pelo menos, se essa posição estiver sendo ocupada por qualquer pessoa além de Gavin. A Nova Inglaterra deveria ser mais esperta, mas eles parecem estar voando no piloto automático, agindo como se ele fosse um jogador regular que não é uma ameaça fora de trinta metros do gol. O que ele é. Ah, ele é. E é por isso que estou prestes a lhe dar a bola.

Conheço a carreira de Gavin Hayes melhor do que gostaria de admitir. Conheço todos os seus gols, todos os seus jogos icônicos. Eu sei que o homem tem coxas como a porra de uma caminhonete por um motivo. Ele pode não ter a velocidade que costumava ter, mas ainda tem poder; aquele homem pode acertar uma bola no fundo da rede daqui, fácil.

Enquanto Gavin corre pelo campo, dou um chute no meu defensor, passo por um cara que está me perseguindo e fico cara a cara com Bryce. É chocante como sinto *nada* quando ele se aproxima de mim, quando esbarramos e eu giro com a bola, provocando-o fora de posição, expondo o centro do campo. Eu não olho para aqueles cachos avermelhados dele e sinto falta de enfiar meus dedos neles. Eu não olho em seus



olhos azuis brilhantes e me lembro de olhar para eles enquanto ele me tocava e me implorava para tocá-lo.

É uma doce vitória não sentir nada por alguém que uma vez me fez sentir tudo o que eu não queria – dúvida, mágoa, traição, perda. Vai ser uma vitória ainda mais doce quando Gavin marcar por causa disso.

E agora ele está aqui, tendo me lido perfeitamente, exatamente onde eu preciso que ele esteja, enquanto eu envio a bola em um passe lateral pelo campo, onde ela cai um passo à sua frente. Prendo a respiração, congelo quando ele planta o pé esquerdo e racha a bola com um toque, uma bala no ar que atinge seu alvo na parte superior do gol, ondulando gloriosamente sob o travessão e no fundo da rede.

Gol!!!

Eu corro em direção a ele, toda a equipe o faz, um amontoado de corpos jogando nossos braços ao redor dele.

Como se estivesse aproveitando o momento, os olhos de Gavin estão fechados, a cabeça baixa, enquanto Amobi, o único mais alto que ele, bagunça seu cabelo. Mas eu vejo, quando ninguém mais vê.

O sorriso dele. Pequeno, privado. A ponta mais tênue de sua boca, mas eu juro que se ele tivesse raspado a barba de ponta a ponta, eu pegaria uma covinha profunda brilhando em sua bochecha.

Depois que ele empurra os caras para longe em boa índole, o grupo se separa. Gavin e eu caminhamos em direção ao centro do campo.

Sorrio para minhas chuteiras, observando-as lado a lado com as dele. Essa camaradagem é o que eu sonhei ser possível, quando ele assinou com a equipe. Isso é o que eu tenho esperado, por dois longos anos.

Já marcamos juntos antes; não é a primeira vez. Mas hoje é diferente. Por causa de que ele confiava em mim, do jeito que eu sabia onde ele estaria e do que ele precisava, do jeito que ele se apoiou em minha força e a alavancou com a dele, e juntos fizemos algo melhor do que nós dois. Por causa



dessa confiança, do tipo de parceria que eu queria com ele e quase desisti de ter, empatamos esse jogo.

— Passe perfeito — diz ele rispidamente.

Minha cabeça se levanta. Eu sorrio para ele.

— Chute perfeito.

— Ele foi — diz ele, o olhar treinado à frente.

Eu reviro os olhos.

— Humilde como sempre.

— Não há nada de errado em se orgulhar do que você pode fazer, Bergman. Você não ganha nada subestimando suas habilidades. — Ele gira, parando onde eu estou, do lado de fora do círculo enquanto nos preparamos para o início da Nova Inglaterra. Inclinando-se, ele abaixa a voz.

— Ele está olhando para você.

— Quem?

— Aquele *imbecil.*

— Ah. Bryce.

Gavin olha por cima do meu ombro, travando os olhos com ele, encarando a morte.

— Na próxima vez que você tiver a bola, faremos aquela jogada de novo — diz ele. — Mas desta vez você vai continuar correndo. Eu vou jogá-la de volta para você, e você faz o que faz de melhor. — Ele se inclina, sua boca um sussurro no meu ouvido, a memória desta manhã inundando minha mente, sua boca contra meu pescoço, sua respiração quente e suave contra minha pele. Sua mão entrelaçada com a minha.

Eu tremo.

— Coloque a bola no fundo da porra da rede — diz ele baixinho. — Lembre a esse idiota inveterado o que ele deixou escapar e que nunca mais voltará.

Eu fico lá, sem palavras, no topo do círculo enquanto ele se vira e avança para o meio-campo.



EU AINDA ESTOU nas nuvens enquanto caminhamos para nossos carros no estacionamento de volta para casa em LA. Depois do gol de Gavin para empatar, eu marquei. Nós ganhamos. Nem mesmo outro voo através do país poderia derrubar meu humor.

— Você não vai parar de dançar? — Gavin resmunga. Há diversão em sua voz, fraca, escondida, assim como o sorriso após seu gol.

Eu dou dois passos pelo estacionamento, então, giro, porque, honestamente, há poucas coisas que me deleitam mais do que assistir Gavin Hayes tentar agir como se ele não gostasse dos meus movimentos de dança.

— Não tão cedo. — Salto ao ritmo da música de Carlo, que começou a tocar no som do carro. Ao ritmo, digo a Gavin: — Porque não há *eu* na *equipe*, não há *eu* em *nós*. Você e eu marcamos, conseguimos uma vitória!

— E é aí que você sabe que assistiu muito *Hamilton.*

— Muito *Hamilton*? — Eu balanço meus ombros enquanto procuro meu carro. — Não existe isso.

Gavin revira os olhos, passando por mim para destravar seu bebedor de gasolina.

— Por que a carranca? — ele pergunta.

Estou examinando o estacionamento e não vejo meu híbrido em lugar nenhum.

— Não consigo encontrar meu carro. — Pego meu telefone, quando a suspeita surge e o pavor rasteja pelos meus membros. Meu carro desaparecido tem Viggo escrito nele.

E aí está. Uma mensagem de texto assim que ligo meu telefone, depois de desligá-lo para o nosso voo.

Viggo: Precisava fazer uma entrega da padaria de longa distância e nós dois sabemos que meu carro é muito delicado para uma quilometragem tão longa, então, peguei um táxi para o estacionamento e peguei emprestado o seu. Espero que você consiga uma carona para casa! ;-)



Gavin abre a porta do lado do motorista, mas congela quando me vê ainda de pé ao lado dele.

— Não minta sobre o seu carro só para eu ceder à carona.

Eu embolso meu telefone, fervendo. Viggo vai pagar tanto por isso.

— Isso *daria* um pequeno abraço na Mãe Natureza.

Gavin me lança um olhar fulminante, enquanto joga sua bolsa dentro do Land Rover.

— Nós jogamos bem hoje juntos, eu te garanto. Não significa que somos amigos e certamente não significa que estou dando carona.

— Veja, e aqui estava eu pensando, considerando que acordamos de conchinha esta manhã, uma viagem de carro de quinze minutos é um amendoim em comparação...

— Maldição, Bergman. — Ele aperta a ponte do nariz. — Tudo bem. *Tudo bem*, ok? Podemos discutir a carona. Mas só se você jurar nunca mais falar sobre isso.

— Você conseguiu um acordo. — Eu dou um sorriso e ofereço a ele minha mão para apertar.

Ele olha para a minha mão, então, olha de volta para mim.

— Entre no seu maldito carro e vá para casa.

— Ah, boa ideia. Eu adoraria isso, exceto *que meu carro não está aqui*. Meu irmão pegou emprestado.

Gavin suspira.

— Bem, então, suponho que terei que levá-lo para casa. Mas *não* estamos ouvindo nenhum musical.



14

OLIVER

Música da Playlist: “Fever to the Form”, Nick Mulvey

ESTOU JOGANDO com calma com Viggo. Enviei uma boa mensagem de texto escrita *sem grandes problemas* de volta enquanto Gavin nos levava para casa em silêncio e eu olhava pela janela, fumegando para meu irmão. Vou deixar Viggo pensar que ele não me irritou, quando ele *sabe que* Gavin é meu vizinho e ele *sabe* que pegar meu carro significava que Gavin provavelmente seria o único a me levar para casa.

Tanto para sua besteira de “você conhece seu próprio caminho para a felicidade”. Este foi um de seus momentos de “levar um cavalo para a água”, e ele pode não ter me feito usar calção de banho, mas ele certamente me obrigou a pegar carona com meu vizinho, que também é o cara por quem eu tenho uma queda enorme, com quem eu estava enrolado na cama esta manhã e inadvertidamente com tesão enquanto ele nos tirava dessa e então me fez prometer nunca falar sobre isso.

E por isso farei Viggo pagar caro. Só estou agindo como se não estivesse chateado com ele porque a vingança será mais doce se ele achar que deixei para lá e baixar a guarda primeiro.

Depois que Gavin e eu estamos em casa e nos separamos, eu decido tentar aliviar meu humor com música, então, eu tenho “Let's Dance” do David Bowie explodindo em minha casa enquanto desfaço minha mala. Rebolando no meu caminho até o cesto, eu jogo minhas roupas sujas e congelo quando reconheço uma camisa que não é minha.

Não que não seja óbvio, já que ele e eu éramos colegas de quarto, mas só pelos meus sentidos sei de quem é. Preto, macio. Limpo e picante.

Do Gavin.



Eu olho para a camisa, pesando minhas opções. Eu poderia lavá-la e devolver a ele no treino, daqui a dois dias, já que temos um dia de descanso amanhã.

Ou eu poderia levá-la para a casa dele... agora.

Quero dizer, claro, ele pode não sentir falta, mas e se ele sentir? E se for sua camisa favorita e não saber onde está o deixa em agonia?

Agonia, me escute.

Eu *suponho* que eu poderia simplesmente mandar uma mensagem para ele e deixá-lo saber que eu a tenho. Mas, novamente, por que desperdiçar a energia? Por que fazer meu celular funcionar e contribuir para o desperdício imprudente de recursos preciosos, quando posso usar as pernas que Deus me deu, atravessar o quintal, bater na porta dele e, com sorte, ter a sorte de vê-lo em nada além de uma toalha e água escorrendo por seu corpo, enquanto ele faz uma careta para mim por ter interrompido seu banho pós-voo?

Cara, isso é ruim.

Eu sou um desastre. Um naufrágio excitado e desesperado. Tenho um metro e oitenta de um desejo puro e não adulterado por aquele homem e esta manhã não fiz nada para ajudar. Suas mãos, seu corpo, a pressão persistente de seu pau ao longo da minha bunda, esfregando-me. A maneira como ele gemeu contra minha pele e apertou minha mão com mais força, quando eu me apertei contra ele, quando eu tinha tanta certeza de que era um sonho, tudo o que eu estava sentindo, como era bom.

Já faz um tempo, dois anos para ser preciso, mas ainda me lembro de muitas coisas que fiz sexualmente, as posições aventureiras e explorações e noites selvagens de maratona. Não sinto falta de nada disso como sinto falta do prazer de simplesmente ser tocado por ele, abraçado por ele.

E, se isso não bastasse, toda essa viagem, desde meu episódio no voo até o final do nosso jogo, piorou tudo, fez com que minha atração por Gavin estivesse firmemente



contida na caixa rotulada *Muito compreensível, mas, no entanto, uma ideia muito ruim para fazer algo a respeito – NÃO AJA!*

Eu sei que o que estou fazendo é uma má ideia. Mas eu não consigo me importar. Não consigo me conter enquanto calço meus tênis, enquanto corro pelo quintal dele, enquanto estou na porta dos fundos, meu punho pairando sobre a madeira envernizada... que ele tentou fechar, mas não fechou totalmente.

Bem, ainda bem que vim aqui em vez de ligar. Então, universo. Afinal, tomei uma decisão inteligente.

Agora vem o grande debate: fecho a porta *e* bato?

Ou eu apenas entro e me anuncio?

Minha escolha é feita por mim quando um grito de dor emana do fundo de sua casa. Estou dentro, a porta bateu atrás de mim, antes de tomar uma decisão consciente.

— Hayes? — Eu grito.

Um gemido soa de um quarto à direita, passando pela cozinha. Eu tenho um palpite e sigo para o final do corredor para o que eu prevejo ser o quarto principal, já que eu tenho certeza que a casa dele é um layout de espelho da minha.

Abro a porta e paro. Gavin está deitado em sua cama, de costas. Eu tenho o meu desejo, principalmente, mas eu não posso nem mesmo apreciá-lo. Claro, ele está em nada além de um par de calças de pijama preto leve, cabelo molhado, gotas de água em seu peito maciço enquanto ele faz uma careta para mim.

Mas ele obviamente não está bem.

— O que *diabos* você está fazendo aqui? — ele rosna.

Eu levanto sua camisa, que está enrolada na minha mão, e digo inteligentemente:

— Sua camisa.

Seu olhar salta de mim para a camisa, depois de volta para mim.

— Deixe aí e depois vá embora.



Eu deixo cair sua camisa na cômoda ao meu lado, que é, chocantemente, cinza carvão.

— Não até que eu saiba que você está bem.

— Estou bem — ele retruca, pressionando as palmas das mãos em seus olhos. Suas mãos estão tremendo. Ele está com uma dor terrível, ele está tremendo.

Estou bem.

Claramente ele não está bem. E minha a parte feroz e inflexível, a parte que Gavin, com razão, por mais que eu odeie admitir, disse que eu escondo e reprimo tanto para ser meu eu agradável, amigável e descontraído, não será subjugado agora.

— Eu não acredito em você — digo a ele.

Ele deixa cair as mãos, olhando para mim.

— Bem, então, mesmo que eu esteja mentindo, ainda não é da sua conta, não é?

— Me desculpe — digo a ele, atravessando a sala, observando as paredes brancas, as fotos em preto e branco que são realmente lindas, se não um pouco melancólicas. — Nós prometemos que seríamos honestos sobre qualquer coisa que afetasse a equipe...

— Uma promessa que estou me arrependendo rápida e profundamente — ele murmura.

Eu gesticulo para sua posição de bruços.

— E isso aqui indica que seu corpo, que é muito importante para a equipe, está afetado. Então, vamos. Vamos conversar. Diga ao seu velho co-capitão o que está acontecendo.

— Puta merda — ele geme.

Eu paro ao lado de sua cama.

— Se importa se eu me deitar? Fizemos um bom trabalho falando assim ontem.

Ele suspira, fazendo uma careta para mim.

— Ok.

Com cuidado para não balançar o colchão e empurrar seu corpo, eu me acomodo na cama até ficar deitado de costas



como Gavin. Entrelaçando as mãos atrás da cabeça, olho para o teto, que é uma nuvem branca chata, exceto pelos redemoinhos de textura criados quando foi pintado.

— Confesso — digo a ele — que, embora adore uma boa contemplação do céu, não vejo muito bem o apelo da visão do teto. Mas o seu tem pequenos enfeites de redemoinho adicionando textura, então, suponho que posso trabalhar com isso. A única coisa é que não sou daquelas pessoas que olha para as nuvens e vê elefantes e casquinhas de sorvete e águas-vivas, então, duvido que encontre algo de mérito no seu teto, mas há uma primeira vez para tudo. Quando olho para as nuvens, tudo o que vejo são grandes e velhas nuvens cúmulos-nimbos e stratus, que, você sabe, são muito legais por si só: vapor de água condensado flutuando no céu, esperando para liberar tudo e dar à Terra uma boa lavagem...

— Bergman.

Eu olho em sua direção. Os olhos escuros de Gavin se fixam nos meus, apertados nos cantos.

— Por que diabos você está aqui?

Eu engulo em seco, tentando muito não olhar para seu peito nu, subindo e descendo, suas mãos apertadas em seus lados.

— Eu te disse, eu estava com sua camisa.

— Que você devolveu.

— E agora vamos conversar.

— Você falou. Acabei de falar. Agora você pode ir embora.

Procuro seus olhos, sabendo que estou fazendo algo que não deveria. Que olhando para Gavin, sentindo meu coração rachar e inundar meu bom senso com algo perigosamente perto de afeto, significa que eu deveria ir embora. Eu deveria sair correndo por aquela porta e continuar correndo e não olhar para trás. Porque jurei a mim mesmo que não faria isso, não me deixaria me importar, querer e desejar alguém com quem eu brincasse ou trabalhasse, especialmente ele.

Apoiando-me no cotovelo, olho para Gavin.



— Você resmungou, mas você não falou, não disse o que precisa ser dito, e nós dois sabemos disso. Agora ouça, se o constrangimento está parando você, nesta situação, você não tem nada do que se envergonhar. Bem, além de sua impressionante falta de apreço pela cor na decoração da casa, mas fora isso...

— É o meu joelho — diz ele com firmeza. — Ele cedeu e queima como o inferno. Dan ou Maria resolverão isso amanhã.

— Depois de amanhã — eu o lembro.

Ele suspira pesadamente.

— Certo.

— E até lá?

— Eu serei capaz de levantar um pouco e mancar até conseguir ter corticoide injetado nele.

— Mmm, parece adorável.

— As alegrias do envelhecimento. — Lentamente, ele olha para mim.

Eu seguro seus olhos, examinando-os. Olhos escuros salpicados de ouro. Cílios grossos e escuros. Seus olhos parecem procurar os meus também. Algo muda entre nós, não muito diferente do momento em que o vento gira em uma nova direção, substituindo o que era frio e amargo por um novo calor bem-vindo.

— Você deve ir embora — diz ele baixinho.

Ele tem razão. Eu deveria. Mas eu não consigo me obrigar a isso.

— Eu não quero deixá-lo sozinho olhando para o teto, solitário.

— Estar sozinho — diz ele — não é o mesmo que ser solitário.

— Verdade. Mas às vezes é bom não estar sozinho.

Ele olha para mim, aqueles olhos escuros ilegíveis, tão frustrantemente guardados. Meu coração bate no meu peito.



— Você realmente deveria ir — diz ele, enfiando as palmas das mãos em seus olhos novamente e exalando lentamente. Eu vejo o quanto ele está sofrendo.

— Posso tentar ajudar primeiro?

Ele zomba.

— Não tem ajuda.

Eu tenho algumas lembranças, enquanto crescia, quando o que restava da perna do meu pai doía ferozmente, dor de nervo fantasma, dor de sua prótese roçando sua pele. Lembro-me dele deitado no sofá uma noite, com a cabeça no colo da minha mãe, enquanto a casa girava em caos ao redor deles. O jantar esperou. Tempo extra de TV foi permitido. Lembro-me de me perguntar, quando era a perna dele que doía, por que minha mãe não se concentrava apenas nisso. Claro, ela massageou o músculo da coxa em espasmo, o lugar onde sua pele e músculos se curaram ao redor do osso cortado.

Mas ela passou muito mais tempo deslizando os dedos pelos cabelos dele, descendo pelo pescoço, pressionando beijos em seu rosto, sua têmpora, sussurrando palavras que não deveríamos ouvir que fizeram papai gemer e sorrir. Eu não entendi o porquê.

Agora que estou mais velho, depois de ter quebrado os ossos e torcido as articulações, depois de ver as pessoas que amo se machucarem e se curarem, eu entendo. Muitas vezes, a dor não é algo que podemos curar ou prevenir, e não é por isso que nos apoiamos nas pessoas que amamos. Não precisamos que eles consertem para nós ou perguntem sobre todas as coisas que poderíamos ter feito para evitá-la ou as maneiras pelas quais tentamos remediar. Só precisamos que eles nos vejam, que encontrem maneiras de nos amar, não apesar de nossa dor, mas através dela.

Conforto foi o que minha mãe me ensinou a dar e receber; não na tentativa de curar a dor, mas amar e ser amado com um toque humanizador, para dar prazer reconfortante onde pudesse ser obtido. A simples alegria de ter seu cabelo

jogado, os músculos que não estavam em chamas nem ossos que não estavam quebrados, acariciados e amassados e lembrados: *a dor é parte de você, mas não é tudo de você. Você está sofrendo e está aqui, e eu também.*

— Eu sei que não há como consertar isso — digo a ele baixinho. — É por isso que eu só quero *ajudar*. Ajudar é diferente. — Eu levanto uma mão, alcançando seu cabelo, molhado de seu banho, então, me paro. — Posso tocar em você?

Gavin abre os olhos, então, olha para mim. Ele fica em silêncio por um longo e tenso minuto.

— Sim — ele finalmente diz. — Mas coloque um dedo no meu joelho, e eu vou arrancar seu braço.

— Entendido. — Eu me aproximo, então, passo meu dedo em sua têmpora, sobre seu nariz, ao redor de sua boca. Eu traço suas feições, fortes e afiadas como se esculpidas em pedra. Seus olhos se fecham e uma respiração suave e lenta sai dele.

Em seguida, deslizo meus dedos por seu cabelo em movimentos lentos e rítmicos, raspando em seu couro cabeludo, antes de passar a massagear suas têmporas.

— Foda-se — ele geme.

Eu paro.

— No sentido bom ou ruim?

— Muito bom — diz ele com a voz rouca.

Um sorriso levanta minha boca, quando eu faço isso de novo.

— Bom.

Depois de alguns minutos disso, deslizo minhas mãos pelo pescoço dele, massageando os músculos tensos que unem seus ombros.

Um gemido satisfeito sai dele.

Usando uma mão para raspar meus dedos suavemente em seu couro cabeludo novamente, eu rolo a outra sobre seu ombro, descendo seu braço. O ar entra e sai de seus pulmões. Seus olhos se apertam.



— O que você está fazendo? — ele sussurra.

— Ajudando — digo a ele, olhando para suas feições severas. Grossas sobrancelhas escuras, cílios, barba – uma barba que ainda estou convencido de que esconde uma covinha. Seu nariz está um pouco torto, por quando um jogador do Arsenal o quebrou com o cotovelo durante um escanteio há oito anos.

Lembro-me vividamente de assistir ao jogo, vendo o sangue escorrer pelo rosto de Gavin, enquanto ele olhava fixamente para a frente e eles enfiavam algodão em seu nariz quebrado. Como se ele não sentisse nada, como se a dor fosse o mesmo que existir.

— Ainda se sente bem? — Eu pergunto.

Ele acena lentamente.

Por um tempo, mantenho minha boca fechada e o observo em busca de sinais do que é ótimo e do que não é. Quando parece que eu esgotei todos os lugares em que posso fazê-lo se sentir bem sem tocar no que vai fazê-lo se sentir mal, dou um último aperto em seus ombros.

— Aí.

Justo quando estou prestes a me afastar, sua mão se levanta e envolve meu pulso, me congelando.

O tempo se estende. Nossos olhares se sustentam. Meu pulso bate em meus ouvidos.

Seu polegar acaricia meu pulso.

— Obrigado — ele diz baixinho.

Eu preciso sair. Eu preciso correr e continuar correndo. Mas em vez disso, Gavin está segurando meu pulso, então ele está me puxando para mais perto, e então minha mão está segurando seu rosto, minha cabeça inclinada.

Nossas bocas se roçam, suaves, hesitantes. A luz dança atrás dos meus olhos enquanto eu suspiro contra sua boca, enquanto ele suspira contra a minha. O som do contentamento. Doce alívio. A sensação de chegar em um lar.

Seus lábios são firmes e quentes, sua barba macia enquanto eu bebo sua boca, enquanto ele solta meu pulso e



afunda a mão no meu cabelo. Um gemido áspero e profundo o deixa enquanto eu varro minha língua contra a dele, molhada, quente. Eu o provo e sinto como se tivesse engolido a luz do sol. Eu preciso de mais. Eu preciso de tudo.

Como se ele tivesse lido minha mente, Gavin envolve um braço ao meu redor, puxando-me contra ele, puxando-nos para perto. Ele sibila em uma respiração, quando ele se vira totalmente e dobra o joelho.

Eu me afasto preocupado, olhando para sua perna.

— Você está...

— Cala a boca — diz ele com voz rouca, segurando minha cabeça, puxando-me para dentro de seus braços. — Estou bem.

Eu envolvo minha mão ao redor de sua cintura, subindo por suas costas nuas, meus dedos dançando sobre o terreno de músculos duros e poderosos e pele lisa e quente. Ele estremece e exala rudemente na minha boca, enquanto eu o beijo novamente, quente e escorregadio, lutando pelo controle.

Ele beija como eu sabia que ele faria: duro e forte em um momento, depois em outro, lento e terno. Eu o beijo de volta como ele deve saber que eu faria também, doce e provocante, o próximo exigente e feroz. A mão de Gavin desliza pela minha cintura e agarra minha bunda, segurando-me contra ele. Nossos peitos se esmagam, nossos quadris se movem enquanto nos esfregamos um no outro, enquanto nossos beijos aumentam em velocidade e ritmo.

— Só desta vez — diz ele.

Eu concordo.

— Só uma vez.

— Então amanhã — diz ele entre beijos, mordendo meu lábio, perseguindo-o com a língua, antes de começar a beijar meu queixo, meu pescoço. — No treino, seremos o que sempre fomos.

Eu gemo quando ele agarra minha bunda com força e me move contra ele.



— No dia depois de amanhã...

— Deus — diz ele rudemente, mantendo-me tão apertado contra ele que mal posso respirar. — Deus, você é tão bom, tem um gosto tão bom. Muito melhor do que eu... — Ele me beija com mais força, parando, mas não é difícil completar o resto da frase.

Eu sorrio contra sua boca.

— Esteve pensando sobre isso, hein, Hayes?

— Não me provoque. — Ele segura minha mandíbula, e aperta enquanto fode minha boca com sua língua. — Como se você também não tivesse.

— Talvez só um pouco.

Gemendo, ele pressiona sua boca na minha, desta vez de forma forte e lenta. Ele segura meu rosto, meus quadris. E é aí que eu percebo o que é isso. Um último beijo. Um beijo de despedida. Um beijo sem futuro.

Em uma expiração lenta e instável, ele segura minha bochecha, desliza o polegar ao longo do meu lábio inferior enquanto olha nos meus olhos. E então ele se inclina, como que impulsivamente, para mais um beijo, uma mordida no meu lábio inferior que ele arrasta entre os dentes, antes de me soltar.

Eu olho para ele, ouvindo minha respiração irregular, sentindo o calor em minhas bochechas.

— Por que você...

Seu dedo para minha boca. Seus olhos sustentam os meus.

— Você vai para casa agora. E eu vou ficar aqui.

— Mas...

— E eu vou ficar bem.

Eu engulo contra o nó de *algo* na minha garganta, uma pontada agridoce queimando minhas costelas.

— E quando eu te ver em dois dias — ele diz —, isso ficará para trás.

Eu o encaro. Odiando que ele está certo. Que, por incrível que tenha sido, é a pior coisa possível que eu poderia fazer.



Eu tenho que ser sábio. Não posso ser sugado para me importar com alguém da equipe e repetir o mesmo erro que cometi com Bryce.

Mesmo sabendo que Gavin não é Bryce, é muito arriscado. E daí se nos beijamos como campeões? E daí que, em algum momento, isso se esgueirou para mim; as provocações mútuas e as provocações se transformaram em algo que me excitou? Mesmo que mantivéssemos isso apenas fora do expediente, em nossas casas, mesmo que tentássemos de tudo para mantê-lo fora de nossas mentes e consciência quando praticássemos, treinássemos e jogássemos e fizéssemos passagens promocionais, isso poderia fugir de nós e comprometer nossas capitanias, o time, a temporada. Um de nós pode perder o interesse; o outro poderia querer mais. Podemos escorregar na frente do time e ter que responder por quebrar o que eu nem tenho certeza *são* as regras sobre os jogadores estarem juntos.

Tanta coisa pode dar errado. Gavin está certo. Isso tem que parar.

— Vamos lá. — Ele se senta lentamente, empalidecendo de dor enquanto balança as pernas para fora da cama e se levanta. Eu saio de sua cama, seguindo enquanto ele manca apenas um pouco pelo corredor, antes de se virar para a cozinha e abrir a porta dos fundos.

Não sei sair bem dessa situação. Minhas entranhas são um misturador de inúmeras emoções, trituradas pela minha ansiedade até que se tornem um borrão confuso e inextricável.

— Vá em frente, então — diz ele baixinho, deslizando a mão nas minhas costas, baixo e gentil. — Vai.

Eu olho da vista de seu quintal, de volta para ele, reconhecendo o momento como um limiar em mais de um sentido da palavra. Eu quero ficar e beijá-lo e colocar gelo em seu joelho e preparar um banho para ele e fazê-lo rir e cuidar dele.



E eu quero empurrá-lo para longe e fingir que nada disso aconteceu, como se ele não me mostrasse um lado do homem afiado e duro que ele tem sido e revelasse o que está por trás dessa fachada brutalmente fria:

Alguém que se importa. Que sangra e dói e teme.

Apenas como eu.

Eu o encaro por um longo momento. E ele olha de volta para mim, sua mão quente nas minhas costas, sua pressão aumentando a cada segundo que eu fico ali, me empurrando para onde eu sei que preciso ir.

Finalmente, eu me forço a fazer o que prometi a mim mesmo que faria. Eu me afasto. Quando entro em sua varanda, eu me parabenizo mentalmente. Já fiz o que não fiz antes. Estabeleci um limite, parei firmemente de ir onde não deveria com um companheiro de equipe.

Eu deveria estar orgulhoso de mim mesmo. Eu deveria estar aliviado.

Mas, quando a porta de Gavin se fecha silenciosamente atrás de mim, não me sinto nem um pouco orgulhoso ou aliviado.



15

GAVIN

Música da Playlist: “Lonely Boy”, The Black Keys

— BEM, ISSO FOI UMA EXPERIÊNCIA — digo a Mitch. — Passa para cá essas chaves, velhote. E vamos rezar da próxima vez que eu foder meu joelho e precisar de uma injeção de esteróide, seja na esquerda e não na minha perna com problema novamente.

— Se você não gosta que eu dirija, isso é um problema seu — diz Mitch, batendo as chaves na palma da minha mão.

Eu bufo.

— Não é uma questão de *gostar*. Era uma questão de não querer morrer antes mesmo de chegar ao médico.

Ele acena com a mão com desdém, servindo-se de um copo de água da minha cozinha.

— Faça o que quiser. Você deveria ter pedido a Oliver.

Seu nome envia um raio de calor que queima através de mim. Fecho os olhos, fazendo todo o possível para bloquear a memória de beijá-lo, senti-lo, saboreá-lo.

Eu não posso dizer a Mitch que *de jeito nenhum* eu pediria a Oliver depois de ontem à noite, quando eu fiquei com ele na minha cama, fodi sua boca com a minha língua do jeito que eu queria foder com *ele*, então o expulsei depois de dizer a ele que isso foi uma vez coisa que iríamos deixar firmemente no passado – e é desnecessário dizer que manter distância é o melhor agora.

Então, em vez disso, eu pergunto a ele

— Por que fazer isso quando eu tenho você?

Ele suspira, esfregando o rosto.

— Porque você precisa confiar em outras pessoas. Onde está sua família? Onde estão seus amigos?

— Minha família? Exatamente onde eu os quero — digo a ele secamente. — E amigos? — Faço um gesto para ele, para a mesa onde o grupo joga pôquer. — Bem aqui. O que mais eu poderia pedir?



Mitch faz uma careta para mim.

— Se você está tão chateado por me levar — digo a ele — , você poderia ter dito não. Você está chateado por ir andando para casa? Eu lhe disse que poderia deixá-lo em sua casa e dirigir a curta distância de volta para a minha.

— Não! Não é isso. — Ele cai em um banquinho da cozinha enquanto eu passo cautelosamente por ele e jogo minhas chaves no balcão.

— Então, qual é o seu ponto, Mitchell?

— Meu ponto — diz ele bruscamente — é que estou cansado de permitir sua besteira isolacionista.

Eu o encaro.

— Besteira isolacionista? Você não tem ideia do que está falando.

Ele concorda.

— Você tem razão nisso. Tudo o que posso fazer é ler nas entrelinhas.

— Você realmente quer ouvir minha merda, Mitchell?

Ele dá de ombros.

— Sim. Mas eu não sou a pessoa em quem você deveria confiar. Pelo menos, não a única, e certamente não a primeira.

Eu ando lentamente na minha sala em direção ao sofá que está chamando meu nome.

— E a quem devo confiar meus segredos mais profundos e sombrios?

— Pessoas da sua maldita idade — diz ele. — Pessoas com quem você constrói uma vida. Amigos. Família. Amigos que se tornam família.

Gemendo, eu me acomodo no sofá e levanto minha perna, apoiando-a em um travesseiro. Wilde mia para mim como se eu devesse fazer algo por ele, quando estou de cama assim.

— O que você quer? — Pergunto-lhe. — Tem comida na sua tigela. Sapatos que acabei de tirar para você mijar.



Ele mia novamente, então, estranhamente sobe no sofá e se acomoda no meu peito, ronronando. Ele é um filho da puta rabugento então ele provavelmente vai acabar afundando suas garras em mim, mas por enquanto, eu saboreio o ronronar dele e acaricio suas macias bochechas pretas e brancas.

— Dificilmente faz sentido formar relacionamentos — digo a Mitch, voltando à nossa conversa. — Vou ser derrubado em um jogo um dia desses, em breve, e não vou voltar. Depois disso, eu vou embora.

Ele arqueia uma sobrancelha prateada.

— É bom saber que você planeja ir embora quando a merda bater no ventilador.

Eu olho para ele.

— Vou manter contato com você, quando chegar a hora. Fazer uma visita aqui e ali.

— Exatamente. — Ele bate o punho no balcão. — Porque eu sou importante para você. E qualquer outra pessoa com quem você construir um relacionamento aqui também importaria para você.

Está na ponta da minha língua me explicar, mas explicar isso seria revelar o quanto estou magoado, o quanto já vivo profundamente na dor antecipada, o quanto eu temo.

Mas você não faz parte do mundo que terei perdido, quase lhe digo*. Você não será um lembrete do que eu não terei ou serei, nunca mais.*

— É diferente com você.

Ele balança a cabeça, levantando-se de seu banco e caminhando em direção à minha porta da frente.

— Estou dando no pé.

— Mitch...

— Não. Você é ruim para minha pressão arterial quando está assim.

— Agora, espere. — Eu tento me sentar do sofá, mas Wilde afunda suas garras em mim no momento em que Mitch me empurra de volta para baixo com força



surpreendente. — Jesus. Agora vocês estão se juntando contra mim.

— Você — ele diz, se inclinando e me cutucando no peito — precisa pensar um pouco. E pare de ser tão teimoso.

Eu franzo a testa para ele.

— Eu não sou teimoso. Eu sou prático.

Ele revira os olhos.

— Vejo você no pôquer esta noite, idiota. Descanse, porque você tem uma surra vindo em sua direção.

— ONDE ESTÁ O SKITTLES? — Jorge grita da despensa.

— Bem abastecido no minimercado na estrada — digo a ele, embaralhando as cartas. Elas pousam com um estalo satisfatório na mesa. — Mas, infelizmente, não aqui.

Jorge tira a cabeça de cabelo rosa da despensa e franze a testa para mim.

— Peço uma coisa. *Uma* coisa. Salgadinhos.

Eu aponto um polegar para Itsuki.

— Não olhe para mim.

Itsuki se senta em sua cadeira, bebendo seu seltzer de limão, e diz

— Eu não vou te levar ao dentista de novo um dia depois do pôquer, porque você conseguiu arrancar outro dente nessas coisas. Elas são muito pegajosas.

Jorge nivela um olhar para ele.

— Qual é o sentido de ter dentes se eu não posso comer o que eu quero, hmm? — Seu discurso muda para o espanhol enquanto ele mergulha de volta na despensa, procurando outras guloseimas.

— Não é tão ruim — diz Jim, enquanto empilha fichas. — Vamos pensar em algumas alternativas.

— Não há nenhuma! — Jorge grita da despensa.

— Claro que há. — Lou funga, franzindo a testa em pensamento. — Molho de maçã com morango.

Jim bufa.



— Pudim de chocolate.

Itsuki esconde uma risada atrás de sua mão, então, diz:

— Suco de ameixa!

Jorge sai da despensa, batendo a porta atrás de si e parecendo estrondoso.

— Vocês estão todos mortos para mim.

— Vamos lá — digo a ele, dando um tapinha em seu lugar na mesa. — Sente-se e tome sua limonada rosa chique e organize suas cartas. Você demora bastante.

— Falando em demorar — Lou resmunga, olhando para o relógio de pulso. — Onde está Mitch?

Eu apalpo as cartas um pouco, mas as pego a tempo de embaralhá-las. Me despedir brigado com o velho me deixou desconfortável. Olho para o relógio de parede na minha sala de estar, franzindo a testa. Ele está quinze minutos atrasado. Mitch nunca se atrasa.

— Não sei — digo a Lou. — Ele disse que estaria aqui.

Assim que termino minha frase, a porta dos fundos se abre.

E meu estômago despenca até a sola dos meus pés.

Lá está Mitch. E ao seu lado...

Oliver.

— Já era hora! — Jim grita. — Traga sua bunda aqui. Temos que começar a jogar antes que Gavin embaralhe tanto as cartas que tire os peitos das rainhas.

Mitch acena com a mão com desdém, fechando a porta atrás de Oliver, que está me dando um olhar arregalado de alguém prestes a ser atropelado. Eu me levanto da mesa com relativamente mais conforto e facilidade do que tive esta manhã, graças a essa injeção de esteróide, um resultado com o qual nem sempre posso contar. Às vezes, a dor é pior por um dia ou dois após a injeção antes que o alívio finalmente comece, outras vezes misericordiosa, menos frequente, sinto alívio muito mais cedo. Felizmente, esta é uma daquelas raras ocasiões e agora a dor no meu joelho foi reduzida a uma dor maçante, persistente, mas não incapacitante.



— Mitchell — eu digo com firmeza. — Por que você não se junta aos nossos amigos na mesa?

Mitch me dá um sorriso largo, travessura brilhando em seus olhos.

— Olha quem eu encontrei lá fora. Não é ótimo que Ollie possa se juntar a nós?

Dou um tapinha nas costas de Mitch e dou um bom aperto de advertência em seu ombro.

— Um deleite.

— Eu vou me sentar — ele diz para Oliver. Em seguida, ele se vira para mim e faz mímica derrubando o chapéu.

Assim que ele está fora do alcance da voz, Oliver diz freneticamente, em voz baixa:

— Eu tentei muito, muito dizer não a ele, mas ele é....

— Um maldito trator, quando ele decide fazer alguma coisa.

Oliver assente.

— Eu estava capinando lá atrás, e ele apareceu no meu quintal, começou a conversar, o que, você sabe, eu estou tranquilo em fazer. Ele é um cara legal, fácil de conversar. Então, ele faz um truque mágico de conversação, e a próxima coisa que eu lembro é ele dizendo que está tão feliz por eu poder vir jogar pôquer com vocês. Eu continuei tentando recusar educadamente, disse que tinha trabalho de jardinagem, e então ele *se ajoelha e começa a capinar comigo* — Oliver sibila. — Disse "com dois de nós trabalhando, terminaremos duas vezes mais rápido, então, você pode se juntar a nós!"

Eu suspiro.

— Soa como o Mitchell.

— Quem é? — Jorge entra, apertando os ombros de Oliver. Ele o olha de cima a baixo. — Ele é *adorável.*

— *Ele* — digo a Jorge, tirando as mãos dos ombros de Oliver — é uma pessoa que você está tratando como um boneco.

Jorge mexe as sobrancelhas.



— Bem, olhe para ele. Ele *é* um boneco. Olá.

Eu reviro os olhos.

— E ele está *aqui*. Comporte-se.

Oliver limpa a garganta, então, mostra seu sorriso habitual de megawatts, enquanto oferece sua mão.

— Oliver Bergman. Prazer em conhecê-lo.

— Jorge Delgado. — Jorge o esmaga em um abraço. — Tão bom conhecê-lo, Oliver! Ollie! Oliverio! Que nome perfeito para um homem perfeito. Entre! Entre! Jim, seja útil e pegue uma cadeira.

— Pode deixar! — Jim chama, colocando uma cadeira entre seu assento e o meu. Claro, porra. Eu olho para Jim, que me lança uma piscadela embaraçosamente óbvia.

Uma vez que Jorge finalmente soltou Oliver e correu para reorganizar a mesa para que houvesse espaço para outro, eu digo a Oliver:

— Você realmente não precisa ficar.

Ele esfrega a nuca, abaixando os olhos para os seus tênis manchados de terra.

— Eu não vou se você não quiser.

Deus, se fosse tão fácil. Eu deveria dizer a ele que eu quero que ele vá embora. Que é melhor se ele for para casa e mantermos nossas vidas o mais separadas possível, mesmo que apenas dessas pequenas maneiras, dado o quanto de prática, treino, jogos, sermos co-capitães, une-nos. Devo dizer a ele que o que fizemos ontem foi um erro do qual me arrependo e que nunca repetiremos. Eu deveria vê-lo sair, fechar a porta atrás dele e excluir as memórias da noite passada, o desejo que elas abriram, de uma vez por todas.

Mas eu não posso me obrigar a fazer isso. Eu não posso me forçar a continuar empurrando Oliver para longe, quando finalmente puxá-lo para perto ontem à noite foi tão bom para caralho depois de meses de nada além de dor e miséria juntos. Eu não posso rejeitar alguém que me deu conforto na noite passada, mesmo quando eu estava rosnando e latindo, que eu mantive tão longe por tanto



tempo, fixado nas partes dele que são fáceis de se ressentir – sua juventude , sua saúde, sua felicidade despreocupada – em vez de ver o que está por baixo – alguém que luta contra a pressão esmagadora da ansiedade, que se esforça tanto para ser bom, útil, esperançoso e generoso com todos, mas é tão impiedosamente duro consigo mesmo.

Olhando para ele, digo a mim mesmo o que disse a nós dois ontem à noite... *Só desta vez*. Então, amanhã, vamos redefinir os limites. Vizinhos, mas não próximos. Co-capitães, mas não confidentes. Civis. Ordenados. Seguros.

Só esta noite, só esta noite, eu quero ser imprudente.

— Fique — eu digo a ele. — Se você quiser. Mas vou avisá-lo, somos um bando implacável.

A cabeça de Oliver se levanta. Seus olhos brilham enquanto ele sorri.

— Devidamente avisado.

— Venha aqui, Ollie! — Mitch chama. — Você já jogou pôquer? Precisa de nós para te ensinar as manhas?

Oliver dá de ombros enquanto tira seus tênis sujos e os coloca de lado.

— Já faz um tempo — diz ele, puxando o cabelo para trás em um daqueles pequenos raios de sol de um rabo de cavalo enquanto caminha pela cozinha. — Eu provavelmente poderia aproveitar uma atualização.

Enquanto ele se senta e se junta aos caras na mesa, sorrindo e apertando as suas mãos, tenho a sensação mais enervante de que acabei de cometer um grande erro.

— DROGA! — Jim joga suas cartas no chão. — Que merda é essa? Ele ganhou de *novo*?

Oliver junta uma pilha enorme de batatas fritas, um sorriso tímido no rosto.

— Sorte de principiante.

— Sorte de principiante, minha bunda. — Lou bufa, recostando-se em seu assento enquanto cruza os braços



sobre a barriga. — Se você é um jogador de pôquer "iniciante", eu como meu sapato.

O sorriso de Oliver se aprofunda. Ele dá de ombros.

— Iniciante.

Mitch dá um tapa na coxa e dá uma gargalhada, absolutamente encantado com o rumo dos acontecimentos.

Jim alcança Oliver e bate no meu braço.

— Um pequeno aviso de que eu estava prestes a perder minha aposentadoria teria sido bom!

— Honestamente, Jim. — Itsuki revira os olhos. — Jogamos por centavos.

— Os centavos somam — Jim resmunga.

Oliver se inclina e diz:

— Não se preocupe. Eu sou um jogador bastante imprudente. Tenho certeza de que perderei tudo em breve de maneira espetacular.

Quando ele se endireita, sua coxa roça a minha pela oitava milionésima vez desde que todos nos sentamos, fazendo uma onda de calor atravessar minha pele e se instalar baixa e quente na minha virilha. Eu pego um punhado de batatas fritas e cerro os dentes.

Mitch sorri do outro lado da mesa como se soubesse exatamente por que estou sofrendo. Eu olho para ele.

— Última mão? — pergunta Lou.

— Por que, velhote? — Jim diz, aceitando seus cartões como ofertas de Mitch. — Passou da sua hora de dormir?

Lou lança-lhe um gesto pitoresco.

— Ao contrário de você, eu tenho uma vida social fora dessa turma de vagabundos. Na verdade... — Ele vasculha a mistura da trilha que eu preparei, então, pega um M&M entre as nozes e frutas secas. — Eu tenho um encontro.

Os olhos de Jorge se arregalam. Ele dá um tapa no peito de Lou.

— E por que estamos apenas ouvindo sobre isso agora?

Lou dá de ombros.



— É apenas um primeiro encontro. Uma xícara de café descafeinado e um pedaço de torta de limão no Betty's Diner. Pode ser um desastre como acidente de trem.

— Ou pode ser o começo de algo maravilhoso — diz Itsuki encorajadoramente.

Lou dá de ombros novamente.

— Poderia.

— Bem, pelo menos *alguém* aqui está vivendo como deveria — diz Mitch incisivamente, olhando para mim. Se eu não estivesse preocupado em quebrar a perna dele, eu o chutaria por baixo da mesa, bem na canela.

— Conversa muito boa vinda de um homem que se recusa a namorar — eu o lembro.

Mitch funga.

— Quem disse que eu não estou?

Todas as nossas bocas se abrem. Desde que conheço Mitch – e isso já faz quase dois anos – ele só falou de sua falecida esposa, Janie, em termos francamente reverentes. Ele nunca flertou com uma alma, nunca deu o menor sinal de interesse por outra pessoa.

— Mitchell Thomas O'Connor. — Apoiei meus cotovelos na mesa. — Abre o bico.

— Eu tenho uma amiga por correspondência — diz ele com requinte, ajustando suas cartas.

— Isso é fofo, se você acha que isso é tudo que você vai conseguir dizer. — Jorge bate na mesa. — Vamos lá.

Mitch suspira, os olhos ainda em suas cartas.

— Ela e eu crescemos juntos, fomos para a mesma escola até o ensino médio, depois perdemos o contato, quando entrei para a Marinha. Nós nos encontramos em uma reunião anos atrás, nos apresentamos aos nossos cônjuges, nos separamos em termos amigáveis. Não sei quem começou primeiro, mas começamos a enviar cartões de Natal, mantivemos contato assim. Quando ela soube que Janie havia falecido, ela enviou uma carta muito legal. Levei um tempo para escrever de volta para todos que enviaram suas



condolências e, desde então, escrevemos um para o outro. E isso é tudo o que estou dizendo esta noite.

Lou vaia, quando Jorge faz sons de beijo. Itsuki aperta a mão de Mitch e diz:

— Que romântico.

Jim olha para Mitch, parecendo profundamente traído.

— O que aconteceu com a Fraternidade dos Viúvos Selvagens e Encantadores!

Eu bufo.

— Que apelido.

Mitch dá de ombros.

— Os tempos, eles estão mudando.

— Ótima música — Oliver diz enquanto organiza suas cartas. Silenciosamente, ele começa a cantarolar a música de Bob Dylan como se nem soubesse que está fazendo isso.

Jim se vira para Oliver, os olhos brilhando avidamente.

— Temos um amante da música em nossas mãos? Alguém que realmente aprecia música *de verdade*? Não a porcaria que as crianças de hoje em dia ouvem – a única exceção são minhas rainhas, Adele e Kelly Clarkson, porque, caramba, essas mulheres sabem cantar.

Oliver sorri em sua direção.

— Ah, não seja muito duro com a música moderna. Tem muita coisa boa por aí. Mas... — Ele esfrega a nuca. Seu tique nervoso, eu descobri recentemente. Eu quase tenho que sentar na minha mão para não segurar seu pescoço, acalmá-lo do jeito que eu fiz no vestiário antes de ele dar sua primeira conversa estimulante antes do jogo.

O que há de *errado* comigo?

— Sim — Oliver finalmente diz. — Eu gosto de música. De todos os tipos. Muitas são velhas – sem ofensa.

— Nenhuma — diz Lou, inclinando-se. — Quão velha estamos falando?

— Gershwin, Ella, Armstrong, Sinatra — Oliver diz a ele. — Big band é um grande momento. Minha irmã mais nova me apresentou, quando ela estava obcecada em aprender a



dançar e queria um parceiro para praticar, então, ela tem um ponto fraco no meu coração.

Meu estômago dá um nó. Ele tem outra irmã. Não apenas a mais velha que vem ao complexo com a sobrinha. E eu me importo que eu não sabia disso. Deus, isso é ruim – não, ridículo. Eu não me importo se ele tem uma irmã ou dez. Eu não me importo.

Se eu disser a mim mesmo que isso é o suficiente, isso vai se fixar na minha cabeça dura.

— Eu acho que há algo para amar em cada era da música — Oliver está dizendo ao grupo, quando eu sintonizo novamente. — Isso reflete o que estava acontecendo naquela época culturalmente, psicossocialmente. A música fala com a experiência humana e fala por ela. Quando apreciamos isso, apreciamos as perspectivas de muitas pessoas sobre a vida. Sabem o que eu quero dizer?

Jim se levanta, jogando suas cartas.

— É isso, Ollie. Vamos lá.

Oliver olha cautelosamente para Jim.

— Hum. Aonde?

— Vê aquela TV? — Jim diz, apontando para minha sala de estar.

Oliver olha para aquele lado.

— Bem, sim, eu vejo, Jim.

— Aquela TV — diz ele. — Tem uma conexão de canal de karaokê.

— Oh, Cristo — eu murmuro. — Não, James. Nada de karaokê.

— Silêncio, você — Mitch repreende, enquanto ele se afasta da cadeira e caminha para a sala de estar. A TV liga. Mitch e Jim discutem sobre o controle remoto, enquanto clicam nos programas para se conectar com a máquina de karaokê, que eu desmontei e comprei no ano passado, quando ficou óbvio que Jim ia fazer uma serenata para nós, com ou sem microfone na mão e música de fundo tocando, assim, também pude satisfazer o homem.



Oliver se vira para mim, nossos joelhos batendo. A memória de quando nossos joelhos bateram pela última vez, quando sua perna deslizou contra a minha na minha cama, engole todos os outros pensamentos. Estou tolamente olhando para a boca dele, lembrando como foi bom para caralho arrastar seu lábio inferior entre os dentes, quando ele diz:

— Posso convenientemente receber um telefonema muito urgente e sair, se você quiser.

— Oli! — Jim chama. — Vamos lá! Eu coloquei o Sinatra. Você e eu, garoto, vamos derrubar a casa.

Eu olho entre o grupo. Jorge e Itsuki começaram a fazer os passos de foxtrot, enquanto os compassos de abertura de "Fly Me to the Moon" enchem os alto-falantes. Lou está de quatro em frente ao centro de entretenimento, reclamando sobre como Jim plugou o microfone errado.

— Infelizmente — digo a Oliver — quando se trata dessas dores na minha bunda, eu sou um gigante e patético molenga. É melhor dar a eles o que eles querem e se juntar a eles.

Um sorriso surge no rosto de Oliver.

— Esta é sua última chance de me expulsar antes que as coisas se tornem muito desagradáveis.

Eu mordo um sorriso e me acomodo na minha cadeira, braços cruzados.

— Vá em frente, então. Faça o seu pior.



16

GAVIN

Música da Playlist: “Fly Me to the Moon”, Imaginary Future.

O CHEVY DE LOU desce a estrada em um trio alegre de buzinas, as mãos acenando para fora das janelas.

— Graças a Deus. — Eu bato a porta atrás de mim e esfrego meu rosto.

Quando minhas mãos caem, a vista faz meu coração disparar e depois dar uma guinada. Oliver, emoldurado no arco da minha sala de estar entre a cozinha e a sala de jantar em conceito aberto. Ele dá a volta na mesa enquanto pega pratos, copos, latas de seltzer e tigelas de salgadinhos. Reconheço alguns dos mesmos movimentos absurdos que ele fez no hotel, para tentar dissipar o constrangimento após a Grande Catástrofe dos Lençóis, enquanto ele circula a mesa e cantarola “Fly Me to the Moon”.

Eu o encaro, lutando contra um sorriso enquanto me lembro dele com Jim, aqueles dois fazendo serenata um para o outro.

Oliver olha para cima e me vê, então, quase deixa cair as coisas em seu braço.

— Merda. — Ele salva no último minuto.

Eu empurro a porta, forçando minha expressão em sua usual inescrutabilidade vazia.

— Você não tem que fazer isso — digo a ele, juntando o que sobrou na mesa. — Eu vou limpar.

— Eu não me importo. — Ele se vira e coloca tudo cuidadosamente na pia.

Eu o encaro enquanto ele está de costas para mim, água corrente, esguichando sabão na esponja. É enfurecedor que seja um momento tão simples que carrega o peso do mundo dentro dele.

O que eu temia e lutava desde o momento em que o vi pela primeira vez está aqui, na minha frente, tão real quanto



o coração batendo no meu peito, batendo cada vez mais rápido, enquanto eu o observo.

Esse homem enfurecedor, irritante e cansativo é importante para mim.

Ele é mais do que "importante" para você, uma voz perigosa e nada boa sussurra em minha cabeça. Eu a silencio, enterro.

Eu não posso deixar *importante* se tornar *mais*. Não quando existe uma vida inteira entre nós, não quando em breve este time, este jogo, estará perdido para mim e será seu mundo inteiro.

Melhor guardar para mim o que sinto. Para protegê-lo. Para proteger nós dois.

Mas Deus, se eu pudesse saboreá-lo mais uma vez antes de encerrar esse desejo doloroso de uma vez por todas...

Não. Eu não deveria. Não é certo pedir isso a ele, quando a luxúria e o ressentimento se emaranham no meu peito enquanto olho para ele. Seria errado se aproveitar da impulsividade do que, eu admito, parece ser uma atração mútua e muito intensa. Seria errado girá-lo e prendê-lo contra a pia e beijá-lo devagar e profundamente até ficarmos tontos e desesperados, até que mãos vagassem e o quarto no corredor nos atraísse como uma sereia, em direção à destruição.

— Obrigado, à propósito — Oliver diz baixinho, tirando-me dos meus pensamentos.

Pisando ao lado dele, eu adiciono o último dos pratos que eu estava segurando na água com sabão.

— Pelo o quê?

— Pedir para eu ficar.

Pego um prato que ele lavou e o seco, inclinando o quadril contra o balcão enquanto o observo de perfil. A longa linha de seu nariz. Sua boca se franziu em concentração. O jogo de luz na ponta de sua barba raspada.

— Tecnicamente, os outros pediram para você ficar. Eu apenas os satisfiz.



Ele olha para mim, um sorriso no rosto.

— É claro. Bem, obrigado de qualquer maneira. Apesar de você ser um rabugento do karaokê, eu me diverti.

Meu coração se contorce. Eu quero puxá-lo pela camisa e beijar aquele sorriso para fora de seu rosto. Eu quero fazê-lo largar o prato em suas mãos e ouvi-lo quebrar, como sua resolução até que ele esteja me tocando tão freneticamente quanto eu quero tocá-lo.

Mas, em vez disso, pego outro prato e o seco.

— Você realmente não precisa fazer isso. Você pode ir para casa. Descanse um pouco. Estamos de volta brilhantes e cedo amanhã.

Oliver dá de ombros.

Eu cerro os dentes, lutando tanto pelo controle, para me impedir de tomar o que não deveria. Abruptamente, eu bato minha mão na torneira, impedindo o fluxo de água.

— Você deveria ir para casa, Oliver.

Ele olha para a tigela em suas mãos por um momento de silêncio espesso, então, olha para mim.

— Por quê?

Eu seguro seus olhos quando ele olha para cima, sentindo o resto do meu controle escapar.

— Você sabe o porquê.

Lentamente, ele se vira, sua mão percorrendo a borda da pia, parando bem perto do meu quadril.

— Eu quero que você me diga.

Minha mandíbula aperta. Eu não posso falar. Se eu abrir minha boca, será para cair sobre a dele. Não posso. Eu não vou.

Ele dá mais um passo para mais perto e diz:

— Nós concordamos que o que aconteceu ontem à noite ficaria para trás.

— Exatamente — eu respondo com firmeza.

Ele sorri.

— Mas dissemos que isso seria efetivo a partir de *amanhã.*



— Só porque eu não tinha levado em consideração que Mitchell o traria como refém de seu quintal e arrastaria você para o pôquer em minha casa hoje à noite.

Oliver estala a língua.

— Erro de principiante, Hayes. E você se considera um jogador veterano.

— Eu não me chamo de nada. Eu *sou* um jogador veterano. Estou velho e praticamente inútil, e você faria bem em se lembrar disso — eu estalo.

Ele franze a testa. Essa maldita carranca pensativa. Seus olhos me examinam.

— O que isso significa?

Eu não respondo a ele. Olho pela janela da cozinha em direção à sua casa, desejando que ele tivesse pena de mim e voltasse para lá já.

— Você acha que eu me importo que você seja mais velho do que eu? — ele diz baixinho.

— *Dez* anos mais velho — digo a ele.

— Nove anos, sete meses e seis dias.

Meu olhar estala em direção a ele. As bochechas de Oliver estão vermelhas.

— Perdão?

Ele esfrega a nuca e olha para o chão.

— Vamos, Hayes. Todo mundo sabe seu aniversário.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Mas eles fizeram as contas para saber nossa diferença de idade? Para alguém que não se importa que eu seja mais velho...

— Eu tinha uma queda por você — ele deixa escapar. — Na adolescência. Tipo, um tipo de paixão que desperta o sexo. É por isso que sei seu aniversário e nossa diferença de idade. Conheço todos os clubes pelos quais você jogou e todos os gols que marcou, e eu tenho uma atração estúpida por pessoas competentes, e você sempre, obviamente, coça essa coceira.



“Então, deixe-me ser claro — diz ele, diminuindo a distância entre nós, tão perto que sinto o calor saindo dele, sinto o cheiro inebriante de sua pele. — Eu não me importo que você tenha trinta e quatro anos. Eu me importo que você seja um grande pau no cu na maioria das vezes – e não faça uma piada sobre o seu tamanho agora todo pomposo, estou tentando ser sincero. Eu me importo que, embora você seja geralmente um rabugento e cínico, às vezes, você também é um molenga gigante para as pessoas de quem gosta, mesmo que essas pessoas de sorte não sejam muitas.

“Eu me importo porque você *me* mostrou cuidado. No nosso voo. Antes do jogo. — Seus olhos vão para a minha boca. — Eu me importo que você me beijou ontem à noite como você queria me beijar. Entregue, provavelmente não tanto quanto eu queria te beijar, mas...

Eu o puxo pela camisa e seguro sua bochecha, minha boca sussurrando sobre a dele.

— Uma última vez — digo a ele.

Ele sorri contra o primeiro roçar de nossos lábios.

— Uma boa música.

— Cale-se. Beije-me de volta — resmungo, deslizando minhas mãos ao redor de sua cintura, puxando-o contra mim. — Concentre-se nisso em vez de *One Last Time* de *Hamilton* por um minuto de merda.

— Ah! — ele diz contra a minha boca, antes que eu o silencie com um beijo profundo e forte. Quente e macio e úmido. Um gemido ressoa na minha garganta enquanto chupo sua língua. — Eu sabia que você gostou — diz ele, afundando as mãos no meu cabelo, segurando meu pescoço.

— É uma trilha sonora frustrantemente cativante — eu admito.

Ele geme.

— Não faça isso.

Eu beijo sua bochecha, o canto de sua boca.

— Fazer o quê?



— Me fazer te querer ainda mais. *Hamilton* é minha fraqueza.

— Lin-Manuel Miranda é sua fraqueza — eu rosno contra seu pescoço, mordendo-o, depois acalmando-o com a minha língua. — Você cantarolou "*Encanto*" durante todo o nosso aquecimento antes do jogo. Você o chamou de Shakespeare e Sondheim em uma pessoa. E eu não gosto de ter ciúmes de um idiota de teatro musical que, aliás, *é* muito velho para você.

Ele joga a cabeça para trás, colocando as mãos nos meus quadris, deslizando-as em volta da minha cintura e amassando minha bunda. Eu gemo em seu pescoço.

— Primeiro — ele diz — quarenta e dois não é tão velho assim. Segundo... *merda*. — Ele engasga quando eu puxo o lóbulo de sua orelha entre os dentes. — Cantar uma música alegre me ajuda a ficar calmo, quando estou nervoso. Então, não tire sarro de mim por isso.

Eu deslizo minha mão sob sua camisa e esfrego suas costas suavemente, saboreando aqueles músculos magros, sua pele quente e firme.

— Nunca.

Ele bufa uma risada que se torna uma exalação áspera, quando minha mão vaga mais para baixo, ao longo do cós de seu short, provoco por baixo do elástico, sabendo que estou indo para algum lugar que não deveria. Eu deslizo minha mão ao longo da curva dura e firme de seu traseiro e deslizo meu dedo para baixo, provocando-o.

— As coisas que eu quero fazer com você — eu sussurro contra a concha de sua orelha.

— Hayes — ele geme, me agarrando com força, até que eu o sinto, duro e grosso, encaixado bem contra cada centímetro latejante e duro de mim. Eu cerro os dentes e respiro através do desejo que percorre meu corpo. É isso ou gemer impotentemente, enquanto ele trabalha contra mim, seu pau esfregando o meu com cada movimento de seus quadris. — Eu quero você — ele sussurra.



— Eu quero você também — eu admito, odiando como eu pareço sem fôlego, carente e desesperado. — Mas não deveríamos.

— Eu sei — diz ele baixinho, deslizando as mãos pelas minhas costas, amassando a teia de músculos rígidos e doloridos. — Não significa que eu queira menos.

Eu coloco minhas mãos de volta em seus quadris, segurando-o contra mim, enquanto o beijo, lento e suavemente. Eu não deveria dizer isso, não deveria querer. Mas estou fraco sob seu toque, tão fodidamente perdido. Eu preciso tanto dele que todo o sentido voa para fora da minha cabeça.

— A não ser que...

Ele se inclina, me beijando de volta, me perseguindo por mais.

— A menos que o quê?

— Nós apenas... coçarmos a coceira uma vez. Tirarmos isso de nossos sistemas.

Ele hesita por um momento, afastando-se e segurando meus olhos. Uma andorinha áspera trabalha ao longo desta garganta.

— Quando?

— Esta noite. — Eu seguro sua mandíbula, deslizo meu polegar ao longo de sua boca, traçando-o. — Agora.

Ele abaixa a cabeça, levando meu polegar em sua boca e chupando.

— Porra. — Eu aperto sua cintura com força e o seguro mais perto, esmagando nossos peitos juntos.

Oliver solta meu polegar com um estalo, os olhos segurando os meus.

— Onde?

Alívio doce e inebriante corre através de mim.

— Em qualquer lugar. O que você quiser.

Ele sorri, presunçoso e satisfeito.

— *Cala* a boca — eu rosno para ele, beijando-o com força, prendendo-o contra a pia.



— Eu não disse nada! — ele murmura contra a minha boca.

Eu empurro contra ele, duro e deliberado, deslizando cada centímetro de mim ao longo de cada centímetro dele. Seus olhos se fecham.

— Você estava pensando.

Ele sorri enquanto segura minha bunda e aperta.

— Pensando no quê?

— Que eu estou tão desesperado para te provar e te tocar e fazer você gozar de tantas maneiras e vezes até você não poder andar direito que eu te tomaria no telhado de um In-N-Out[6] se você me pedisse.

— Se isso faz você se sentir melhor — diz ele, enquanto eu puxo seu pequeno rabo de cavalo e enfio meus dedos em seu cabelo —, eu estou tão desesperado.

— Nada me faz sentir melhor — digo a ele com a voz rouca, pegando sua mão e a guiando sobre minha ereção. Ele ofega enquanto eu trabalho sua mão ao longo de mim. — Nada torna isso melhor, quando você está por perto. Você é um maldito incômodo. Uma tentação enlouquecedora e enfurecedora.

— Gav — ele sussurra, e é a minha ruína. — Por favor.

— Qualquer coisa — eu digo a ele, deslizando minha mão ao longo de sua barriga, sob sua camisa, roçando meus dedos sobre a pele tensa e quente. — Deixe-me tocar em você.

— Sim — ele ofega. — Claro que sim.

Eu deslizo minha mão sob seu short, sua cueca boxer, e o sinto, suave como seda, quente e fortemente pulsante. Porra, ele é lindo. Ele é perfeito.

— Oh, Deus — ele geme.

— Sem Deus aqui — eu digo a ele. — Diga-me quem está lhe dando prazer.

— Você está. — ele sussurra, segurando meu pescoço, me puxando para um beijo, enquanto eu deslizo meu polegar ao

[6] Rede regional estadunidense de fast-food.



longo da parte inferior sensível de seu pau, sobre a glande que está molhada, vazando para mim.

— Diga meu nome — eu digo a ele.

— Gavin — diz ele, então, mais alto quando minha mão vaga para baixo, acariciando, provocando, fazendo-o implorar contra o meu pescoço.

— É isso — digo a ele, beijando sua têmpora, respirando-o. — Vamos lá. Goza para mim.

— Estou tão perto — ele geme. — Merda, estou tão perto. Eu juro que geralmente não é tão rápido, eu só...

— Oliver — eu murmuro contra sua bochecha, então, beijo sua boca de novo e de novo. — Estou prestes a explodir a porra do meu gozo, só por te dar um orgasmo. Você não precisa se explicar.

— Eu quero que dure — diz ele fracamente, deslizando as mãos sob minhas roupas e segurando minha bunda nua. — Eu não quero que seja isso.

— Não vai ser — eu prometo a ele, ternura me inundando, quando eu o toco, enquanto ele me agarra e trabalha contra a minha mão, perseguindo a liberação. — Temos a noite toda.

Ele chupa meu lóbulo da orelha, e meu joelho fraco quase cede.

— Quero cada minuto.

Estou prestes a prometer a ele a porra do mundo se ele quiser, quando, de repente, a luz da varanda dos fundos de Oliver ganha vida, derramando como faróis altos pela janela da minha cozinha.

Nós dois ficamos assustados por apenas um momento antes de batermos de volta um no outro, beijos se aprofundando, corpos se movendo, até que o som da voz de uma mulher gritando um palavrão faz Oliver congelar, então, se virar, encarando sua casa.

Eu fico lá, atordoado.

Ele protege os olhos, apertando os olhos.



— Ah, merda! — Ele ajeita o short, bate nos bolsos freneticamente. — Eu não estou com meu telefone. Merda, eu não tenho meu telefone, e ela está...

Ele se vira, de olhos arregalados, respirando pesadamente.

— Eu sinto muito. Eu realmente tenho que ir ver se ela está bem. Eu... — Ele segura meu rosto e me beija mais uma vez, forte e profundamente. Eu me afasto assim que ele me solta, enquanto ele empurra os pés em seus tênis enlameados e sai correndo pela porta dos fundos em direção a sua casa.

Fico de pé, tolamente o observando tempo suficiente para vê-lo envolver os braços em torno de uma mulher quase tão alta quanto ele, uma cascata de cabelos cor de fogo caindo pelas costas, enquanto ele a puxa com força e a balança. A conforta. Beija a coroa de sua cabeça.

De acordo com meus médicos, tenho um limiar de dor perigosamente alto, mas mesmo isso é demais para mim. Eu não posso assistir mais um momento sequer.

Então, eu me viro e tranco a porta atrás de mim. Então, eu ando pela minha casa, apagando um interruptor de luz após o outro, até que, mais uma vez, tudo está escuro.



17

OLIVER

Música da Playlist: “Slide to the Side”, Beaty Heart

PRATICAMENTE A ÚNICA COISA POTENTE o suficiente para me aliviar da ereção da minha vida é a visão da minha irmãzinha em lágrimas.

— Ziggy — eu sussurro, balançando-a com força. —, eu sinto muito. Deixei meu telefone... — Olho para o quintal onde minha garrafa de água e meu telefone estavam abandonados perto da pilha de ervas daninhas que eu estava puxando antes de Mitchell me emboscar. — Deixei do lado de fora. Eu não queria te ignorar.

— Está tudo bem — ela sussurra, enxugando o nariz com as costas da mão. — Me desculpe, eu estou uma bagunça. Estou com tanta raiva e eu precisava falar com você, porque você sempre faz sentido. Achei que talvez você tivesse adormecido no sofá ou tivesse deixado seu telefone no carro, então, fui até lá e tentei usar minha chave, mas não funcionou e fiquei ainda mais chateada, então...

— Ei. Está bem. — Eu a abraço forte, como ela gosta, e continuo a balançando. Ziggy está no espectro autista e, desde que ela foi diagnosticada, quando éramos adolescentes, aprendi a confortá-la, quando ela está chateada assim. Pressão forte, balanço rítmico, criando um espaço seguro para ela me dizer o que ela precisa ou, inversamente, deixar o silêncio ser suficiente, quando ela não consegue formar palavras.

— Você é sempre bem-vinda aqui — digo a ela. — Eu sempre vou querer que você se sinta confortável aparecendo quando precisar. Eu me sinto um idiota por não estar com meu telefone e por não lhe dar uma nova chave. Venha para dentro. — Eu puxo minhas chaves do meu bolso e abro a casa para ela, antes de correr pelo gramado, para pegar meu telefone e garrafa de água.



Enquanto corro de volta, olho para a janela da cozinha de Gavin, arrependimento e culpa dentro de mim. Sua casa está completamente escura agora. Eu só posso imaginar como foi para ele, vendo-me praticamente pular de seus braços, quando notei uma mulher do lado de fora da minha casa e corri direto para ela. Tenho a sensação de que ele trancou aquela porta e me deixou de fora. Em mais de uma maneira.

A pior parte é que eu estou mais atento. Eu sei que Gavin só me queria por uma noite, e eu sei que não deveria querê-lo por mais mil. Mas eu quero. Eu o quero. E com cada pedaço dele que vejo, da pessoa que estou começando a perceber quem é o *verdadeiro* Gavin, eu só quero mais.

Agir de acordo com esse desejo, incentivá-lo, mesmo que seja um pouquinho, é pedir problemas. Se eu cedesse e me apaixonasse por ele, e aí? Sou consumido por ele, enquanto ele ficar na equipe? Observá-lo caminhar para o pôr do sol e se aposentar em algum lugar quente e adorável, para morar em uma grande casa em tons de cinza sem ninguém para preenchê-la de cor, ou pior, com alguém que concorda que preto, carvão e cinza urze são tudo de mais importante do design de interiores?

Eu ficaria arrasado.

Não, foi o melhor Ziggy aparecer, que nossa noite selvagem foi interrompida, que Gavin e eu paramos antes de agir por atração e arruinarmos a camaradagem provisória que construímos durante nossa viagem para o jogo de pré-temporada.

Eu sei que provavelmente causei algum dano, afastando-me esta noite. O orgulho de Gavin pode ser ferido até que ele me deixe explicar e dizer a ele que não tinha nada a ver com ele e tudo a ver com uma emergência familiar. Pior, ele pode ficar aliviado.

Pior ainda, ele pode não se importar nem um pouco.

O quanto *eu me* importo com isso é profundamente preocupante.



— Ollie? — Ziggy espia para fora da casa e me vê parado do lado de fora da porta dos fundos, perdido em pensamentos muito imprudentes.

É definitivamente o melhor que minha irmã apareceu.

— Desculpe. — Eu rasgo meu olhar para longe de sua casa.

— Por que você estava na casa ao lado? — ela pergunta, olhando para a casa de Gavin. — Você precisa voltar? Eu posso esperar.

— Não. Não. Tudo bem... Foi apenas uma... rápida... pequena... visita de vizinhança. Nada demais.

Entrando na casa, fecho a porta e depois a tranco. Ziggy acende as luzes embutidas no teto e depois as apaga.

— Muito brilhante — ela murmura, então, cai no meu sofá, todos os membros longos e esguios. Um gemido a deixa.

— Qual é o problema, Zigs? — Eu aperto seu dedo do pé suavemente enquanto ando para minha cozinha. — Quer um pouco de chá?

— Sim, por favor — diz ela, massageando as têmporas.

Espero por ela, porque é disso que Ziggy precisa quando está chateada – tempo e paciência para deixá-la formular seus pensamentos, não pressão para cuspi-los. Quando ligo a chaleira e coloco duas canecas com sachês de hortelã nelas, Ziggy olha para o teto, seus pés com meias saltando ritmicamente na beirada do meu sofá.

Finalmente, ela diz:

— Ninguém me leva a sério.

Eu fecho a distância entre nós, circulando a mesa de jantar, então, me recosto no encosto do sofá. Eu olho para ela e pergunto:

— O que você quer dizer com “ninguém”?

Ela não encontra meus olhos. Ela só fica olhando para o teto.

— Quero dizer, ninguém.



Eu vasculho isso, tentando pensar sobre o que ela precisa de mim, se algo além de um ouvido atento. Ziggy lutou socialmente por um longo tempo. É parte do motivo pelo qual ela acabou tendo uma avaliação psicológica abrangente e sendo diagnosticada autista. Ela estava deprimida e ansiosa, tinha compulsões e ataques de pânico. Tantas de suas necessidades e lutas não estavam sendo atendidas ou compreendidas, e tentar mascará-las a levou à beira de um colapso.

Depois de ser diagnosticada, ela levou um tempo para processar seu diagnóstico, aprender seu diagnóstico desmascarado, terminou o ensino médio na escola online enquanto passava muito tempo em terapia, jogando futebol, mantendo a vida simples, seu círculo social pequeno. Surpreendendo-nos a todos quando chegou a hora de decidir entre tentar ir diretamente para o futebol profissional ou jogar em um time na faculdade, e ela estava decidida a ir para a UCLA.

Ela entrou, é claro, fez parte da equipe, garantiu uma bolsa de estudos integral e parece estar indo bem até agora. Ela é uma veterana agora e ela também está no time sub-23 dos EUA, jogando apenas para eles agora que a temporada da UCLA acabou. Eu pensei que ela tinha realmente encontrado seu ritmo, estava se sentindo mais confiante e acostumada desde que se tornou uma veterana na equipe da UCLA, desde que fez o sub-23 e sua equipe titular. Ela *parecia* estar indo bem.

Claro, ela é um pouco chorosa às vezes e quer vir assistir comédias românticas comigo, fazer pipoca e não falar sobre nada. Eu sempre posso deduzir que tem algo em sua mente quando ela faz isso, mas geralmente apenas estar comigo, rindo, brincando, parece tê-la sorrindo e calma no momento em que ela dirige de volta para seu estúdio perto do campus.

O que eu perdi enquanto estive envolvido em minha vida? Enrolado com Gavin ultimamente, as pressões da nova temporada, o peso da responsabilidade desde que foi



nomeado capitão. Quando eu perdi o rastro da minha irmãzinha?

— Ziggy — eu digo baixinho, me abaixando e acariciando seu cabelo, o que ela sempre gosta. — O que está fazendo você se sentir assim? Aconteceu alguma coisa?

Ela dá de ombros, enxuga o nariz e pisca para afastar a primeira ameaça de lágrimas nos olhos.

— Nenhuma coisa específica, não. É só... — Gemendo, ela esfrega o rosto. — Na família, eu sempre serei o bebê. Aquela que todo mundo só...

— Adora? — Eu ofereço.

— Sim! — ela grita, como se esta fosse a pior ofensa.

— Pobre criança.

— Cale-se. — Ela soca minha coxa sem nem olhar e acerta meu quadril perfeitamente.

— Nada de machucar minhas pernas. Minhas pernas são meu sustento. — Eu me inclino e cutuco sua axila, fazendo-a gritar. Ela se senta e enxuga as lágrimas de suas bochechas.

Eu entrego a ela um lenço de papel e digo:

— Você tem certeza que nada específico aconteceu?

— Não. — Ela balança a cabeça, então, sopra alto. — É assim em todo lugar. Na sala de aula. No time. Em grupos de estudo. Eu sei que estou quieta até não estar mais e então estou soltando coisas. Sei que posso ser desajeitada e tenho hábitos e comportamentos que me fazem parecer imatura, mas sou uma adulta. Eu cuido de mim mesma e conheço minhas necessidades e meus limites e sei como me defender – e estou tentando tanto ser notada como independente e madura, e não estou sendo.

Ela respira fundo e diz:

— Eu só quero sentir que as pessoas me respeitam. Como se eles não me vissem como uma garota tímida e estranha, mas sim... como uma mulher que pode fazer coisas corajosas e inesperadas e ser, tipo... legal.

— Ziggy. — Meu coração se contorce. — Você *é* legal.

Ela revira os olhos.



— Você é meu irmão. Você é obrigado a dizer isso.

— Eu quero dizer isso, no entanto. Você é legal. Você é genuína e inteligente e tem um humor inexpressivo incrível. Você tem o vocabulário mais impressionante de todos que eu já conheci. Você é linda e uma verdadeira fonte de conhecimento de curiosidades aleatórias. Eu sempre te quero no meu time, quando a hora de jogar Trivial Pursuit acontece no Chalé A

Rindo fracamente, ela olha para suas mãos.

— Obrigado, Ollie. — Depois de um longo período de silêncio, ela diz: — Você já se sentiu como... se estivesse crescendo para fora de si mesmo? Como se houvesse essas partes suas que você pensou que nunca mudariam e que estão se reorganizando dentro de você? Como as coisas que você achava que sabia mais sobre o que você queria dos outros, de si mesmo, estão transformando você em uma pessoa que você não tem certeza se está pronto para ser, mas você não suporta que as coisas continuem do jeito que estão, ao mesmo tempo?

Eu a encaro, sentindo meu pulso bater forte, enquanto suas palavras reverberam em meu coração e em meus membros. Não que perder nosso autocontrole e ficar fisicamente fosse objetivamente "bom", mas penso em como me *senti bem* desde que Gavin e eu brigamos no campo – o alívio que tem sido desde a tensão que comprimi e compus dentro de mim quebrou minha fachada de matá-lo com bondade e se derramou em brincadeiras e honestidade, confiança e até mesmo um pouco de risada... e prazer, até proximidade. Apenas um pouco de proximidade. Em algum lugar que nunca teríamos chegado se eu apenas continuasse rangendo os dentes e sorrindo em meio à minha miséria.

Eu penso em quanto tempo eu disse a mim mesmo que não poderia ter essas coisas boas com alguém se eles sequer encostassem no futebol. E penso em como é insatisfatório viver uma vida tão compartimentada. Porque não é quem eu sou, ou... se fosse, não é quem eu gostaria de ser para sempre.



Por um tempo, abaixar a cabeça e perseguir meus objetivos com foco único me serviu, mas isso não significa que sempre servirá ou que o que foi certo por uma temporada será certo para sempre. Ziggy está certa. Você cresce para fora de si mesmo, e talvez essa maneira de lidar com meu medo seja algo que eu superei. Isso não significa que meu medo, minhas reservas muito reais sobre misturar prazer e minha profissão, acabou de evaporar, mas parece... libertador, reconhecer que como eu tenho lidado com isso pode precisar mudar, pode ser reexaminado.

Olhando para Ziggy, digo a ela baixinho:

— Sim, Zigs. Eu sei como você se sente.

A chaleira começa a assobiar, e enquanto eu encho nossas canecas e as levo para a minha sala, Ziggy olha pela minha janela para a lua, uma pérola pesada, baixa e brilhante no céu.

— Eu tenho sentido tanta... inquietação — ela diz enquanto eu me sento perto dela, coloco nossas canecas de chá, então, estendo minha mão. Ela coloca a mão na minha, e eu a aperto com firmeza, tranquilizando-a. — Eu tenho estado tão irritada ultimamente. Mas eu não sabia com quem estava com raiva, ou mesmo exatamente por quê.

Eu aperto sua mão suavemente.

— Você sente que descobriu?

Ela acena.

— Estou com raiva de *mim mesma*. Tenho me contido, acreditando em coisas sobre mim que não são verdadeiras, que me fazem sentir frustrada, incompreendida e presa. Eu *odeio* me sentir presa.

Mais uma vez, meu estômago dá um nó. Lembro-me do que nossos irmãos me disseram no quintal de Freya e Aiden, que eles não me reconheceram, que talvez toda aquela raiva que eu pensava ser causada por Gavin fosse causada por mim também, por causa do que eu estava negando, escondendo, reprimindo, tudo em nome de fazer o que eu achava que protegeria meu sonho de ter sucesso na equipe e



me manteria protegido de experimentar a dor e a bagunça que meu relacionamento com Bryce causou em minha carreira universitária.

— O que você vai fazer? — Eu pergunto a ela calmamente.

Ziggy se vira para mim, seus olhos verdes afiados sustentando os meus por um raro momento, antes de deslizarem novamente para a lua lá fora.

— Vou fazer uma mudança. *Vou* ser corajosa e mudar. De alguma maneira.

Sento-me com ela em silêncio enquanto tomamos nosso chá, envolto no silêncio da noite e um cobertor tecido pelos raios da lua. Refletindo sobre nossa conversa, sou grato por Ziggy ter vindo, mesmo que não pelas razões que pensei inicialmente.

No espaço de uma conversa, estou do outro lado de onde comecei. Quando ela chegou aqui, fiquei aliviado que isso impediu Gavin e eu de fazer algo que alteraria irrevogável e potencialmente ameaçaria a estabilidade de nossa equipe, nosso jogo, nosso sucesso como co-capitães. Agora, estou aliviado em reconhecer o quão miserável seguir esse pensamento me faria mais uma vez.

As sábias palavras de Ziggy, ainda mais do que as dos meus irmãos, lembraram-me que ficarei insatisfeito, enquanto continuar mentindo para mim mesmo, vivendo apenas uma parte da minha vida plena, porque estou tão focado no que posso perder que não estou vendo tudo o que nunca vou ganhar se continuar vivendo assim. E se houver uma maneira de ser intencional e, sim, cauteloso, mas também honesto e real e... viver para *mim mesmo*?

Eu não sei o que isso significa, quando eu olhar para Gavin amanhã, mas eu sei que não vamos voltar ao que éramos. Eu sei que somos homens adultos que podem falar sobre o que está acontecendo entre nós, sobre o que fizemos esta noite.



A memória dele me tocando na cozinha inunda meu cérebro e o calor corre através de mim. Não quero pensar nisso quando minha irmã estiver aconchegada ao meu lado no sofá. Felizmente, Ziggy me tira dos meus pensamentos antes que eu possa começar a me preocupar por não saber como escapar deles.

— Obrigada por falar comigo — diz ela, aninhando a cabeça no meu ombro. — Não sei o que faria sem você, Ollie.

Eu pressiono um beijo no topo de sua cabeça.

— Estou sempre aqui para você, Zigs. Mas, só para você saber, tudo que você disse esta noite, tudo que você descobriu, eu só escutei. A sabedoria foi toda sua.

Um sorriso levanta sua bochecha, enquanto ela se aconchega e olha para a lua.

— Foi, não foi?

A ÚLTIMA COISA que espero ver quando saio pela porta na manhã seguinte é Gavin Hayes encostado no meu carro, com uma carranca, vestindo preto da cabeça aos pés e com um par de Ray-Ban combinando.

O antigo eu daria meu sorriso mais largo e esconderia a inquietação com uma saudação atrevida e alegre, mascararia minha ansiedade por trás do meu dom de tagarelice irracional e concisa. Mas o novo eu, que Gavin quase desmoronou, cuja irmã inadvertidamente colocou a bunda em forma ontem à noite, não consegue forçar nada disso esta manhã.

Em vez disso, paro a alguns metros de distância e digo:

— Sobre a noite passada. Eu posso explicar...

Gavin levanta a mão.

— Não.

Eu estreito meus olhos em frustração, mas o efeito se perde nele, já que eles estão escondidos atrás do meu próprio par de óculos de sol. Está sobrenaturalmente claro esta manhã e, depois de ter ficado na cama até às 3:00 da manhã,



olhando para o teto enquanto tentava organizar todos os meus sentimentos, estou funcionando com tão pouco sono, que tanta luz do sol é demais até mesmo para mim.

— É amanhã agora — explica ele. — Concordamos que ficaria para trás.

Eu coloco minha bolsa mais alto no meu ombro.

— Sim, exceto que *isso* nunca progrediu além *disso*, e deixar muito sem resolver está me deixando desconfortável.

Gavin olha para mim, o olhar escondido atrás de seus óculos de sol. Eu sinto tudo igual.

— Infelizmente, Bergman, não vejo como o seu desconforto é problema meu, já que foi você quem deixou as coisas tão *sem solução.*

A insinuação é clara. E, a menos que eu esteja longe, há também um subtexto mais profundo. Eu sei que ele é um excêntrico e desbocado, muitas vezes rude, mas há uma suavidade dentro de Gavin Hayes que, como qualquer humano, ele odeia ter sido picado, ou pior, abandonado. Eu acho que ele sente que eu fiz as duas coisas. Eu o deixei ontem à noite e aqui estou eu, nesta manhã, esfregando esse fato, quando ele só quer superar isso. Estou começando a teorizar que seu ponto fraco é ainda mais terno do que a maioria, dado o quão profundamente ele o guarda. E eu estou preocupado de que, por trás de toda essa carranca e estalo, há alguém que usa essas defesas para proteger uma parte muito vulnerável de si mesmo.

Eu entendo, e ainda há tanta coisa que eu não entendo. Há tanta coisa que não sei sobre Gavin, sobre por que ele é do jeito que é, sobre por que não vejo nenhum de seus amigos da Inglaterra aparecendo para seus jogos ou à sua porta. Por que eu nunca ouvi um pio sobre uma família em toda a sua carreira. Não tenho contexto para entender seu comportamento, suas paredes frias e altas, sua aspereza e prontidão para manter distância de todos, exceto de alguns caras velhos e doces que jogam pôquer com tostões em sua casa, cantam karaokê e limpam sua despensa toda semana.



Resumindo, eu não *conheço* Gavin. E, em todo o meu mate-o-com-bondade, seja-sempre-bom, eu me certifiquei de que ele também não me conhecesse.

Eu sei que estou atraído por ele. Eu sei que ele está atraído por mim. Há um estádio de tensão sexual entre nós. Mas também há uma tensão de eu-quero-te-socar-a-cara-porque-você-está-me-irritando. E eu não sei como começar a resolver isso, se Gavin vai apenas me dispensar e voltar a ser seu eu mal-humorado e áspero.

— Você se importa? — ele diz, apontando para o carro. — Eu não tenho o dia todo para você ficar aí, fervendo em seus sentimentos não resolvidos.

— Tudo bem — eu concedo, abrindo o porta-malas. — Eu vou ter que lidar com esses sentimentos não resolvidos, então. Quero dizer, eu já lidei muito bem com um desses sentimentos não resolvidos ontem à noite no chuveiro.

Sua cabeça cai para trás. Ele esfrega os olhos sob os óculos de sol.

— Você não pode dizer merda como essa.

— Por que não? É um fato. Apenas relatando informações. Ontem estava um calor de dezoito graus. Ontem à noite, a lua estava na forma crescente. Antes de dormir, bati uma no chuveiro.

Um rosnado baixo ressoa em sua garganta.

— Vai se foder.

— Acabei de dizer que já fiz. E dado o estado de suas calças na noite passada, Hayes, eu sinceramente espero, pelo seu bem-estar mental e físico, você também tenha feito.

Balançando a cabeça, ele lentamente empurra o carro, então caminha em direção ao porta-malas.

— Você é um pé no saco — ele murmura.

Eu o observo jogar sua bolsa no meu porta-malas, depois dar a volta no carro para o lado do passageiro.

— Dado que você se sente assim, posso perguntar por que tenho a honra de levar seu traseiro mal-humorado para a prática? Eu sei que te forcei a pegar carona, mas



considerando o quanto você parece não gostar de me ver, eu teria apostado muito dinheiro em você dirigindo hoje.

— Meu joelho — diz ele, acomodando-se no banco do passageiro, enquanto eu abro minha porta e me junto a ele no carro. — ainda está fodido. Não consigo colocar pressão suficiente para usar os pedais do acelerador e do freio para dirigir.

A simpatia corre através de mim, o impulso de oferecer-lhe conforto e segurança, mas eu reprimo. Não é isso que está acontecendo conosco. Ele se certificou disso, com essa grosseria, a bobagem de *não quero saber* quando tentei explicar ontem à noite e limpar o ar como um adulto racional.

Concentrando-me em ligar o carro e ajustar meus espelhos, pergunto:

— E você planeja praticar hoje como, então?

— Eu não planejo — diz ele, apoiando seu assento e estendendo a perna o máximo possível. — Eu planejo ser consertado por Dan e Maria, então, ficar de lado e te dar o inferno enquanto você corre o dia todo.

— Parece delicioso. — Saio para a estrada e faço a curva para Deja Brew em vez da rota direta para o complexo esportivo.

Gavin avisa.

— Oh porra, não. Isso de novo, não. Não posso suportar outra compra de café para um elenco de milhares.

Lanço-lhe um sorriso, um verdadeiro.

— Não se preocupe, *sötis*. Esta compra é só para nós.



18

GAVIN

Música da Playlist: “Wait for It”, Usher

— DO QUE VOCÊ ACABOU DE ME CHAMAR? — Eu olho para Oliver enquanto ele cantarola para si mesmo, mudando de faixa, preparando-se para sua curva à direita na Deja Brew.

Ele está me ignorando ou ele não pode me ouvir além de seu zumbido irritante de “One Last Time”.

— Bergman — eu estalo.

Ele olha na minha direção.

— O quê?

— Do que você acabou de me chamar?

Desacelerando, ele faz a curva para o drive-thru do café.

— Eu não tenho certeza se entendi.

Jesus Cristo. Vou torcer seu lindo pescoço.

— Você perdeu seu domínio da língua inglesa? O que não há para entender?

Ele sorri, e foda-se, eu não posso olhar. É um sorriso de verdade, suave e torto, não aquela merda de sorriso de megawatt que ele mostra ao mundo. Parece íntimo e pessoal e tão incrivelmente adorável que eu quero envolver minhas mãos em torno desse sorriso e enfiá-lo dentro do meu bolso e porra, eu realmente, *realmente* preciso parar de ler poesia.

Oliver cai em um buraco na estrada. Eu agarro a barra *puta que pariu* e inspiro quando um raio de dor incandescente destrói a parte inferior das minhas costas. Meu estômago dá um nó. Estou sendo atingido em todas as frentes, este pesadelo de uma estrada pavimentada, o nível excruciante de dor hoje, mais uma vez preso no carro de Oliver, banhado em seu cheiro, a visão dele, inundada com memórias da noite passada, tocando-o, querendo-o, falando palavras humilhantes, confessar o que eu daria por ele, *faria* por ele...

Qualquer coisa. Tudo.



Mudando de posição no meu lugar, eu grunho com a pura agonia que está se movendo. Hoje é um dia colorido pela dor, marcado pela dor, recortado pela dor; não há uma ação ou movimento ou pensamento que não seja impresso, sombreado ou moldado por ela. Piscando, respirando, girando, mudando – tudo isso dói. Está consumindo. E eu gostaria de, por apenas um momento, poder fechar meus olhos e escapar disso, flutuar para fora do meu corpo e entrar em um espaço desprovido de sensação, onde eu pudesse existir sem saber onde cada maldita terminação nervosa está nas minhas costas e quadris e joelhos e pescoço, onde a respiração não pareceria como facas na minha espinha e a mudança não faria minhas costas enviarem uma adaga de dor pela minha perna até que meus molares estalarem e a bile subir pela minha garganta.

Misericordiosamente alheio à minha miséria, Oliver finalmente diz:

— Vou esclarecer. Eu entendo a pergunta. Eu só não entendo por que você espera que eu responda, já que você foi todo neandertal grunhido lá atrás e me dispensou, quando eu estava tentando me comunicar com você. — Ele olha na minha direção, um lampejo de aborrecimento genuíno evidente, mesmo com aqueles olhos claros e afiados escondidos por seus óculos de sol. — E se minha explicação fizesse você se sentir melhor sobre o que aconteceu na noite passada?

Essa é exatamente a minha preocupação. Eu não *quero* me sentir melhor sobre a noite passada. Quero enterrá-lo e nunca revisitar o quão cru, real, imperfeito e faminto era. O quanto eu queria não apenas tirar suas roupas e desembrulhá-lo como um maldito presente, mas deitar Oliver na minha cama e aprender cada parte dele – seu prazer, sua dor, seus desejos, seus medos.

O que é um *absurdo*. É culpa dos meus anos de abstinência, confundindo saudade e amor, desespero e profunda intimidade. Eu não estava mais preparado para



um encontro único ontem à noite do que estava para entrar no campo hoje e chutar uma bola de futebol. E eu me recuso a cometer um erro irrevogável, em qualquer uma dessas frentes.

Então, digo a Oliver, com o mínimo de sentimento e indiferença que consigo reunir:

— Bergman, não me importo com sua explicação. Acabou. Está feito. Nós concordamos em seguir em frente.

Suas mãos agarram o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Nós também concordamos com honestidade e respeito — diz ele.

— Ah — digo a ele enquanto ele estaciona um carro perto da janela de pedidos, —, mas apenas no que se refere a sermos co-capitães e à equipe. Este tópico certamente não tem *nada* a ver com isso. Porque nunca deixaríamos nada pessoal colocar em risco nossas vidas profissionais – nossas capitanias ou o time.

Oliver olha para mim, sua expressão escondida atrás de seus óculos de sol. Eu nunca percebi o quanto ele diz com os olhos até que eu não pudesse vê-los. Estou muito tentado a arrancar essas lentes polarizadas irritantes agora e exigir a verdade.

O que seria o cúmulo da hipocrisia, é claro.

— Não — ele diz uniformemente, sua voz calma e séria enquanto ele olha para mim. — Não, não faríamos.

O carro atrás de nós buzina, encerrando nossa troca de olhares. Oliver segue em frente, implacavelmente educado e alegre como sempre, enquanto faz nosso pedido, então, para na janela de pagamento. É uma pessoa diferente da última vez que está tão ocupada fazendo bebidas enquanto separa o troco que não tem tempo para falar besteira com Oliver, graças a Deus.

Oliver coloca *Hamilton* enquanto esperamos, aparentemente incapaz de existir em silêncio – silêncio extremamente tenso e garantido –, e eu nem tenho força de



vontade para dizer a ele para desligar. Ele escolheu "Wait for It", e essa música me conquistou em todos os três minutos e treze segundos de suas garras desde que a ouvi pela primeira vez.

— Você sabe — Oliver começa, soando perigosamente filosófico. — Os temas e o subtexto desta música levantam sérias questões de...

Eu gemo.

— Você precisa explicar? Não podemos deixar Leslie Odom Jr. cantar essa música e soar como sexo em uma caixa de voz?

Sua boca se curva, mas ele rapidamente transforma sua expressão em algo frustrantemente neutro. É isso que Oliver sente ao olhar para mim, quando tudo o que estou sentindo e pensando está escondido atrás da expressão fria e inescrutável que aperfeiçoei – frustrado, fechado, enfurecido?

Se o fizer, não faço ideia de como não arrebentou um vaso sanguíneo. Estou prestes a romper alguma coisa, sendo esta a primeira vez que estou no lado receptor e só se passaram cinco segundos.

Oliver agradece a pessoa na janela enquanto eles lhe entregam nossas bebidas. Uma xícara pequena está na minha mão, novamente com *GG* escrito em cima. Franzo a testa para a tampa, depois para o menu que acabei de ver dentro da vitrine, onde vejo que *o Duplo G* é uma bebida personalizada anunciada.

— Que diabos. — Eu aponto além dele, em direção ao menu.

Oliver franze o nariz e se aproxima.

— Bem, você olharia para isso.

— Estou olhando. Eu notei, seu flagelo. Do que se trata?

Lembro-me do que ele disse quando lhe perguntei da *última* vez o que significava *GG* e ele disse que isso era entre ele, Deus, e a dona de Deja Brew, Bhavna. Há algum



significado nisso, e francamente estou muito chateado com muitas coisas para ser racional sobre isso.

— Maldição, Bergman, pare de ser enigmático e me diga. Se isso tem alguma coisa a ver comigo, eu mereço saber.

Tomando um longo gole do que parece ser um latte de chá-verde match gelado, Oliver sai do Deja Brew e diz:

— Aparentemente, a bebida que pedi especialmente para você foi um grande sucesso quando Bhavna fez uma degustação de novas bebidas especiais. Agora está no cardápio.

— O que — eu digo entre os dentes cerrados — o "Duplo G" significa?

— Bhavna acompanha a equipe — diz ele, concentrado em entrar no trânsito, ignorando-me. — A primeira vez que fiz uma compra de café com toda a equipe, pedi a ela para fazer algo especial para você. — Ele mantém os olhos na estrada. — Eu estava esperando que ela pegasse minhas vibrações sinistras em relação a você e jogasse algo áspero como suco de picles ou molho inglês, mas, infelizmente, ela não o fez. Não que você tenha agido como se o que estava naquela bebida fizesse um pingo de diferença de qualquer maneira.

Lembro-me de seu sorriso largo, a bebida enfiada no meu rosto, enquanto ele passava cafés. Como me senti cru e vazio naquelas primeiras semanas. De volta a um país do qual eu literalmente fugi, para casa apenas para lembranças tristes ou, na melhor das hipóteses, agridoces. Estando aqui, simplesmente, porque meu corpo não era capaz do calibre de jogo exigido na Inglaterra, porque aqui eu ainda podia ser alguém, liderar um time, continuar jogando.

— Foi bom — eu admito. — Só não foi bom o suficiente para engolir a pílula amarga que eu ainda estava tentando engolir.

A pílula de deixar um clube de classe mundial, que foi o meu lar no auge da minha carreira. Deixando para trás uma cidade que se tornou familiar, uma base de fãs adoradores –

bem, em tempos passados, adoradores, supostos amigos, um amante, uma vida inteira.

Oliver olha na minha direção, depois volta para a estrada.

— Isso foi apenas um genuíno – embora altamente metafórico – sentimento que saiu de sua boca, Sr. Hayes? Você acabou de comunicar seus... *sentimentos*?

Aponto com meu copo curto para os alto-falantes e digo a ele:

— A culpa é de Leslie Odom Jr. — antes de tomar um gole da minha bebida. — Mostre-me alguém que possa ouvir Aaron Burr refletindo sobre o sofrimento indiscriminado, a inevitabilidade da morte, o ponto de existência, e nem mesmo inadvertidamente dizer algo genuíno.

Ele abre um sorriso.

Bebo meu café, observando-o quando não deveria. Assim como da última vez, vendo a luz do sol pintar seu rosto, polindo sua barba, as pontas de seus cílios, piscando em seu largo sorriso.

— Bergman.

— Hum?

— Diga-me o que a porra do Duplo G significa.

— Oh, isso. O Gorgeous Grump[7] — ele diz alegremente.

Quase cuspo minha bebida.

Seu sorriso se alarga.

— Como Bhavna diz, assim como você, o Gorgeous Grump é rico, sombrio e agridoce. Um breve clássico, meio a meio com espresso e um toque de calda de chocolate amargo adicionado.

Meu estômago dá cambalhotas.

— Você está fodendo comigo.

— Eu certamente não estou — diz ele, os olhos na estrada. — E não fique com nenhuma ideia. *Eu* não inventei essa bebida, Bhavna sim.

[7] Belo Rabugento, em tradução.



Oliver pode pensar que eu não notei, mas notei. Ele disse que Bhavna veio com a bebida, mas não quem decidiu seu nome. Eu não me entrego a pensar, esperando que ele seja responsável por isso.

Em vez disso, entrego-me ao meu café. Ao seu calor. Sua rica semi-doçura. Como a maioria das coisas na vida – um prazer pequeno e passageiro.

DEPOIS DE NOSSA VIAGEM para as instalações, minha visita com nossos preparadores físicos não é animadora. Eles sabem o que não dizer, porque eu disse a eles que já sei o que eles me diriam. Eles ainda dizem isso, porém, com expressões preocupadas e mãos cuidadosas.

Estou jogando em tempo emprestado.

Eu não preciso deles ou dos especialistas que vejo para me dizer. Eu sinto. Eu sinto as consequências de empurrar meu corpo brutalmente por mais da metade da minha vida. E eu sei que, toda vez que eu entro em campo, estou tentando o destino, que estou a uma curva errada ou a cinquenta/cinquenta de chances de tudo isso acabar.

Eu simplesmente me recuso a pensar nisso. Recuso-me a aceitar que o fim do que foi a única coisa boa da minha vida se aproxima.

Todos os atletas que conheço lutaram contra o fim de suas carreiras. É apenas natural. Vivemos e respiramos o esporte, aperfeiçoamos nossos corpos para ele, dedicamos nosso tempo, nossos anos mais saudáveis, mais energéticos, os chamados "primeiros de nossa vida" ao jogo e, então, um dia, seja por causa de uma dor crônica ou lesão, ou o desejo compreensível de evitar mais de ambos, tem que chegar ao fim. E então há essa extensão escancarada pela frente, décadas e décadas – espero, pelo menos – de uma vida estendida diante de nós que, de repente, devemos saber o que fazer, agora que a coisa que moldou nossas vidas desde que éramos adolescentes, muitas vezes até mais jovem, se foi.



Já é difícil o suficiente para quem tem família, amigos, um relacionamento, filhos, hobbies. Eu quase não tenho nenhum desses. O homem que literalmente salvou minha vida colocando uma bola de futebol nos meus pés e acreditando em mim está morto. Uma série de amigos e um ex-companheiro de longa data na Inglaterra que eu irritei quando assinei com o Galaxy, porque eu não os ouvi e fiquei na Inglaterra e me aposentei, quando eles achavam que eu deveria. Poesia de Maudlin revestindo minhas prateleiras. Fotos em preto e branco revestindo minhas paredes, tomadas de lugares que eu só visitava sozinho. Os caras do pôquer, com suas brigas sem entusiasmo e obsessão por karaokê. Meu vizinho, co-capitão e espinho irritante no meu traseiro...

Oliver.

Eu o observo por trás de óculos escuros, de pé à margem, embora eu devesse estar sentado e elevando meu joelho dolorido. O problema é que sou um filho da puta orgulhoso e não estou sentado à margem e, desde que Dan e Maria me trataram, estar no meu corpo foi reduzido de uma agonia quase intolerável para uma dor familiar e exaustiva.

Oliver está ao lado de Santi, falando com as mãos, rindo quando Santi faz uma careta, claramente contando alguma piada. O apito soa e, como atletas bem treinados, eles se separam, imediatamente no modo de jogo. Eu assisto Oliver voar pelo campo, a inveja se enrolando em mim.

É tão fácil me agarrar: meu ciúme de seu corpo jovem inteiro, meu ressentimento por ter que passar o capítulo final da minha carreira suportando sua presença como um contraste tão gritante com a minha, sal na ferida da minha realidade. É nisso que me agarro desde que assinei e isso queima através de mim, afiado e quente, enquanto eu o vejo girar com a bola, um chapéu descarado, depois disparar em direção ao gol. Com um drible impecável, depois cortando, ele acerta na rede, Amobi rolando depois de mergulhar e errando completamente a bola.



Rico assobia baixinho.

Jas balança a cabeça.

— Ele está cada vez melhor.

— Mhmm — A treinadora diz, sorrindo para o sol, olhos escondidos atrás de seus óculos escuros. — E ele está apenas começando.

Isso me atinge como um soco no estômago, esse lembrete. Cerro os dentes, observando-o, esperando que todo o poder do meu ódio por tudo o que ele tem e que eu não tenho mais, por tudo à frente dele que já está atrás de mim, atravesse meu sistema como tem feito tantas vezes desde que o conheci.

Mas... não. E o que eu sinto é muito pior. Tristeza. Tristeza insuportável.

A treinadora corta o olhar na minha direção, como se estivesse surpresa por eu não ter falado ou dito algo áspero. Ela arqueia a sobrancelha.

— Você está bem?

Eu dou de ombros, engolindo contra o nó na minha garganta.

— Bem.

Evitando-a, observo Oliver, seu sorriso fácil, a forma como seus olhos se enrugam nos cantos enquanto ele puxa o cabelo para trás, deslocando seu peso para a perna de trás enquanto Andre fala com ele. Meu intestino dá um nó. *Algo* quente e febril queima minhas entranhas, enterra-se em meu peito.

Eu desvio meu olhar dele, foco no resto do campo, analisando o movimento da bola, criticando o quão desleixado é o meio-campo sem mim.

A treinadora se vira um pouco mais para me examinar.

— O que Maria e Dan disseram?

— Nada. Porque eles sabem o que é bom para eles.

Ela fica quieta por um momento. Então:

— Hayes, eu preciso que você seja honesto comigo.

— Eu vou ficar bem para jogar nosso próximo jogo — eu prometo a ela.



Ela suspira.

— Não é só isso que me preocupa. Eu me importo com *você*. Você sabe disso.

Eu sinto meu olhar desobediente deslizar em direção a Oliver novamente, lembrando o quão perfeito ele parecia – o prazer quente e úmido de sua boca, seus suspiros e sussurros suaves, a sensação gloriosa de seu corpo contra o meu, quente em minha mão.

A porra da ironia, que o homem que tem sido a fonte constante da minha miséria, cuja vida está se tornando tudo que a minha em breve não será mais, que tem sido uma lembrança tão amarga da verdade dolorosa que eu nunca poderei recuperar aqueles anos que o aguardam, é a única pessoa que me deu o mais perto de um descanso da minha miséria em tanto tempo.

— Hayes — a treinadora pressiona.

Cruzo os braços apertados sobre o peito, um escudo contra meu coração dolorido, dizendo a mim mesmo tanto quanto a ela:

— Estou bem.



19

OLIVER

Música da Playlist: "September Fields", Frazey Ford

HÁ ALGUMAS escolhas das quais me arrependerei para sempre, escolhas que daria tudo para voltar atrás e fazer diferente... Algumas delas envolvem brincadeiras que levei longe demais. Palavras duras ditas no calor do momento. Mas o que supera tudo isso, pelo menos agora, está comendo meus sentimentos na forma de uma fatia de meio quilo de creme brie triplo.

Fiquei tão frustrado com Gavin. Já se passaram três semanas desde os amassos na cozinha e da manhã seguinte quando ele me dispensou, exigindo que deixássemos isso no passado, e a pior parte é que eu nem deveria estar bravo. Ele manteve sua promessa – foi civilizado, respeitoso em campo, no vestiário. Em nossos passeios de carona para casa, ele está quase todo quieto, mas ele ainda faz uma piada seca aqui e ali.

Ele manteve sua promessa, eu mantive a minha. Chega de brincadeiras, insinuações ou piadas sobre pau grande, e estou com raiva, com tesão e frustrado, e não consigo nem saber exatamente o porquê, quando estamos fazendo exatamente o que deveríamos: ignorando nossa atração, tratando um ao outro decentemente e arrasando na pré-temporada.

Então, quando cheguei em casa depois do treino de hoje, comi meus sentimentos e fui muito no queijo. E agora meu estômago está com cólicas, roncando ameaçadoramente. Um fino brilho de suor goteja em minhas têmporas.

Vou ficar violentamente doente em breve. E é o pior momento do mundo.

— Tio Ollie, preste atenção. — Minha sobrinha, Linnea, está sentada no sofá atrás de mim, suas pernas penduradas sobre meus ombros, enquanto estou esparramado no chão, minhas costas caídas contra o sofá.



Agarrando meu estômago.

— E aí, companheira? — Eu pergunto a ela com força, tentando respirar através da dor.

Ela se inclina, seus grandes olhos de cor azul-gelo encontrando os meus.

— Daniel Tiger vai conhecer seu bebê agora. Como se eu tivesse conhecido meu bebê Theo.

Eu aliso seu cabelo escuro ondulado para trás de seu rosto. Está uma bagunça, graças à luta que acabamos de ter. Que eu tive que parar abruptamente porque meu estômago começou a ter cólicas.

— Ok, Linnie, estou assistindo.

Suspirando, ela coloca o queixo no topo da minha cabeça, suas mãos preguiçosamente tocando meus ombros.

— Mamãe e papai estão bem? — ela sussurra.

Meu coração aperta junto com meu estômago, mas eu faço o meu melhor para ignorar o último, empurrando o chão, sentando no sofá e puxando Linnie ao meu colo.

— Linnie, o que você quer dizer?

— Ontem à noite, os dois estavam fazendo barulhos de ai — diz ela. Ela funga. Limpa o nariz. Muito parecido com sua mãe, Linnie é uma chorona. Uma grande sentimental. Alguém empática.

Eu franzo a testa.

— Barulhos de ai?

Linnie fecha os olhos, franze o rosto e choraminga:

— *Ohhhhhh*! *Ohhhhhh*! Desse jeito.

O calor atinge minhas bochechas. Doce Senhor.

Esses barulhos.

Na verdade, não é algo que eu queira pensar, mas tenho uma vaga lembrança de quando eu costumava ler os velhos textos da escola de medicina que papai guardava em casa, que é cerca de um mês após o nascimento que você pode retomar a atividade sexual com segurança.

Hoje faz cinco semanas que Theo nasceu.



O que explica os barulhos de "ai" que Freya e Aiden estavam fazendo, bem como o texto frenético de Aiden esta noite ao longo de falas de "Você pode, por favor, levar Linnie para passar a noite? Estamos desesperados por uma pausa."

Eu pensei que isso significava realmente ter apenas um filho para lidar com a pausa*, uma* soneca *quando o bebê cochila, ou inferno, uma* pausa *para não responder a perguntas a cada hora que a primogênita acordada faz, não uma* pausa *para uma escapada sexual.*

Eu pensei que crianças assassinavam sua vida sexual, mas aqui estou eu de babá, durante o meu maior período sem sexo em anos, com um vizinho que eu adoraria dormir até a próxima semana, que decididamente está me evitando – como deveria – enquanto os pais de duas crianças com menos de quatro anos estão se divertindo.

A vida é cruel.

— Tio Ollie? — Linnie sussurra, fungando novamente.

Sou trazido de volta ao momento com uma pitada de culpa. Eu deveria tranquilizá-la, não fazer disso uma festa de piedade para mim. Beijando sua têmpora, eu esfrego suas costas.

— Acho que mamãe e papai estão bem, Linnea. Às vezes, quando os adultos estão... na cama... eles meio que... se espreguiçam e gemem?

Linnie franze o nariz.

— Hum. Mas eles estavam no chuveiro. Ouvi a água e, tipo, baques. Papai disse que nada de se exercitar no chuveiro, porque eu poderia me machucar. Parece que *eles* se machucaram. Eles também não deveriam fazer isso.

Eu mordo meu lábio, tentando tanto não rir.

— Justo.

Suspirando, ela cai contra mim. Meu estômago tem espasmos, e preciso de tudo em mim para conter meu próprio "barulho de ai", para eu não aborrecer Linnie mais do que ela já está.

Por que, *por que* eu comi todo aquele brie?



Sou intolerante à lactose, o que percebi anos atrás depois de um desafio que deu errado com o Viggo, envolvendo o consumo de mais cubos de queijo do que gostaria de admitir. Eu sou mais esperto que isso. Mas eu amo muito queijo. Eu tomo uma pílula digestiva que ajuda a digerir lactose com a enzima lactase, o que ajuda quando como, digamos, *uma* fatia de pizza ou *alguns pedaços* de queijo.

Nem meio quilo.

Eu sabia que ia me lascar. Eu estava preparado para isso. Eu só não esperava receber uma mensagem frenética de Aiden, implorando-me para cuidar de Linnie.

Meus pais estão em uma escapadela romântica em Napa. Deus sabe onde Viggo está, mas seu telefone nem está tocando, e o resto dos meus irmãos estão em estados diferentes ou viajando com suas equipes.

O que sobrou para mim. O cara que não pode dizer não e que está prestes a cagar nas calças depois de se empanturrar de brie.

Meu estômago aperta novamente, a dor tão aguda, eu assobio um suspiro. Disfarçadamente, tiro meu telefone do bolso enquanto acaricio o cabelo de Linnie com a outra mão. Ela enfiou o polegar na boca, a cabeça pesada contra o meu peito, enquanto observa *Daniel Tiger*. Eu posso dizer que ela não está cansada ainda, mas ela está começando a se acalmar.

Se fosse sua hora de dormir, eu estaria pronto. Eu a colocaria no quarto de hóspedes que transformei em um espaço seguro para ela dormir – uma cama queen-size encostada na parede com uma grade de segurança do outro lado, para que ela não rolasse do colchão, uma luz noturna, paredes verde-menta calmantes e cortinas grossas amarelo-manteiga para bloquear a luz, para que ela não seja acordada pelo nascer do sol – então, eu iria pagar no banheiro pela minha arrogância com laticínios e cairia na cama depois.

Mas ainda não é hora de dormir. Não por mais duas horas. O que significa que preciso desesperadamente de reforços.



Onde diabos você está? Eu mando uma mensagem para Viggo. Desta vez, o texto aparece como "entregue", o que significa que seu telefone está finalmente ligado.

Ele e eu concordamos mutuamente sobre o rastreamento do telefone, então, eu o procuro, então, xingo baixinho. Ele está a duas horas de distância, em Escondido *de novo*.

Jesus, ele manda uma mensagem de volta. *O que eu perdi? Tenho dezessete chamadas perdidas e cinco mensagens de voz suas.*

Eu estou cuidando de Linnie, eu digito. *Eu a peguei em impulso do momento porque Aiden quer foder Freya, mal sabia eu, e comi uma tonelada de queijo antes de saber que estaria cuidando dela.*

Oh Deus, ele manda uma mensagem. *Essa pobre criança. Ela vai ficar com cicatrizes. Além disso, nunca mais se refira ao que Aiden faz com nossa irmã como fodendo. Na verdade, nunca se refira a isso.*

Você não manda em mim, eu escrevo*. Então você foi para Escondido? Quando você pode chegar aqui?*

Ashbury está com um pneu furado, ele escreve de volta.

Eu reviro os olhos. O idiota batizou seu carro velho com o nome de seu duque favorito que tem cicatrizes de uma de suas leituras intermináveis de romance de época.

Mas você tem um vizinho, continua ele, *na casa ao lado, a quem você pode pedir ajuda. É para isso que servem os vizinhos colegas de trabalho: uma xícara de açúcar, carona, assistir sua sobrinha enquanto você caga seus miolos...*

Eu cerro os dentes. *Você já interferiu o suficiente nessa frente. Deixei bem claro que quero que você pare, Viggo.*

Ah, eu me lembro, ele responde. *Ainda estou tendo pesadelos com uma cama cheia de tarântulas falsas. Você é doente, você sabe disso?*

Você, eu digito, exalando duramente enquanto respiro através de outro espasmo estomacal, *precisa cuidar da sua própria vida. Eu esperava que uma cama cheia de aranhas*



falsas pudesse atravessar sua cabeça dura para manter seu nariz fora da minha vida amorosa, mas aqui estamos.

*Bem, irmão teimoso. Eu posso chegar aí em algumas horas se você realmente *realmente* precisar de mim.*

Eu olho para o meu telefone. *Não se incomode. Eu vou dar um jeito. NÃO GRAÇAS A VOCÊ.*

Depois de jogar meu telefone no sofá, esfrego meu rosto. Não estou mandando mensagens para Gavin pedindo ajuda. Linnie e eu ficaremos bem. Já não fui humilhado o suficiente? Ele me dispensou, seguiu em frente com o que aconteceu. Ele não se importa com o que fizemos naquela noite na cozinha ou por que eu parei com tudo. Ele não se importa *comigo*.

E não preciso de mais uma pessoa que me faça sentir inadequado e descartável. Ele superou isso. Então, eu também.

Bem, eu estou tentando.

Envolvê-lo na minha vida pessoal, pedir-lhe ajuda, não está acontecendo.

Respiro pelo nariz enquanto outro espasmo atinge meu estômago. Eu não vou durar muito mais tempo. Na verdade, eu não vou durar nada.

Gentilmente, levanto a Linnea do meu colo e a coloco no sofá. Corro para o quarto dela para pegar a babá eletrônica, depois volto, conectando-a, pendurando-a na prateleira do centro de entretenimento, para que eu possa vê-la.

— Já volto, ok? Linnie? Eu tenho que usar o banheiro. Eu tenho a babá eletrônica aqui para que você possa falar comigo que eu vou te ouvir.

— Ok — ela diz, sua voz suave, seus olhos grudados na TV. Eu coloco um cobertor em volta dela e a arrasto para o final do sofá, para que sua cabeça fique em seu braço, visível no monitor, então, corro para o banheiro no corredor com a outra metade do monitor do bebê.

E então eu pago caro por comer meus sentimentos.



EU DEVERIA ME SENTIR MELHOR, mas não me sinto. Às vezes, é tão simples quanto uma ida ao banheiro, mas, desta vez, os espasmos musculares residuais no meu estômago fazem com que eu não consiga nem ficar de pé. Curvado, me junto a Linnea no sofá novamente, esfregando suas costas enquanto eu levanto meus joelhos contra uma cãibra aguda em meu estômago.

— Estou com fome, tio Ollie — diz Linnie.

Eu gemo, tanto com o pensamento de comida quanto com o pensamento de me levantar para fazer isso para ela.

— Quer invadir seu armário de lanches? — Eu pergunto a ela fracamente.

Ela franze a testa.

— Eu quero *jantar*, tio Ollie.

Cara, ela está certa. Eu olho para o relógio, depois para o meu telefone, destruindo meu cérebro. Eu poderia pedir comida, mas tudo vai demorar pelo menos meia hora para chegar aqui, e quando Linnea fala que está com fome, ela está *com fome.* Ela não vai comer lanches alegremente e esperar por mais um episódio de *Daniel Tiger* para o jantar.

Tenho que pensar. Eu preciso de alguém que possa fazer um jantar para Linnea, que ela vai comer enquanto eu me enrolo em posição fetal no sofá, e eu preciso disso rápido.

Em suma, eu preciso de um milagre.

De repente, uma luz se acende do lado de fora, lançando raios longos e brilhantes pelas janelas da minha sala, que escureceu com o pôr do sol. Olho para a fonte e congelo.

Gavin está na varanda dos fundos, mãos nos joelhos, peito arfando, camiseta cinza encharcada de suor. Ele se levanta devagar, como se isso lhe doesse, depois dá um passo estimulante, depois outro, antes de digitar a senha para entrar em sua casa.

Onde quer que Viggo esteja, ele provavelmente está sorrindo maliciosamente, tamborilando seus dedos amantes de romance. Por puro despeito, quero ignorar a única



solução real que tenho, que é a mesma solução que Viggo apresentou: Gavin.

Eu realmente, *realmente,* não quero pedir um favor a ele. Se isso fosse puramente sobre mim, eu não faria isso. Mas isso é sobre Linnie que reclama:

— Minha barriga está com fome, tio Ollie!

Suspirando, desbloqueio meu telefone e coloco o número de Gavin. A última coisa que eu quero fazer com o cara que eu ainda estou com tesão, mas deveria estar evitando, é implorar para ele vir e alimentar minha sobrinha, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

Oliver: Eu tenho uma emergência.

Meu telefone vibra quase imediatamente com sua resposta.

Gavin: O que há de errado?

Oliver: Meu estômago está ruim. Não é contagioso, apenas indigestão. Minha sobrinha está aqui e ela está com fome e eu preciso de um adulto que possa fazer o jantar para ela, enquanto eu sou um pedaço de alguém patético no sofá. Ela vai para a cama em breve, eu só preciso de alguém para preencher as lacunas até então. Uma hora, uma hora e meia, no máximo.

Prendo a respiração, realmente sem saber como isso vai acontecer. Gavin pode ser um idiota grande o suficiente para me dizer que isso soa como um problema pessoal e que ele não pode me ajudar. Meu telefone vibra.

Gavin: Estou cheirando mal. Eu fui correr e estou coberto de suor, então, deixe eu tomar uma ducha rapidamente e aí estou livre.

Eu mando dez emojis de orações de agradecimento, então, largo meu telefone e gentilmente cutuco minha sobrinha, fazendo uma pausa em *Daniel Tiger* para que ela olhe para mim.

— Ei, Linnie. Lembra do Gavin, da equipe do tio Ollie?

Ela franze a testa na minha direção.

— Uh-hum. Por quê?



— Ele é meu vizinho e vai vir fazer o jantar para você e fazer companhia, já que não me sinto muito bem. Estarei bem aqui, mas só preciso ficar deitado. Você pode abrir a porta dos fundos para que ele possa entrar?

— Por quê? — ela diz.

Por que. Sua palavra favorita.

— Minha barriga dói e preciso de um adulto para me ajudar a cuidar de você até que pare.

Seu lábio inferior se projeta, um beicinho pensativo.

— Ele vai ser rabugento comigo?

Eu engulo nervosamente, fazendo uma promessa que espero que Gavin não faça eu me arrepender.

— Não, ele não vai. Ele nem sempre é rabugento. — Meu coração dá um salto estranho quando me lembro de sua mão segurando a minha no avião, segurando meu pescoço no vestiário antes do primeiro jogo de pré-temporada, sua voz calmante, baixa e firme, tranquilizando-me. — Ele é apenas rabugento às vezes. Ele não vai ser agora.

— Por que ele é rabugento às vezes? — ela pergunta.

— As pessoas às vezes ficam rabugentas porque não se sentem bem, ou estão infelizes, ou porque se sentem protegidas assim. Mas na maioria das vezes os rabugentos são como... o bolo da Mormor[8] — é como Linnie chama minha mãe —, o *kladdkaka*: duro por fora, mas macio e quente por dentro.

Linnie sorri. Ela *adora* kladdkaka, um bolo de chocolate sueco espesso e rico que eu também adoro.

— Ok, parece bom — diz ela, pulando para a porta dos fundos, abrindo a fechadura e depois correndo de volta para o sofá para assistir *Daniel Tiger*.

Cinco minutos depois, o alarme da minha casa apita logo após meu telefone vibrar com uma mensagem de texto.

Gavin: Entrando pela porta dos fundos.

[8] Avó, vovó, em sueco.

Eu não me incomodo em enviar mensagens de texto para ele de volta. Porque ele está aqui, agora, na minha casa, e é muito estranho.

Bom estranho. Eu penso. A julgar pela sensação quente e efervescente se agitando dentro de mim, que não tem nada a ver com a persistente indigestão. O cabelo de Gavin está molhado e bagunçado, como se ele tivesse literalmente acabado de tomar banho, secado com uma toalha e depois se apressado pelo quintal. Ele está vestindo moletom preto e uma camisa preta e ele tira os tênis cinza com listras pretas, enquanto olha diretamente para mim.

— Você está bem? — ele pergunta.

Eu sorrio corajosamente.

— Nunca estive melhor.

Ele fecha a porta atrás dele.

— Intoxicação alimentar?

— Não. O que eu comi não está de bem comigo.

Gavin parece cético.

— Você parece ruim para caralho.

— Caramba — eu digo a ele, sacudindo minha cabeça em direção a Linnea, que olha para *Daniel Tiger.*

Ele olha em sua direção e franze a testa.

— Ah. Certo. Nada de palavrões em torno de mentes jovens e impressionáveis.

— Exatamente.

— Kladdkaka! — Linnie grita, tendo o notado, jogando fora o cobertor e pulando do sofá.

Gavin franze a testa para ela.

— Do que você me chamou?

Ela cruza os braços e franze a testa para ele.

— Ollie prometeu que você não seria rabugento.

Gavin se agacha até que estejam no nível dos seus olhos, fazendo seus dois joelhos estalarem audivelmente.

— Talvez tio Ollie não devesse fazer promessas que não possa cumprir.



Minha sobrinha olha para Gavin e então se inclina. Ele se inclina para trás.

— Que diabos você está fazendo?

— Quiabos — eu o corrijo.

Linnie segura seus olhos.

— Uma combetição de olhares.

— Competição — diz ele. — E quem disse que estou participando? Competições de olhares deveriam ser mutuamente concordadas.

Seus olhos cruzam, quando ela se aproxima. Sua boca se curva no canto, como se estivesse lutando contra um sorriso.

— Você piscou! — Linnie pula para cima e para baixo, virando-se para mim. — Kladdkaka piscou.

— Do que ela está me chamando? — Gavin resmunga.

Eu sorrio quando Linnie se lança em mim e imediatamente começa a puxar meu cabelo, tentando prendê-lo em um rabo de cavalo.

— Se você for muito legal o tempo todo em que estiver aqui — digo a ele —, talvez eu explique depois.

Ele faz uma careta, passando por nós para a cozinha.

— Bem — diz ele —, o chef está aqui. O que vai ser?

Linnie olha para cima, de olhos arregalados, como se de repente se lembrasse de como está com fome.

— Guacamole! — ela grita. — Iogurte! Quesadilla de feijão e queijo!

— Não juntos — diz Gavin, abrindo a geladeira.

— Eca, não. — Linnie torce o nariz enquanto cai de cima de mim e o segue. — Iogurte. Então guacamole. Então quesadilla. Então... — Linnie olha por cima do ombro para mim.

Estou no processo de me inclinar no sofá para poder observá-los, mordendo minha bochecha para não gemer, quando outra pontada de dor corta meu estômago.

Ela se inclina e sussurra algo no ouvido de Gavin. Ele escuta, então, coloca as mãos em concha ao redor da orelha dela e sussurra de volta.



Linnie ri. Muito.

Então, Gavin faz algo que eu nunca vi: ele *realmente* sorri. Um largo sorriso levantando aquela boca severa. Há um brilho minúsculo em seus olhos. E então ele se levanta e puxa o banquinho que guardo para ela, coloca-a no balcão com um grande pedaço de papel e materiais de arte. Mexendo na geladeira, ele pega o iogurte de morango e banana favorito dela, então, alguns abacates maduros que eu coloquei lá para fazê-los durar. Minhas bochechas aquecem quando eu o vejo inspecionar criticamente aquele brie triplo meio comido antes que ele o empurre de lado e se sirva da minha batata frita de legumes.

Linnea se vira para mim e aponta para os alto-falantes no balcão da minha cozinha.

— *Encanto*, tio Ollie?

Eu sou bastante inútil agora, mas eu tenho meu telefone comigo e sincronizado com os alto-falantes. Dez segundos depois, a trilha sonora de *Encanto* está tocando.

Enquanto o animado número de abertura do filme enche minha cozinha, Gavin tira a tampa do iogurte de Linnie, coloca uma colher nele e depois desliza para ela. Enfiando iogurte na boca, ela se inclina sobre sua obra de arte, pincel na mão, língua para fora em concentração, o cabelo perigosamente perto de cair na tinta molhada. Gavin fica ao lado dela e, embora eu não possa dizer o que está sendo dito sobre a música, tenho certeza que ele pergunta se pode arrumar o cabelo dela, porque ela acena que sim, antes de suas mãos cuidadosamente escovarem cada fio escuro, fazendo sombra em seu rosto.

Então, ele enrola o cabelo dela em um coque suave, mãos grandes, como seus pés grandes com uma bola de futebol, de alguma forma, tão hábeis e ágeis, enrolando-o agilmente em um elástico de cabelo sem um único estremecimento de Linnea, nem um cabelo puxado ou um beliscado, o que é mais do que posso dizer sobre meu histórico de tio arrumando-o-cabelo.



Eu os observo enquanto eles cantam *Encanto* na cozinha, Gavin balançando os ombros ao ritmo da música um pouco, como se ele nem soubesse que está fazendo isso, Linnie balançando os joelhos e cantando uma nota alta.

Meu coração parece o abacate que Gavin está amassando.

Linnie pinta, comendo descuidadamente seu iogurte. Gavin faz guacamole, pica coentro, pica cebola e alho, espreme um limão, os dedos polvilham sal, uma pitada de pimenta. Em seguida, ele mergulha uma batata frita do saco que encontrou na despensa no guacamole e oferece a Linnie.

Ela mastiga pensativamente, mastiga, engole.

Então, ela salta em seu banquinho, tão feliz com o que está em sua boca que quase cai.

Gavin a pega, então, gentilmente puxa o banquinho para mais perto do balcão, uma expressão tensa e preocupada em seu rosto enquanto ela sorri para ele e lhe oferece um high-five por sua incrível guacamole.

Ele bate de volta em sua mão. E é aí que eu sei que seu destino está selado.

Porque o caminho para o coração de Linnea é o estômago. E seu estômago adora guacamole.

Com batatas fritas e guacamole, Gavin se junta a Linnie em seus esforços artísticos. A boca de Linnie se move como se ela estivesse falando com ele sem parar, embora eu não possa ouvi-la por causa da música, sua bunda se mexendo por causa de *Encanto.*

Eu poderia assistir aqueles dois agindo como velhos amigos na minha cozinha para sempre, mas então meu estômago vai de mal a pior, fazendo-me correr para o banheiro mais uma vez.

E então não há nada agradável para dizer ou pensar por um bom tempo.



20

GAVIN

Música da Playlist: "I've Got You Under My Skin", Ben L'Oncle Soul

— UM ABRAÇO, KLADDKAKA — diz Linnea, grandes olhos de cor azul-claro piscando para mim. Lutando para se livrar de baixo dos lençóis que Oliver a colocou, ela abre os braços e diz: — Por favor?

Eu faço uma careta para ela de onde estou, braços cruzados, encostado na porta de seu quarto, ou melhor, o quarto que Oliver claramente preparou para ela. Eu afasto as memórias, os contrastes gritantes com minha própria história evocada por essa cena, e digo a ela:

— Não force. Eu mandei um beijo, e isso é tudo que você está ganhando.

Seu beicinho se aprofunda.

Reviro os olhos, empurrando o batente da porta.

— Ok. Mas *não* me faça cócegas.

Ela ri.

— Eu respeito seus limites.

— Agora você respeita. *Depois* que você me fez cócegas.

Ela dá de ombros enquanto sorri, toda inocência de olhos arregalados e covinhas.

— Eu não sabia que você não gosta de cócegas.

— Ninguém gosta de cócegas, pestinha — resmungo, me curvando sobre ela e gentilmente a envolvendo em meus braços. Ela é forte, já uma pequena atleta poderosa, mas ainda é tão pequena, tão vulnerável.

A dor antiga e aguda que eu enterrei por tanto tempo desliza pelas rachaduras feitas por apenas uma noite com ela. Minha infância de merda é um capítulo da minha vida que fiz todo o possível para deixar para trás. No entanto, segurar essa garotinha que é tão confiante, tão claramente amada, traz à tona lembranças antigas e terríveis.

Vivendo com essas desculpas miseráveis de família, minha tia e meu tio. Percebendo muito cedo que era melhor



viver em qualquer lugar, menos com eles. A mochila com todos os meus pertences dentro dela que eu levava para todos os lugares que eu ia. Os lugares que encontrei para ficar. Me esconder. Então, finalmente, Fred. E futebol. E nunca mais olhar para trás.

— Boa noite, Kladdkaka — Linnea sussurra, antes de dar um beijo suave na minha bochecha.

Eu engulo em torno do nó na minha garganta.

— Boa noite, Linnea.

Tenho toda a intenção de sair daquele quarto sem olhar por cima do ombro, mas, como um tolo, paro na porta e me viro.

Estou enraizado no chão.

Oliver alisa o cabelo de Linnea para trás de seu rosto enquanto ela se vira, enrolando-se como um golfinho de pelúcia. Ele acaricia suas costas em círculos lentos e canta baixinho em uma língua que não entendo, mas que reconheço das muitas com as quais me familiarizei enquanto tocava no exterior. Sueco. Eu não sei muito, apenas o suficiente para reconhecer as palavras que importam. *Seguro. Amor.*

Algo se estilhaça dentro de mim. Rachaduras limpas em duas.

E é aí que eu sei que estou em sério perigo. Correndo o risco de querer muito mais de Oliver do que apenas fazê-lo se desfazer, coçar essa coceira exaustiva que tenho negado nas últimas semanas.

Você vem negando há mais tempo, diz aquela voz indesejada na minha cabeça.

Eu me obrigo a ir embora, a lembrar que é nisso que eu sou bom, porque é ir embora ou ser afastado, e eu escolho partir nos meus termos. Segurar com as duas mãos o controle que eu ansiava na minha vida por anos e finalmente encontrei no futebol. O controle que já está escorregando pelos meus dedos. Aqui, na casa dele e na minha. No campo e nos aviões e nos hotéis e no vestiário. No meu corpo. Nos



cantos frios e irregulares do meu coração que começaram a derreter e amolecer.

Estou no meio do corredor, quando registro o som do sistema de alarme de Oliver, fazendo o mesmo som de alerta que fez, quando abri a porta dos fundos. Meu ritmo acelera, minha mão forma um punho. Apenas como precaução, uma autopreservação arraigada e aprendida há muito tempo.

Um homem entra, bastante alto, embora não tão alto quanto eu, boné puxado para baixo fazendo sombra em seu rosto. Uma barba castanha espessa e desgrenhada desce até o peito.

Ele entra como se fosse o dono da porra do lugar, jogando um par de chaves distraidamente na mesa ao lado do sofá de Oliver enquanto tira as botas.

O mundo se tinge de um vermelho furioso e pulsante.

— Quem diabos é você? — Eu pergunto.

O homem ergue os olhos, o rosto ainda escondido na sombra projetada pela aba do boné. Sua cabeça abaixa, como se ele estivesse passando os olhos por mim.

— Eu lhe perguntaria o mesmo.

Estou simplesmente muito atordoado, muito zangado para fazer minha boca funcionar. Quando ele deduz que eu não vou responder, ele passa por mim. Meu pulso bate em meus punhos enquanto estou de pé, indefeso, furioso, observando este homem andar pela casa de Oliver com tanta familiaridade.

Vagando pela cozinha, ele acende as luzes e abre a geladeira.

— Responda-me — eu rosno.

Ele faz uma pausa e então se vira, com um recipiente aberto de sobras de quesadilla em suas mãos. Eu quero arrancá-lo de seu aperto e tapá-lo, porque isso é para a garotinha no corredor que implorou por outra quesadilla, mesmo quando eu sabia que ela já estava farta, que agora está determinada a ter sobra de quesadilla para o café da manhã.



— Coloque a comida para baixo — eu digo a ele. — Isso é para Linnea.

Ele inclina a cabeça, então, coloca o recipiente no balcão, fechando a tampa. É quando Oliver entra na cozinha vindo do corredor, uma mão na babá eletrônica que ele está ligando. Ele para, piscando para o homem em sua cozinha.

— Viggo? — Oliver olha para ele, piscando surpreso, então, olhando para mim.

Viggo. Eu me lembro desse nome. Ele é aquele com quem Oliver estava gritando, aquele que de alguma forma o trancou para fora de casa. Eles eram namorados? Será que eles brigaram? Eles estão reconciliados agora?

Porra, eu me sinto doente com o pensamento.

— O que você está fazendo aqui? — Oliver pergunta a ele.

— Oi, docinho. — Esse homem – *Viggo* – diminui a distância entre eles e envolve Oliver em seus braços, puxando-o para perto, antes de dar um beijo em sua bochecha.

O mundo escurece. Sangue ruge em meus ouvidos. Eu quero arrancar os braços dele. Eu quero puxá-lo pelo colarinho e jogá-lo pela janela e limpar todos os vestígios de seu toque do corpo de Oliver.

Porra. Estou tremendo, raiva e choque e mágoa possessiva me cortando, revelando a verdade crua e inegável: eu quero Oliver. Ele por inteiro.

Eu sei que não posso tê-lo para sempre, mas eu o quero por quanto tempo eu puder. Até que eu esteja, finalmente, acabado para o jogo profissional e eu desapareça para lamber minhas feridas e descobrir o que diabos fazer comigo mesmo. Eu quero ele para mim. Para dirigir selvagemente e segurá-lo e dar-lhe o inferno e prazer e protegê-lo de filhos da puta manhosos, esguios e barbudos sem respeito pelo espaço pessoal.



— Saia — Oliver diz a ele, enxugando sua bochecha enquanto ele faz uma careta para este *Viggo*. — O que você está *fazendo*?

— Eu vim para ajudar — diz ele, encolhendo os ombros e voltando a assaltar a geladeira.

— Ele já tem ajuda — eu rosno e então me viro para Oliver. — Você quer que ele saia?

Oliver pisca na minha direção, os olhos arregalados.

— O quê?

— Você. Quer. Que. Ele. Saia? — Eu pergunto. — Terei prazer em removê-lo de sua propriedade.

O homem olha por cima do ombro, enquanto joga um punhado de mirtilos na boca.

— Não é muito hospitaleiro da sua parte.

— Não sou do tipo hospitaleiro — digo a ele. — Especialmente se ele não quiser você aqui.

O homem abre um sorriso sob aquela barba nodosa que faz o cabelo do meu pescoço ficar em pé. Parece... vagamente familiar.

— O que ele é para você? — o homem pergunta.

— Viggo — Oliver diz bruscamente. — Isso não é engraçado. Saia.

O homem fecha a geladeira com o quadril, olhando entre nós.

— Acho que não sou necessário, então.

— Absolutamente não — eu estalo.

Oliver me olha com curiosidade, antes de se voltar para Viggo e encará-lo.

— Eu sei o que você está fazendo e é uma merda. Eu disse que ia descobrir isso sozinho e descobri. Agora vá. Invada a geladeira de outra pessoa.

Viggo suspira.

— Certo. — Empurrando a geladeira, ele caminha de volta pela sala, pegando os sapatos. Ele dá outro sorriso largo para Oliver, então, para mim. — Aproveitem a noite, senhores.



Com uma saudação, ele pega as chaves da mesa e sai pela porta, fechando-a silenciosamente atrás dele.

Eu me viro para Oliver.

— Que raio foi aquilo?

Oliver se encolhe em um banquinho em sua cozinha e enterra o rosto nas mãos.

— Um homem tentando fazer um cavalo usar calção de banho.

— Que porra isso significa? Você está delirando? Desidratado?

Sua risada ecoa dentro do espaço de suas mãos.

— Eu vou estrangulá-lo — ele murmura.

— Oliver — eu rosno, fazendo sua cabeça se erguer. — O que é que foi isso? Quem diabos era aquele?

O silêncio paira no espaço entre nós. Tarde demais eu percebo o quão... intenso eu soava. O quanto eu acabei de revelar.

Lentamente, Oliver gira no banco e inclina a cabeça.

— O que isso importa?

Eu desvio o olhar, arrastando a mão pelo meu cabelo, destruindo meu cérebro para saber como me salvar disso e cobrir minha bunda.

— Um homem acabou de... entrar na sua casa e invadiu a porra da sua geladeira.

Ele me encara e finalmente diz:

— E daí?

— E daí? — Eu jogo minhas mãos para cima. — Isso é uma merda estranha e invasiva.

Oliver bufa.

— Viggo com perfeição.

Minha mandíbula aperta.

— Por que... ele estava aqui, apenas, entrando em sua casa assim... — Eu tento segurar as palavras, mas elas forçam a saída. — Tocando você assim?

As pontas dos dedos tamborilam suavemente sobre o balcão. Ele me encara.



— Vou perguntar de novo, por que isso importa?

— Não importa — eu minto, raiva e pânico dentro de mim. Eu não posso ficar. Eu não posso me importar. Eu tento encontrar aquele lugar dentro de mim que eu entro todos os dias – frio, contido, desapegado. Mas é como se as luzes estivessem apagadas dentro de mim e eu não conseguisse encontrar aquela porta familiar, aquela fuga que eu preciso desesperadamente, enquanto Oliver se levanta do banco e caminha em minha direção, com as mãos nos bolsos.

— Tudo bem, então — diz ele, encolhendo os ombros. — Se não importa, então, você não precisa saber.

— Maldição, Bergman.

Ele rola os ombros para trás, queixo erguido e orgulhoso, segurando meus olhos.

— O que, Hayes?

Eu ouço o ar saindo de meus pulmões, sinto meu batimento cardíaco batendo em meus ouvidos, em meus membros.

— Não me pressione.

Ele dá mais um passo mais perto.

— *Agora* você quer respostas. O que aconteceu com "Nós concordamos em seguir em frente"?

Minhas mãos estão apertadas, punhos doloridos. Não confio nelas para não colocar as mãos em volta dele, prendê-lo contra mim, abraçá-lo com força enquanto dou a essa boca picante o que ela merece: um beijo profundo e punitivo. Muitos deles.

— Isso é diferente — eu finalmente consigo.

Ele inclina a cabeça.

— Como? Você deixou claro que já superou o que aconteceu. O que importa para você quem está na minha casa ou o que acontece com eles?

Eu não tenho uma resposta para isso. Eu não posso me explicar. Não posso admitir como as últimas três semanas foram o pior tipo de tortura.

Suspirando, ele esfrega o rosto.



— Sei que pedi ajuda esta noite, que transgredi brevemente a trégua de "estritamente colegas de trabalho, apenas profissional" que cumprimos nas últimas semanas, mas isso foi por causa da minha sobrinha. Você ajudou, e eu aprecio isso... — Ele fecha os olhos brevemente, respira fundo, então, diz: — E agora eu preciso que você vá.

Isso me tira o ar, ouvi-lo dizer isso. Fui eu quem recuou, criou distância, ordenou que ele saísse, chutou sua bunda para fora da minha porta. Oliver me dizendo para ir, desejando que eu fosse... porra, não está certo.

E é exatamente isso que você está evitando, a voz dentro de mim avisa.

Correto. É exatamente disso que estou me poupando preventivamente – a dor de ser indesejado, quando meu fascínio desaparecer com minha carreira, quando não for nada além de um ex-atleta cansado, dolorido e esgotado, com mais dores e sofrimento do que os caras do pôquer juntos, e *sua* carreira decolar, atraindo-o para os melhores clubes, lugares luxuosos, o toque ávido e a atenção dada por aqueles que serão ainda mais atraídos por sua aparência e charme, à medida que ele se torna mais realizado, ganha mais fama.

Mas, outra voz sussurra. *Ainda há um caminho, não há? Para conseguir o que você quer sem arriscar nada disso?*

Eu olho para Oliver enquanto ele segura meus olhos, um músculo em sua mandíbula flexionando, braços cruzados. Porra, ele é irritante. E lindo. E eu o quero tanto.

Eu poderia fazer isso? Eu já fodi e mantive meus sentimentos fora disso. Com Elliot, fiz isso por anos. Quando ele reagiu exatamente como eu sabia que ele reagiria à notícia de que eu estava deixando a Inglaterra, assinando com o Galaxy, não senti nada. Nem decepção, nem perda, nem surpresa. Eu sabia o que eu era para ele – um meio para o estilo de vida que ele gostava, um cara famoso para ser visto, uma cama muito boa com absolutamente nenhum apego emocional necessário.



E se Oliver e eu pudéssemos ter isso também? Um entendimento mutuamente acordado de "é tudo sexo, sem sentimento". Eu não tenho ideia se ele iria querer isso. E ainda assim meu desespero me diz que vou enlouquecer se pelo menos não tentar descobrir.

— Isso importa — eu resmungo.

Os olhos de Oliver se arregalam.

— O quê?

Eu fecho a distância entre nós, aperto seu rosto, meu polegar deslizando ao longo de sua bochecha, o mesmo lugar que aquele filho da puta o beijou.

— Eu queria arrancar os membros dele, quando ele tocou em você.

Os braços de Oliver caem para os lados e agora suas mãos estão em punhos como as minhas estavam, como se ele estivesse lutando, tanto quanto eu pouco antes, para mantê-las para si.

— Por quê? — ele diz baixinho.

Eu me inclino, nossos peitos roçando, o ar saindo de seus pulmões.

— Porque eu quero você como uma doença me corroendo, Oliver, e o vendo... — Minha mandíbula aperta. As palavras se perdem.

— Eu quero você também — ele admite, fechando os olhos, como se ele não pudesse olhar para mim e dizer isso. — Ao ponto de distração. Estou tão miserável. Mas... eu disse a mim mesmo que nunca faria isso de novo. Não posso.

Eu deslizo meu polegar para baixo em sua mandíbula, deslizo minha outra mão por seu cabelo, amasso seu couro cabeludo, fazendo seus olhos se abrirem.

— Do que você está falando?

Seus olhos procuram os meus por um longo minuto. Ele engole rudemente, sua expressão cautelosa.

— Eu disse a mim mesmo que não iria me envolver com ninguém com quem trabalho. Isso... explodiu na minha cara, quando eu era mais jovem. E isso – o time, meu foco na



temporada e na minha carreira – não posso arriscar isso de novo. Não vou deixar que os sentimentos compliquem ou comprometam nada disso.

A raiva pulsa através de mim, quando vejo a dor que ele tem em seus olhos – dor que ele tenta esconder.

— Fodido Bryce Burrows — eu rosno. — Aquele pedaço de merda caindo.

A boca de Oliver se curva.

— Em retrospecto, ele é altamente decepcionante e definitivamente não valeu a pena toda a angústia, mas... — Ele suspira. — Não era assim que eu me sentia naquela época. Não sou a pessoa mais racional, quando me apaixono por alguém. E eu me apaixonei por ele. Perdidamente.

Um ciúme feio e potente azeda meu estômago.

— Eu não quero nada mais do que ceder a isso — diz ele calmamente. — E estou tendo muita dificuldade em lidar com o quão frustrado eu estou ao negar isso. Mas você pode ser uma notícia muito, muito ruim para mim, Gavin Hayes. E não vim tão longe para deixar outra pessoa explodir tudo pelo que trabalhei.

Eu vasculho o que ele disse, fome e necessidade me fazendo me inclinar ao seu toque, banquetear-me com a forma como suas pupilas dilatam, a forma como seu peito sobe e desce instavelmente, como o meu.

— Não tem que explodir — digo a ele, um plano formulado na minha cabeça.

Ele ri um som vazio.

— Não, mas provavelmente sim e então estarei ferrado.

Eu balanço minha cabeça, deslizando minhas mãos para baixo, contornando seus ombros, segurando-o com força.

— Apenas sexo. Sem sentimentos.

Ele me encara.

— O quê?

— Nós dois estamos enlouquecendo por não responder a isso. — Eu empurro meus quadris contra os dele, fazendo com que nós dois suguemos uma respiração. O aperto de



Oliver cresce em meus bolsos, segurando-me lá quando eu tento me afastar, porque é tão bom que eu mal consigo formar frases enquanto estamos nos tocando assim. — Se coçarmos a coceira, mantê-la estritamente física, os sentimentos fora dela, então, você não arrisca nada disso.

Ele olha para mim, respirando desigualmente.

— Você gostaria disso?

Um gemido sai de mim.

— Foda-se, sim. — Eu cutuco meus quadris contra os dele, mostrando a ele exatamente o quanto eu quero.

— Você só... — Ele balança a cabeça. — Nas últimas semanas, eu juraria que você não se importaria menos.

Minhas mãos se movem contra a minha vontade, descendo por seus braços, passando por seus dedos, acariciando suas palmas.

— Isso é porque eu sou muito, muito bom em esconder o que eu quero, sinto e preciso. — Eu me inclino mais perto, minha boca um sussurro da dele. — Eu pareço meu eu rabugento de sempre.

Ele concorda.

— Mas eu estive no inferno — eu admito para ele. — Observando você, quando eu não deveria. Querendo você, quando não deveria. As coisas que fiz com você em minha mente, quando estou sozinho. No banho. Na minha cama. Porra, é uma loucura o quanto eu quero você.

O ar sai dele quando ele arranca suas mãos nas minhas e dá um passo para trás, respirando com dificuldade.

— Você promete?

— Promete o quê?

— Que você não está fazendo isso para me sabotar. Que você não vai mexer comigo, virar isso contra mim de alguma forma.

Fúria fria congela minhas veias.

— Bergman.

— Prometa-me — diz ele.

Eu procuro seus olhos.



— Você me irrita para caralho. Você é irritantemente alegre e educado demais dentro e fora do campo. Você trava com bolas paradas e passa a bola com muita facilidade, quando deveria chutar. Você é atraente demais para o seu próprio bem e seu guarda-roupa é uma afronta aos olhos, mas nunca fiz, nem nunca farei nada para sabotar sua carreira ou sua felicidade. Você tem minha palavra.

Ele pisca para mim.

— Mas você... você costumava me odiar. Às vezes, eu ainda acho que você odeia.

Aqui é onde eu tenho que pisar com muito, muito cuidado. Se eu admitir para ele – para mim mesmo – a verdade, este arranjo que estou propondo estará totalmente fora da mesa. Se eu admitir o quanto eu sinto por Oliver Bergman quando estou prometendo fodê-lo sem sentimentos e satisfazer esse desejo voraz entre nós sem uma gota de emoção envolvida, ele vai parar isso e por uma boa razão.

Porque, se ele souber o que eu sinto, isso lhe daria permissão para sentir isso também. E é exatamente isso que ele me pediu para prometer não fazer com ele, o que não farei, quando souber como isso termina. Eu indo embora. Ele vivendo. Felizmente. Sem mim.

— Eu nunca odiei você — digo a ele em voz baixa, mantendo minhas mãos para mim, precisando que ele me ouça, entenda, acredite em mim.

— Então, se não ódio, o que foram os últimos dois anos, Hayes?

Eu o encaro, sabendo que não posso dizer a ele o que estou pensando: *isso era eu fazendo tudo ao meu alcance para não acabar exatamente onde estamos – odiando você pelo que você tem enquanto anseio por quem você é, ansiando pela pessoa que ganhará tudo o que estou prestes a perder, querendo você mais do que quero meu próximo suspiro.*



— Eu odiava como me sentia perto de você. — É uma verdade incompleta, mas não é uma mentira.

— Da mesma forma — ele dispara de volta. — Mas você não me viu sendo um idiota.

— Não abertamente, mas você encontrou muitas maneiras de me irritar. Você acabou de fazer isso com um sorriso.

Ele se move desconfortavelmente.

— Eu tive que devolver para você de *alguma forma.*

— Sim, bem, eu não sou do tipo caloroso e felpudo para começar. Ter que esfregar os ombros com você não iria trazer à tona meu lado amigável inexistente, especialmente quando eu estava atraído por você.

A boca dele abre.

— Espere, você estava atraído por mim...

— Desde que eu te vi, porra? Sim.

E eu me ressenti por isso, quase admito*. Eu me ressentia de quão feliz você era, de quão lindo, jovem e promissor. Como você estava contente, quando eu era tudo menos isso.*

— Foi irritante para caralho — eu digo, rouco. — Ainda é.

Sua boca se curva. Um leve rubor mancha suas bochechas.

— Mas você me queria. Você não me suportava, mas você me queria. Você ainda quer.

Eu seguro seus olhos.

— Sim.

Ele morde o lábio, olhando para mim.

— Então... não mudaria nada. A mesma dinâmica de sempre, profissional no trabalho. E quando estamos em casa...

— Muito pouco profissional — eu prometo a ele.

Um sorriso ilumina seu rosto. Seu rubor se aprofunda. Então, ele treina sua expressão e oferece sua mão.

— Fechado.



Eu olho para sua mão, então, olho para cima, encontrando seus olhos. Eu afasto sua mão com um tapa, puxo-o pela camisa e o arrasto para meus braços.

— Eu vou te beijar.

Ele concorda.

— Estou bem com isso.

— Mas, primeiro, você vai me dizer quem diabos entrou em sua casa como se fosse o dono e beijou você.

— Minha bochecha — Oliver diz. — Ele beijou minha *bochecha.*

Eu rosno enquanto o empurro para trás, até que ele está contra a parede e eu o estou pressionando lá.

— Diga-me.

Oliver prende os lábios entre a boca e diz:

— Não fique bravo.

— Bergman — eu aviso.

— Era meu irmão.

Eu olho para ele, sentindo como se o chão tivesse caído debaixo de mim.

— Seu *irmão?*

Oliver está se esforçando muito para não sorrir.

— Além disso, naquela noite, quando estávamos na cozinha e uma mulher apareceu do lado de fora da minha casa? Aquela era minha irmã.

— Jesus. — Eu passo a mão pelo meu cabelo, estabelecendo distância entre nós. — Quantos irmãos você tem?

Seu sorriso vence, iluminando seu rosto.

— Seis.

— Seis! — Eu pisco. — Há mais seis de você correndo por aí? Deus nos ajude.

— Cale-se. — Ele agarra minha camisa e me puxa para perto. — Agora você se sente um idiota?

Eu olho para sua boca, para aquele sorriso que não vai embora, que eu quero beijar até que seja um suspiro de prazer vertiginoso, longo com abandono selvagem.



— Um pouco — eu admito.

— Ei.

— Hmm — eu digo a sua boca.

— Aqui em cima.

Relutantemente, eu rasgo meu olhar de seus lábios para seus olhos.

— O quê?

Seus olhos procuram os meus.

— Agora que você sabe que foi meu irmão e sua pequena exibição territorial foi desnecessária, você ainda quer me...

— Não se preocupe em terminar essa pergunta, Oliver Bergman.

Ele engole.

— Ok.

Eu deslizo minhas mãos ao redor de suas costelas, os músculos poderosos e ágeis entrelaçados em seu torso.

— Quero você. E não ouse me perguntar de novo.

— Ok — ele sussurra. E então ele me desfaz.

Tão simples, tão facilmente, totalmente inconsciente do poder que detém. Empurrando a parede, Oliver aperta meu rosto, então, pressiona o beijo mais suave e lento na minha boca. Seus dedos trabalham ao longo do meu couro cabeludo, os polegares deslizando nas cavidades do meu rosto onde, não que eu tenha ficado sem barba uma vez em mais de uma década, covinhas se formam nas raras ocasiões em que sorrio.

— Eu realmente gostaria que pudéssemos começar isso agora — diz ele.

Eu gemo quando ele beija o canto da minha boca, o espaço sensível atrás da minha orelha.

— É exatamente isso que estamos fazendo.

Ele suspira contra a minha pele, me fazendo estremecer.

— Há apenas um pequeno contratempo nesse plano.

Eu deslizo minhas mãos sob sua camisa, toco sua pele, seu corpo, porque eu preciso.



— Que soluço é esse? — Eu me afasto, segurando seus olhos, vendo as manchas embaixo deles, a fadiga que ele escondeu tão bem com Linnea. — Você se sente doente de novo?

Assim que digo isso, noto que o monitor que se conecta ao quarto de Linnea está brilhante, iluminado enquanto ela murmura algo em seu sono.

Eu olho para o monitor então de volta para Oliver. Nós definitivamente não podemos fazer o que eu quero com uma criança no corredor.

— *Puta* que pariu.

Ele sorri com força e se inclina para mais um daqueles beijos lentos e suaves que fazem minhas pernas doloridas ficarem desossadas.

— Durma um pouco, Hayes. — Dando um passo para trás, ele parece tão irritantemente satisfeito, que quase o jogo contra a parede. — Você vai precisar para quando eu colocar minhas mãos em você.

Eu bufo, enquanto coloco meus sapatos, abrindo a porta dos fundos.

— Isso é precioso. Você achar que *eu* preciso de um aviso.

— Geralmente, considero educado avisar alguém que está prestes a ser demolido por tantos orgasmos, de tantas maneiras, que esquecerá seu próprio aniversário, mas... — Ele dá de ombros. — O que eu sei?

Girando, eu o encaro enquanto estamos em sua soleira. Oliver me encara, parecendo muito presunçoso.

— Demolido, hmm? — Eu fecho a distância entre nós, colocando um fio de cabelo atrás da orelha dele, minha boca abaixada ali. — Quando eu terminar com você — eu sussurro —, você vai ter esquecido muito mais do que isso, Oliver Bergman. Cada momento de prazer que outra alma lhe deu, até mesmo o prazer de sua própria mão terá *desaparecido.* Vou destruí-lo e arruiná-lo para qualquer coisa, menos meu toque, minha boca e meu pau. *Isso é* uma promessa.

Oliver olha para mim.



— Isso é um desafio, Hayes?

— É como você quiser chamar, querido. Tudo vai acabar igual. Você. Arruinado.

Ele inclina o queixo, me olhando.

— Então, está feito. Pistolas ao amanhecer.

Eu franzo a testa.

— Do que diabos você está falando?

— Você claramente não leu romances históricos suficientes.

— Fodidamente correto. Eu nunca li um. E eu não tenho ideia do que você está falando.

— Foi assim que você jogou a luva, desafiou um homem para um duelo. E *eu* desafio *você* amanhã de manhã. Na minha casa ou na sua. Um de nós sairá vencedor.

Eu mordo meu lábio.

— Esta é a sua maneira profundamente nerd de dizer que você quer foder logo de manhã?

— Sim. Linnie se levanta ao raiar do dia de manhã. Estarei de volta às sete e muito, muito pronto para derrubá-lo. Ou cair em você. Ou ambos.

O calor corre através de mim. Eu o arrasto para perto de novo e o beijo, lutando contra sua língua, bebendo em sua respiração irregular. Parte de mim quer dizer não a ele. Eu sei como me sinto quando acordo, como tudo dói, como estou lento e dolorido.

Mas o pensamento de dizer não parece fisicamente impossível. Eu o quero muito. Eu vou... definir um alarme. Acordar a tempo. Tomar um banho quente, relaxar a tempo para quando ele aparecer.

Com um último beijo, um puxão lento de seu lábio inferior, eu me afasto.

— Vou mandar o código para você. Apenas entre.

Oliver fica lá, corado, sem fôlego.

— Ok.

Eu me viro, saio de sua casa, antes que eu seja tentado a beijá-lo novamente, para nos torturar ainda mais.



Enquanto caminho do jardim dele para o meu, pela primeira vez em tanto, tanto tempo, sinto o prazer de ter algo pelo que ansiar. Olhando para as estrelas, cheio de uma alegria rara e real, eu sorrio.



21

GAVIN

Música da Playlist: “Die for You”, LÉON

DEPOIS DE UMA NOITE DE SONO RUIM, repleta de fantasias sujas estreladas por Oliver, acordo de mau-humor ao som do meu alarme. O mundo está brilhante, quando meus olhos se abrem. Cada merda, incluindo meu pau profundamente insatisfeito e dolorido, dói como o inferno. Meu corpo está em sua agonia habitual. Sinto cada vértebra da minha coluna. O nó apertando meu pescoço, a tensão em volta das minhas têmporas. A primeira curva do meu joelho faz um gemido imparável sair de mim.

Sinto-me profundamente no direito da perspectiva azeda com que saúdo o dia.

Estou muito dolorido e infeliz para ir até à cozinha e fazer um café. Em vez disso, mijo, escovo os dentes, respiro e fico na pia, gemendo contra meu reflexo, as linhas marcadas pela dor, os círculos escuros sob meus olhos.

— Porra.

Xingando baixinho, eu caminho de volta para a cama, então, rastejo para dentro. Deus, deitar é bom.

A próxima coisa que eu ouço é o bipe do alarme da minha casa, então, a porta se fechando. Eu ouço seus passos, rápidos, familiares. Um sorriso ridículo inclina o canto da minha boca. Estou meio adormecido, dizendo a mim mesmo para acordar, parecer perspicaz, mas há algo tão... certo em deitar aqui como um caroço, sabendo que ele está vindo – seus beijos, seu toque, seu tudo.

Eu gemo com esse pensamento, bem quando o peso de Oliver deprime o outro lado do meu colchão.

Abrindo meus olhos, eu encontro os dele. Seu sorriso ilumina todo o seu rosto.

— Oi — ele diz.

Não tenho palavras para o quão bom é vê-lo aqui; o quanto eu preciso dele. Eu pego sua mão, levo-a para os



músculos doloridos que entrelaçam meus ombros ao meu pescoço.

— Oi — eu finalmente digo a ele, minha voz rouca e grave de sono.

Oliver esfrega meu ombro suavemente, antes de sua mão deslizar no meu cabelo, ao longo do meu couro cabeludo. Porra, eu poderia simplesmente ficar aqui, me aquecendo em seu toque. Exceto que não é para isso que esta manhã é. Esta manhã sou eu o destruindo com orgasmos e o atordoando com minhas proezas sexuais.

Embora Oliver pareça ter esquecido aquele desafio que ele lançou, porque, quando eu me viro, prestes a lhe dar um beijo duro e esmagador, ele sorri para mim, a manhã iluminando seu rosto. E então ele apenas olha para mim, antes de se curvar, pressionando um beijo profundo na minha boca. Seda quente, molhada, provocante. Minha boca se abre quando ele aperta minha mandíbula, seu polegar acariciando meu lábio inferior, sua língua encontrando a minha. Ele beija sem restrições, com tanta confiança e alegria desinibida como ele faz tudo. Eu amo como ele beija.

Suas roupas saem, rápidas, eficientes, até sua cueca boxer. Eu puxo o lençol para trás, e ele desliza para dentro, a boca encontrando a minha novamente, as mãos no meu cabelo. Tudo o que posso fazer é gemer de prazer. Sua boca e a minha, músculos longos e pesados grudados em mim, sua ereção se projetando contra meu quadril.

Porra, isso é bom. Todas as manhãs, eu acordo com dor, mas agora as bordas mais afiadas da dor são um pouco embotadas pelo prazer de sua mão deslizando pelo meu corpo, sua perna entrelaçada à minha.

Enquanto eu olho para ele, ele me dá um sorriso fraco e torto que aquece seu rosto, mais brilhante do que o sol iluminando meu quarto. E meu coração racha, derramando seu veneno fatal pelo meu corpo, inundando meus membros, assumindo o controle.



Sem sentimentos, seu tolo. Você prometeu a si mesmo e a ele.

Minha mão desliza pelos músculos poderosos e magros de seus braços, pelas costas. Faíscas dançam na ponta dos meus dedos.

— Você é tão fodidamente fofo pela manhã — diz ele baixinho.

Eu belisco sua garganta, lavo com minha língua.

— Eu não sou *fofo.*

Seu sorriso se alarga quando ele passa os dedos pelo meu cabelo.

— Seu cabelo está espetado para cima. Você tem um vinco de travesseiro em sua bochecha. Você, Gavin Hayes, está injustamente fofo agora. Falei, estou leve.

É isso. Não há mais conversa de travesseiro. Hora de foder. Eu tento alcançar atrás de mim, indo devagar porque é o mais rápido que posso me mover quando acordo, mas uma dor aguda pulsa nas minhas costas. Gemendo, eu caio de volta na cama.

Oliver se apoia no cotovelo, olhando para a gaveta da cabeceira. Alcançando além de mim, ele abre.

— Lubrificante. Preservativos. Era isso que você queria?

Eu aceno, com força.

Ele sorri.

— Só indo direto ao ponto, não é?

— Malditamente certo. Agora deite-se.

Ele cai para trás, lubrificante e preservativos na mão, e sorri maliciosamente.

— Mandão.

Apoiando-me de lado, tentando o meu melhor para ignorar a dor fresca pulsando na parte inferior das minhas costas, eu corro minha mão sobre seu peitoral, provoco seu mamilo com meu polegar, primeiro um, depois o outro. Seus olhos ficam nebulosos, e ele leva a mão ao meu cabelo, brincando com ele enquanto olha para mim.

— Diga-me — diz ele.



— Dizer o quê? — Eu rosno, puxando-o para um beijo.

Ele suspira contra a minha boca, enlaça sua perna à minha e gentilmente desliza a mão pelas minhas costas.

— O que machuca.

— Está tudo bem — eu minto, segurando essa verdade e tudo mais que estou pensando. Como ele é lindo à luz do dia, o sol dançando naquela auréola de cabelo dourado espalhado no meu travesseiro, cabelos dourados brilhando ao longo de suas pernas, braços e peito, descendo por sua barriga lisa e esculpida. Como parece perfeito, segurá-lo, sentindo-o *me* segurar.

Minha palma desliza para baixo de seu estômago, meus dedos provocando seus quadris, a borda de sua cueca.

Ele não está se divertindo.

— Gavin.

Uma emoção dança através de mim ao ouvir meu nome em seus lábios. Então, ele pressiona o cotovelo, olho no olho comigo.

— Eu não quero te machucar.

— Você não vai.

Ele franze a testa, procurando meus olhos.

— Você está com dor. Nós não temos que...

— Porra, me toque — eu imploro, pegando sua mão, entrelaçando meus dedos com os dele. — Eu vou te dizer se algo doer, mas apenas me toque, Oliver. Agora.

Seu olhar se intensifica, seu polegar circulando minha palma. Silenciosamente, ele pressiona meu ombro, até que eu me viro de costas, seus olhos procurando os meus.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Eu concordo.

— Sim.

Ele desliza sua perna mais sobre a minha, apoiado em seu cotovelo, pairando sobre mim.

Historicamente, quando tenho intimidade com outras pessoas, estou no comando. Sempre pareceu natural, dada a minha... natureza orientada para a liderança, minha



propensão a controlar e ver a estratégia e comandar as pessoas ao redor. Mas, com Oliver, há algo claro quando ele desliza sua coxa sobre a minha, sua mão afundando no meu cabelo enquanto ele olha para mim. Ele está confortável assumindo o comando, também. O que eu sabia. Eu vi isso em campo, nos treinos, durante os jogos. Ele é o tipo de força e autocontrole que não está envolto em fúria, agressão ou impaciência aguda. É equilíbrio e calma, a certeza do que ele é capaz, do que ele quer.

E, pela primeira vez em tanto tempo, sinto-me seguro o suficiente para desistir, entregar a ele, deixá-lo carregar tudo de uma vez. Como isso vai acontecer, como vamos aprender um com o outro e encontrar prazer.

— E isto? — ele pergunta, segurando meus olhos enquanto massageia meu pescoço suavemente, então, meu ombro.

Eu concordo. Minha voz é um coaxar, quando digo a ele:

— Também.

Ele sorri fracamente, curvando-se e me beijando.

— Bom.

Meu braço se enrosca em suas costas, puxando-o para perto enquanto ele passa a mão pelo meu peito. Ele se curva, lambe meu mamilo, primeiro um, depois o outro. Minha cabeça rola para trás enquanto ele beija minha garganta, lábios macios, respiração quente, sua mão descendo pelo meu estômago, massageando os músculos doloridos ao meu lado, então, gentilmente provocando ao longo da minha cintura.

Eu cerro os dentes enquanto ele ignora meu pau completamente e esfrega minhas coxas, uma de cada vez, ignorando o quanto estou arqueando meus quadris, faminto por toque.

— Não provoque — eu rosno.

Ele sorri.

— Eu? Provocar?



Estou prestes a dizer algo rude e exigente, quando ele me tira da minha miséria, acariciando meu pau através da minha cueca, fazendo o ar sair de mim.

— Sim.

Habilmente, ele engancha os dedos dentro da minha cueca e a arrasta para baixo, devagar, com cuidado, como se soubesse o quão dolorido eu estou. Ele não olha para o meu corpo recém-exposto, mas para os meus olhos.

— Não tive nenhum parceiro desde a última vez que fiz o teste — diz ele. — Sem DSTs.

Deslizo a mão pelo braço dele, segurando seus olhos também.

— O mesmo para mim.

Ele desliza a mão pela minha coxa, então, finalmente olha para baixo.

— Foda-se — ele geme, olhando para o meu pau, duro e latejante, projetando-se direto para ele.

Não aguento mais um momento. Eu o puxo para baixo, chicoteando o lençol em volta dele, encasulando-nos. Ele ri baixinho.

— Você é tão impaciente.

— Sim — eu admito, deslizando minha mão dentro de sua cueca. — Tire isso, Oliver.

Ele tira, prontamente, rapidamente, chutando-a para longe. Parte de mim quer jogar os lençóis para trás e deitá-lo no chão e olhar para ele, mas eu honestamente não tenho coragem de fazer isso. Não dessa vez. Eu já estou tão sobrecarregado que ele finalmente está aqui, tocando-me, tão perto, seu corpo perfeitamente aninhado contra o meu.

Eu o arrasto para mais perto, beijo-o profundamente, apertando sua mandíbula, enroscando minha língua na dele. Um gemido me deixa quando ele envolve a mão ao redor da base do meu pau e o acaricia, tão fodidamente perfeito. Seu polegar desliza sobre a ponta, trabalhando onde estou molhado para ele ao longo da glande sensível.



Minhas bolas estão apertadas e contraídas, o que Oliver sente, quando ele desliza a mão de volta para baixo e as segura, sorrindo.

— Alguém está perto.

— Cala a boca — eu rosno.

Ele sorri contra o nosso beijo.

— Eu também.

Puxando para trás, ele se serve do lubrificante, aquece-o em sua mão, antes de trazê-lo de volta ao meu pau, trabalhando mais forte com puxões apertados que fazem o ar sair de mim.

— Porra, Oliver. Ah, foda-se. — Eu o esmago contra mim em um beijo profundo e desesperado e o alcanço sem quebrar nosso beijo e o encontro, tão duro e quente, chorando em sua ponta, moendo contra minha cintura. — Não pare — eu digo a ele, ouvindo-o ofegar quando eu o pego na mão.

Ele ri com força.

— Eu não poderia parar se eu quisesse. Gav, fácil. Estou tão perto.

Eu sinto cada centímetro dele, cada centímetro meu em sua mão; a doce e torturante dor me engrossando em seu aperto enquanto ele me masturba, bombeia meu pau e olha nos meus olhos.

— Venha aqui — ele me diz, quebrando seu aperto apenas o tempo suficiente para me facilitar em direção a ele, deitado de lado.

— Sim — eu imploro, sabendo o que ele está fazendo, jogando a perna sobre o meu quadril, enquanto ele aperta nossos dois paus em sua mão.

Nós gememos na boca um do outro com o primeiro movimento de sua mão, trabalhando um no outro, as pontas de nossos paus esfregando, fazendo o ar sair de mim. Eu agarro seu quadril, batendo em seu punho. Eu nunca estive tão desesperado, tão perto, tão rápido.



Então, novamente, eu tenho estado duro por este homem por dois anos. Eu poderia argumentar que este é realmente o mais perdurável que eu já durei.

— Vou gozar — eu aviso, minha voz rouca e apertada.

Ele acena com a cabeça, sem fôlego enquanto eu esmago minha boca na dele, agarrando-o com força enquanto as primeiras saliências da minha liberação pintam sua mão, seu pau, que endurece ainda mais.

Ele geme meu nome, sua liberação pulsando dele enquanto ele trabalha contra mim.

Eu suspiro, minhas mãos frenéticas, segurando-o contra mim, precisando senti-lo gozar em todos os lugares, em suas pernas enquanto elas se fecham em torno das minhas, seus quadris socando contra o meu, seu peito roçando o meu, seus lábios perseguindo os meus ansiosamente enquanto meus quadris empurram novamente com outra corrida desesperada de liberação.

Eu gemo seu nome também, prazer inundando meu corpo enquanto o vejo rolar seus quadris mais uma vez e estremecer com outra fita quente de liberação ao longo do meu estômago.

Nossas respirações saíram de nossos pulmões enquanto eu olho para ele, acariciando seu cabelo, enquanto sua mão ainda nos toca, mesmo quando nos amolecemos e nos seguramos perto, nosso prazer, uma bagunça gloriosa e há muito esperada que o faz sorrir.

Inclinando-me, eu pressiono um beijo lento e faminto em sua boca, então, deito nas minhas costas. Meus olhos estão pesados. Meu corpo parece mais pesado. Eu coloco Oliver contra mim, sentindo o sono me pesar. Digo a mim mesmo que não vou dormir, apenas... descansar meus olhos um pouco. Porque em breve será hora de se levantar e se preparar para o nosso jogo…

O tempo se dissolve, quente como o pano que ele usa para nos limpar, gentil como seu corpo contra o meu.



A próxima coisa que eu ouço é a voz de Oliver, como se estivesse no fim de um túnel. Ele soa tão distante. Alívio passa por mim, quando percebo que ainda sinto seu corpo perto.

— Gavin — diz ele.

— Hum? — Eu acaricio o topo de sua cabeça, suspiro contente. — Dê-me dez minutos — eu digo a ele — e então eu vou acabar com você.

Ele ri contra o nosso beijo, então, se afasta com um suspiro.

— Quem me dera. Mas temos que nos levantar e nos mexer. Temos um jogo hoje... Espere... — Oliver pisca, se apoia em seu ombro. — Adormecemos?

Como uma comédia maluca, nossos olhos se arregalam em conjunto e então miram o relógio digital que mantenho na minha cômoda.

Deveríamos estar no estádio quinze minutos atrás.

É quando nós dois gritamos:

— Porra!



22

OLIVER

Música da Playlist: "Everything Moves", Bronze Radio Return

GAVIN DIRIGE como um morcego vindo do inferno e nos leva ao estádio em tempo recorde.

— Pneu furado — ele diz a Treinadora, que está sentada em seu escritório com Rico e Jas, antes que ela possa perguntar onde estivemos e por que estamos 45 minutos atrasados. — Sinto muito — diz ele, batendo duas vezes na porta dela. — Não aconteceu antes, não vai acontecer de novo.

Eu concordo.

— Desculpe, treinadora.

Ela olha entre nós e faz cara feia.

— Uh-hum. Coloque suas bundas lá.

— Sim, treinadora. — Eu a saúdo enquanto Gavin me arrasta pela porta, pelo corredor.

— Você está bem? — ele pergunta.

Ele está favorecendo sua perna esquerda, mancando ligeiramente. Eu o observo andar, a preocupação apertando aquelas faixas ansiosas em volta do meu peito.

— Bergman — ele late.

Eu levanto minha cabeça.

— Sim, eu estou bem. Você?

Ele olha por cima do ombro, algo feroz em seu olhar, um fogo que é apagado assim que fazemos contato visual.

— Estou bem.

É dito com finalidade. Um tom que diz, *não brinque comigo.* Como se ele soubesse que estou ciente de cada ponto dolorido nele que toquei, de cada movimento quando ele saiu da cama que o fez estremecer e assobiar antes de descartar um punhado de ibuprofeno, engoli-los a seco e se forçar a se mover mais rápido do que eu sabia que ele queria.

Eu não entendo como alguém cujo corpo está tão claramente machucado e dolorido se faz sair naquele campo



e passar por esse tipo de dor, colidindo corpos, tomando ataques, forçando-se a rajadas de velocidade viciosas no meio-campo.

Estou preocupado com ele. E a julgar pelo olhar irritado que ele me dá, quando me pega olhando para ele, Gavin sabe disso.

— Olhos para cima — diz ele bruscamente, abrindo a porta do vestiário. — Foco.

— Eu não preciso que você me diga para me concentrar na porra do meu trabalho, Hayes.

O sorriso mais fraco inclina sua boca.

— Bom.

Ele me segue até o quarto. Eu olho para trás.

— Você não deveria ir ver Dan e Maria? Obter sua afinação antes do jogo?

Seus lábios se curvam, quando ele passa, ignorando-me. Santi está atrás dele, fazendo perguntas, Ethan também. Eles obviamente o admiram, mesmo que ele os assuste para caralho. Ele tem essa força magnética instantânea de autoridade. Eu o vejo ouvir, responder perguntas, deixá-los à vontade com seu jeito conciso e sem besteira.

Quando ele me pega olhando para ele, ele arqueia uma sobrancelha. Eu desvio o olhar. E então digo a mim mesmo que é hora de me vestir e chutar alguns traseiros naquele campo.

ESTOU JOGANDO o melhor futebol da minha vida. Apesar de quase sempre ser duplamente jogado pelos defensores do meu oponente, tenho dois gols e uma assistência, e minhas pernas parecem mais leves que o ar.

Claramente, eu deveria transar antes de um jogo com mais frequência.

Estamos na marca de oitenta e cinco minutos, quando esse pensamento passa pela minha cabeça, a primeira vez que penso em Gavin dessa maneira desde que entramos em



campo. Não me distraí, não me senti atraído por ele ou preso a ele, ou a esta manhã, ou a qualquer coisa, exceto ao jogo que se desenrolava ao meu redor e a minha responsabilidade de torná-lo um vencedor.

Ainda não, aquela voz dentro de mim sussurra. *Mas é apenas uma questão de tempo até explodir na sua cara.*

Pela primeira vez, olho para o meio-campo, localizando Gavin instantaneamente. O vento joga seu cabelo para trás, revelando suas feições severas – sobrancelhas severas, barba bem-feita, olhos escuros tingidos de ouro enquanto o sol o banha em seus raios. Ele parece irritado – ele sempre parece irritado durante os jogos –, mas eu sei que ele está implacavelmente focado.

Eu também.

Eu sei exatamente onde meus alas estão, onde o goleiro está atrás de mim, enquanto atravesso o campo, e Gavin acerta o passe perfeito para mim. Deus, sua precisão é bizarra. A bola passa direto pelos meus pés enquanto eu fecho meu defensor, então, saio, pegando a bola no tranco e correndo em direção ao gol.

Eu o sinto antes de vê-lo na minha visão periférica, acelerando o campo, forçando seu caminho por um defensor que joga um ombro ineficaz em sua direção. O cara esbarra nele, quando Gavin corta para a direita, abre para o passe que eu mando em sua direção, então, com um único chute, ele toca para a parte de trás do gol.

Alívio sobe por mim. Conquistamos muitos gols hoje, mas infelizmente o nosso adversário também. Com este, reduzimos o déficit. Agora, perdemos apenas por um.

Eu não posso deixar de abrir o sorriso mais largo, quando o estádio explode, enquanto o time se acumula ao redor de Gavin. Ele os empurra, um por um, mas bagunça seus cabelos, empurrando-os bem-humorado. E, quando ele olha para mim, ele sorri.



— Fodidamente brilhante — diz ele, puxando-me para ele, testa com testa, antes de me empurrar. Um gesto de orgulho, conexão, que faz meu coração bater forte no peito.

Eu mantenho meus olhos em minhas chuteiras, enquanto ele passa por mim, mais adiante do nosso lado, em preparação para o pontapé inicial, mas não consigo limpar a felicidade dentro de mim que me ilumina. É o tipo de alegria que me enche do topo da minha cabeça até a ponta dos meus pés, que faz as pontas dos meus dedos zumbirem e envia um chute de adrenalina trêmula e vertiginosa, inundando minhas veias. Eu me sinto no topo do mundo.

É por isso que é ainda mais chocante quando, apenas trinta segundos depois, quando me aproximo para desafiar a defesa de nosso oponente, um insulto vil corta o ar e perfura aquela aura feliz. Não é a primeira vez que ouço a palavra. E, infelizmente, com toda a probabilidade, não será a última. Ser reconciliado com o fato não torna as coisas mais fáceis, no entanto. O defensor que disse isso joga seu ombro em mim bruscamente, depois que ele passa a bola, zombando, enquanto ele passa correndo por mim e olha para trás.

Infelizmente para ele, olhar de volta para mim o deixa totalmente despreparado para um co-capitão enfurecido de 1,90m, empurrando-o violentamente para o chão.

— Hayes! — Eu corro para frente, colocando-me na frente de Gavin, com as mãos em seu peito. — Hayes. Pare.

Gavin não está olhando para mim. Ele está olhando mortalmente para o defensor, o peito arfando, aquela veia em sua têmpora latejando.

— Eu vou matá-lo.

— Cala a boca — digo a ele, agarrando seu rosto. — Não diga isso.

Ele avança, e eu tenho que empurrá-lo de volta.

— Eu não me importo, porra.

— *Eu me* importo. — Eu agarro seus ombros novamente. — Pare.



O árbitro corre, assobiando e interrompendo o jogo. Estou prestes a abrir a boca e desarmar as coisas, quando Gavin se vira e me empurra atrás dele, começando a contar ao árbitro em um tom chocantemente calmo o que aconteceu.

— Tire o idi... — Gavin se pega, sua mandíbula apertada. — Tire-o deste campo — diz ele, apontando para o defensor. — Ou este jogo acabou. Nós vamos embora.

A treinadora está em campo agora, andando tão rápido quanto seu corpo extremamente grávido permite, seguida por Rico e Jas. O técnico do outro time também aparece.

Os árbitros se voltam para mim. Pedem-me para corroborar. Eu não vou dizer a palavra. Não vou dignificar esse ódio o repetindo. Mas eu aceno quando eles dizem isso, perguntando se isso é o que foi dirigido a mim.

E então eu sinto. Essas faixas estreitando em torno de minhas costelas. Minhas mãos ficando dormentes. Minha frequência cardíaca acelerando mais rápido do que o carro de Gavin, quando ele disparou pela estrada esta manhã e nos levou ao estádio. Eu balanço quando começo a perder a sensibilidade nas minhas pernas.

— Ei. — Gavin está lá, segurando meu braço e me puxando em direção a ele. — Você está bem.

Eu balanço minha cabeça. Meus joelhos se dobram.

— Porra, Oliver. Respira. — Ele me puxa para mais perto, me segurando firme. — Você está bem. Você está seguro. — Sua cabeça se levanta, quando ele olha para a equipe. — Oi!

O mundo está nadando, seus sons reduzidos a meus puxões de ar muito rápidos, meu coração batendo em meus ouvidos, mas eu os vejo – primeiro Santi, depois Ben, Ethan, Carlo, Andre, até mesmo Amobi, que dispara pelo campo – todos circulando ao nosso redor, encaixotando-nos.

Você pensaria que ser cercado pela equipe, quando estou hiperventilando, tornaria as coisas piores. Mas é como o abraço apertado que Gavin me envolve, prendendo minha cabeça em seu ombro – me aterra e me conforta e me protege.



— Respire — ele diz baixinho, sua mão pesada nas minhas costas.

À medida que minha respiração se torna menos frenética, ouço o que não conseguia antes, Santi murmurando baixinho, talvez rezando ou me encorajando, talvez ambos – um espanhol suave e sussurrado. O português de Carlo flutua no ar, misturando-se com o francês de Andre. Ben envolve um braço em torno de Ethan e Amobi, empurrando um cinegrafista no ombro, isolando-nos.

— Você consegue, Oliver.

— Estamos aqui.

As palavras da equipe, algumas em inglês, outras não, são calmas, pacíficas, sua presença firme.

— Gav — eu sussurro.

— Do que você precisa? — ele diz, pressionando a mão nas minhas costas.

Eu não posso responder a ele. Eu só preciso saber que ele está lá, senti-lo me ancorando na Terra.

— Concentre-se na minha respiração, Oliver. Respire quando eu fizer isso.

— Tentando. — Eu lambo meus lábios secos. — Conversa?

Ele limpa a garganta.

— A treinadora vai matar alguém. Ela está grávida de oito meses e meio e o juiz está prestes a se cagar.

Eu sinto um leve sorriso puxando minha boca. Eu sugo uma lufada de ar que parece mais profunda, um pouco mais lenta, não superficial e vertiginosa.

— Mais.

— Ouça — ele diz. — Você pode ouvi-la.

— Eu não dou a *mínima* para o que esse árbitro de vídeo mostra ou não mostra a você — a treinadora rosna para o treinador do outro time. — Seu jogador usou um insulto contra um dos meus, o que significa que ele está fora. Você é melhor que isso e sua equipe também deveria ser. Tolerância zero.



Enquanto nós dois ouvimos a treinadora destruindo as fracas tentativas de pacificação do treinador do nosso oponente, eu sinto a raiva de Gavin, como um fogo contido, esperando por oxigênio fresco para enviá-lo, rugindo para a vida. Eu sinto seu controle, a maneira como ele se equilibra para mim, segurando-me firme.

— Certo — a treinadora diz depois de um trecho de conversa entre os árbitros e o outro treinador que eu não consegui ouvir. — Hayes.

Gavin hesita.

— Estou bem — digo a ele, tremulamente recuando. Eu posso sentir minhas mãos. Minhas pernas não são sólidas, mas posso ficar de pé sozinho. A equipe está lá para que eu possa recorrer, ainda tranquilizadoramente perto.

Gavin olha de mim para a treinadora, dividido.

— Vá — eu digo a ele.

Ele se afasta, furioso, mas controlado. Ele troca breves palavras com o árbitro e os treinadores das duas equipes, depois observa o zagueiro, que saiu do campo após receber o cartão vermelho. E então Gavin recebe um amarelo pelo merecido empurrão que ele deu com uma expressão vazia e um aceno curto.

Eu me agacho, sentindo o sangue fluir de volta ao meu cérebro, dissipando a tontura, as estrelas perfurantes na minha visão. Jas entra, agachado também, seus olhos escuros encontrando os meus, apertados com preocupação.

— Tudo bem, Bergman?

Respirando fundo, percebo que estou, de alguma forma. Que o que aconteceu pela primeira vez na frente dos meus companheiros de equipe, de alguma forma, parece ter menos poder sobre mim *porque* aconteceu na frente deles, porque eles ficaram ao meu lado e me protegeram, quando eu estava mais vulnerável.

Eu afasto uma única lágrima que se formou no canto do meu olho, assentindo.



Jas se levanta e oferece a mão, que eu aperto e lhes deixo usar para me erguerem.

— Sim — eu digo a eles, sentindo a certeza me preencher e fortalecer minha voz. — Eu estou.

— Bergman. — A treinadora coloca sua mão suavemente nas minhas costas, olhando para mim, seus olhos apertados com fúria e mágoa. — Eu sinto muito.

Eu forço um sorriso.

— Você não tem nada para se desculpar.

Gavin está ao meu lado, seu ombro roçando o meu. Eu queria tanto neste momento que eu pudesse deslizar minha mão dentro da dele, que ele pudesse segurá-la com força.

— Nós não temos que terminar este jogo — diz ele, olhando para a treinadora, mas dizendo isso para meu benefício. Claramente eles discutiram isso. — Nós podemos sair deste campo agora mesmo.

Olho para o relógio, vendo-o diminuir em direção à marca de noventa minutos, adicionando mentalmente pelo menos cinco minutos de paralisação. Então, olho para meus companheiros de equipe, para aquele gol escancarado chamando meu nome.

— Eu quero terminá-lo — eu digo a eles. — Eu me sinto um pouco trêmulo, mas vai ser bom me mover de novo, passar por isso, terminar forte. Ele foi expulso. — Eu aceno para o outro lado do campo, onde o defensor saiu. — Isso é o suficiente para mim.

— E ele vai levar uma multa — a treinadora me diz.

Gavin está olhando para mim, os olhos apertados.

— Tem certeza disso?

Eu aceno, olhando para o campo. Eu quero chegar lá e marcar, não apenas empatar, mas vencer. Não porque eu tenha algo a provar à luz do ódio que experimentei hoje; seu fanatismo não é meu fardo para carregar. Quero ganhar este jogo porque acredito que é possível, porque acredito em mim mesmo, porque aqui, agora, colocando tudo o que tenho neste jogo, é exatamente onde quero estar.



Depois de nos reunirmos com os árbitros, Gavin e eu reunimos a equipe. Eu olho para o relógio, vendo cinco minutos de acréscimo, assim como eu pensava. Enquanto o árbitro caminha em minha direção com a bola, Gavin me encara, olhos escuros, expressão ilegível. Eu sinto a raiva saindo dele em ondas. Seguindo sua linha de visão, pego outro jogador do time me dando um olhar desagradável. Claramente, ele acha que seu companheiro de equipe foi tratado injustamente.

Eu dou a ele meu sorriso mais largo, então, alegremente aceito a bola do árbitro.

Os próximos quatro minutos são um exercício de frustração. Os defensores do meu oponente me equipam em dupla como fizeram durante todo o jogo, e agora estão tentando me agredir – ênfase em *tentando*. Há uma vantagem real em ter 1,80m e oitenta quilos de puro músculo; eu realmente não me mexo.

Ainda estamos perdendo por um, e estou com tanta fome de marcar, é como um fogo no sangue.

Quando uma falta é marcada para o outro time, eu corro o mais alto que posso no campo enquanto fico do lado de fora, olhando o relógio, sabendo que a qualquer minuto eles podem apitar.

É quando eu sinto o peso do olhar de Gavin em mim. Olhando para cima, encontro seus olhos e tento entender sua expressão estrondosa. Eu posso ver a veia em sua têmpora pulsando daqui e, quando o apito soa, quando ele dá o primeiro toque na bola, eu sei que algo está diferente. É como viajar no tempo, ver um jogador que não via desde antes de me tornar profissional. Gavin *voa.* Movendo-se com a bola em uma explosão de velocidade, trabalhando em seus pés tão rápido que é um borrão, ele queima o meio-campo. Eu chuto bem fundo e largo, abrindo espaço para ele, consciente de ficar do lado.

Rasgando o campo, ele vai direto para o zagueiro que me deu um olhar maldoso, quando retomamos o jogo, que ficou



de boca fechada, mas deixou claro com quantas vezes ele continua pisando no meu pé e me dando cotovelada que ele está tentando me fazer miserável.

O cara avança quando Gavin corta com a bola, deixando as pernas abertas, e Gavin habilmente desliza a bola por entre suas pernas. Ele faz um noz-moscada. O estádio está cantando, gritando, perdendo seus juízos de forma coletiva com o que estão vendo.

Meu coração está na minha garganta, meu pulso batendo forte, enquanto Gavin contorna o defensor que está apenas envergonhando e o faz cair de bunda. Em seu primeiro toque, ele envia a bola em arco direto para mim. Corro em direção a ela, sabendo que é perfeito, que sou tão rápido quanto ele precisa, que ele enviou a bola exatamente para onde ela precisa ir.

Minha cabeça bate na bola, voa para o canto da rede.

Gol!!!

Estou gritando, exultante, sorrindo tanto que meu rosto dói, enquanto o time se empilha em cima de mim, gritando, emocionado. Estamos empatados. O que é bom. Bom. Mas não ótimo.

Insuficiente.

Meus olhos travam com os de Gavin em compreensão. Ele olha para o tempo cada vez menor. Trinta segundos restantes. Eu sei exatamente como vamos usá-lo:

Para ganhar.



23

GAVIN

Música da Playlist: "You'll Never Walk Alone", Penny & Sparrow

ENDORFINAS BOMBEIAM PELO MEU CORPO. Eu olho para o campo, sentindo energia, fogo, em meus membros como se o jogo que eu amava nunca me deixou, como se tudo que eu tenho estivesse na ponta dos meus dedos e nos meus pés, prestes a se derramar na grama até penetrar no solo. Eu sinto a força em meu corpo, mesmo sabendo que está diminuindo. Sinto minha voz, rouca e aguda, cortando minha garganta do meu lugar no meio do campo, do centro deste lugar que é o centro do meu mundo.

Eu vejo Oliver, consumo-o. Peito arfando. Ruborizado. Pingando de suor. Cabelo meio fora daquele rabo de cavalo enfurecedor.

Fodidamente perfeito.

O apito soa. Não há tempo para dizer a ele o que quero fazer. Nossos adversários têm o pontapé inicial e eles já estão mandando bem para o nosso lado. Ben é útil para caralho pela primeira vez, vencendo o ataque deles, entregando para Amobi, que passa para Carlo.

Carlo manda para Ethan. Cortando, Ethan me vê à frente, mais alto no meio-campo, e manda a bola na minha direção. Eu espero por ele, brincando facilmente com meu defensor, enganando-o e passando. Ouço o barulho do estádio aumentar, sinto os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

Lendo minha tática, Ethan corta em direção ao meio-campo, enquanto eu estico o campo, em direção à linha lateral, puxando a defesa até que a área esteja exatamente como eu quero, bem aberta, com Oliver correndo para preenchê-la.

Confio em Ethan o suficiente para saber que quero fazer uma tabela, tendo gritado com ele desde a pré-temporada, ele começou a ver essas triangulações mais rápidas. Eu



mando a bola na direção dele, e ele me lê perfeitamente, um chute direto no campo.

Mas mais longe do que deveria.

Xingando baixinho, eu explodo, uma dor quente de advertência irradiando pelas minhas costas, cortando minha perna. Eu a ignoro, corro em direção à bola enquanto ela se aproxima perigosamente da linha do gol.

Meu defensor está no meu encalço. Perto demais para eu colocar um pé na bola e mantê-la dentro de campo. Pelo menos, para eu colocar o *pé direito* na bola. No último momento, deslizo pela linha do gol e empurro a bola para a segurança, quando ela está a centímetros da pintura.

O estádio entra em erupção quando meu defensor tropeça e cai em mim, enquanto eu rastejo de pé e corro de volta para o campo. O próximo defensor está vindo em minha direção. Eu fingo ir para a direita, como se fosse para o gol, depois toco a bola para a esquerda, fazendo-o tropeçar também.

E então eu o vejo, alto, rápido como um relâmpago, aquela cabeleira dourada anunciando sua chegada. Enquanto Oliver corre em direção ao gol, eu tiro a bola do lado de fora do meu pé direito. Está um passo à frente dele. Então, está lá com um toque para o fundo da rede.

Gol!!!

Braços levantados, sinto o triunfo cantando em minhas veias.

Mas então um corpo bate em mim, empurrando minhas costas. Um estouro e uma queimadura queimam através de mim, perseguidos pela dor como eu nunca conheci, engolindo o mundo na escuridão.

EU SEI QUE É UM SONHO. Não, um pesadelo. E, no entanto, não consigo me fazer acordar.

Minha dor está entorpecida, graças a Deus, meus passos medidos, enquanto entro no vestiário e bebo. A madeira



polida do cubículo de cada jogador brilhando sob as luzes. O barulho do equipamento de futebol e do suor dos corpos. O som da minha bolsa caindo aos meus pés, como há dezessete anos. O ranger do banco do meu cubículo sob meu peso, enquanto olho para minha bolsa, as ferramentas do meu ofício, uma bola, alguns pedaços de tecido frágil, um par de chuteiras.

Minha armadura contra o mundo. A armadura que *se tornou* meu mundo. Quando ninguém me queria, quando eu odiava tudo, quando me sentia impotente e sem esperança. Futebol era tudo.

Eu quero acordar. Não quero que esse sonho se torne realidade. Mas, de alguma forma, eu sei que a realidade também não é o que eu quero, então, eu fico, só mais um pouco. Em vez de acordar, saio do túnel, pois tenho tantos jogos, as luzes inundando minha visão quando piso na grama.

Não posso deixá-la sem me despedir.

E é aí que eu sei a verdade.

Acabou. Está feito.

Tudo o que resta é dizer adeus.

Com o vento em meus cabelos, a relva cedendo sob meus pés; um estádio silencioso e vazio, fico de pé. E sinto isso.

Um fim. Uma perda.

Eu puxo uma respiração. Então outra. Meu peito dói. Meus olhos ardem. Minha respiração fica mais escassa, quando eu caio na grama, e a esmago em minhas mãos. Meu coração bate forte, uma dor no peito que se intensifica até eu jurar que vai me separar...

— Hayes.

Uma mão quente aperta a minha, me despertando para uma presença familiar. Simpáticos olhos castanhos escuros. Calma, voz uniforme.

— Treinadora — eu resmungo.

Sua boca se levanta com um pequeno sorriso. Sua mão aperta a minha.



— Lexi.

Só uma palavra. Ela carrega um mundo nele. Ela não é mais minha treinadora. Porque eu não jogo mais para ela. Porque acabou. Terminei. Eu sabia disso, quando corri por aquele campo, quando despejei tudo o que restava em mim naquela última jogada e a dor me deixou inconsciente.

Eu engulo em seco, piscando para afastar as lágrimas.

— Lexi.

A treinadora também engole e enxuga o canto do olho

— Malditos hormônios da gravidez — ela murmura.

Nossos olhares se sustentam. Gentilmente, ela solta minha mão e se senta na cadeira ao lado da minha cama de hospital.

— Você vai ficar bem — diz ela baixinho, seus olhos não deixando os meus.

— Eu vou?

Ela acena. Confiante, tranquilizadoramente. Uma treinadora, por completo.

— Dra. Chen disse isso. No entanto, não me refiro apenas ao seu corpo. Estou falando sobre isso... — Ela bate no coração. — Isto também.

Eu fungo enquanto aperto minha mandíbula, ressentindo sua fé em mim.

— Eu não tenho o que você tem. Isso era tudo. Isso era tudo que eu tinha.

— Isso era. Isso *foi.* —Sentando-se, ela se inclina e aperta minha mão novamente. — E foi lindo. Mas isso não significa que é tudo o que você *pode* ter. Eu estive aí, Hayes. Eu sei. Eu sei que agora não parece crível, parece uma perda insuperável. Isso é luto, e é seu para sentir. E ainda vou dizer a você como sua amiga, como alguém que esteve onde você está: há mais. Há amizade, há amor, há comunidade, há um mundo lindo lá fora, seu para conhecer e ser conhecido.

Eu pisco, olhando para o teto.

— Eu não sei como... — Minhas palavras morrem.

Ela está quieta, sua mão segurando a minha.



— Você irá. Você vai descobrir isso. Como reconhecer e receber as pessoas que te amam, a vida que te espera. E, até que você esteja pronto para isso, tenho uma última diretriz para você, Hayes.

Eu me forço a encontrar seus olhos.

— O quê?

— Eu quero que você fique. Eu quero que você lidere. Eu quero você de volta naquele campo.

— Eu não posso — eu digo a ela com voz grossa.

— Você pode. — Ela se inclina. — Você vai. — Sua mão aperta a minha com mais força ainda. — Só que do outro lado daquela linha branca. — Seu sorriso caloroso acende algo pequeno e frágil, o menor lampejo de esperança. — Quem sabe. Com alguma nova perspectiva, você possa encontrar exatamente o que está procurando.



24

GAVIN

Música da Playlist: "I Do", Susie Suh

SER HOSPITALIZADO, cutucado e escaneado até ficar praticamente radioativo me dá 24 horas de alívio. Vinte e quatro horas antes de ter que enfrentar Oliver. Antes que eu tenha que acabar com o que mal começou.

Quando ouço as batidas na minha porta dos fundos, o pavor me enche. Lentamente, ando até a porta e a destranco.

Como se fosse uma semana normal na vida, que ele é assediado verbalmente e eu saio de maca para fora de um campo, Oliver assobia enquanto passa por mim, carregando uma assadeira cheia de recipientes.

— Que porra é essa? — Eu empurro a porta atrás dele.

Ele desliza a bandeja para a minha ilha da cozinha.

— Você mudou o código.

— Intencionalmente.

— Honestamente, neste momento, eu deveria ter apenas uma chave.

— De jeito nenhum. — Eu ando cautelosamente em direção a ele e então me sento em um banquinho, porque tudo dói demais para eu ficar de pé, quanto mais ajudá-lo. — Chegarei a uma casa cheia de confetes de arco-íris.

— Isso exigiria que você *deixasse* sua casa em primeiro lugar — diz ele, lançando-me um olhar.

Eu lhe mostro o dedo do meio.

Ele sorri.

— Quanto às suas suspeitas — diz ele —, vou admitir, não está fora do reino da possibilidade ou do meu repertório existente.

— Tenho pena dos seus pais.

— Oh, eu também. Que Deus os abençoe. Eles estão pagando por todos os seus pecados.

Eu franzo a testa enquanto o vejo descarregar recipiente após recipiente de comida na minha geladeira.



— O que é tudo isso?

— É uma coisa chamada comida, Hayes. Você precisa disso para se manter vivo. Se curar. Se sentir bem. Te lembra algo?

— Estou comendo — resmungo.

Ele ergue uma sobrancelha, então, volta a transferir rapidamente os potes da bandeja para a minha geladeira.

— Barras de proteína de manteiga de amendoim e Gatorade não fazem uma refeição completa.

— Eu ia dar uma volta no mercado.

Minha geladeira, que estava praticamente vazia antes disso, agora está cheia. Olho para todos os recipientes com descrença.

— Isso é obsceno.

— Não olhe para mim — diz ele. — Bem. Isso não é bem verdade. Olhe para mim por aqueles, aqueles e aqueles — ele aponta para uma fileira de grandes recipientes de Pyrex — eu fiz esses, mas o resto são os caras do pôquer, minha mãe e algumas pessoas da equipe cuja capacidade culinária eu confiava. Comecei uma ajuda com as refeições, e esses pratos foram oferecidos voluntariamente em pouco tempo. Todos eles podem ser congelados, assim que você descobrir o que quer comer nos próximos dias e o que gostaria de economizar. Até a Linnie preparou alguma coisa, com a ajuda da mamãe. Ela fez para você o prato que te nomeou..

— Kladdkaka. — Eu olho, sem palavras, enquanto ele levanta a tampa de um porta bolo, revelando o que parece ser um bolo de chocolate.

— Por que ela me chama assim? — Eu pergunto com a voz rouca.

Oliver limpa a garganta, evitando meus olhos enquanto inspeciona o bolo.

— Antes da primeira vez que você foi lá em casa, ela estava nervosa que você seria rabugento com ela. Eu assegurei a ela que você não seria, comparando você com kladdkaka: duro por fora, mas quente e pegajoso por dentro.



Com cuidado, ele coloca a tampa de volta.

Meu coração dá um nó.

— Estes... — Eu engulo em seco. — As pessoas cozinharam para mim?

Oliver fecha a porta da geladeira atrás dele, olhando para mim com cuidado, como um raio-X na minha alma.

— É claro. Elas amam você, Gavin.

Ele empurra a geladeira e anda pela ilha. Com cuidado para não bater em nenhum dos meus membros latejantes, ele se coloca entre minhas coxas abertas e segura meu rosto. Eu vacilo, mas ele não. Seus polegares apenas varrem minhas maçãs do rosto.

— Por que isso é tão difícil de acreditar?

Eu fecho meus olhos.

Estou me esforçando tanto para ser forte. Para me afastar. Para manter essa distância vital entre nós. E Oliver é tão bom em explodir através dela. Eu quero me inclinar em seu toque. Eu quero implorar a ele para me fazer sentir qualquer coisa além de dor desde a medula dos meus ossos até onde eu juro que posso sentir isso pulsando na ponta dos meus dedos.

— Hum. — Gentilmente, ele levanta meu queixo, examinando-me. — Você não se barbeou.

Eu não tenho uma mão firme o suficiente. A dor nas costas é tão forte que minha mão treme quando tento. Mas eu não digo isso a ele. Em vez disso, eu digo:

— Não estou com vontade.

Ele se inclina um pouco mais perto, pressiona o nariz no meu cabelo.

— Você precisa de um banho também.

Além disso, igualmente assustador, quando minhas pernas e costas doem tanto que não me sinto confiante de que poderia lidar com a agonia causada pelo movimento necessário para me lavar. Tenho medo de desmaiar e bater a cabeça.

Eu dou de ombros, o que, claro, dói.

— Que bom que estou aqui — diz ele.



Eu olho para ele.

— Porra. Não.

Ele sorri, desliza as mãos pelo meu cabelo imundo. Um gemido sai de mim. Porra, isso é bom.

— Tem certeza disso? — ele diz. — Eu poderia lavar seu cabelo para você. Te barbear. Trocar os lençóis fedorentos da sua cama.

Um gemido escapa antes que eu possa segurá-lo e, em vez disso, dizer algo cortante, frio, qualquer coisa para afastá-lo.

— Apenas imagine — diz ele, ainda massageando meu couro cabeludo. — Lençóis limpos e frescos. Sua pele cheirando a sabonete em vez de suor. Nenhuma barba espinhosa em seu pescoço. Seu cabelo molhado e limpo.

— Merda — eu gemo.

Seu sorriso se alarga.

— Melhor do que conversa suja, não é?

— Vá embora — eu imploro.

Ele alisa meu cabelo para trás, que gruda na minha testa suada. Eu olho para ele, odiando como me sinto exposto, como estou indefeso – sensações, dor, necessidade, medo, não só me inundando, como me sobrecarregando. Não quero que ele me veja assim. E ainda assim ele vê. Ele ainda está aqui. Ele não se foi.

Mas ele irá, sussurra aquela voz de advertência.

Ele balança a cabeça.

— Você é tão hipócrita.

— Do que diabos você está falando?

— Você me segurou, reuniu a equipe para me proteger depois que fui assediado verbalmente, enquanto eu tinha um ataque de pânico na frente de 25.000 pessoas.

— Eu deveria tê-lo nocauteado. — eu rosno, odiando a memória, vendo-a novamente, a palavra deixando aquele pedaço de merda, então, atingindo sua marca com Oliver, cujos olhos se arregalaram, então, escureceram.



Há muito tempo aprendi a me endurecer contra a intolerância das pessoas, os olhares de desaprovação e os comentários homofóbicos, às vezes em outros idiomas que não eram difíceis de traduzir. Fiquei mais forte, maior, mais intimidante, até que a maioria das pessoas estava com muito medo de me insultar, pelo menos na minha cara. Eu construí minhas paredes mais altas, fiz-me mais frio, congelei-as até não sentir nada quando palavras ignorantes vinham ao meu caminho.

Mas isso não é quem Oliver é, sem distanciamento frio, sem pele grossa ou limites altíssimos, nada protegendo seu coração, quando essa palavra atingiu seu golpe. Eu queria estripar aquele pedaço de merda homofóbico por colocar um olhar ferido no rosto de Oliver.

— Ei.

— Hum?

Oliver desliza o dedo pela minha testa, meu nariz, traçando minha boca.

— Eu não queria que você fosse para a estrada da memória ruim. Meu ponto é que você me ajudou. Você cuidou de mim. Agora, eu vou ajudar e cuidar de você.

—Porra, você vai. — Eu o encaro, um nó na garganta. Nervoso. Aliviado. Assustado. — Eu não tenho uma maneira fácil de ficar limpo — eu admito. — Não gosto de banhos, então, nada de banheiras. Nenhum banco no meu chuveiro, também. Eu nunca pensei...

Nunca pensei que *precisaria* de um banheiro com banco. Porque eu tenho vivido em uma negação do caralho. De que outra forma eu pensei que isso terminaria? Sempre soube que não sairia de campo pela última vez. Eu sabia que nada poderia me tirar desse jogo, além do meu corpo se tornar irrevogavelmente incapaz de voltar a ele.

— Eu não sei como fazer isso — eu finalmente consigo.

Oliver procura meus olhos, antes que um sorriso fácil retorne.



— Bem, então, você está com sorte, meu amigo. Porque eu tenho uma cadeira de banho. Eu vou pegá-la e trazê-la imediatamente.

— Por que você tem isso?

— Meu pai teve a maior parte da perna amputada e usa uma prótese; ele acha muito mais fácil se sentar enquanto toma banho. Minha futura cunhada tem artrite reumatóide, usa uma bengala para se estabilizar, então, arrisquei que ela também valorizaria essa opção. Ambos vivem perto; as chances de eles precisarem do meu banheiro são pequenas, mas eu não queria que eles estivessem aqui e precisassem de um banho e que essa função básica do meu banheiro fosse inacessível para eles. — Ele dá de ombros. — Não é difícil manter uma cadeira de banho no meu armário, pronta para quando eles precisarem, ou inferno, quando *eu* precisar. Estatisticamente, é apenas uma questão de tempo até eu quebrar alguma coisa e precisar da coisa eu mesmo. Quando eu tiver economizado o suficiente, vou refazer aquele chuveiro, construir um banco, mas, por enquanto, é isso que eu tenho.

Não que eu esteja surpreso com essa confissão, sabendo que Oliver é uma pessoa obscenamente atenciosa e gentil, mas faz diferença ouvir isso dele, de qualquer maneira – que ele cresceu amando e admirando alguém cujo corpo conhece dor e sofrimento, que não apenas sua própria carne e sangue, mas a mulher que seu irmão ama luta com a dor e a mobilidade, e é tão... fodidamente natural para ele vê-los, considerá-los.

Para amá-los.

Talvez seja porque eu estou tão desesperado para me sentir limpo. Talvez seja porque estou sozinho e com tanta dor que mal consigo pensar em outra coisa além disso. Mas em vez de dizer a ele para se foder e, com a força que me resta, não tão educadamente, enfiar sua bunda para fora da minha casa, eu seguro os olhos de Oliver e digo a ele:

— Tudo bem.



— PORRA. MERDA. PORRA, MERDA — eu rosno enquanto me sento na cadeira do chuveiro e coloco a toalha de mão que Oliver deixou no meu colo por causa da modéstia.

— Como tá indo? — ele pergunta do outro lado da porta.

— Uma delícia — eu falo.

— Tudo limpo?

— Eu estou decente se é isso que você quer dizer. — Olho para a toalha. — Bem, mais ou menos.

A porta do banheiro se abre. Através do vidro embaçado, Oliver é visível, entrando, vestindo o short de banho mais curto e apertado que eu já vi.

E, claro, eles tem a estampa floral multicolorida mais hediondamente vibrante.

— Eu sei — diz ele, entrando, deslizando a porta do chuveiro atrás dele. — Eles ficam incríveis em mim.

Balanço a cabeça enquanto ele se aproxima, inspecionando os frascos, encontrando o shampoo e esguichando na palma da mão.

— Você fez isso apenas para me torturar — digo a ele. — Eu tenho que sentar aqui literalmente no nível dos olhos com... — Cometo o erro de olhar onde meus olhos pousam em sua virilha e engulo grosseiramente.

Oliver está com as bochechas coradas, quando começa a ensaboar shampoo no meu cabelo.

— Bem, então, eu acho que você vai ter que fechar os olhos e se concentrar em relaxar, se você não puder apreciar a beleza do meu calção de banho de hibisco psicodélico.

— A imagem está gravada em minhas retinas. — Fecho os olhos, inclino a cabeça para trás. — Como fogos de artifício, quando você os vê na parte de trás das pálpebras.

— Cara, eu amo fogos de artifício — diz ele. — Aquele estrondo que apenas sacode seu peito, cores espirrando pelo céu como um grande movimento do pincel cósmico.



Suspiro quando ele dá um passo atrás de mim e esfrega meu couro cabeludo. Ele leva seu tempo, movimentos circulares profundos com as pontas dos dedos, antes de seu toque aliviar meu couro cabeludo até a base do meu crânio, que lateja com uma dor de cabeça. Em seguida, ele esfrega perto das minhas têmporas, massageando lá também. Então, ele liga o chuveiro para enxaguá-lo, suas mãos capazes e firmes, correndo pelo meu cabelo.

— Próximo — diz ele, dando um passo ao meu redor, caindo de joelhos e organizando suas ferramentas à direita. Creme de barbear. Minha navalha. Uma pequena tigela que coleta a água do chuveiro para enxaguar.

Fecho os olhos, de repente, em pânico, oprimido. É demais, muito íntimo.

Mas assim que eu abro meus olhos, quando estou prestes a dizer a ele que não posso fazer isso, Oliver se ajoelha e me encara com uma barba de creme de barbear, uma espessa gosma branca colada em suas sobrancelhas também.

Eu bufo uma risada involuntária que ecoa ao redor do chuveiro. Ele parece ridículo.

— Ei, olha — diz ele, fazendo uma pose. — Não ri. Eu estou bonito. Como o Papai Noel que fez Botox.

— Pare — eu digo com a voz rouca. — Pare de me fazer rir. Isso dói.

Minhas costas odeiam rir. Mas meu coração adora, este momento que ele está aqui aos meus pés, sendo ridículo por minha causa.

— Oh, maldição. — Ele aperta os olhos. — Creme de barbear no meu olho.

— Venha aqui. — Eu limpo o creme de barbear que pingou sobre seu olho, coloco minha mão na água do chuveiro acima, até que esteja cheio, então, enxáguo suavemente também, lavando metade de sua barba ridícula de creme de barbear. — Ai.

Seus olhos se abrem, então, encontram os meus.



Digo a mim mesmo para liberar, para minha mão parar de cobrir seu rosto, para meu polegar parar de deslizar ao longo do plano afiado de sua bochecha.

Mas não posso.

Eu simplesmente... não posso. Não posso mais lutar contra isso. Eu me sinto... quebrado. Meu corpo, minha determinação. Eu construí minhas paredes tantas fodidas vezes, apenas para Oliver bater nelas uma e outra vez, e eu simplesmente não posso mandá-lo embora novamente.

Eu me inclino mais perto. Oliver se inclina também, até nossas bocas ficarem tão próximas. Até perceber que ficaria com a boca cheia de creme de barbear se fizesse o que queria. Oliver parece perceber isso também. Ele se afasta, parecendo constrangido. Como um contorcionista esquisito, ele se arqueia profundamente sob a água e lava o rosto.

Se eu tentasse isso agora, eu morreria. Apenas morreria de dor.

Espero que minha inveja, ressentimento e raiva familiares inundem meu corpo, acabem com meu desejo por ele.

Mas não vem.

Em vez disso, essa dor horrível, terrível se instala em meu coração, um nó deslizando em torno dele, apertando. Tenho o pensamento mais aterrorizante – não, uma visão? – de que esse nó, insistente e apertado, é o fim de uma corda, e que essa corda, fina e resistente, estende-se do meu coração, através do ar e do espaço e, porra, até mesmo do tempo e, sua outra ponta, é um lar, é um nó como o meu, em volta do coração de outro.

Ao redor do dele.

Alheio aos meus pensamentos de revirar um mundo, Oliver se endireita e sacode como um cachorro molhado, me borrifando.

— Oi. — Eu faço uma careta para ele.



— Como se você já não estivesse molhado — Ele sorri, de volta ao seu jeito brincalhão enquanto se ajoelha novamente, creme de barbear na mão.

Olhos em sua tarefa, ele ensaboa no meu pescoço, ao longo da minha barba.

— Legal e firme — diz ele enquanto segura a navalha em uma mão, meu queixo na outra.

Eu engulo. Oliver sorri com um tipo de sorriso perverso, os olhos em sua tarefa.

— Você sabe quanto autocontrole é preciso para não cantar *Sweeney Todd* agora?

— Exatamente o que eu quero ouvir com uma lâmina no meu pescoço: você está se sentindo inspirado por um barbeiro cantor assassino.

Seu sorriso se alarga, os olhos em sua tarefa ainda, seu aperto na minha mandíbula firme e seguro enquanto ele arrasta a lâmina pelo meu pescoço.

— Para alguém que "não gosta de musicais", você sabe muito sobre eles.

Eu luto contra a vontade de engolir, mas não consigo evitar. A necessidade nervosa me domina.

— Depois daquele primeiro jogo, quando assistimos a *Hamilton*...

Oliver para de me barbear, encontrando meus olhos.

— Depois *de Hamilton...*?

— Eu... — Outro gole nervoso. — Você disse que Lin-Manuel Miranda era Sondheim e Shakespeare. Grande elogio. Adoro poesia, adoro os sonetos de Shakespeare. Então... comecei a bisbilhotar os musicais de Sondheim. Encontrei alguns que gostei.

Sua mão vacila. Agora é sua vez de engolir em seco.

— Quais?

— *Sweeney Todd*. Uma história tão bizarra, mas "Johanna", aquela primeira estrofe, o lirismo... Depois, *Caminhos da Floresta.* Estranho, mas deliciosamente sombrio e cativante. *Company.* Deliciosamente irreverente.



A Funny Thing Happened on the Way to the Forum. Fodidamente hilário. E, claro, *West Side Story*. O que definitivamente não, como os jovens dizem, "mexeu comigo".

Oliver morde o lábio.

— Você chorou como um bebê quando Tony cantou "Maria" não foi?

— Eu não fiz tal coisa.

Ele revira os olhos, voltando a raspar meu pescoço.

— Eu posso ter derramado algumas lágrimas breves e viris.

Ele bufa.

— *Lágrimas viris*. Como se nossa masculinidade estivesse ameaçada, quando choramos livremente e sentimos nossos sentimentos, ou pior, aprendemos a articulá-los. O horror!

Eu rio baixinho.

— É uma merda.

— Isso é. — diz ele, gentilmente inclinando meu queixo para baixo, começando na ponta da minha barba ao longo da minha bochecha.

— Seu pai não te criou assim? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Não. Meu pai me abraça tanto quanto abraça minhas irmãs, tão forte e demorado quanto minha mãe. Na verdade, muitas vezes mais. — Ele ri baixinho. — Beija minha cabeça ainda toda vez que se despede. Não mudaria isso por nada no mundo.

Eu o encaro, reconhecendo outra lacuna escancarada, outro mundo de diferença entre nós.

— Você é muito sortudo.

Oliver acena com a cabeça, os olhos em sua tarefa.

— E eu não sei disso? Quero dizer, não me entenda mal, ele é assustador para caralho quando está bravo, mas isso tem muito mais a ver com ele ser da minha altura, largo como uma casa, do que com ele ficando particularmente



barulhento, e nunca fisicamente áspero. Ele é um ursinho de pelúcia gigante, na verdade, que eu sempre tive muito medo de decepcionar.

Eu reviro os olhos.

— Como se você o decepcionasse alguma vez.

Oliver olha para cima. Seu rosto guardado.

— Hayes, as brincadeiras que fiz com você não são nada comparado ao que eu era capaz de fazer quando era mais jovem. Quer dizer, eu era um pé no saco de fazer travessuras. Essa auréola sobre minha cabeça? — Ele aponta para a cabeça em questão. — Uma reviravolta recente dos acontecimentos. Desde que assinei com o Galaxy. Achei melhor limpar o passado.

— Hum. — Eu olho para ele. — Bem, se vale a pena, eu gostei quando sua auréola escorregou um pouco. É bom, você sabe. Para não se importar tanto, para não agradar a *todos,* o tempo todo.

Ele dá de ombros, mergulhando a navalha na água, enxaguando-a.

— Sim. Estou começando a descobrir isso. Apenas parece... mais seguro ser o que as pessoas precisam, manter as coisas positivas, em vez de compartilhar as coisas confusas. Eu me escondo atrás dessa frente otimista. Nem tudo são intenções puramente boas.

— Todo mundo se esconde — digo a ele. — De uma forma ou de outra. Pelo menos, o seu jeito é gentil. Você vê as pessoas de uma forma que os outros não vêem. Você vê o bem neles. Você os faz se sentirem especiais e apreciados. Você se apega à esperança em momentos que são tão fáceis de ser cínico. Se isso não é bravura, nada é. Não tire seu crédito.

Oliver olha para mim, olhos arregalados, um rosa fraco e quente em suas bochechas. A navalha cai de sua mão para a tigela de água. Ele engole em seco.

— Hayes.



O calor me enche, até ter certeza de que estou tão corado quanto ele. Não me arrependo do que disse. Mas eu me arrependo de como me sinto exposto. Como estou ciente de que, exceto por alguns centímetros quadrados de tecido felpudo cobrindo as partes essenciais, estou nu com Oliver preso entre minhas coxas.

— Bergman.

Ele se levanta de joelhos. Coloca as mãos suavemente na borda do meu assento. Seus olhos sustentam os meus.

— Estou tendo pensamentos muito pouco profissionais agora — ele admite.

Segurando um gemido, eu seguro seu pescoço.

— Igualmente.

Deus, estou desesperado por ele. Tocá-lo, fazê-lo sentir e ver em si mesmo o que eu vejo, superar a dor e a distância para compartilhar prazer e proximidade.

— Tem certeza disso? — ele sussurra, sua mão pousando na minha coxa, quente e pesada, seu polegar traçando um círculo que faz meu coração bater forte, desejo inundar meu corpo.

Eu aceno, puxando-o para perto.

— Venha aqui.

Ele faz. Tão suavemente, tão lentamente. Ele desliza a outra mão pela minha garganta, segura minha mandíbula e me beija. Eu expiro em sua boca, doce alívio. Não há nada mais certo do que beijá-lo.

Calor, prazer, efervesce em minhas veias. Essa dor, esse nó apertado e furioso, pressiona meu coração, encurta sua distância e nos aproxima, até que ele está se inclinando para mim, sua boca quente e sedosa, sua língua preguiçosamente acariciando a minha.

Eu gemo em sua boca enquanto ele passa a mão mais para cima da minha perna.

— Deixe-me tocar em você? — ele pergunta.

Eu concordo.



Segurando meus olhos, ele arrasta a toalha. Seu toque desliza sobre meus quadris, meu estômago, ternamente entre minhas coxas, antes que ele envolva sua mão em volta do meu pau e acaricie, apertado, lento, exatamente como eu gosto.

— Tocar em você — murmuro em sua boca.

Ele acena com a cabeça contra o nosso beijo, tirando a mão do meu rosto apenas o tempo suficiente para empurrar aquele calção de banho ridículo e libertar seu pau. Eu o seguro, o toco como ele me toca, enquanto nos beijamos, lenta e profundamente.

Estou lavado de prazer. Deus, o prazer, a alegria de não sentir apenas dor, irradiando para a ponta dos meus dedos, faiscando pela minha pele.

Oliver ofega em minha boca, bombeando-se em minha mão, mas então ele se afasta abruptamente, começa a beijar meu peito.

— Eu quero provar você — diz ele asperamente.

Minha mão afunda em seu cabelo.

— Porra, sim.

Sua boca me envolve, faz meus quadris balançarem, agonia cortando minhas costas. Eu forço meu corpo a ficar quieto, para me deixar simplesmente receber o que ele está me dando, prazer embotando as bordas mais afiadas da minha dor. Sua boca, molhada e quente, sua língua deslizando ao longo da ponta. Ele é lento e provocante, seu toque vagando pelo meu corpo enquanto ele me leva em sua garganta e geme.

Eu vejo seus ombros rolarem, seus quadris se mexerem.

— Se toque, Oliver.

O ar sai dele. Ele abaixa a mão.

Eu escovo seu cabelo para trás de seu rosto, deslizo meus dedos pelas mechas molhadas e sedosas, guiando-o, elogiando-o.

— É isso. Perfeito. Tão, tão bom.



Preciso de peso em cima de mim, enrolando mais apertado, mais quente, uma dor intensificada que exige que eu me mova, empurre, foda.

— Estou perto — eu sussurro.

Ele sorri, salta o suficiente para olhar para mim, sua mão deslizando de forma lenta e firme, em punhos ao redor do meu pau enquanto ele manuseia a glande e me faz suspirar.

— Você acha que eu não sei?

— Venha para cá. — Eu o puxo pelo ombro, beijando-o com força, desesperado.

Eu te amo. Eu beijo essas palavras, digo-as com as mãos enquanto o toco. Estou muito tomado pelo prazer, calor, euforia, para entrar em pânico enquanto a palavra bate na minha cabeça no ritmo do meu coração:

Amor. Amor. Amor.

Estou muito focado no doce calor de sua boca, nos pequenos sons que ele faz, ofegantes e súplicas, enquanto nos beijamos.

Eu deslizo para a beirada da cadeira, e Oliver se inclina. Nossos corpos se encontram, peitos, estômagos, quadris. Nossas mãos se encontram, a água caindo sobre nossas cabeças facilitando nosso caminho.

— Sim — eu sussurro enquanto ele me segura em uma mão, afunda a outra no meu cabelo. Nossos beijos são nossas bocas fazendo amor, profunda e lentamente.

— Gav — ele geme. — Deus. Eu amo...

Eu beijo a palavra. Mais apavorado ao ouvir isso de seus lábios do que dos meus. Embora não haja ninguém mais digno de ser amado do que Oliver, eu mereço seu amor, sua lealdade? Eu mereço seu futuro, os melhores anos de sua vida destinados a serem enfrentados de frente, em vez disso, olhando por cima do ombro para mim?

Eu o sinto engrossar na minha mão enquanto sua respiração fica irregular. Ele enterra o rosto na curva do meu pescoço e me morde, persegue com um beijo profundo e quente que faz meus quadris balançarem e me faz gozar,



duro e longo, frenético em sua mão, enquanto ele me trabalha, a água e as cordas grossas de liberação, molhando a mão enquanto ele me bombeia com força. Deslizo minha mão para baixo, esfrego-o atrás de suas bolas, que estão apertadas e pesadas.

— Oh, Deus — ele grita, esmagando sua boca na minha. — Eu tenho que...

— Goza para mim. É isso.

Ele grita com a voz rouca em nosso beijo, quadris socando enquanto ele derrama na minha mão de novo e de novo. Eu o agarro a mim, esmagado contra o meu peito, a dor nas minhas costas como uma sombra da felicidade de abraçá-lo. Preguiçosamente, ele envolve seus braços em volta de mim, nossos beijos se tornando lentos, suaves, entre suspiros de ar.

Nada além do fluxo constante de água, nossas respirações ásperas e rápidas. Eu deslizo meus dedos por seu cabelo, beijo sua testa.

Oliver suspira, contente, acariciando meu pescoço, dando um beijo na base da minha garganta.

Lentamente, ele se afasta. Suas mãos deslizam suavemente ao longo das minhas coxas.

Eu aliso seu cabelo para trás, sentindo um sorriso ridículo iluminando meu rosto. Oliver se inclina, me dá outro beijo saboroso. Ele franze a testa e morde o lábio, examinando-me.

— O que é isso? — Eu pergunto.

Um sorriso culpado levanta sua boca. Seu polegar desliza pelo meu pescoço.

— Eu te dei um chupão.

Eu reviro os olhos.

— Eu não me importo, porra.

— Bem, bom, porque eu não posso fazer nada sobre isso. — Nossos olhos se encontram e seu sorriso suaviza, muda, terno e vulnerável. Tão fodidamente lindo. — O que eu posso fazer — ele pega a navalha, esguicha creme de barbear em sua mão, seus olhos encontrando os meus, familiares e



brilhantes, uma nova e preciosa proximidade, enquanto ele me beija mais uma vez — é aquele ponto que eu perdi.

O CHEIRO do café da manhã me saúda quando finalmente saio do meu quarto, o estalo da comida cozinhando em fogo alto.

Pego meu reflexo no vidro de uma fotografia emoldurada no corredor. Círculos escuros. Linhas de dor marcando minha boca, revestindo minha testa.

Olho para minhas pernas doloridas, músculos tensos, articulações comprometidas e inchadas, engolindo em seco. O interrogatório do Dr. Chen no hospital disse tudo. Não há chance de eu ter um retorno significativo depois disso. Na minha idade, com o prognóstico com minhas hérnias de disco e a probabilidade de eu precisar de cirurgia, com meu histórico de lesões, acabou.

Eu acabei.

E ele está apenas começando.

Posso aguentar? Posso ser feliz por ele? Celebrar seus triunfos sem lamentar constantemente os meus? Vou me sentir perdido? Derrotado? Vou me ressentir dele?

Até que eu saiba disso, que direito eu tenho para pedir mais a Oliver? Com o que eu arrisco ao selar ele com – um filho da puta dolorido e azedo com um punhado de vovôs como amigos que têm vidas sociais melhores do que a minha, um gato teimoso que mija nos meus sapatos e, salvo alguma morte prematura imprevista, mais quarenta e poucos anos de mim, girando meus malditos polegares?

Eu o observo, de pé na minha cozinha, alto, ombros para trás, assobiando baixinho para si mesmo, enquanto ele desliza bacon e ovos em uma travessa que já contém uma pilha enorme de panquecas finas que cheiram como o céu.

— Tenho que te dizer, Hayes — diz ele, deslizando um último ovo superfácil no prato. — Sinto seus olhos em mim como um raio-X então se você está tentando ser sutil ao olhar



para minha bunda, tenho notícias para você: você não está sendo.

Calor enche minhas bochechas. Eu limpo minha garganta.

— Você deveria ir para casa e dormir um pouco.

— E você deveria estar descansando na cama — diz ele, dando-me um daqueles sorrisos vertiginosos que me fazem querer esmagar minha boca na dele. — Mas nem sempre você consegue o que quer.

— Não *comece* a cantar.

O sorriso se aprofunda.

— Quem? Eu?

Eu olho para ele enquanto ele encontra a brecha e começa a *cantarolar* a música dos Rolling Stones, tentando muito me resolver para encontrar uma maneira de fazê-lo ir sem assustá-lo para sempre. O que eu diria? *Oi, Oliver. Se importa de esperar nos bastidores enquanto descubro se posso estar com você sem sentir que meu coração está sendo arrancado do meu peito? Se eu posso te amar do jeito que você merece, se eu sou digno de te pedir tudo o que eu quero?*

Mas Oliver está segurando meu olhar com a mesma confiança calma e segura que ele teve na primeira vez que ele arrancou minhas roupas e me fez desfazer, quando ele entrou hoje à noite com os braços cheios de comida e olhou nos meus olhos e me disse com seu corpo e seu toque de que ele nem sempre é o homem descontraído que muitas vezes parece ser.

— Eu ia levar o café da manhã para comer na cama, mas aqui está você, então, vamos comer lá fora — Oliver diz, apontando para minha mesa de jantar ao ar livre nos fundos.

Eu espio pelas vidraças da minha porta dos fundos, vendo um céu estrelado brilhante, uma brisa suave de primavera balançando as primeiras flores no jardim colorido de Oliver. Suspirando, resignado, digo a ele:

— Tudo bem.




Everything
for You

25

OLIVER

Música da Playlist: "Yellow", Frankie Orella

GAVIN ESTÁ RESMUNGANDO baixinho enquanto eu deslizo um travesseiro atrás dele, quando ele se abaixa em sua cadeira e se inclina para trás. Há algo de errado comigo, fios cruzados no meu cérebro, porque seus murmúrios de mau-humor só me fazem sorrir.

Eu não estou feliz que ele esteja com dor ou brigando comigo por vê-lo assim. Estou aliviado por ele estar bem o suficiente para ficar limpo *e* fazer a barba, para resmungar e bufar; que ele está faminto e disposto a me satisfazer enquanto eu coloco nossos lugares, acendo algumas velas, depois sento na frente dele.

Eu sei que ele quer que eu vá. Eu sei que ele só pensa que estará seguro para se machucar e se curar por conta própria.

Mas não posso sair. Não consigo parar de relembrar aquele momento em que percebi que ele estava no chão, contorcendo-se de dor. Eu não consigo parar o pânico que aperta minha garganta novamente, que faz meu coração voar do meu peito, quando eu me lembro de como eu estava com medo. Como parecia que o mundo estava desmoronando e tudo o que importava era alcançar Gavin, segurar sua mão, sentindo o quão forte ele apertava de volta, seus olhos fechados contra a agonia que o fazia se contorcer no campo.

Eu o encaro, iluminado pela luz de velas, enquanto ele olha para sua comida, sua carranca tingida de confusão e vulnerabilidade. Eu olho para seu cabelo escuro, caindo em seu rosto, sua barba arrumada e lisa mais uma vez, porque ele me deixou entrar e me deixou perto o suficiente para fazer isso por ele.

Eu olho para este homem que eu mantive em um pedestal por tantos anos, idolatrando; o homem que se tornou uma realidade ao invés de um mito e quebrou a ilusão que eu criei, que eu desvalorizei por me decepcionar tão



profundamente. Agora, eu não vejo meu ídolo ou meu inimigo. Eu *o* vejo. Assustado, magoado, zangado, perdido, um homem que se agarra a essas bordas irregulares e empunha sua língua afiada, que tem tanta prática em afastar qualquer um que queira estar perto.

E vejo alguém que me mostrou, de muitas maneiras, que não é o coração de quem ele é; é sua proteção, sua sobrevivência. Sua armadura, protegendo seu coração.

Eu olho para ele, tão assustado, mas estranhamente aliviado por admitir: o quanto Gavin importa para mim, não a lenda do futebol ou o capitão mal-humorado do meu time, mas o homem. O homem que faz guacamole para minha sobrinha e colore com ela. O homem que me abraça, quando estou em pânico, que acredita em mim, quando acredito o suficiente para todos, mas muito pouco para mim mesmo, que vê através de cada camada despreocupada da minha besteira direto ao coração dos meus próprios medos doloridos e desejos.

Prometi a mim mesmo que não acabaria aqui novamente: me apaixonando por alguém cuja vida está emaranhada à minha, cujo mundo e carreira compartilho. E, no entanto, aqui estou eu, pior do que jamais estive na faculdade.

Eu encaro Gavin, implorando com a minha mente: *Me mostre. Me mostre como você é diferente dele. Me mostre como isso pode funcionar.*

Eu não sei o que fazer. Gavin me quer do jeito que eu o quero? Ele está tão assustado com isso quanto eu? Ou talvez tudo o que ele sempre quis foi apagar minhas luzes e me mandar embora. Nesse caso...

— Bergman.

Eu pisco, me forçando a dar a ele um sorriso fácil.

— Hum?

Ele me examina, testa franzida.

— Qual é o problema?

— Nada. — Eu me sento, pego uma tira de bacon de peru e mordo.



Seus olhos se estreitam.

— Você tinha um olhar terrivelmente engraçado em seu rosto para ser *nada.*

Eu lanço-lhe um olhar, apontando seu caminho com o bacon de peru.

— Estava me lembrando da sua barba de homem das cavernas, que descanse em paz.

— Se manca — ele rosna, cortando outro pedaço de panqueca cuidadosamente, que ele arrasta pela gema de ovo. — Se ainda parece uma merda, você não tem ninguém para culpar além de você mesmo.

— Com licença, sou um barbeiro experiente. E cozinheiro. — Eu alcanço seu prato, beliscando um pedaço de bacon de peru e panqueca juntos, em seguida, colocando-os na minha boca.

— Oi! — Ele me olha com os olhos arregalados, profundamente ofendido. — Coma o seu!

— O seu parece melhor. Essa mordida. — Aponto para minha boca e reviro os olhos com prazer. — Perfeita demais para deixar passar.

— O que eu pensei — ele rosna —, considerando que eu montei e *estava* planejando apreciá-lo.

— Oh, se acalme. Eu te compro mais se acabar. Por estar empolgado com aquele pedaço, você o deixou lá por muito tempo.

Ele me lança um olhar, que suaviza quando eu sorrio para ele, até que ele está olhando para mim como se quisesse me beijar em vez de me jogar para fora da varanda. Meu coração dispara dentro do meu peito.

Finalmente, ele volta a se concentrar em seu prato.

— Oliver.

— Oh, Deus. Estou sendo chamado de Oliver.

Sua mandíbula aperta. Ele não olha para cima.

— Obrigado por isso. Por tudo.



Agora meu coração está desacelerando, gaguejando. A ansiedade tece sua teia, emaranha meus pensamentos com preocupações familiares.

— Mas? — Eu pergunto baixinho. — Há *mas* chegando, não há? E não do tipo divertido.

Gavin suspira, largando o garfo e esfregando a têmpora.

— Você precisa se concentrar em seu título como capitão, no time, na temporada. Eu preciso... tenho muito o que enfrentar, eu mesmo.

Meu coração desmorona, e em pequenas ondas tristeza, seguido por amarga decepção.

Viu a rapidez com que ele está pronto para seguir em frente? Quão pouco significava estarem juntos?

Mas é tão simples assim? Ou... Gavin está travando a mesma guerra que eu? Recuar é proteção em vez de rejeição? Sua cautela indica não que ele me vê, ou a nós, como algo facilmente descartável, mas sim como algo precioso e frágil que merece ir devagar, um manuseio mais suave?

Ou estou apenas me apaixonando desesperadamente por esse homem e tentando me convencer de que ele poderia se apaixonar por mim também?

Oh, Deus. Eu *me* apaixonei por ele. Tão forte. E eu tenho que descobrir o que fazer com isso. Eu tenho que discernir se meu coração tem o melhor de mim novamente ou se ele fez a melhor escolha apesar de meus melhores esforços para negá-lo.

Eu não sei como descobrir isso, exceto... esperar. Para ver se ele vai me deixar entrar, se essa distância que ele já está criando tem um propósito que eu simplesmente não entendo ainda.

Engolindo contra o nó na minha garganta, eu digo a ele:

— Ok.

Sua cabeça se levanta, os olhos travando nos meus. Ele parece suspeito.



— Você não vai brigar comigo sobre isso? Me dar um inferno? Jogar uma anedota bizarra na minha cara e tentar me convencer a desistir?

— Não.

Sua mão envolve o garfo com força. Ele percebe o que está fazendo, olha para sua mão e parece ter que querer que ela se afrouxe, depois solte.

— Certo — diz ele, franzindo a testa para sua comida. — Bem. Isso é... refrescante.

Forço um sorriso, embora por dentro pareça que meu coração está empolado e partido.

— Viu? Eu posso ser agradável.

— Certamente você pode. — Ele me olha nitidamente, dá uma mordida no bacon. — Estarei apenas esperando um balão de água explodir sobre minha cabeça. Outra bomba de glitter no meu carro.

Ele é tão rápido em voltar a ser quem nós éramos. Ser o que temos sido. Uma parte de mim quer agarrar sua camisa e sacudi-lo e fazê-lo me dizer o que isso significa. Mas a maior parte de mim sabe que estou com medo de ouvir sua resposta, que ele está sofrendo e vulnerável e empurrá-lo agora é imprudente.

Meu coração dói. Olho para as estrelas, engolindo aquele nó na garganta novamente, escondendo meu rosto para não arriscar me entregar. Respiro fundo e faço o que faço há anos – envolvo minha tristeza no manto da alegria, forço o assunto para um lugar mais fácil e feliz.

Sempre adorei observar as estrelas. Ser lembrado de quão vasto é o mundo, quão pequeno sou no seu grande esquema, mas quão inextricavelmente ligado estou a essas estrelas, sendo feito da mesma coisa que queima no céu – brilhante e bela poeira estelar.

— Ursa Maior. — eu aponto. — Ursa Menor. A Ursa Maior e a Ursa Menor.

— Eu estou familiarizado — diz ele secamente sem olhar para cima, tendo outro pedaço de comida.



— Você conhece a história delas, dessas constelações?

Ele me observa com cautela, mastigando e parando.

— Não, não conheço.

Eu aceno, olhando para o céu.

— Então, hora da história, Zeus – que realmente não guardou isso em suas calças – e Callisto foram direto ao assunto, tiveram um filho chamado Arcas. Hera, a principal amante de Zeus, que supostamente tinha um forte ciúme, ficou sabendo disso e *não* ficou satisfeita. No entanto, não sei exatamente por que agimos como se fosse algum tipo de falha de caráter, o ciúme, quando o marido dela era tão fiel a ela quanto eu ao meu compromisso de pegar leve com o laticínio.

Gavin revira os olhos, mas sua boca se curva em diversão.

— De qualquer forma — digo a ele, estudando as estrelas, que, com a poluição luminosa da cidade, brilham apenas fracamente no céu noturno. — Zeus decidiu que, para proteger Callisto e Arcas, ele iria transformá-los em ursos, agarrá-los por seus pequenos rabos e jogá-los no céu noturno. É por isso que seus rabos estão esticados. — Aponto para a fileira de estrelas, uma após a outra. — Vê?

Gavin não me responde. Ele está olhando para mim com essa expressão vazia. Sua garganta funciona em um gole.

— Qual diabos é o objetivo disso?

Eu olho de volta para as estrelas, entrelaçando minhas mãos atrás da minha cabeça.

— Estou chegando lá. Essas histórias antigas – mitos – duraram tanto tempo, essas explicações bizarras para a queima de bolas de gás, porque há algo que ressoa. Talvez não façam muito sentido, em termos literais. Elas são definitivamente esforços forçados para entender nossa existência, nosso entorno, quando nada do que sabemos agora existia para desmistificar o vasto e complicado funcionamento do mundo, mas acho que ainda há uma pepita de sabedoria neles.

— E que pepita é essa? — pergunta Gavin.



— Que às vezes a vida dá uma guinada que não esperávamos. Que uma única escolha pode alterar irrevogavelmente o caminho de nossas vidas, e não temos ideia de qual escolha pode ser essa e para onde pode nos levar. Quero dizer, tenho certeza de que Callisto não achava que sua vida terminaria como terminou, simplesmente por causa de sua escolha de estar com Zeus. E pobre Arcas, aquele garoto nasceu neste mundo, no capricho de todo um drama familiar que revirou completamente sua vida. Zeus, vou arriscar um palpite aqui, seu "vamos fazê-los ursos para mantê-los seguros" foi uma solução bastante impulsiva, porque protegeu sua amante e filho, mas a que custo? Eles estavam perdidos para ele para sempre, suas vidas irrevogavelmente alteradas, provavelmente não da maneira que eles queriam ou esperavam. Então, eu acho... — Eu inclino minha cabeça, examinando as constelações esticadas pelo céu. — Acho que é um lembrete de que há muita coisa que não podemos controlar na vida, que às vezes somos maltratados, mas... em situações que não pedimos, ainda há um pouco de beleza a ser encontrada. Objetivos. Significados. — Aponto para os ursos, lado a lado. — Talvez até amor.

Gavin olha para mim, a garganta trabalhando grosseiramente.

— Eu acho que é fácil para os espectadores dizerem. Que há um significado redentor a ser encontrado no sofrimento dos outros.

Rasgando meu olhar das estrelas, procuro seus olhos.

— Mas todos nós nos revezamos, não é? Sendo os espectadores e os que sofrem. E se formos feitos para ser contrapontos uns aos outros – não para diminuir a dor um do outro, não para exagerar o lado bom das dificuldades, mas sim para testemunhar isso, para ajudar um ao outro a ver um pouco de luz e esperança que nos mantém em movimento, que nos lembra que a vida é uma merda difícil,



mas as pessoas que nos amam através dela... eles fazem isso ursorportável?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— *Urso*rportável?

Eu sorrio.

— Trocadilho intencional.

Nossos olhares se mantêm, enquanto sua expressão sardônica suaviza, enquanto meu sorriso começa a escorregar. Gavin engole e olha para seu prato, empurrando sua comida ao redor.

— Bem, quando você ficar muito velho para jogar futebol, não deixe de ligar para a American Greetings. Eles podem colocar você para trabalhar.

Eu jogo um pedaço de bacon nele.

— Cale-se.

Ele sorri para seu prato, mas o esconde rapidamente. Depois de uma expiração pesada, ele diz:

— Oliver...

Meu batimento cardíaco desacelera com pavor. Sinto minhas mãos se fecharem sob a mesa até meus dedos doerem.

— Eu... — Ele solta outro suspiro lento, empurra sua comida através da mesa. — Eu sei que já disse isso, mas... obrigado.

Não sei pelo que ele está me agradecendo. O banho. Esta refeição. Estar aqui com ele. Compreender sua necessidade de recuar. De novo.

Não sei. E estou tão cansado de não saber. Mas eu fui o único tantas vezes, aparecendo na porta dele, invadindo meu caminho e olhe onde isso me levou. Desta vez, não posso segui-lo. Não posso entrar. Por mais que eu odeie, é minha vez de esperar. Para ver se ele acha que eu sou alguém que vale a pena perseguir também.

— De nada — eu finalmente consigo.



Gavin encontra meus olhos, mas apenas brevemente, como se não permitisse que seu olhar demorasse. Olhando para as estrelas, ele fica quieto por um tempo antes de dizer:

— Droga. Agora, toda vez que olhar para cima à noite, só consiguirei pensar em ursos com rabos esticados e... — Sua voz morre. Ele espia para baixo, espeta a comida, depois enche a boca, como se fosse se calar.

Ele não termina a frase, não diz no que mais vai pensar, olhando para um céu noturno cintilante. Mas tolamente, deixo-me terminar essa frase, deixo a esperança brilhar, como uma estrela no meu coração.

Eu.



26

GAVIN

Música da Playlist: “Cold Cold Man”, Saint Motel

PASSARAM-SE APENAS TRÊS SEMANAS, mas parece três anos. Eu as passei assistindo Oliver assumir totalmente seu papel de único capitão agora que estou fora da comissão, embora a equipe não saiba que é para sempre. Três semanas que eu o vi assumir o comando, liderar pela palavra e pelo exemplo. Há três semanas que brigo com o quanto o quero, com o quanto quero deixá-lo me querer, temendo que minha bagagem nos ofusque, temendo não ter que pedir nada a Oliver Bergman, exceto a receita da sopa que ele trouxe e talvez, talvez, qualquer outro musical que valha a pena adicionar à minha lista de reprodução, porque tenho todo Sondheim preso na minha cabeça e tudo o que isso faz é me fazer pensar nele.

O que é uma tortura. Eu já penso nele, vejo ele, sofro por ele, o suficiente, como é.

De pé à margem, eu o observo, observando as menores coisas que eu nunca me permitia antes, quando tudo que eu queria era evitar notá-lo, ser atraído por ele, realmente gostar dele.

Agora, eu absorvo tudo. A maneira como ele escuta com todo o seu corpo, os olhos em quem vem até ele, totalmente voltado para eles, sobrancelha franzida em concentração, uma mão reconfortante em seu ombro. Sua alegria nos momentos mais ínfimos – quando ele inclina o rosto para o sol enquanto ele estripa as nuvens e se espalha pelo campo, a maneira como ele respira fundo e enche os pulmões quando uma brisa sopra, seu sorriso lento e satisfeito quando saboreia um pedaço de comida.

Como pressionar uma contusão, inclinando-me em uma articulação rígida, eu me forço a vê-lo. Todo ele. Novo. Saudável. Feliz. Capitão da equipe. Facilmente ainda com dez anos restantes em sua carreira. E para dizer a mim



mesmo quem eu sou agora. Ferido. Cansado. Aposentado. Acabado.

Eu paro e o observo, não mais como seu inimigo zombeteiro e ressentido. Eu o observo com o coração na garganta, injustamente orgulhoso de cada passo que ele dá em seu caminho para a grandeza.

No entanto, ele já estaria um passo adiante se parasse de ser tão generoso com a bola.

Eu faço uma carranca quando ele joga para Santi, embora, com um simples passo, ele teria a bunda de Stefan na grama, a bola no fundo da rede. É o aquecimento antes do jogo, então, nada está exatamente em jogo, mas é o início que é o problema.

— Bergman! — eu berro.

Ele olha na minha direção, olhos pálidos estreitados contra o sol ofuscante da primavera. Meu coração rabugento tamborila contra minhas costelas.

— O quê? — ele grita de volta.

Eu balanço minha cabeça, sinalizando que eu quero que ele venha em minha direção.

Ele arqueia uma sobrancelha, depois suspira e se vira, correndo na minha direção.

— Hayes? — O assistente técnico, Jas, vira a cabeça na minha direção. — O que aconteceu de se reunir com a equipe técnica primeiro?

— Ele precisa ser mais egoísta.

Jas assente.

— Concordo. Mas a treinadora Lexi disse que o protocolo é você administrar por Rico e por mim primeiro.

Eu dou os ombros, irritado com a restrição.

— Desculpas, treinador Jas.

Rico olha em nossa direção de onde está na entrada da área, conversando com nosso treinador de goleiros e Amobi. Sabendo que algo está acontecendo.



— Treinar vem naturalmente para você — Jas diz diplomaticamente, seus olhos escondidos atrás das suas usuais lentes polarizadas. — Lexi disse que viria.

E é claro que ela estava certa. Ela sabia, quando me visitou no hospital depois da minha lesão, exatamente o que dizer, como me empurrar para esse papel. Porque ela me conhece. Melhor do que eu gostaria.

Ela sabia que eu usaria esta oportunidade, para preencher a lacuna deixada em sua ausência durante a licença maternidade, para me expor – me chocar com a total disparidade entre a vida de Oliver e a minha. Para ver se posso provar a mim mesmo e a ele que consigo fazer isso. Porque, eu tenho uma suspeita, a treinadora Lexi Carrington é uma intrometida gigante e uma casamenteira e ela está torcendo por nós. Ela tem torcido desde o primeiro momento em que nos arrastou para seu escritório, depois de nos nomear co-capitães e nos disse para sermos legais *ou então...*

Eu esperei pelo momento em que ela estivesse errada, que minhas esperanças fossem provadas falsas também – por alguma revelação por vir de que a dor será muito grande, o contraste de nossas situações, muito dolorosa.

Bem, eu me machuquei. E eu sofri. E eu ansiei. E, sim, parte disso foi para o futebol, mas, mais do que tudo, foi para ele. Oliver.

Eu o vejo correr em minha direção, aproximando-se, olhos em suas chuteiras, testa franzida pelo pensamento. O sol brilha em seu cabelo dourado, beija sua mandíbula do jeito que eu beijo.

Meu coração bate no ritmo com seus pés quando eles batem na grama.

Amor. Amor. Amor.

Deus, é horrível. É como uma infecção. Uma doença. Um punho em volta das minhas entranhas. É muito mais do que querer dormir com ele, cozinhar com ele e assistir a musicais juntos e resmungar sobre como *meu* gato mija nos *meus*



sapatos, mas não faz nada além de se enrolar nas pernas de Oliver e ronronar em seu colo.

Assim que meus pensamentos em espiral atingem um pico de febre, Oliver chega, pegando uma garrafa de água e esguichando um longo fluxo em sua boca. Ele a fecha e a coloca no chão.

— Capitão-treinador — diz ele com uma saudação.

Eu reviro os olhos.

A boca de Jas se curva. Ele caminha em direção ao campo, dando-nos privacidade.

— Você tem que admitir, soa bem — Oliver diz. — Capitão-treinador. Capitão-treinador.

— Não sou capitão agora, nem seu treinador.

As músicas que Oliver tem o hábito de tocar para manter a moral muda para um funk elétrico animado com um baixo estrondoso. Ele gira e passa dois passos por mim ao ritmo da música.

— E, no entanto, aqui está você: se preparando para mandar em mim.

— Você precisa parar com esses passes — digo a ele. — E não me venha com essa besteira de "é só prática". Você está se aquecendo para uma porra de um jogo. O que você faz agora, você fará depois.

Ele para de dançar, como se eu tivesse apagado sua vela. Franzindo a testa, ele olha por cima do ombro em direção à rede.

— Meu lado marcou, não foi?

— Sim, mas *você* não marcou. E você poderia.

Ele dá de ombros.

— Isso não é o que mais importa.

— Errado. — Eu me aproximo. — Você tem anos pela frente, uma década, se tiver sorte, e vai gastá-los com desempenho abaixo do esperado, a menos que se esforce para avançar, ganhar meio a meio e tomar a porra da chance.

Sua expressão endurece, aquele sorriso implacável se dissolve.



— Só porque você fez assim não significa que é o certo para mim.

— Sim, e eu sou um exemplo terrível. Que carreira decepcionante eu tive.

Seus olhos brilham enquanto ele me encara, então, olha para o campo onde Jas grita para Ethan e Stefan enquanto eles voltam para a defesa.

— Você tem trinta e quatro anos e seu sistema musculoesquelético está arruinado — diz ele. — Você está com dor o tempo todo. Respeitosamente, há coisas mais importantes para mim do que marcar todos os gols que eu poderia, quando outra pessoa pode fazê-lo sem que isso me custe o corpo.

— Cuidado — eu o advirto.

— Você que começou — diz ele, esfregando a mão pelo cabelo, exalando rudemente enquanto olha para o chão. — Isso é tudo? Porque se for assim, eu tenho um jogo para me preparar.

Estou surpreso com sua nitidez. A agitação em sua linguagem corporal e tom.

— Não — digo a ele calmamente, com as mãos nos bolsos da calça do terno, baixando a voz enquanto olho para o campo. — Você é inteligente em ser cauteloso. Eu não estou dizendo para você fazer o que eu fiz. Acredite ou não, Bergman, existe um meio-termo e eu o apoio totalmente. Tudo o que peço é que, na próxima vez que você estiver na faixa do gol, se esforce para mantê-lo em vez de entregá-lo. Você pode se surpreender ao descobrir o que exatamente está motivando você a desistir de algo que você merece. Talvez esse impulso não seja tão ”bom” quanto você pensa.

Seus olhos encontram os meus novamente com uma intensidade que eu não via há três semanas. Eu bebo do seu olhar, tomando cuidado para manter minha expressão neutra.

— Tudo bem — ele murmura, antes de sair.



Alguns segundos depois, Rico se junta a mim, observando Oliver.

— O que foi isso?

Eu o observo enquanto ele corre, fazendo o meu melhor e falhando em não sorrir.

— Eu dando um gás para ele.

MESMO NÃO ESTANDO EM CAMPO, ainda estou com dor. Minhas costas estão muito apertadas, meu pescoço lateja, meu joelho estala audivelmente toda vez que eu me agacho, berrando. Prefiro estar lá fora, fazendo tudo certo, mas ter carta branca para gritar com Ben é um consolo decente.

— Benjamin, *volte* com a sua bunda. Fique na porra da parte *central*!

Eu puxo minha gravata e a afrouxo, fazendo uma careta para o campo, enquanto o time faz o que eu quero, mas mais devagar. É tão frustrante, quando minhas pernas doem para correr, sabendo para onde ir, quando minha mente vê o passe que Ben erra, a corrida que Andre deveria ter feito.

— Puta merda — eu rosno.

Jas está quieto. Rico grita com Ethan para apertar sua marca.

Eu tenho uma relação de amor e ódio com essa porra de roupa que estou usando. Camisa de algodão branca, leve, terno de lã italiana azul-escuro, gravata listrada diagonal amarela e azul que homenageia as cores do time. Eu odeio isso, por causa do que significa que eu perdi. E eu amo isso, porque parece certo. Parece uma possibilidade. Como o que pode vir a seguir.

Eu não costumava querer o que viria a *seguir*. Eu queria que o *agora* durasse para sempre. Mas agora que o *a seguir* está aqui, tudo o que posso pensar é que quero amanhã e o dia seguinte e para sempre; quero que a vida avance pela primeira vez em tanto tempo. E eu quero isso com Oliver.



Mesmo que ele esteja prestes a me irritar agora. Não estou esperando que ele siga meu conselho de fazer o que eu disse durante o aquecimento antes do jogo. Mas, enquanto eu o observo correndo pelo campo, bola a seus pés, aquele grão de esperança em meu peito floresce, pequeno e delicado. Caminho ao longo da linha lateral, acompanho seu progresso. Meu coração bate.

Ele está se aproximando do gol. Seus defensores caem sobre ele. Prendo a respiração, as mãos em punhos.

— Vamos — eu murmuro. — Porra, faça isso.

Vejo o momento em que Oliver normalmente faria um belo passe para um de nossos meio-campistas, mesmo que não estivesse aberto, desde que estivesse mais aberto do que ele. E então percebo que aquele momento é história. Ele continuou.

Quando um defensor se aproxima dele, Oliver executa um perfeito passo para dentro, seu homem se comprometendo na direção oposta e caindo no chão.

— Ele está bem livre. — Agarro o braço de Rico. — Ele está livre para caralho.

Oliver dá um drible em seu zagueiro e bate na rede, largo e baixo, muito além do alcance do goleiro.

Gol!!!

— Foda-se sim! — Eu aperto meu braço, enquanto Rico grita dentro de suas mãos em concha, enquanto Jas bate palmas e sorri.

Oliver sorri, exultante, olhos brilhantes enrugados nos cantos. Eu vejo o time enxameá-lo, pular em suas costas, bagunçar seu cabelo, antes de se separarem e deixá-lo caminhar em passos longos e suaves em direção ao campo central para o pontapé inicial. Eu não deveria olhar para ele, não deveria sentir meu coração disparar em meu peito, enquanto algo poderoso e petrificante inunda minhas veias. Algo que faz o mundo parar enquanto Oliver olha na minha direção.

Nossos olhos se sustentam.



E, pela primeira vez em toda a minha vida, posso dizer que há algo tão incrível quanto estar em campo, marcando o gol perfeito:

Observar o homem que segura meu coração em suas mãos fazer isso também.

PARECE uma vida inteira, mas só se passou uma semana desde aquele momento. Aparentemente, a terapia pode fazer isso com você – distorcer o tempo, mexer com sua cabeça. Eu sei que é bom, mas agora parece exaustivo, tão exaustivo quanto a reunião que acabei de ter, os papéis que acabei de assinar, para encerrar formalmente meu mandato como jogador com o Galaxy.

Colocando uma mão gentil nas minhas costas, Mitch sorri para mim, os olhos apertados com preocupação e, inferno, se não for um pouco de carinho também.

— Orgulhoso de você — diz Mitch.

Eu fungo e pisco para afastar a umidade em meus olhos, fechando minha porta da frente, fazendo a visualização que meu maldito terapeuta, que eu comecei a ver há duas semanas, me ensinou, um truque para dizer à minha mente que não precisa se fixar em coisas dolorosas, que eu posso me concentrar no que me faz feliz.

Uma tonelada de merda, é o que é. Pior, funciona. Pelo menos, às vezes. Isso me ajudou a me concentrar em planos concretos, uma lista de tarefas positivas e com visão de futuro para concluir antes que eu sentisse que poderia, em sã consciência, pedir a Oliver para me dar uma chance – planos para mostrar a ele que sou capaz de ser um parceiro solidário, quando a tensão natural entre nossas posições em nossas carreiras, nossa saúde, nossas idades, pode ameaçar nos separar.

— Obrigado — murmuro, deixando Mitch me abraçar. — Essa merda de sentir meus sentimentos é uma merda.



Ele dá sua risada molhada de ex-fumante e acaricia meu rosto suavemente.

— É difícil, mas você está fazendo isso. E também não é difícil, mas ainda vale a pena. *Ele* vale a pena. Você também, Gav.

Eu limpo meu nariz novamente e me endireito em toda a minha altura, como um soldado se preparando para a batalha.

— Certo. Bem. Lá vou eu — Eu jogo um polegar por cima do ombro em direção à casa de Oliver.

Mitch coça o lado da cabeça.

— Sim. Sobre isso.

— Sobre o quê?

Ele se senta em um banquinho na ilha da cozinha com um gemido.

— Ele, uh... saiu.

— Saiu — eu rosno. — E você sabe disso *como*? Você ia me dizer *quando*?

— Calma. — Ele levanta as mãos de forma apaziguadora. — *Eu* sei porque sou amigo de Oliver. Fazemos uma caminhada rápida pelo bairro ao nascer do sol toda quarta-feira de manhã antes de idiotas preguiçosos, como você, saírem da cama.

Eu belisco a ponte do meu nariz e suspiro pesadamente.

— Claro que vocês gostam.

Mitch não me reconhece.

— Em nossa caminhada na quarta-feira passada, ele me disse onde estaria enquanto vocês têm sua semana de despedida.

— E — eu digo entre os dentes cerrados — você não achou que valia a pena eu ouvir essa pequena dica, dado ao que eu acabei de fazer? Dado ao que eu planejei para amanhã? Dado a tudo o que tenho tentado fazer no último mês, para então ter uma maldita chance com ele?

Ele arqueia uma sobrancelha grisalha.



— Vou ser honesto, Gav, eu não tinha certeza de que você iria seguir adiante e, francamente, você não o merecia se não o fizesse. Então, eu esperei.

— Excelente. — Lanço-lhe um sorriso azedo e sarcástico. — Eu aprecio sua fé em mim.

— Eu tenho fé em você. Eu sabia que você faria isso. Eu só não tinha certeza de *quando*. E, até que eu soubesse, eu tinha que pensar nele também. — Ele se inclina, coloca a mão na minha, que está aberta no balcão, meus dedos brancos. — Eu quis dizer isso, o que eu disse. Estou orgulhoso de você.

Eu olho para sua mão, descansando sobre a minha.

— Espero que seja o suficiente.

Depois de alguns tapinhas tranquilizadores, ele diz:

— Eu também espero.

— Onde ele está, Mitch? Por favor.

— Em um casamento. Da irmã dele? Não, do irmão dele. Não consigo me lembrar.

— Não importa. Há um monte deles. Um deles está se casando. Tudo bem. — Eu puxo minha mão, andando, pensando. — Onde é? Quando?

— O *quando*, eu não tenho certeza. Mas o *onde*, eu posso te dizer. — Ele se senta e sorri. — É melhor fazer as malas e reservar um voo. Há um Chalé em formato de A no estado de Washington chamando seu nome.



27

OLIVER

Música da Playlist: “Elephant Gun”, Beirut

OBSERVO O NASCER DO SOL NO HORIZONTE, derramando uma luz perolada fraca sobre a grama verde da primavera. Apoiado no parapeito do deck traseiro do Chalé-A, uma xícara de café na mão, eu me mexo em meus pés, inspiro a fragrância das pétalas de rosa esmagadas e galhos sempre verdes espalhados pelas largas tábuas envernizadas do deck.

Um belo arco de madeira ainda está onde emoldurou Willa e Ryder dois dias atrás, lar daquelas rosas e galhos sempre verdes antes que o vento os levasse embora. Sorrio, lembrando-me disso, meus irmãos e eu atrás de Ryder, enxugando as lágrimas. Rooney, Frankie e minhas irmãs atrás de Willa, fazendo o mesmo.

Foi uma cerimônia tranquila, pequena e íntima. Principalmente entre a família, alguns amigos, incluindo uma aparição especial de Tucker e Becks, colegas de faculdade de Ryder, que eu não via há anos e que eram próximos de Willa também.

Mamãe e papai levaram Willa até o altar. Ryder e Willa recitaram seus votos personalizados. Nós comemos comida sueca à luz de velas, porque Willa adora as receitas de família da mamãe, então, dançamos no deck até que os pombinhos partiram em seu fiel Subaru e o resto de nós desmoronou em nossas camas, felizes e exaustos. Ontem, nós descansamos, jogamos futebol e jogos de tabuleiro, depois fizemos uma longa caminhada na primavera.

Foi o mais próximo da perfeição possível, mas havia aquela dor incômoda no meu coração que eu fiz o meu melhor para ignorar. Mais um casamento aqui. Outro “felizes para sempre” que não era meu.

Tomo um gole de café, engolindo mesmo sabendo que está quente, que vai doer. Há uma dor aguda e quente já cortando meu esterno. Que diferença isso fará?



Faz um mês. Um mês desde que Gavin e eu estávamos tão íntimos naquele chuveiro quanto eu sentia que duas pessoas poderiam ser, até que nos sentamos do lado de fora depois e mais uma vez ele me empurrou até que eu estivesse emocionalmente distante.

A maneira como ele me tocou e me levou ao orgasmo e me beijou, a intimidade que ele me deu em me deixar cuidar dele, vê-lo em seu estado mais vulnerável, continua roendo minhas entranhas, torcendo meu coração em um nó. O que você sente por alguém quando você deixa que eles o vejam assim, toquem e confortem e cuidem de você? Como você os afasta depois, como ele fez?

De certa forma, eu entendo. Eu sei que sua vida está no limbo, sua dor inimaginável. Eu sei que ele é quase alérgico a sentimentos e ainda mais aterrorizado a senti-los.

Mas dói ser afastado. Ainda dói *muito.*

— Bom dia, raio de Sol.

Olho por cima do ombro ao som da voz de Willa e franzo a testa. Estou surpreso em vê-la aqui, já que ela e Ryder não estão hospedados no Chalé-A. A casa deles não é longe, então, eles dormiram lá e apareceram para visitar durante o dia. É muito cedo para ela ter se levantado e dirigido dessa maneira.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Olhos castanhos mal-humorados, ondas encaracoladas emaranhadas em um coque, ela sorri.

— Esqueci meu telefone.

— Ryder veio junto?

Ela balança a cabeça.

— Não. Ele ainda está dormindo. Eu ia voltar para casa agora, mas então senti um cheiro de café que acabou de ficar pronto. — Levantando uma pequena caneca, ela diz: — Se importa se eu me juntar a você?

— Claro que não. — Eu me afasto um pouco, abrindo espaço para ela se inclinar no convés também.



Observamos o nascer do sol em silêncio por alguns minutos antes que ela diga:

— Então, como você está?

Eu dou de ombros e forço um sorriso.

— Bem. E você?

Ela estreita os olhos para mim.

— Talvez eu devesse reformular. Como estão as coisas entre você e o lindo rabugento da casa ao lado?

Droga. Meus irmãos nunca ficam de boca fechada.

— Você ouviu sobre isso, hein?

— Eu também tenho globos oculares. Eu assisto aos seus jogos na TV. Eu vi aquele último jogo que vocês dois jogaram juntos. Ele estava prestes a rasgar a garganta daquele filho da puta por você, e merecidamente. Então, o jeito que ele jogou depois até cair, colocando tudo no campo até você conseguir a vitória... — Ela dá de ombros. — Bem claro o que está acontecendo.

Eu me viro e encaro ela.

— Como assim?

Ela sorri suavemente, apoiando o cotovelo no convés, de frente para mim também.

— Vamos apenas dizer, eu calcei seus sapatos por mais de um quilometro.

Embora Gavin e Willa sejam jogadores de futebol profissional de nível elite, tenho um palpite de que não é essa a semelhança que ela está se referindo.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto.

— Quero dizer, eu apostaria meu par de chuteiras favorito que, depois que ele colocou tudo naquele campo por você, ele tornou sua vida miserável, no momento em que vocês dois estavam fora do campo.

Eu olho para ela com cautela.

— Ahhh, sim. E como você sabe disso?

— Você pode não se lembrar. Você era meio jovem e alheio, quando Ryder e eu estávamos descobrindo o que



éramos — diz ela, olhando para a terra. — Mas eu não facilitei as coisas para ele.

Eu estava no ensino médio quando eles se conheceram na faculdade, e Willa está certa, eu estava bem alheio, mas não totalmente fora do circuito.

— Eu lembro que você estava passando por muita coisa. Sua mãe tinha acabado de falecer.

Ela acena com a cabeça, olhando para o nascer do sol.

— Sim. Mas não foi só isso. Eu não cresci como todos vocês. Poucas pessoas crescem assim — ela diz, lançando-me um olhar irônico. — Eu estava tão assustada. Amar alguém do jeito que eu amava Ryder. Ser amada por ele, por todos vocês. Tão plena e incondicionalmente.

Eu engulo, meu coração doendo, pensando em Gavin, como parece doloroso para ele aceitar carinho ou cuidado... qualquer tipo de relacionamento amoroso. Eu ainda sei tão pouco sobre seu passado, e gostaria de saber mais – sua família, os anos que o formaram e o levaram até onde ele está agora, como e por que ele age da maneira que age.

— Eu entendo Gavin. Semelhantes se reconhecem — continua ela. — Eu o conheci também. Você sabia disso?

Eu balanço minha cabeça.

— Quando?

— Ele fundou um programa de apoio para crianças sob cuidados estaduais ao longo da Costa Oeste. Atletas voluntários recebem treinamento e passam por um monte de exames. Venha no mesmo horário, nos mesmos dias da semana, e pratique esportes. Dê às crianças incentivo, tempo de qualidade, um senso de comunidade e pertencimento, enquanto estão lidando com tanta incerteza.

Eu pisco para ela, atordoado.

— O quê?

— Tecnicamente, eu não deveria contar. Atletas profissionais que são recrutados para participar de anúncios, tempo voluntário para eventos especiais e angariação de



fundos, encontram-se diretamente com Gavin. Eles me pediram para filmar um comercial para isso...

— Eu vi os comerciais. — Eu balanço minha cabeça, lutando para processar isso. — Essa é a organização *dele*?

Ela acena.

— De qualquer forma, quando concordei, fui obrigada a assinar um NDA de que não divulgaria a relação do programa com ele.

— E então você está me dizendo porque... a vida é chata, então, por que não ser processada?

Ela sorri largamente, covinhas aparecendo em suas bochechas.

— Porque eu não tenho medo dele. Porque eu sei que você vai proteger a privacidade dele. Porque nós, solitários e emocionalmente constipados, temos que ajudar uns aos outros, e eu tenho um palpite de que da próxima vez que Gavin Hayes bater à sua porta, você vai ficar compreensivelmente cauteloso que esse ciclo de ele deixando você se aproximar e depois empurrando você para longe nunca vai acabar, e eu quero que você saiba que há mais nele do que você viu, que, se ele trabalhar duro na terapia, se ele tiver um parceiro que conhece suas lutas e seu passado, que entende que ele está trilhando o seu caminho, mas talvez o progresso nem sempre seja tão rápido ou direto quanto qualquer um de vocês gostaria, ele *pode* escolher você e ficar com você e deixar você se aproximar. — Ela levanta a mão esquerda, que tem um anel de diamante brilhante e uma aliança de casamento combinando em seu dedo anular. — Eu sou a prova.

Eu a encaro, sem palavras.

— Você sabe — diz ela, inclinando-se contra o convés novamente, tomando seu café. — isso deveria ter acontecido anos atrás.

— O quê?



Ela gesticula ao nosso redor, o arco de madeira meio despojado, pétalas de rosa e restos de sempre-vivas cobrindo o convés.

— Isso. O casamento.

— Oh. — Eu esfrego meu pescoço. — Isso. Sim.

Ela revira os olhos.

— Oli. Você não precisa agir como se não soubesse. Como se não estivéssemos noivos há três anos e não tivesse demorado tanto tempo para criar coragem para ir adiante com o casamento, não porque eu tivesse uma única dúvida sobre o homem que eu amo mais do que minha própria vida, mas porque eu não conseguia descobrir como enfrentar esse dia sem minha mãe.

Seu sorriso desaparece quando ela olha para a floresta ao nosso redor, os olhos correndo para as copas das árvores.

— Mesmo que ela tenha ido embora há anos, foi como uma nova dor quando percebi que andaria por aquele corredor sem estar em seu braço, sem ela me provocando para me fazer rir, quando eu ficasse nervosa, sem ela me incomodando se coloquei creme de cachos no meu cabelo para não ser uma bola de frizz no dia do meu casamento.

Ela suspira pesadamente, batendo seu anel contra sua xícara de café.

— Isso foi apenas... essa perda crua e terrível, tudo de novo. Então, uma vez que eu senti que tinha me orientado, enrolado minha cabeça o suficiente nisso para poder marcar uma data, comecei a me preocupar que minha tristeza, a falta dela, arruinaria a felicidade do dia, que eu decepcionaria Ryder, a família. Fiquei esperando para finalmente me sentir *bem* o suficiente para fazer isso.

— Você se sentiu? — Eu pergunto baixinho.

Ela balança a cabeça.

— Não. O tudo-ficaria-bem nunca veio. Acabei de perceber que estava perdendo toda a porra do ponto.

— Que ponto foi esse?



Seu olhar desliza em minha direção, seus olhos seguram os meus.

— Estava esperando que ficasse mais fácil. Pensando que deveria ser capaz de lidar melhor com minha dor, no Natal, no Ano Novo. No aniversário dela. No meu. No dia do meu casamento. Mas a dor não fica mais fácil. Apenas se familiariza. Você aprende a viver com isso e, se tiver sorte, encontra pessoas que vão te amar enquanto o faz. Ryder me amou a cada passo do caminho exatamente por quem eu sou e onde eu estou. Atrasar o dia do nosso casamento, temendo que minha tristeza de alguma forma diminuísse a alegria do nosso casamento, foi um desserviço à profundidade do amor dele e do meu. Todo o nosso relacionamento, nosso amor um pelo outro, cresceu e se aprofundou *nos* momentos difíceis, não porque não enfrentamos nenhum. Você e Gavin foram feridos no passado. Vocês têm feridas e medos, e não há como contorná-los. Se vocês escolherem um ao outro, escolherão ver essas partes um do outro, tratá-las gentilmente e tentar entendê-las. Talvez você se sinta pronto para fazer isso. Mas, se eu tivesse que adivinhar, Gavin ainda está descobrindo como funciona, se ele acha que é capaz de confiar isso a você. Eu sei que demorei um pouco para envolver minha cabeça teimosa em torno disso.

Eu engulo grosseiramente.

— Eu acho que entendo como isso funciona, mas a parte da disposição... entender isso, não torna a ideia de fazer menos assustadora.

— Não há problema em ter medo — diz ela. — Se você se sentir pronto, se ele vier até você, diga a ele do que você tem medo. Isso é intimidade. Seja corajoso em confiar nele com sua verdade.

Gentilmente, ela envolve um braço ao meu redor e coloca a cabeça no meu ombro.

— Você tem isso, Ollie. E lembre-se: você é suficiente assim como você é. Se Gavin fizer certo, ele não vai deixar você em dúvida sobre isso. — Ela bate no espaço sobre o meu



coração. — E você precisa fazer sua parte também. Acredite em você, no seu valor, que você é suficiente. Porque você é.

Eu aceno, enxugando meus olhos na manga da minha camisa.

Sorrindo, Willa se afasta do convés e bebe o resto de seu café.

— Bem, eu diria que meu trabalho está feito. Lá vou eu.

— Você não quer ficar para o brunch de despedida?

Ela balança a cabeça.

— Não. Tenho um marido para quem pretendo ir para casa, acordar do jeito divertido...

— Ai! — Eu aperto meus olhos fechados. — Nenhum desses detalhes. Saia daqui.

Ela ainda está rindo quando fecha a porta atrás dela.

LIMPEZA do brunch de despedida é o caos habitual – todos nós em uma linha de montagem de tarefas entrelaçadas para limpar os restos de xícaras de café e copos de suco, travessas e pratos e restos de comida.

Theo chora enquanto Freya tenta colocar ele para dormir. Linnea continua a fazer birra no meio do grande salão, porque não podia comer bolo de casamento no café da manhã. Viggo está de ressaca, rolando mal-humorado pelo telefone com o volume muito alto enquanto limpa os pratos, depois os entrega para eu enxaguar. Rooney esfrega os pratos ao lado de Aiden, que os enxágua, enquanto Ziggy os seca, seus fones de ouvido com cancelamento de ruído bloqueando o mundo. Ren arruma os pratos limpos, enquanto Frankie limpa a mesa e as superfícies da cozinha. Mamãe e papai sorriem cansados um para o outro enquanto arrumam a sala de estar.

— Viggo — Axel estala, entrando de sua caminhada de transporte de lixo para fora e colocando um saco fresco na lixeira. — Abaixe isso.

Viggo olha para Axel.



— Mataria você pedir com jeitinho?

— Sim — diz Axe. — Agora abaixe.

Viggo resmunga, pegando seu telefone no balcão, assim que a voz clara de um locutor de notícias diz:

— E agora, destaques da coletiva de imprensa dada esta manhã anunciando a aposentadoria da lenda do futebol Gavin Hayes.

Quase derrubo o prato que estou lavando, antes de colocá-lo apressadamente na pia, secando loucamente as mãos na camisa.

— Não. Não abaixe.

Pulando para o telefone de Viggo, eu o pego e tenho grandes planos de correr para algum lugar privado para assistir, mas, no momento em que vejo Gavin, minhas pernas param de funcionar. Eu afundo na cadeira mais próxima da mesa com um flop desajeitado.

Meu coração se estilhaça quando olho para ele, consumindo-o. Terno azul. Gravata azul e dourada. A barba arrumada, o cabelo mais arrumado. Ele se levanta, alto, estóico, segurando um pedaço de papel.

—... Jogar este jogo foi o maior privilégio, a mais rica alegria. Dizer adeus a isso, por anos, tem sido meu mais profundo medo e tristeza. — Ele engole em seco, abaixa o papel e passa a mão sobre ele. — Mas não posso sustentar este nível de jogo. Meu corpo atingiu seu limite e, por mais que eu desejasse que não fosse o caso, tive que ouvi-lo, respeitá-lo, depois que me trouxe esta... incrível oportunidade... — Ele engole em seco novamente, morde sua bochecha. — E assim, é com gratidão pela jornada que tive a sorte de conhecer, os jogadores que chamei de companheiros de equipe, os treinadores que me moldaram e me direcionaram, que anuncio minha aposentadoria do futebol profissional.

Eu enxugo as lágrimas, meu peito doendo. Um lenço aparece na minha visão periférica. Eu não questiono, apenas aceito e assoo o nariz ruidosamente. Há quanto tempo ele



sabe? Por que *eu* não sabia? Eu poderia estar lá para ele, confortá-lo...

Ele não queria você lá, queria? aquela voz desesperada sussurra. *Ele não quer você há semanas, desde que ele sabia que tinha acabado aqui. Você era apenas um pit stop insignificante, e agora ele está seguindo em frente.*

Eu balanço minha cabeça, afastando esses pensamentos desesperados, lembrando a mim mesmo o que Willa disse... *Você precisa fazer sua parte também. Acredite em você, no seu valor, que você é suficiente.*

Eu assisto Gavin na tela enquanto ele dobra o jornal, enxuga o canto do olho. Tão composto e calmo, mesmo sabendo que seu coração está partido. Eu quero tanto estar ali ao lado dele, ser os braços para os quais ele se vira, quando as luzes se apagam e ele limpa seu cubículo e volta para casa.

Quando ele desmorona. Quero ser o que ele tem sido para mim: seguro, forte, reconfortante.

Eu amo ele.

As palavras fluem através de mim, naturais e suaves como uma brisa sussurrando sobre minha pele, o sol aquecendo o meu rosto. Eu o *amo*.

Eu amo Gavin mesmo que ele vá ou não me amar de volta. Eu o amo mesmo que ele se aposente ou se afaste do jogo para sempre. Eu o amo, e não sei quando isso aconteceu. Quando a irritação deu lugar ao afeto, quando as brigas se tornaram preliminares e o aperto da luxúria se tornou o punho do amor envolvendo meu coração até que cada batida fosse apenas para ele.

Ele está se aposentando, deixando o jogo, saindo do meu mundo, mas, ainda assim, nada é mais claro, mais seguro, mais fácil simplesmente porque ele não vai fazer exercícios comigo ou latir para mim do outro lado do campo. O antigo eu teria ficado aliviado, convencido de que essa separação de nossas carreiras seria tudo o que precisávamos e voilá!



Que tolo eu fui, pensar que poderia ser tão simples quanto traçar uma linha entre a pessoa que eu me permitiria amar e o jogo que eu amava também. Que ideia falsa que eu pudesse abrir meu coração para alguém com segurança, com cautela; que, com a pessoa certa e os limites certos, apaixonar-me não me assustaria tanto quanto, ou pior do que da primeira vez, que não me faria sentir como se estivesse pairando à beira de um precipício, nenhuma garantia de que a pessoa por quem eu estava me apaixonando estaria lá para me pegar.

Ainda não sei se ele estará lá. Mas agora eu sei a verdade: a natureza do meu coração, a plenitude com que amo e vivo, significa que amar é arriscar uma dor profunda.

E também abre meu mundo para um amor incrível e íntimo.

Eu quero isso com ele. Eu quero Gavin.

Eu só... não sei se ele me quer. Mas estou pronto para ser corajoso e descobrir.

Olhando para sua imagem, contida na tela do telefone, enquanto a imprensa se torna surpreendentemente selvagem, começo a planejar, sonhar, ter esperança. O voo para casa vou tentar mudar para hoje, em vez de ficar aqui sozinho por alguns dias, como eu planejei; as palavras que direi, a maneira como as direi.

Mas, por enquanto, eu o observo, porque tenho que fazer isso, para testemunhar o que eu gostaria de ter testemunhado pessoalmente – sua bravura, sua dor, sua dignidade enquanto a imprensa grita seu nome, implorando para ser chamada para falar.

Limpando a garganta, Gavin revira os ombros e se endireita, em seguida, aponta para um homem nas costas para quem a câmera se move, óculos finos e grossos. O homem diz:

— Colin Woodruff da ESPN. Sr. Hayes, primeiro, por favor, deixe-me expressar que bela declaração foi essa.



Estamos todos tristes por ver o fim desta era em sua vida e, no entanto, ainda há muito pela frente. O que vem a seguir?

Gavin acena com a cabeça, olha para o papel no pódio.

— Cuidar de mim, encontrar maneiras de retribuir à comunidade. Na esperança de me estabelecer.

— Onde? — Colin pergunta, gritando sobre novas vozes.

Gavin olha para a câmera.

— Depende.

— Do quê? — Colin pede.

Antes que Gavin possa responder, uma batida na porta da frente me assusta tanto que quase derrubo o telefone de Viggo. Uma dúzia de mãos disparam em minha direção, coletivamente o firmando.

É quando percebo que toda a minha família se reuniu atrás da minha cadeira, parecendo emocionados e curiosos.

Mais dois baques rápidos sacodem a porta da frente, ecoando pela grande sala e pelo silêncio que eles criaram. Então, um único toque da campainha, como quem veio à cidade, na porta, apenas percebeu que um método mais moderno de se anunciar estava disponível.

— Eu atendo — Linnie grita, levantando-se de seu momento de birra no chão.

— Espera — Viggo corre em direção à porta. — Adultos atendem a porta, Linnie

— Isso descarta você — Freya murmura, fazendo Theo arrotar em seu ombro.

Viggo a ignora.

— Eu ouvi isso — Linnie grita.

Aiden, sempre o estratégico, simplesmente se inclina para trás e olha pela janela com uma visão clara para quem está do lado de fora.

— Merda. Eita, quero dizer.

Ele corre em direção à porta, tira Viggo do caminho e pega Linnie.

— Oliver. — Ele sacode a cabeça. — Você deveria atender isso.



Viggo acaba de se endireitar e está alcançando a porta novamente, quando eu chego lá e o empurro para longe. Eu espio pelo olho mágico. Meus joelhos quase cedem.

— Quem é esse? — Viggo pergunta, empurrando-me para o lado, tentando ver pelo olho mágico. — Ai!

Ren o puxou pela gola da camisa, arrastando Viggo para longe, enquanto ele lhe dizia:

— Se acalme, V. Ollie pode se cuidar.

— OK, vamos lá! — Mamãe diz, batendo palmas para todos, enxotando-os para se mexerem. — Vamos, depressa!

É como *Esqueceram de Mim,* quando a família percebe que está atrasada para o voo, uma corrida louca de pessoas atravessando o corredor, correndo escada acima, correndo escada abaixo. As malas aterrissam no saguão. As folhas caem em pilhas do lado de fora dos quartos. As portas se fecham enquanto passos trovejam pela casa.

Eu estou na porta, minha mão tremendo, enquanto eu alcanço a maçaneta, meu coração batendo no meu peito.

Por que ele está aqui?

Só há uma maneira de descobrir. Respirando profundamente, encontrando minha coragem, abro a porta e entro na varanda.



28

OLIVER

Música da Playlist: "Wildfire", Cautious Clay

FECHO A PORTA ATRÁS DE MIM. Meu coração dispara e então tropeça, quase parando.

Gavin está com o terno que usou na coletiva de imprensa esta manhã. Só que agora está um pouco amarrotado, a gravata frouxa, alguns amassados no paletó, um arranhão nos sapatos engraxados. Ele segura uma garrafa de champanhe muito chique e um buquê de flores de tirar o fôlego.

— Eu... — Ele limpa a garganta. — Disseram-me que havia um casamento. E, se isso estivesse acontecendo quando eu aparecesse, eu queria estar preparado.

— O casamento foi há dois dias. — Eu engulo em torno do nó na minha garganta. — Você está um pouco atrasado.

— Ah. — Ele procura meus olhos. — Mas eu espero... que não seja tarde *demais*?

Eu mordo minha bochecha, com medo de ouvir um duplo sentido nisso, com medo de ter esperança. E, no entanto, não consigo me impedir de dizer:

— Não. Não está muito tarde.

Lentamente, Gavin se agacha, com joelhos estalando enquanto ele desce o champanhe e as flores. Ele se endireita, caminha em minha direção.

— Oliver...

— Eu assisti à coletiva de imprensa — digo a ele, recuando instintivamente.

Ele para, segurando meus olhos, procurando-os.

— Você já viu?

Eu concordo. Minha garganta parece grossa com a ameaça de lágrimas.

— Eu sinto muito.

Ele olha para mim, parecendo de repente muito cauteloso.



— Pelo quê?

— Sua aposentadoria. Eu sei que este jogo é... tudo para você. Dizer adeus, a finalidade de anunciar ao mundo que acabou...

Minhas palavras desaparecem, quando algo como alívio suaviza sua expressão. Ele dá mais um passo para mais perto, e desta vez, eu mantenho minha posição, muito confuso com sua resposta para ceder ao medo e me afastar.

Seus dedos roçam os meus.

— É só isso, no entanto — diz ele. — Não acabou. Esta parte da minha carreira, sim. Mas minha vida, não. Isto é apenas o começo. — Ele envolve a minha mão, quente e seca, forte e firme. — Isto é, se você...

A porta se abre, assustando-nos.

— Olá — minha mãe diz, brilhantemente. Envolvendo Gavin em um abraço repentino, ela diz: — Bem-vindo! Vão para dentro. Fiquem confortáveis. Estávamos apenas saindo.

— Mãe — eu digo com a voz estrangulada.

Gavin a abraça de volta, dando-me um olhar perplexo por cima do ombro.

— Obrigado.

Mamãe o solta e então me abraça em seguida.

— Seja corajoso, *älskling* — ela sussurra. — Eu te amo.

Quando ela foge, vejo que papai ocupou seu lugar, gentilmente apertando o ombro de Gavin.

— Lindo discurso, filho.

Gavin parece afetado, então se mexe.

— Obrigado, senhor.

— Não suma — papai diz, enquanto me puxa para um abraço e um beijo no meu cabelo, antes de nos dar uma piscadela e seguir mamãe em direção ao carro.

Meus irmãos saem de casa, primeiro Axe, que acena com a cabeça educadamente, depois Rooney, que nos dá um largo e ensolarado sorriso, antes de deslizar o braço dentro do de Axel, enquanto eles se dirigem para sua casa mais ao fundo da floresta.



Aiden sai em seguida, empurrando o resto dos meus irmãos para fora como se a casa estivesse pegando fogo. Freya nos manda um beijo, o bebê Theo aninhado em seu braço. Linnea se joga nas pernas de Gavin e ganha seu abraço, antes que Freya a pegue também, e ela se desfaça em lágrimas. Então, vem Ren, sorrindo largo, Frankie balançando as sobrancelhas enquanto ela sorri. Ziggy me lança um sorriso tímido, dá uma olhada em Gavin e fica vermelha brilhante, então, desce as escadas apressadamente. O último é Viggo, é claro. Gavin não o reconhece, a princípio, sem a barba sarnenta que ele raspou para o casamento, mas quando o faz, seus olhos se estreitam.

Viggo o avalia, então, oferece uma mão, que Gavin aceita. Segue-se um olhar muito intenso. Seus dedos ficam brancos, enquanto tentam espremer a vida das palmas um do outro.

— Apenas se lembre, eu sei onde você mora — Viggo diz a ele.

— Santo Deus — eu murmuro.

— Ok, isso é o suficiente de *travessuras* para você — diz Aiden, pegando-o pelo ombro e nos dando um sorriso conhecedor enquanto ele arrasta Viggo escada abaixo com ele.

Gavin olha por cima do ombro, observando o êxodo em massa de carros buzinando alegremente, enquanto eles saem.

— Isso foi...

— Embaraçoso?

— Intenso — ele murmura, franzindo a testa pensativamente. — Doce. Engraçado. Esquisito. — Ele se vira e fixa seu olhar em mim. — Mais ou menos como você.

— É isso — digo a ele, empurrando a porta aberta atrás de mim. — Você cruzou uma linha. E agora, vamos levar isso para dentro.

Gavin sorri e me segue, absorvendo o espaço enquanto fecha a porta.

Uma onda de nervosismo cresce através de mim.



— Você vai... quero dizer, você estava... — Eu limpo minha garganta. — Você queria ficar?

Gavin se vira e me olha com curiosidade.

— Quero dizer... eu pensei... Sim. Você *quer* que eu fique?

Meu coração bate.

— Sim. Eu quero. Se você quiser. Fique, é isso.

Estendendo a mão, ele afrouxa a gravata. O calor corre através de mim enquanto eu olho para o espaço revelado em sua garganta, quando ele abre os dois primeiros botões, então arrasta a gravata pelo colarinho com um *estalo.*

Ele parece agitado, confuso.

— Eu quero ficar, sim.

— Bom. Excelente. — Minha voz falha na palavra, enquanto minhas bochechas esquentam. — Excelente.

— Minha bolsa está no carro alugado — diz ele, puxando uma chave do bolso do paletó. — Eu vou pegar...

— Deixa que eu pego — Eu fecho a distância entre nós, arranco a chave de seus dedos. Retrocedendo, digo a ele: — Explore, se quiser. Só não olhe muito de perto para as fotos de família. Eu tive uma fase estranha que começou na primeira série e não terminou até o segundo ano do ensino médio.

Sua boca se curva em um sorriso fraco.

— Duvido muito disso.

— Acredite. — Eu aceno com o queixo em direção à parede de fotos de família antes de sair correndo para o carro dele para pegar sua bolsa.

Meu coração bate dentro das minhas costelas. Eu tenho mil pensamentos, um milhão de perguntas.

Por que ele está aqui? O que ele quer?

Ele *me* quer?

No momento em que volto para dentro com sua bolsa, Gavin tirou o paletó, as mangas da camisa arregaçadas. Eu tento não olhar para seus antebraços nus, músculos esculpidos, tendões e veias visíveis enquanto ele descansa as



mãos nos bolsos e caminha vagarosamente pelo corredor, observando as fotos.

— Vocês são um grupo repugnantemente fotogênico, não é?

— Culpe a mamãe e o papai.

Ele bufa uma risada suave, olhando na minha direção. Quando ele me vê com sua bolsa, ele caminha para a frente.

— Eu levo isso...

— Espera. — Eu a agarro, procurando seus olhos. — Eu...

Eu quero que você fique no meu quarto. Eu quero você na minha cama, me abraçando e me aconchegando.

Eu não posso admitir isso. Não quando eu nem sei o que diabos está acontecendo. E se ele estiver aqui para fazer uma passagem oficial, formal e pessoal do bastão de capitão? E se ele apenas parasse para descansar um pouco?

Deus, escute o que estou dizendo. Estou me agarrando a palitinhos. Por que mais ele estaria aqui se ele não me quisesse de alguma forma? A verdade é que estou com muito medo de admitir o que quero, o que espero, enquanto estou ali, olhando para ele, com a língua presa.

— O que foi isso? — ele pergunta.

— Eu... — Engolindo em seco, eu lambo meus lábios. — Você quer dar um passeio?

Sua testa franze. Ele responde, lentamente:

— Claro. Sim. Isso seria bom. Apenas nada muito técnico. Sem colinas. — Ele joga o polegar por cima do ombro. — Minhas costas ainda estão uma merda. Só estou me movendo assim, porque o Dr. Chen me deu uma injeção, mas se eu forçar demais, vou pagar por isso.

Eu tento manter minha expressão neutra, para não trair o quão surpreso e tocado estou por ele ter confiado em mim sobre sua dor, suas necessidades, seus limites.

— É claro.

— Eu deveria me trocar, então — diz ele, acenando para sua bolsa, que ainda seguro.



— Certo. Certo. Hum... — eu pondero. Há a suíte do primeiro andar, que meus pais usam quando estão aqui. Depois, há o meu quarto lá em cima. Talvez, por enquanto, por mais que eu não queira, eu deva levá-lo para o quarto dos meus pais. Mais fácil com seu corpo. Banheiro acessível, incluindo um banco no chuveiro.

— Por aqui — digo a ele.

Gavin me segue até o quarto, uma leve carranca puxando sua boca enquanto ele inspeciona o espaço.

Olho em volta também. As cortinas estão abertas, deixando a luz do dia entrar, revelando a obra-prima da natureza do lado de fora. Vento balsâmico açoitando as árvores, carregando flores em uma dança colorida pelo ar. Altos pinheiros. Tufos de grama verde-limão manchando a terra escura.

Percebo que a cama foi desfeita, os lençóis trocados, uma cor diferente da que tinham quando chegamos aqui e ajudei mamãe a arrumar as camas em toda a casa. Tento não pensar muito sobre o que meus pais pretendiam, quando fizeram questão de preparar este quarto para outra pessoa.

— Algo errado? — Eu pergunto.

— Não. — Ele balança a cabeça, pegando sua bolsa de mim. — Vou me trocar.

— Ok. Claro. Certo. — Eu me afasto e me viro, vou direto para a parede. Mortificado, nem olho por cima do ombro para ver se Gavin percebeu isso; eu apenas me esforço para escapar da sala.

Assim que fecho a porta atrás de mim, corro pelo corredor, subo as escadas a cada três degraus a cada vez. Freneticamente, eu escovo meus dentes, escovo meu cabelo, arranco a camisa de suores que eu tive ao dormir, passo o desodorante, visto roupas limpas, coloco meu tênis e depois desço correndo. Acabo de me inclinar artisticamente contra o corrimão, enquanto Gavin sai de seu quarto, vestindo tênis preto, calça preta e uma camisa cinza-carvão de manga comprida que abraça seus braços enormes.



Sua boca se inclina enquanto ele me absorve, um sorriso suave que faz meu coração bater duas vezes.

— Posso ajudar? — Eu pergunto.

O sorriso se aprofunda. Ele puxa seus Ray-Ban.

— Você parece uma porra de um bolo de confete.

Eu olho para a minha roupa. Minhas sandálias amarelas favoritas. Calça jogger rosa-melancia. Uma camiseta azul-clara que realça meus olhos. Levantando meu queixo, caminho em direção à porta da frente e a abro.

— Você deve saber que eu *gosto* de bolo de confete.

Eu sinto os olhos de Gavin em mim por trás.

— Eu também.

Depois de fechar a porta atrás de nós, eu a tranco e guardo a chave. Ele ainda está me observando por trás dos Ray-Ban, seu olhar intenso. Eu limpo minha garganta e aponto para frente.

— Este caminho é um passeio agradável e uniforme. Sem colinas. Um loop de um quilometro e meio. Isso funciona?

Ele olha na direção que eu apontei, então, acena com a cabeça.

— Sim.

— Certo! Eu quis dizer bom. Excelente. Excelente. Aqui vamos nós. — Deus, estou uma pilha de nervos.

Começando na frente de Gavin, procuro uma árvore para bater minha cabeça e me nocautear antes que eu possa abrir minha boca novamente e fazer um papel de bobo ainda maior.

Mas algo sobre sua presença silenciosa e firme quando começamos a andar começa a me acalmar. Ele fica quieto enquanto fazemos nosso caminho, permanecendo meio passo atrás de mim. Eu mantenho meu passo lento e vagaroso, esperando ter estabelecido um ritmo confortável para ele, absorvendo a vista. É a minha época favorita do ano aqui – sol quente e dourado, grama verde brilhante, um céu azul frio salpicado de nuvens de algodão.



Um dossel de flores agrupa as árvores acima, e o vento faz chover uma ventania de pétalas. Brancas de neve, amarelo limão, rosa pálido, elas flutuam do céu, girando em torno de nós.

Enquanto olho para cima, absorvendo a visão, sinto a mão de Gavin envolver a minha.

— Oliver.

Eu me viro e o encaro, o coração martelando no meu peito.

— Você está bem? Precisa voltar? Tem que urinar?

Ele se aproxima, seus olhos procurando os meus.

— Não. Mas eu *preciso* te perguntar uma coisa.

Eu aceno com a cabeça. Muito rápido. Muitas vezes. Meu coração está batendo para fora do meu peito. Gentilmente, Gavin coloca a mão sobre meu coração, acalmando-o.

— Respire — ele diz baixinho.

Concordo com a cabeça novamente, forçando-me a tomar uma respiração profunda e lenta, depois expirar.

— Bom. — Ele se aproxima ainda mais, deslizando a mão pelo meu peito, pelo meu pescoço, até que ele segura meu rosto. — Agora. Pare de fugir.

Meus olhos se arregalam.

— Eu... eu não estou fugindo. Não que você possa me dar um sermão sobre isso.

Seus olhos procuram os meus. Sua garganta funciona com uma andorinha.

— Isso é justo. Mas estou aqui para mudar isso.

— Você está?

— Oliver... — Ele franze a testa. A suspeita parece apertar sua expressão. — Espere... você não... você não sabe porque estou aqui.

Eu balanço minha cabeça.

— Estou tão confuso...

— Jesus. — Ele abaixa a cabeça e suspira pesadamente. — Você não assistiu a tudo, não é?

— Tudo o que? — Eu pergunto, além de confuso.



— A conferência de imprensa. — Ele levanta a cabeça e encontra meus olhos, seu polegar acariciando minha bochecha. — Toda a conferência de imprensa. Você disse que assistiu.

Eu pisco, destruindo meu cérebro.

— Você tinha acabado de abrir para perguntas, foi quando eu parei. Porque... você estava aqui. Você estava batendo na minha porta. Isso importava mais.

— Porra. — ele geme. Agora ele parece aliviado e também profundamente nervoso. — Ok. Sim. Bem, isso ajuda. Me sinto um pouco melhor.

— Gavin. — Eu o agarro pela camisa. — Por favor, apenas me diga o que diabos está acontecendo.

Ele sorri suavemente, sua expressão tingida de nervos enquanto ele passa as mãos pelo meu cabelo, ao longo da minha têmpora, passando o polegar sobre a concha da minha orelha.

— Eu imaginei você estando mais desligado aqui, incapaz de assistir à coletiva de imprensa, então, pensei em reagir mais rápido. Eu tinha planejado dizer isso eu mesmo, mas então cheguei aqui e você disse que tinha visto e então fiquei aliviado. Porque eu sou um maldito covarde. E agora você está dizendo que não viu...

— Pelo amor de Deus, Gavin Hayes, me diga do que diabos você está falando!

Ele me puxa para perto, até que nossas bocas estão a centímetros uma da outra, nossos peitos arfando. Como aquele dia no vestiário, calor entre nós, intensidade piscando em seus olhos. Seu olhar desce para minha boca, então, volta para cima, segurando a minha.

— Eu te amo.

Agarro sua camisa com mais força, inclinando-me para ele.

— O quê?



Ele nos leva de volta, lentamente, como uma dança, até que estou pressionado contra o tronco de uma enorme árvore velha, até que Gavin está me prendendo contra ela.

— Eu disse que te amo. E sei que não fiz muito para inspirar sua confiança nessas palavras vindas de mim. Eu não tenho experiência com isso. Eu não sei o que estou fazendo. E eu estou com medo para caralho, porque eu não sei como isso vai acabar ou se vamos sair vencedores, e eu odeio até o *pensamento* de perder, imagine perder algo tão precioso, perder *você.* Eu sei que posso ter chegado tarde demais. Eu posso nem ter você para perder, em primeiro lugar, mas se eu deixar mais um dia passar sem me arriscar, dizer o que você significa para mim – que eu te amo mais do que uma bola sob meus pés ou o coração em meu peito – essa seria a maior perda de todas.

Mais uma vez, ele leva a mão ao meu coração e diz, baixinho, reverente, enquanto procura meus olhos:

— No mês passado, tudo o que eu queria era envolvê-lo em meus braços, arrastá-lo para a cama e nunca mais deixá-lo ir. Para cozinhar com você e vê-lo cantar junto com musicais e te irritar por seu guarda-roupa de queimar os olhos, mas eu tinha que fazer isso primeiro, Oliver. Tive que enfrentar o que será: o fim para mim e o começo para você. Eu tive que ver você ter tudo o que eu perdi e saber que eu poderia fazer isso, para provar a nós dois que, enquanto eu amava futebol, eu te amo mais, melhor, além. Este último mês foi uma agonia, querendo você, sentindo nada além de amor e orgulho, mas me mostrou o que posso fazer – que posso compartilhar este mundo com você, ser feliz por você, torcer por você, que isso nunca ficará entre nós como eu uma vez deixei.

Oh Deus. As peças se encaixam, naquela noite em que estávamos tão perto e ele mais uma vez me afastou, nas semanas seguintes, cheios apenas de profissionalismo e polidez. Todos foram para este momento. Para nós.

Eu seguro seu rosto, minha voz está instável.



— Você tem certeza? Eu não quero te machucar. Eu nunca quero que minha vida, meu mundo, machuque você. Eu não aguentaria.

Ele se inclina para o meu toque.

— Você não vai. Contei como passei o mês passado, mas passei os últimos dois anos enfrentando isso também. Dois anos enfrentando o que você é e será, o que eu fui e nunca mais serei.

— Mas você não me amou todo esse tempo — eu aponto.

Sua boca se inclina em um sorriso irônico enquanto ele desliza os dedos ao longo da minha bochecha.

— Não?

Graças a Deus estou encostado em uma árvore. Eu cairia de bunda de outra forma.

— O quê?

— Oliver. Era me distanciar ou cair de joelhos aos seus pés — ele diz rudemente enquanto se inclina para mim, enquanto nossos corpos se tocam e doem. — Eu vi você e senti como se você tivesse feito um buraco no meu peito. Eu não podia me permitir sentir o quanto eu queria você, admirava você, *ansiava* por você. Não quando você tinha tudo em suas garras que estava escorregando pelos meus dedos.

Lágrimas borram minha visão. Eu o encaro, atordoado, emocionado, incrédulo.

— Eu não sabia — eu sussurro.

— Eu também não — ele admite. — Não a princípio. Não por um bom tempo. Eu sabia que você me fazia sentir como se meu sangue estivesse pegando fogo e meu coração incinerando meu peito, como se eu estivesse lutando contra esse *algo* febril consumidor que eu sentia apenas por você. Era tão fácil chamar isso de ódio pelo seus ganhos enquanto eu perdia, me fixar no meu ressentimento e inveja de você, nunca olhar muito perto ou por muito tempo. Quando finalmente precisei, quando a treinadora nos empurrou e me forçou a enfrentá-lo de frente, e percebi, Deus me ajude, o



que eu estava enfrentando, enterrei esses sentimentos como sempre enterrei coisas desconfortáveis e obscuras.

Lembro-me do que ele disse naquela noite em minha casa, quando nós dois admitimos o quanto queríamos um ao outro, quando fiquei quase tão atordoado e surpreso com sua admissão quanto agora:

Sou muito, muito bom em esconder o que quero, sinto e preciso.

— Eu queria você também — digo a ele baixinho, enrolando uma mecha macia e escura de seu cabelo em volta do meu dedo, girando-o, saboreando o quão perto ele está, não apenas seu corpo, mas seu coração, todo ele. — Eu quero. Por tanto tempo.

Seus olhos procuram os meus, cautelosos, esperançosos.

— Sim?

— Sim — eu digo através do nó na minha garganta.

— Eu sei que te dei motivos para duvidar de mim, Oliver, mas eu prometo que isso ficou para trás. Estou aqui. Sou seu. — Ele leva minha mão ao peito. — Eu prometo tudo – meu corpo, minha alma, minha vida, por você, *tudo* por você, cuidar de você e amá-lo, se você me deixar. Você é a porra do nascer do sol do meu coração, amor. Tudo que eu preciso é acordar ao seu lado, segurar sua mão e mantê-lo firme quando você precisar de mim, te observar com orgulho e admiração, te dar o inferno por não ser mais egoísta em campo e muito generoso fora dele. Eu te amo. Você acredita em mim?

Assentindo, frenética, eu digo a ele:

— Sim.

Eu o puxo para perto, beijo-o suave e lentamente, e ele me beija também, sua boca firme, suave, tão gentil, lembrando a minha.

— Eu te amo — eu digo a ele. — Eu te amo muito.

O ar sai de seus pulmões enquanto ele me envolve em seus braços.



— Deus, Oliver, eu quero você. Eu quero te fazer feliz. E eu quero ser feliz também, ou pelo menos não completamente miserável.

Sorrio contra o nosso beijo, passando as mãos pelo cabelo dele. Um gemido sai de sua garganta, quando ele me pressiona contra a árvore.

— Eu senti sua falta — eu sussurro.

— Eu também senti sua falta — ele rosna. — Depois daquele absurdo da coletiva de imprensa, não consegui chegar rápido o suficiente.

Um suspiro satisfeito sai de mim, quando ele me beija novamente, o canto da minha boca, minha bochecha.

— Você realmente está aqui.

— Estou realmente aqui. — Arrastando as mãos pela minha cintura, ele agarra meus quadris.

Eu enterro minhas mãos em seu cabelo, o beijo, febril, faminto.

— Eu te amo — eu digo a ele. — E eu estou apavorado.

Ele se afasta apenas o suficiente para encontrar meus olhos e procurá-los.

— De quê, amor?

Eu engulo grosseiramente.

— Do quanto.

Seus olhos suavizam. Ele concorda.

— Eu também. Eu sou um lixo nisso. Mas estou aprendendo. Melhorarei. Você poderá contar comigo, Oliver. Eu não estou indo a lugar nenhum. Você confia em mim?

— Eu confio em você. — E eu confio. Eu confio nele. Eu acredito nele. Porque quando Gavin Hayes coloca sua mente e coração em algo, ele o faz sem reservas, derramando tudo o que tem. De alguma forma, eu me tornei o que ele colocou em sua mente e coração. De alguma forma, sou eu quem ele ama.

Gavin sorri, terno, adorando, uma rara faísca de luz naqueles olhos escuros, só para mim.



— Agora, o que você acha de voltarmos — diz ele. — E desta vez, você me mostra *sua* cama?



29

OLIVER

Música da Playlist: "Young and Beautiful", Glass Animals

DE PÉ NO LIMIAR DO MEU QUARTO, Gavin franze a testa para a cama de solteiro.

— Hum.

Eu rio, mordendo meu lábio.

— Sim.

— Esquece. — Pegando minha mão, ele me arrasta para fora da sala, pelo corredor. Ele está descendo as escadas com cuidado. Isso faz meu coração apertar, a preocupação desabando meu peito.

— Pare de se preocupar — diz ele. — Estou bem. Bem, eu estarei.

— Você está sofrendo.

Ele olha por cima do ombro, ainda segurando minha mão enquanto nos leva pelo corredor até o quarto do primeiro andar.

— Estou sempre sofrendo. Provavelmente sempre estarei — Desacelerando até parar, ele se vira e olha para mim, cauteloso, preocupado. — Se isso é...

— Não termine essa frase — digo a ele, trazendo sua mão à minha boca, beijando-a, segurando-a na minha bochecha. — Isso não vai ficar entre nós, não vai me assustar. Não aconteceu antes e não vai acontecer, agora ou nunca.

Gavin engole em seco.

— Ok.

Eu procuro seus olhos.

— Você acredita em mim?

Sua boca se inclina levemente com um novo e terno sorriso.

— Estranhamente... sim. Parece que sim.

— Bom. — Apertando sua mão com força, eu assumo a liderança e o guio pelo quarto até o banheiro.



Eu tiro minha camisa e me inclino para o chuveiro, liberando a água. Antes que eu possa me virar, eu o sinto atrás de mim, a pele firme e quente de seu peito, pressionada nas minhas costas. Sua boca desliza ao longo do meu pescoço, meu ombro, enquanto suas mãos percorrem meus lados, entrelaçam meu torso, até descansarem sobre meu coração.

— Você é perfeito.

Eu me inclino para trás e roubo um beijo.

— Assim como você.

Ele sorri contra a minha boca, virando-me para ele. Minhas mãos embalam seu rosto, enquanto nossas bocas se encontram, lentas e decadentes. Um gemido silencioso rola de sua garganta.

— Fique nu, maldito seja.

Eu rio, saindo dos meus sapatos e roupas. Gavin olha para mim, olhos escuros, pupilas dilatadas enquanto ele me absorve.

— Porra.

Fico de pé, orgulhoso e imóvel, deixando-o olhar, absorvendo o desejo e a apreciação aquecendo seu olhar. Esta é a primeira vez que ele me vê totalmente. Tive uma visão gloriosa dele naquela manhã em sua casa, em sua cama, mas *me* despi debaixo dos cobertores, privando-o do mesmo prazer.

Ainda olhando para mim, Gavin arranca suas roupas e então nos leva direto para o chuveiro. Sua boca abre a minha, sua língua desliza lisa e quente. Nossas respirações são ásperas, altas o suficiente para serem ouvidas sobre a corrente de água enquanto eu corro minhas mãos sobre seu peito largo, os pelos escuros e finos cobrindo os músculos duros. Eu beijo a cicatriz em sua clavícula, a marca de nascença em seu pescoço, a sarda em sua têmpora.

Ele me puxa para perto, a mão no meu queixo, esmagando nossas bocas, molhadas, quentes, famintas. Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, pressiono



nossos peitos juntos, nossos corpos onde estamos duros, latejantes, presos juntos. Nossas bocas se abrem enquanto ele se move contra mim, a água suavizando nosso caminho.

— Venha aqui — ele rosna.

— Estou aqui — eu rio.

Ele nos leva mais para trás até atingirmos a parede do chuveiro, sua mão apertada em volta da minha cintura.

— Eu quero você — eu sussurro enquanto ele passa a mão pela minha bunda, esfregando-a apreciativamente.

Ele geme contra o meu pescoço, beijando a cavidade da minha garganta.

— Eu sou seu.

Eu pego sua mão que ainda está massageando minha bunda carinhosamente e a guio para baixo até que ele me sente, um grunhido saindo dele.

— Você me quer aqui? — ele diz.

— Tanto. Não é sempre, mas naquela noite na cozinha, quando sua mão ficou vagando, eu quase morri, quase cheguei tão perto de implorar por isso. Eu me dei prazer tantas vezes desde então, imaginando isso.

— Merda — ele murmura, pressionando-se em mim, me beijando profundo e lento. — Eu não tenho isso há tanto tempo. Vou gozar no momento em que estiver dentro de você.

— Está tudo bem — digo a ele suavemente.

Ele balança a cabeça.

— Não, não está. Vou tomar meu tempo e torná-lo bom e você vai ser paciente.

Eu o encaro enquanto ele sai do chuveiro e rapidamente seca os pés no tapete antes de entrar no quarto. Estou muito distraído com a visão dele, a pele quente e bronzeada ondulando com a flexão de seus músculos enquanto ele se move, para processar o que ele tem até que ele esteja voltando para o chuveiro, jogando uma garrafa de lubrificante no banco e depois me beijando.



Quando ele afasta sua boca da minha, ele passa por mim, coloca sabonete líquido do dispensador montado nos azulejos e o coloca entre as mãos. Um sorriso levanta o canto de sua boca.

— Minha vez de lavar você.

Sorrio enquanto ele passa as mãos pelo meu pescoço, massageando suavemente as curvas dos meus ombros, descendo pelos meus braços, peito, costas, quadris. Ele acaricia meu pau em seguida, da base à ponta, limpando-me, provocando-me, antes de deslizar seu toque entre a fenda da minha bunda, me limpando lá também. Seus beijos são ternos, exploradores, reverentes. Eu roubo sabonete do meu corpo, trago para o dele e o lavo também, até que o ar cheire a ervas e vapor e nossos corpos quentes.

Voltando para o banco de chuveiro embutido, Gavin me puxa com ele. Uma vez que ele se abaixa, ele se inclina, beija meu quadril, meu estômago. Ele envolve sua mão ao redor da base do meu pau e me acaricia, firme e vagarosamente.

— Merda — eu murmuro.

Ele sorri, chupa a ponta, me leva fundo, depois mais fundo ainda. Eu afundo minhas mãos em seu cabelo, jogando minha cabeça para trás enquanto ele me chupa habilmente, sua boca apertada e quente e molhada, sua mão me provocando mais para baixo, deslizando para trás, mais para trás, até que eu o sinto me esfregando onde mil terminações nervosas saem para a vida.

Eu suspiro quando o tempo se torna tão nebuloso quanto o ar ao nosso redor, enquanto ele gira e acaricia com os dedos, enquanto a pressão de sua boca fica mais quente, mais apertado. Eu sinto meus joelhos prestes a dobrar, orgasmo formigando na base da minha espinha, apertando minhas bolas, inchando meu pau.

— Vou gozar. — eu sussurro.

Ele estala fora de sua boca, me fazendo gemer impotente. Sorrindo, ele me gira para que eu fique de costas para ele.



— Mãos na parede — ele ordena, pressionando minhas costas até que eu me incline para frente, mostrando-me o que ele quer.

— Sim — eu imploro, percebendo o que está por vir, espalmando minhas mãos nas paredes de azulejos, olhando para ele por cima do meu ombro. — Por favor. Agora.

— Calma. — Ele beija meu quadril, uma bochecha da bunda, depois a outra, antes de me abrir, soprar uma respiração suave e quente sobre onde estou tão sensível, totalmente exposto para ele. Faz um arrepio percorrer minha espinha, ameaça fazer minhas pernas dobrarem novamente

— Porra. — ele geme. — Olhe para você. Que homem de sorte eu sou.

Sentado no banco, ele pode facilmente colocar sua boca exatamente onde eu preciso dele. E ele faz.

Um grito sai de mim quando sinto sua língua, mil vezes melhor que seu dedo, acariciando, sacudindo, fazendo meus quadris girarem, a necessidade de apertar meu corpo. Eu ouço o estalo de um limite sendo aberto antes de seu dedo romper a resistência do meu corpo, sua língua ainda me persuadindo. Em seguida, outro dedo. Ele queima, mas apenas levemente na esteira de todo esse prazer. Eu alcanço meu pau, precisando me dar alívio, mas sua mão pousa suavemente na minha bunda, um golpe provocante e gloriosamente prazeroso que aquece minha pele.

— Ainda não — diz ele.

— Eu preciso disso — eu gemo.

— Eu sei do que você precisa. Seja paciente.

Eu aceno, me inclinando para ele, suspirando quando ele adiciona um terceiro dedo, enquanto sua outra mão desliza pelas minhas costas, confortando-me, então, envolve meu peito e provoca os pequenos picos sensíveis dos meus mamilos, antes de descer para o meu estômago que dança sob seu toque, mais baixo ainda, até que ele está trabalhando em mim em sua mão novamente, a água fazendo-a deslizar, sem atrito e feliz.



— Aí está você — diz ele baixinho, beijando minha bunda, mordendo-a suavemente. — A cama — ele rosna. — Agora.

Eu abro a porta do chuveiro e tropeço para frente, em seguida, alcanço as toalhas. Eu jogo uma nele, rapidamente arrasto uma pelo meu corpo também. Gavin se empurra para fora do banco, como nas escadas, rígido e cuidadoso, e caminha em minha direção, um sorriso lento e faminto quando ele morde o lábio e me agarra pelo braço, puxando-me para perto.

Ele me beija profundamente com uma provocação escorregadia e perversa de sua língua. Respirando com dificuldade, ele enrola a toalha nas minhas costas e seca minha pele. Eu o seco também, entre beijos, rápido, meio inútil em meus esforços para realmente nos secar, antes de deixarmos cair as toalhas e beijar nosso caminho para o quarto, até que a parte de trás dos meus joelhos atinja o colchão.

Sorrindo timidamente, Gavin gentilmente me empurra até eu cair de volta na cama. Eu olho para ele, respirando instável, e sinto um sorriso que combina com seu calor no meu rosto.

— Você. — Balançando a cabeça, ele passa a mão pelo cabelo. — Você vai ser a minha morte.

— É melhor eu não ser. Então, quem eu torturaria com meus incríveis movimentos de dança e guarda-roupa colorido?

Eu o observo enquanto ele caminha em direção a sua bolsa, que está sobre a cômoda. Ele puxa o zíper e o abre por dentro. Eu olho para seu corpo lindo e poderoso. Grandes ombros redondos, braços esculpidos, peito largo. Aquela bunda redonda e dura e profundos buracos em seus quadris. Coxas grossas e cinzeladas e panturrilhas robustas.

— Apreciando a vista? — ele joga por cima do ombro.

Eu coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça, apoiando-me em um travesseiro.



— Imensamente. Sua bunda precisa de seu próprio CEP.

— Oi. É proporcional ao resto de mim. — Ele joga a garrafa de lubrificante na minha direção.

Eu a pego e coro.

— Alguém estava confiante de que teria uma recepção calorosa.

— Vou ter uma recepção calorosa com certeza — diz ele, os preservativos pousando em uma pilha de folha de ouro no meu colo em seguida. Lentamente, ele se acomoda na cama ao meu lado. Eu me viro e o encaro enquanto ele me puxa para perto.

Nossos olhos procuram um ao outro enquanto ele passa a mão pelo meu braço, minha bunda, e me puxa mais apertado contra ele. Nós nos beijamos, sua mão vagando por mim, me tocando *ali*, me persuadindo, fazendo-me sofrer até que eu implore coisas sem sentido.

De repente, ele estremece. Eu coloquei minha mão em seu braço, acariciando sua pele quente.

— Podemos parar a qualquer momento. Não quero que se machuque.

Ele sustenta meus olhos, quieto enquanto segura minha mão, leva-a à boca e beija meus dedos.

— Eu sei que não.

Ele engole em seco, segurando minha mão em sua boca. É quando sinto a primeira lágrima quente e úmida.

Aproximando-me ainda mais, eu envolvo meus braços ao redor dele.

— Fale comigo — digo a ele.

Ele enterra o rosto no meu pescoço, com a respiração instável. Quando ele se afasta e sustenta meus olhos, os dele estão molhados, brilhantes.

— Eu nunca... eu nunca fui...

Seguro. Enxergado. Amado. Não assim.

Eu sinto as palavras que ele luta para dizer, espelhadas em meu coração.



— Nem eu. — Eu o beijo suavemente. — Mas você é agora. Nós dois somos.

Ele balança a cabeça, beijando minha têmpora, minha bochecha, minha boca.

— Que tal você se deitar? — Eu digo a ele entre beijos. — Isso é confortável para você?

Ele faz uma pausa, procura meus olhos enquanto engole em seco.

— Sim. Você não se importa com isso?

— Me importo? — Eu sussurro contra o nosso beijo antes que uma risada salte de mim. — Oh, droga, eu vou ter que te prender e tomar seu pau incrível enquanto eu olho em seus olhos. Tadinho de mim.

Ele ri, enferrujado e quente. Faz arrepios dançarem sobre minha pele. Quando ele sorri para mim, vejo o que esperava: alívio e desejo profundo e desesperado.

Facilitando as suas costas, Gavin segura meus olhos. Eu monto em sua cintura, toco seu peito, seus quadris, enquanto ele aquece o lubrificante em sua mão, então, desliza os dedos entre minhas pernas e me toca onde eu preciso, rompendo aquele espaço apertado e dolorido que ainda está relaxado, quente do banho, de seu toque e sua língua, pegando cada novo dedo até encontrar aquele ponto dentro do meu corpo que faz minhas costas arquearem, minha respiração engatar na minha garganta.

— Sim — eu sussurro.

O sorriso de Gavin é arrogante, bonito, enquanto ele coloca a camisinha nos dentes e a abre, cuspindo a ponta da embalagem fora.

— Você poderia parecer mais satisfeito consigo mesmo? — Pergunto-lhe.

Ele mexe as sobrancelhas.

— Me deixe me divertir. Esperei muito tempo para ver você tão desesperado.

— Cale a boca e me deixe sujo, Hayes.



Ele ri muito enquanto rola a camisinha, então, a cobre com lubrificante também. Levantando, eu o posiciono embaixo de mim, minha respiração trêmula enquanto eu o guio para dentro de mim, a ponta grossa e contundente dele relaxando um pouco, antes que eu pare e deixe meu corpo se ajustar.

Meus olhos rolam para trás enquanto ele desliza a mão pela minha coxa, meu estômago; enquanto ele murmura elogios travessos, curvando os dedos dos pés quando eu afundo nele e cada empurrão paciente de seus quadris o acomoda mais profundamente dentro de mim.

— Oh, Deus — eu gemo.

— O que eu te disse? — ele rosna. — Deus não está aqui te dando esse pau. Diga-me quem está.

— Você — eu digo a ele com a voz rouca, apoiando minhas mãos na cama enquanto me inclino para frente e me movo, guiado pela felicidade de seu corpo dentro do meu, já acariciando minha próstata.

— Porra — ele range.

Eu aperto suas mãos e as prendo contra o colchão, entrelaçando nossos dedos.

— Se sente bem?

Ele acena com a cabeça, rápido, irregular, os olhos turvos enquanto me observa me mover por cima dele. Um sorriso suave inclina sua boca.

Minutos se transformam em minutos; o tempo reduzido a simplesmente isso – palavras calmas, toque paciente, aprendendo um com o outro dessa nova maneira. Nunca me senti tão amado, tão seguro.

— Venha aqui — ele implora, e eu faço, inclinando-me até que estou apoiado sobre ele, suspirando quando nossos peitos se encontram.

Suas mãos percorrem meu corpo e um gemido de alívio ressoa em sua garganta. Seus olhos procuram os meus, e eu sorrio para ele, acariciando seu nariz.

— Eu te amo — ele sussurra.



Eu deslizo meus dedos por seu cabelo, deslizo meu dedo sobre a concha de sua orelha.

— Eu sei. Eu também te amo.

Ele levanta a cabeça, beijando-me, devagar, luxuriosamente, sua língua deslizando com a minha. Eu suspiro, trabalhando meus quadris contra ele, perseguindo um prazer tão intenso que mal consigo manter meus olhos abertos. Gavin está ali comigo.

— Oliver. — Meu nome é uma dor, uma absolvição, arrancando dele.

Faço uma pausa enquanto olho para ele e seguro seu rosto.

— Estou te machucando? Você precisa que eu pare?

— Não — ele rosna. — Não ouse parar, porra.

Ele agarra minha bunda, me movendo, me mostrando o que ele quer até eu assumir. Com cada movimento dos meus quadris, seu pau trabalha naquele ponto, aquele que ele encontrou tão habilmente no chuveiro e tão brilhantemente assim que estávamos na cama também.

É uma onda incandescente crescendo dentro de mim, até que é um prazer sísmico em cascata pelos meus membros, minhas pernas, minha bunda, meu peito, em todos os lugares em que seu corpo se move com o meu. Eu xingo baixinho, beijo-o com total abandono. A respiração de Gavin é irregular e rápida, golpes de ar quebrados, elogios perversos e desbocados por quão bem eu me sinto, quão perfeito eu sou, quão perfeito isso é.

Estou no ápice, ofegante, enquanto meus quadris ficam frenéticos, os braços de Gavin em volta de mim apertados. Ele esmaga nossas bocas juntas e eu moo nele, esfregando aquele ponto sem piedade, perseguindo uma dor profunda e corrosiva.

Eu enterro meu rosto em seu pescoço, nem mesmo sabendo o que fazer com isso, o quão intenso é, como está agarrando meu corpo em necessidade trêmula.

— Olhe para mim, Oliver. Por favor, amor.



Eu forço meus olhos abertos quando isso acontece, a primeira crista da minha liberação que rasga através de mim, tudo de mim que está apertado em torno dele, em cada centímetro do meu pau esfregando contra ele enquanto ele incha e derrama, molhado e quente entre nossos corpos.

Eu suspiro seu nome, grito enquanto eu gozo e gozo.

Agarrando minha mão com tanta força que meus dedos doem, ele me beija selvagemente, língua e dentes. Seus olhos encontram os meus, segurando-os enquanto sua boca se abre, enquanto seus quadris se movem, enquanto ele pulsa dentro de mim e geme meu nome.

Um estremecimento o percorre quando ele enterra o rosto no meu pescoço e engasga, segurando-me tão forte que mal consigo respirar. E eu amo isso. Eu o amo. Eu amo este momento, que eu já sei que vou me lembrar para sempre – o mundo desabou com a luz do sol suave e respirações irregulares, lençóis frios e pele quente e encharcada de suor.

E amor. Muito amor.

Gentilmente, Gavin segura meu rosto, seu polegar traçando meu lábio inferior.

— *Meu Deus.*

Com um beijo suave, eu ganho seu gemido, seu sorriso duramente conquistado.

— Eu também te amo, sötis.

— Oliver — ele sussurra contra o meu pescoço, antes de pressionar um beijo na minha pele.

Eu corro minha mão ao longo de seu braço, suspirando feliz.

— Hum?

— Você nunca me contou. O que o sötis quer dizer?

Eu sorrio.

— Docinho.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— *Docinho.*

— Hum. E agora tem um novo. *Hjärtanskär*.



— E o que é isso? — ele diz, os dedos acariciando minha bochecha.

— O amor do meu coração.

Eu vejo seu sorriso se desdobrar como a aurora, brilhante, suave, singular. Lembro-me do que ele me chamou, *o nascer do sol de seu coração*. Eu sinto, no mais profundo e secreto lugar da minha alma, exatamente o que ele quer dizer.



30

GAVIN

Música da Playlist: "Tonight – versão acústica", Lie Ning

— COMO ESTÁ A VISTA?

Me movendo na banheira de hidromassagem, vejo Oliver arrastar a porta de vidro atrás dele. Meu coração dispara. Ainda não consigo acreditar que ele me quer, que me ama, tanto quanto eu o quero e o amo.

— Bem — digo a ele —, não é um teto texturizado. Mas suponho que um céu de estrelas cristalino terá que servir. E você? — Eu levanto meu queixo em direção ao telefone dele.

Ele sorri.

— Ah, eu ainda estou assistindo você repetidamente, dizendo a todos naquela coletiva de imprensa que você é caidinho por mim.

Eu bufo.

— Eu não disse tal coisa.

— Você deu a entender. — Ele sorri para a tela, apertando o play e me ouvindo responder a Colin da ESPN.

Seguindo minha resposta, dizendo a ele que eu estaria me estabelecendo, Colin grita pelo o resto da imprensa:

— Onde?

— Isso depende — eu ouço minha voz dizer.

— Do quê? — Colin pede.

— Aonde quer que o homem que eu amo vá em seguida, se ele me aceitar... Se ele quiser, eu o seguirei.

Oliver suspira e desliga meu telefone.

— É cada vez melhor. No entanto, muito ousado de sua parte.

— Eu não sou nada se não for determinado. Eu tinha um plano para reconquistar você. — Eu pego sua mão e a beijo. — E você sabe, eu fui vitorioso apesar de tudo. É quase como se eu tivesse um recorde incrível de vitórias ou algo assim...

— Você e esse ego — Oliver murmura. Inclinando-se na borda da banheira de hidromassagem, ele afunda a mão no



meu cabelo e levanta meu rosto para um beijo profundo e lento. — Precisa de alguma coisa?

Eu me afasto e dou uma boa olhada nele, finalmente processando o que ele está vestindo.

— Cristo.

— Desculpe. A palavra é que Deus trabalha à Sua da própria maneira e tempo. O que, francamente, sempre me incomodou. A questão é que não posso atender ao seu pedido.

Reviro os olhos, mas aperto sua mandíbula para outro beijo duro.

— Seus shorts de natação são hediondos.

— Não são? — Ele sorri contra a minha boca. — Eu os usei especialmente para te irritar. As coisas têm sido muito amigáveis nas últimas vinte e quatro horas.

— Isso é porque eu fodi o atrevimento para fora de você.

Um rubor aquece suas bochechas, quando ele se senta e cruza os braços sobre o peito.

— Embora possa haver *alguma* verdade nessa afirmação, eu gostaria de refrescar sua memória bastante seletiva e lembrá-lo que desde que eu tive você na minha boca e chupei você tão bem, eles ouviram você implorando para vir até Seattle, tudo o que você tem feito foi sorrir e olhar para mim com corações em seus olhos.

Exceto agora.

Pela primeira vez desde que caímos na cama ontem à tarde, algo está me pesando. E Oliver sabe disso.

— Você está bem? — ele pergunta.

Eu fungo, estico meu braço sobre a banheira de hidromassagem, brincando com a corda em seu calção de banho.

Desonestamente apertados e curtos, eles são um amarelo detestável, coberto de bananas serigrafadas. Eu aperto os olhos.

— É como olhar para o sol.

Oliver dá uma risada enquanto leva as mãos à cintura.



— Bem, acho que vou ter que tirá-los.

Minha mão pousa em cima da dele, parando-o.

— Ainda não. Eu tenho... algo que quero dizer primeiro.

— Ok. — Ele vira a mão, entrelaçando nossos dedos. — E aí?

Eu empurro minha cabeça, chamando-o para a banheira, que foi incrível para minhas costas.

Oliver balança as pernas ao redor e afunda ao meu lado, deslizando uma mão ao longo da minha coxa sob a água, enfiando os dedos pelo meu cabelo com a outra.

— Estou ouvindo. — ele me diz.

Olho para o céu, aquelas estrelas brilhando infinitamente mais brilhantes já que estamos a quilômetros da cidade mais próxima. Eu sorrio, lembrando daquela noite em Los Angeles, a última vez que estudei as estrelas com Oliver ao meu lado – o chuveiro, nossa refeição lá fora, sua história estranha e adorável sobre a Ursa Maior e a Ursa Menor, dizendo-me em seu jeito anedótico que eu não estava tão sozinho, que havia algo recuperável no que parecia ser a ruína absoluta da minha vida.

Eu envolvo meu braço ao redor de seu pescoço e o puxo para perto, pressionando um beijo em sua têmpora, respirando-o.

— Eu te amo — digo a ele.

Gentilmente, ele esfrega minha coxa.

— Eu sei.

— Quero assistir aos musicais de Rogers e Hammerstein transformados em filmes, dobrar suas roupas berrantes e beijá-lo em todos os lugares, lavar pratos com você e dizer quando estou ferido e confiar em você para não pensar que sou um pedaço de merda sem valor sem uma bola aos meus pés.

Sua mão congela.

— Gavin, eu nunca pensaria isso.



Rasgando meu olhar das estrelas, encontro seus olhos e viro minha mão até que está agarrando a dele debaixo da água, nossos dedos entrelaçados.

— Eu sei. Mas... é difícil para mim. Para realmente *reconhecer* isso, bem no fundo de mim mesmo.

— Por quê? — Ele procura meus olhos. — Por que você pensa em si mesmo assim? Não entendo.

— Eu sei que você não sabe. Porque você cresceu aprendendo que era adorável, valesse ou não milhões de dólares, ou se tivesse marcado mais gols. Eu não. Graças a Deus, você não entende isso.

Oliver desliza as pontas dos dedos ao longo da minha palma, a cabeça inclinada enquanto estuda nossas mãos se tocando.

— Você está certo, eu cresci sendo afirmado e protegido. Mas, eu quero que você saiba, eu ainda tenho inseguranças. Eu sou o menino mais novo de cinco, o sexto filho de sete. Lutei bastante contra sentimentos de inadequação. Minha ansiedade, isso mexe com minha cabeça, me faz me preocupar com coisas que não deveria, me bater, analisar demais momentos do passado que não posso mudar, mas que meu cérebro insiste em ficar obcecado de qualquer maneira.

— Você é perfeito — digo a ele ferozmente. — Eu vou esmagar qualquer coisa que faça você se sentir diferente.

Olhando para cima, ele encontra meus olhos e sorri ironicamente.

— Eu não sou perfeito. E eu não disse isso para falar sobre mim ou diminuir o que você passou, eu só... quero que você saiba que eu posso entender um pouco, como é saber algo aqui em cima — ele aponta para sua cabeça —, mas não aqui embaixo. — Ele coloca a mão no meu peito, sobre o meu coração.

Eu aperto sua mão na minha e pressiono um beijo em sua palma e então a seguro com força, traçando suas linhas.

Ele dá um beijo no meu ombro, então coloca a cabeça lá.



— Você tem mais coisas para me dizer, não é?

— Sim. E eu odeio falar sobre isso. De pensar nisso. Lembrar disso. Mas a porra da minha terapeuta disse que é um importante exercício de vulnerabilidade confiar em você com o meu passado. Ou alguma merda assim.

Ele sorri para mim e isso deixa meu coração em chamas, brilhando.

— Você está na terapia — diz ele. — Estou orgulhoso de você.

— É uma merda, é o que é.

— É duro.

— Duro. — Eu bufo. — Meu pau fica duro. Meu abdômen está duro. A terapia é uma porra de um trabalho hercúleo. Deus, é a coisa mais difícil que já fiz. Mas aparentemente Pauline sabe do que está falando. Ela é fodidamente a melhor, pelo quanto eu estou pagando a ela. E ela diz que é aqui que eu começo, então... aqui vai.

Limpando a garganta, agarro sua mão, sinto-o, lembro-me de que ele está aqui, me segurando. Ainda me querendo.

— Não há ninguém do meu passado que eu sinta falta, ninguém que eu tenha deixado perto — eu digo a ele. — Exceto uma pessoa. Fred.

Oliver sorri.

— Fred é um bom nome.

Eu concordo. "Quando conheci Fred, não estava em um ótimo lugar. Na verdade, eu estava dando uma surra em alguém que achava que ser mais velho do que eu era uma boa razão para tentar me dar uma *surra*. Estávamos brigando no parque em frente à loja de conveniência dele. Fred saiu, me arrastou pelo colarinho para fora da briga. Eu estava imundo e faminto e muito, muito zangado.

Oliver segura minha mão com força e me observa, espera.

— Ele me trouxe para dentro de sua loja. Deu-me uma barra de granola e um suco e me disse para sentar e me refrescar. Então, ele voltou e pegou uma bola de futebol, colocou-a em minhas mãos e disse: "Da próxima vez que



você quiser chutar alguma coisa, coloque essa bola na frente de seus pés e chute-a em vez disso." Ele me pegou pelo ombro, apontou para a televisão ancorada na parede, para algum jogo da Premier League passando na TV. "Vê isso?", ele disse: "Isso é um jogo de controle." Então ele bateu no meu peito. "É isso que você vai fazer. Controle essa raiva dentro de você e faça algo com ela."

"Então, ele me acompanhou pela loja dele, até os fundos. Era este beco sem saída, o sol caindo sobre ele. Era como entrar na igreja, ou o que eu imaginava que a igreja deveria ser: em algum lugar seguro, em algum lugar onde você sentia paz. Um santuário.

"Ele apontou para uma pequena rede no final do beco, disse: "Você vem aqui a qualquer hora, chuta, dribla, tira sua raiva". Eu era cético. Eu já tinha lidado com meu quinhão de homens tentando tirar vantagem de mim, um menino negligenciado e sem supervisão. Eu disse algo nesse sentido, todo irritado e malvado. Ele ficou muito quieto, procurando meus olhos, juntando as peças.

"Então ele disse: "Este lugar era do meu neto. Ele se foi agora, e eu só... não tive coragem de acabar com isso. Ele me disse para não fazer isso, disse que outra pessoa precisaria". E então ele apenas olhou para mim... como ninguém nunca tinha olhado antes. Como se ele não visse um garoto sujo e faminto muito grande para suas roupas, muito zangado para seu próprio bem, e ele disse: "Agora eu sei que ele estava certo."

Eu pisco para que a umidade acumulada em meus olhos não se transforme em lágrimas. Oliver enxuga os cantos dos olhos.

— Eu quase nunca fui para "casa". Minha tia e meu tio eram meus guardiões legais, mas eles... eles não eram boas pessoas. — Estremeço, afastando memórias terríveis, memórias sobre as quais ainda não estou pronto para falar ou lidar na terapia, embora, um dia, eu saiba que vou. — Eu não estava seguro lá.



— Seus pais? — ele pergunta baixinho.

— Nunca os conheci. Meu pai nunca esteve na foto, até onde eu sei. Minha mãe faleceu quando eu era bebê. Eu nem sei de quê. Minha tia apenas me lembrava que ela se ressentia disso.

Ele aperta minha mão, dá um beijo suave no meu ombro antes de descansar a cabeça lá novamente.

— Eu sinto muito.

— Eu também. mas não posso mudar o passado. Foi isso que Fred me ensinou. Tudo o que eu podia mudar era o meu futuro. E assim fiz, graças a ele.

Ficamos em silêncio por um longo tempo enquanto olho para as estrelas, aliviado, muito aliviado por ter dito a Oliver tudo o que Pauline disse que eu precisava. Maldita seja, ela estava certa.

Sua voz suave e gentil, Oliver quebra o silêncio, quando diz:

— Eu sei que você já tem a admiração do mundo. Você sabe que tem a minha. Mas, vale a pena, sabendo o que faço agora, te admiro muito mais por *isso*, Gavin: por ter encontrado algo para se agarrar quando muita gente compreensivelmente desistiria, por deixar um estranho te amar quando as pessoas, que deveriam ter te amado mais, falharam com você. Essa é uma coragem grande, uma força mais profunda, do que qualquer coisa que você tenha ou mostrará em campo.

Meu coração dói, amor esticando-o nas costuras, enquanto pressiono minha testa na dele.

— Obrigado.

Inclinando a cabeça, Oliver roça o meu nariz, então, pressiona um beijo em meus lábios.

Quando ele se recosta, passando os dedos pelo meu cabelo, ele diz:

— Fred inspirou seu programa de apoio para crianças, não foi?

— Como você sabe disso?



Ele dá de ombros, sorrindo timidamente.

— Tenho meus recursos. — Aproximando-se, ele diz: — Fred te deu mais do que futebol. Ele lhe deu esperança, e você foi corajoso o suficiente para pegá-la e correr. É isso que você quer dar às crianças.

Resmungo algo evasivo, fingindo profundo interesse em reatar o cordão do meu calção de banho.

Oliver beija minha bochecha.

— Tenho certeza que ele está tão orgulhoso de você, Gavin.

— Ele *estava.*

— O que você quer dizer com isso?

As palavras saem de mim, raivosas, imparáveis.

— Aquele... *filho da puta* não me disse que estava morrendo. Ele não me disse. Ele escondeu isso de mim, até estar à beira da morte.

— Ah, Gavin. — Oliver se senta ereto na água e me encara totalmente. — Deus, me desculpe.

— Ele disse que estava me protegendo, que eu não tinha nada que ficar sentado, desperdiçando uma temporada, vendo ele morrer — eu rosno, secando meus olhos. — Já se passaram quinze malditos anos, e ainda estou com tanta raiva dele.

Oliver me puxa em seus braços, até que minha cabeça bate em seu ombro, enterrada na curva de seu pescoço.

— Claro que você está.

— Ele era a *única* pessoa que deveria me amar e não estragar tudo, e ele fez isso de qualquer maneira. Ele escondeu sua doença de mim. Porque minha carreira era o que mais importava para ele. Minha carreira foi o que *me* fez importante. Tudo o que alguém já viu em mim ou se importou comigo é o meu brilhantismo na porra do futebol. Minha carreira terminando, é muito mais do que apenas perder algo em que coloquei meu coração por décadas. Está acabando a única coisa com a qual sempre pude contar. Exceto...



Eu me afasto, apenas o suficiente para encontrar seus olhos, para apertar seu rosto enquanto digo a ele:

— Exceto você. Eu preciso que você saiba disso. Eu vou foder com as coisas. Vou ficar rude e assustado e entrarei em pânico enquanto me ajusto a esta próxima parte da minha vida. Mas eu te amo. Eu escolho você. Eu escolho nós. Vou lutar com tudo o que tenho para nós. E talvez conhecer essa merda que é o meu passado torne as coisas um pouco mais fáceis, quando eu for um merda. Isso é... isso é o que eu queria que você soubesse.

Gentilmente, Oliver desliza pela água, monta na minha cintura, as pernas dobradas em ambos os lados dos meus quadris. Agora é a vez dele de segurar meu rosto.

— Eu não me assusto tão facilmente. Eu não vou cair fora na primeira vez que você morder minha cabeça – últimas notícia, você já tem feito muito isso nos últimos dois anos, e aqui estou eu.

Eu resmungo miseravelmente e coloco minha testa em seu ombro. Oliver dá um beijo no topo da minha cabeça e diz:

— Eu te amo, Gavin Hayes. Com futebol ou não. Cinquenta milhões de dólares em seu nome ou uma nota de cinco dólares. E Fred também amava você.

— Uma ótima maneira de mostrar isso.

Oliver assente.

— Ele estragou tudo. Às vezes, as pessoas fazem coisas muito tolas quando amam alguém. Isso não significa que ele te amava menos. Significa que ele te amou imperfeitamente. Eu vou estragar tudo, às vezes, e te amar imperfeitamente também. Eu não quero, mas, por mais difícil que seja acreditar, eu sou um mero mortal.

Eu levanto minha cabeça, sobrancelha arqueada.

— Eu vi a execução de jogo com a bola parada; eu lembro.

Um sorriso levanta sua boca.

— Nós dois vamos estragar tudo. E isso é assustador. Mas acho que não há problema em ficar um pouco assustado,



talvez até seja bom. Significa que sabemos o que está em nossas mãos, quão precioso é. — Ele coloca a mão sobre meu peito, sua palma quente e pesada. — Nossos corações.

Eu engulo grosseiramente, mandíbula apertada, olhos úmidos.

— Eu vou mantê-lo seguro — eu digo a ele. — Eu vou te amar com tudo que puder.

— Eu sei. E eu vou mantê-lo seguro, também. E vou garantir que você nunca duvide do que significa para mim. Vou te contar alto e com frequência, tão livre quanto o vento na minha pele, o sol e as estrelas iluminando o céu. Eu vou te dizer que eu amo você, suas pernas cansadas e suas costas doloridas. Que eu te amo, quando você sai do campo para sempre e quando você entra nele de uma nova maneira, porque você simplesmente não pode sair dele, não ainda, talvez nunca.

"Eu vou te dizer que te amo quando eu for velho e você for mais velho. Que eu amo como você odeia as cores, mas você ama isso em mim. Que eu amo como você ama aqueles que a maioria das pessoas ignora: os gatos incontinentes, os vovôs solitários, as crianças curiosas e tagarelas. Eu vou te dizer que eu amo o quão profundamente você ama os outros, mesmo quando você tem medo. Que eu te amo por bravamente me mostrar amor quando você não sabia o que era, mas você sabia que eu precisava, e você precisava também.

"Eu nunca vou deixar você duvidar, Gavin Hayes, que não importa o que a vida nos traga, eu amo que você exista, em todas as poucas chances de tempo e espaço, que você está aqui, agora, comigo. Vou passar o tempo que tivermos tão inacreditavelmente agradecido por ter encontrado você.

Meus olhos... bem. Lentamente, puxo Oliver para perto. Nossas bocas se roçam, macias, quentes. Eu o inspiro, o seguro perto, expirando, lento e instável.

Afastando meu cabelo dos meus olhos, ele traça minha barba ao longo do meu pescoço, minhas maçãs do rosto.



Então, ele envolve seus braços em volta do meu pescoço e me beija, forte e promissor. Eu gemo quando meu corpo endurece e queima para ele.

— O que dói? — ele pergunta.

Eu sorrio para ele, deslizando minhas mãos pelas suas costas.

— Me diga você. — Eu movo meus quadris, então, ele me sente, pronto bem embaixo dele.

— Aqui? — Oliver pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— Dentro.

Nós nos levantamos, ambos um pouco instáveis, e saímos da banheira. Eu estremeço, quando dou meu primeiro passo pelo chão. Deus, minhas costas estão uma bagunça. De repente, aquela cirurgia que eu temia, aquela que o Dr. Chen me disse ser absolutamente necessária para as múltiplas hérnias de disco nas minhas vértebras inferiores, parece incrivelmente atraente.

Toalhas em volta da cintura, entramos na casa pelas portas de vidro deslizantes. Eu paro quase imediatamente, notando o fogo que Oliver fez.

— Não que sua bunda tenha ficado fora da cama tempo suficiente para perceber ontem — ele diz —, mas as noites ainda são frescas aqui, mesmo que seja quente durante o dia. Achei que uma fogueira poderia ser boa.

Eu observo a grande sala do Chalé A – bem, realmente é um chalé enorme com uma forma em A em seu coração que foi atualizado e estendido em muito mais, aconchegante e confortável, simplicidade rústica. A grande sala está repleta de estantes de livros, arte moderna linda, que Oliver explicou ser de seu irmão Axel, e muitas fotos de família. O fogo na lareira estala e ilumina um sofá de pelúcia que poderia acomodar facilmente uma dúzia de pessoas.

— É perfeito — digo a ele, puxando-o para perto, dando-lhe um beijo. — Obrigado.



Passando por uma longa mesa de madeira recuperada e cadeiras descombinadas que separam a área de estar da cozinha, olho para o tapete em frente à lareira, as muitas almofadas do sofá.

— Vamos — Oliver diz, me trazendo de volta ao momento, enganchando o dedo na toalha na minha cintura e me arrastando para o quarto.

— Não. — Eu empurro minha cabeça em direção ao fogo. — Aqui.

— O chão, no entanto. Vai doer...

— Essas almofadas do sofá parecem removíveis — digo a ele, sorrindo. — Eu cuidarei disso. Você pega o que precisamos. Naquela pequena bolsa que eu arrumei, por favor.

— Tudo bem. Mas se você quebrar outra coisa, porque insistiu em fazer zero em um piso de madeira, não vou responder ao Dr. Chen. Você vai.

Eu mordo de volta um sorriso.

— Justo.

— Então, essa bolsa — ele diz, voltando para o quarto. — Como eu sei qual é? Deixe-me adivinhar. É preto.

— É cinza, muito obrigado.

Enquanto ele caminha pelo corredor, tiro a toalha e o calção de banho molhado, depois tiro as almofadas e as jogo rigidamente na frente do fogo.

Sinto as costas de Oliver, bolsa na mão, antes de olhar por cima do ombro e pegá-lo olhando para minha forma nua.

— Pare de me cobiçar e venha aqui.

Deixando cair a toalha, Oliver tira o short de banho e fecha a distância entre nós. Eu seguro seu pescoço, puxo-o para perto. Ele ofega de prazer, como se isso fosse tudo o que ele precisa, nossos corpos se tocando, quentes da água, ainda mais quentes na frente do fogo crepitante.

— Deite-se — digo a ele.

Ele geme, passando a mão pelo meu pau.

— Ou eu poderia ficar de joelhos.



Eu balanço minha cabeça.

— Vamos. Eu tenho planos.

Suspirando, Oliver se joga nas almofadas como uma estrela-do-mar e faz beicinho.

— Eu vou lembrá-lo quando isso for feito que você ficou de *mau-humor*. E você vai se sentir muito tolo.

— É, é.

Lentamente, eu me acomodo nas almofadas também, em seguida, empurro-o para o lado, de modo que suas costas estejam na minha frente, minhas costas para o fogo enquanto me enrolo em torno dele. Oliver me ouve farfalhando na bolsa e olha para trás enquanto eu estou deslizando no anel peniano, apertado no meu comprimento.

Seus olhos se arregalam quando ele diz:

— Oh, *merda*.

— Você está bem com isso?

— Hum, o condor-da-Califórnia é uma espécie criticamente ameaçada?

Eu balanço minha cabeça e o beijo.

— Tão esquisito. Vou levar isso como um sim.

— Isso é um sim profundamente afirmativo.

— Bom — eu digo a ele. — Agora vire-se.

Ele faz o que eu digo, descansando a cabeça no meu braço, suspirando de prazer enquanto beijo seu pescoço, depois seu ombro. Ele chega para trás e passa os dedos pelo meu cabelo, encontrando minha boca para um beijo lento e quente, enquanto eu deslizo minha mão por seu corpo, provoco seu peito e mamilos, descendo por seu estômago e quadris até os músculos duros de suas coxas, puxando-o para perto.

— Você quer esse pau, Oliver?

Ele balança a cabeça rapidamente, esfregando-se contra mim.

— Sim.

Está quieto, exceto pelo estalo e estalo do fogo, até eu ligar o anel peniano, provocando um zumbido baixo e



constante. Oliver estremece quando eu me esfrego nele, certificando-me de que ele sente vibrar contra sua bunda.

Já posso imaginar, me enterrando nele, aquela meia-lua vibrante na base do anel peniano esfregando atrás de suas bolas, deixando-o louco.

— Você quer isso, ainda? — Eu pergunto.

— Inferno, sim — ele ofega.

Provocando-o, eu desligo tão rapidamente quanto liguei. Ele geme de frustração.

— Seja paciente.

Agarro sua mandíbula e o beijo, língua e dentes, mergulhos rítmicos, dando e recebendo famintos, como nossos corpos logo se moverão. Deslizando minha mão em sua bunda, eu o toco ali, esfrego e provoco-o.

Oliver me beija de volta com a mesma força, deslizando a mão pelo meu corpo, os toques mais simples e satisfatórios que me fazem suspirar. Ofegante, a dor dentro de mim em um pico de febre, eu rolo o preservativo, aqueço-o mais com lubrificante e meus dedos. Eu pressiono beijos suaves ao longo de seu ombro, enquanto eu lubrifico a camisinha também, e olho para seu corpo lindo – pele dourada, músculos longos e fortes, aquela bunda doce e apertada.

— Por favor — ele sussurra. — Eu preciso disso.

— Eu sei do que você gosta, amor. — Gentilmente, eu entro, gemendo, quando eu rompo aquele lugar apertado e o sinto, tão incrivelmente confortável ao meu redor. — Porra, você parece tão bom.

Oliver geme de prazer enquanto eu balanço meus quadris e o preencho, devagar e com firmeza.

— Tão bom — ele murmura, chegando de volta, me beijando.

— E está prestes a melhorar. — Quando ligo o anel peniano, um suspiro sai dele.

— Merda — eu assobio, recuando e então bombeando nele, minha mão provocando seu pau, segurando-o apertado na base como o anel peniano segura o meu.



Oliver se contorce, arqueia as costas.

— Mais. Por favor.

— Calma— eu sussurro. — Não persiga. Apenas deixe vir. Me deixe dar a você.

Ele geme e chega para trás, agarra meu pescoço e me beija, quente e escorregadio, sua língua deslizando com a minha.

— Isso é tão bom.

Concordo com a cabeça, sem fôlego, a sensação crescendo em meu corpo tão poderosa que mal consigo formar palavras.

À medida que nos movemos, o fogo nos aquece, mãos vagando, respirações irregulares, súplicas e elogios enchendo o ar. O tempo desaparece na escuridão da noite, o brilho do fogo, os sons de nossos corpos juntos.

Movendo-se tão pouco, suave para minhas costas, aquele calor do fogo acalmando a dor insistente. Eu puxo Oliver mais apertado contra mim, beijo sua garganta enquanto ele joga a cabeça para trás e eu o respiro, seu suor, o cheiro de sua pele. Eu bombeio seu pau, em seguida, mais baixo, segurando suas bolas enquanto elas são provocadas pela vibração, descendo por suas coxas, até seu estômago. Ele chega para trás e esfrega minha bunda, meu quadril, segurando-me contra ele enquanto eu acaricio aquele ponto que o faz gritar meu nome, o faz começar a tremer e engolir ar.

— É isso — eu rosno, sentindo seu corpo tenso, sua liberação aumentar. Deslizando minha mão em seu peito, eu seguro sua garganta suavemente, guiando sua cabeça para trás. — Olhe para mim. Olhe para mim quando você gozar.

Oliver olha nos meus olhos, enquanto eu me perco em seus olhos também. Eu sinto a força de seu corpo, a força do meu, poder e necessidade e calor, enquanto eu bombeio nele, enquanto ele me abraça forte.

Agarrando sua mandíbula, eu pego sua boca, seguro seus olhos enquanto ele vem e chama meu nome contra a minha



boca. Ele se agarra ao meu corpo quando outra onda de seu orgasmo o atinge, tão intensa que arranca minha liberação de mim e me faz gritar seu nome também. Meus quadris estremecem quando agarro seu pau e bombeio com força, ganhando cordas quentes e grossas que pintam em seu estômago e em minha mão enquanto ele engasga meu nome.

Atordoado, membros pesados, eu bati no botão para o anel peniano vibrando, terminando sua sensação avassaladora.

— Puta *merda* — eu gemo. Oliver ri fracamente, fazendo uma risada rouca sair de mim também.

— Você — ele ofega — estava certo. Eu me sinto muito tolo por fazer beicinho. Então, novamente, se é isso que fazer beicinho traz sempre, eu posso precisar fazer birra e ficar de mau-humor com mais frequência.

Eu sorrio contra seu beijo, absorvo seu suspiro lento e satisfeito.

— Estou feliz que você gostou.

— Gostei? Eu amei. — Estendendo a mão, ele desliza os dedos pelo meu cabelo e me beija novamente. — Tem mais alguma coisa divertida naquela bolsinha cinza que você quer compartilhar, Hayes?

— Oh, Bergman — eu sussurro, sorrindo maliciosamente —, apenas aguarde.



31

GAVIN

Música da Playlist: "You're the One I Want", Chris and Thomas

TENHO UMA VISÃO DESOBSTRUÍDA DO OCEANO PACÍFICO AO ANOITECER, mas meu olhar está fixo em uma visão muito melhor.

Oliver fica na fila ao lado de seus irmãos, bronzeado pelo sol e vestindo um smoking preto, rindo, enquanto enxuga uma lágrima. Na minha visão periférica, vejo Ren segurar o rosto de Frankie enquanto eles se beijam para uma erupção de aplausos. Mas meus olhos não deixam Oliver. Quase nunca o fazem.

Enquanto a noiva e o noivo saem para mais aplausos, olho para Oliver e sinto a paz crescer como uma onda em minha alma.

Há muitos grandes nomes aqui, mas não há flashes de câmera frenéticos, perguntas de sondagem ou fãs entusiasmados. Por algum feito de dinheiro ou conexões, ou alguma combinação de ambos, a praia está protegida esta noite, longe de olhares indiscretos e da imprensa. Aqui, somos simplesmente família e amigos, celebrando duas pessoas que se prometem para sempre.

Estou começando a me acostumar com isso. Sendo simplesmente Gavin. Pouco a pouco, estou aprendendo a abraçar o alívio que vem de não acordar tendo que provar meu valor para mim mesmo ou para o mundo, a serenidade de me aceitar como sou, acreditando que isso é o suficiente.

Eu tenho alguém me lembrando disso todos os dias também, o que certamente ajuda – o homem que vem saltitando em minha direção e desliza a mão em volta da minha cintura.

— Você me deve cinquenta dólares.

— Se manca — eu digo a ele.



— Eu não chorei! — Oliver grita. — Você apostou que sim. Eu apostei que não. Cinquenta dólares. Agora passa para cá.

Eu o beijo mesmo que ele esteja cheio de merda e ganho seu sorriso satisfeito enquanto ele se afasta.

— Eu assisti você, seu pé mentiroso no meu saco. Você chorou.

— Eu limpei um pouco de umidade no *canto* dos meus olhos, quando o vento aumentou — diz ele altivamente, estendendo a mão. — Vamos lá. Passa para cá.

Eu bato em sua palma aberta.

— Foda-se, não. Além disso, não sou eu que estou ganhando dinheiro agora. Você é o ganha-pão.

Ele revira os olhos.

— Isso de novo.

— Tenho uma longa aposentadoria para planejar. Um orçamento a respeitar.

— Kladdkaka! — Linnea corre para minhas pernas e sorri para mim, bochechas coradas, seu vestido amarelo esvoaçante já manchado com algo que parece suspeitosamente com bolo de chocolate. Pelo menos, é o que espero que seja.

— Olá, pestinha — Agachado, eu sorrio e encontro seus olhos. — Você está muito bonita, Linnea. E você fez um excelente trabalho jogando suas pétalas de flores.

— Obrigada! — ela diz, se jogando em uma das minhas coxas. A dor pulsa no meu joelho, mas não é insuportável, é mais cansativa e familiar do que excruciante. Vou colocar gelo esta noite. Então, Oliver vai massageá-lo para mim. Então, sua mão vai vagar mais alto, mais alto e...

— Lembre-se, Linnie — Oliver diz gentilmente, acariciando sua bochecha com os nós dos dedos. — Vai com calma com o corpo do Kladdkaka.

— Está tudo bem.

Ele suspira e apenas sorri.



— Kladkaka. — Linnea põe a mão na minha bochecha. — Posso vir para passar o dia logo?

— Absolutamente. Tenho muito tempo livre hoje em dia.

Um sorriso ilumina seu rosto.

— E eu quero o seu guacamole.

— Você terá.

— Yay! — Pressionando um beijo na minha bochecha, ela joga os braços em volta do meu pescoço e diz: — Estou tão feliz que o tio Ollie te ama, Kladdkaka. Eu também te amo.

Engolindo em seco, eu a abraço de volta.

— Estou feliz que ele me ama também. E eu *te* amo, Linnea. Muitíssimo.

Ela ri, uma risada brilhante e borbulhante de criança. Então, ela pula do meu colo e vai embora, descalça e girando em seu vestido.

— Você é pior que todos nós — Oliver diz.

Endireitando-me, eu lhe lanço um olhar e o puxo para perto pela cintura.

— Como assim, exatamente?

— Ela tem você tão na palma da mão dela.

— Eu não posso dizer não para um rosto assim. Como você pode?

Ele sorri, roubando um beijo.

— Você é tão mole. Mas não se preocupe. Você continua usando essa carranca e suas roupas em tons de cinza para assustar o mundo. Seu segredo está seguro comigo. Eu vou manter você só para mim.

— Não se o seu irmão tiver algo a dizer sobre isso — murmuro, notando o irmão em questão vindo em nossa direção.

— Huh?

— Ren quer que eu vá a público com o programa de suporte e faça uma fusão com sua organização sem fins lucrativos. Diz que com os dois rostos nele, teremos muito mais apoio financeiro e uma publicidade ainda mais forte, o que, é claro, significa...



— Mais dinheiro para ajudar mais crianças. — Oliver assente. — É inteligente.

— Inteligente, sim. Mas requer coisas como conversar com as pessoas e sair de casa e não xingar tanto.

Oliver sorri largo.

— Deixe-me adivinhar. Este plano foi elaborado no não-tão-secreto clube de Shakespeare dele ao qual você se juntou.

— Isso — eu digo a ele afetadamente — não é da sua conta.

Seu sorriso se alarga.

— Acho ótimo – o clube que fingimos não conhecer, mas também fundir organizações com Ren para alcançar e ajudar mais crianças.

Assim que ele diz isso, seu irmão interrompe, uma mão em cada um de nossos ombros.

— Hora da foto da família — diz Ren. — Vamos!

— Claro — Oliver diz a ele, seguindo o seu rastro, minha mão na dele. Eu tento me extrair. Eu não sou parte disso.

Ren e Oliver se viram em uníssono, parecendo estranhamente sérios, com seus smokings pretos afiados e duplas carrancas profundas.

— Gavin — diz Ren. — Vamos. Fotos de família.

Minha boca se abre. Fecha.

— Eu não... Isso é...

— Sötis, eu te disse. — Oliver enrosca seus dedos nos meus novamente, puxando até que eu comece a andar com ele.

Com a certeza de que estou indo, Ren se vira e desaparece na pequena multidão, presumivelmente para reunir o resto da família.

— Vocês Bergmans envergonham os caras do pôquer e suas insistências — resmungo.

— Falando nisso. — Os olhos de Oliver encontram Mitch, que está próximo com o braço em volta de uma mulher pequena de óculos com cabelo curto branco prateado. — Ainda não consigo acreditar.



Millie, uma ex-administradora da equipe de Ren, acabou sendo a amiga por correspondência de Mitch, e agora eles estão namorando. Quando mencionei o nome dela e percebemos a conexão em um recente jantar em família no domingo, Ren quase caiu da cadeira.

— Nossas vidas estavam destinadas a se entrelaçarem — Oliver diz sonhadoramente. — E você está preso comigo para sempre, então, você está nas fotos da família. Não seja rabugento sobre isso.

É um momento que estou aprendendo a trabalhar, a afrouxar as garras do medo e a aceitar uma mão estendida como a que segura firmemente a minha, seu polegar varrendo suavemente minha pele.

— Você está tão preso a mim, eu quero que você saiba — eu rosno contra seu pescoço, antes de pressionar um beijo acima do colarinho de sua camisa, respirando-o.

Oliver sorri enquanto um rubor aquece suas bochechas.

— Eu sei. Você simplesmente não está acostumado a ser maltratado por uma dúzia de meio-suecos superdimensionados e seus parceiros e filhos igualmente assertivos, muito menos ser lembrado de que agora é um deles.

— Precisamente.

O sorriso de Oliver se aprofunda. Ele me puxa para perto e me beija suavemente e devagar, para todo o mundo ver.

— Ainda bem que você tem o resto da vida para se acostumar.

— OH, DOCE DEUS — eu gemo, esticando minhas pernas doloridas na espreguiçadeira no quintal. Meus joelhos estalam. Meu tornozelo estala. Porra, é bom colocar meus pés para cima.

— Sua bolsa de gelo, senhor. — Oliver a coloca no meu joelho machucado. — E sua almofada de aquecimento. — Ele enfia isso entre a parte inferior das minhas costas e a



espreguiçadeira. — E meu lugar favorito. — Ele se acomoda na espreguiçadeira, então, segue em minha direção até encostar as costas no meu peito, envolvendo meus braços ao redor dele.

Então, e só então, sinto seu corpo relaxar, um suspiro longo e satisfeito o deixa. Eu pressiono um beijo em sua têmpora e olho para as estrelas, meu coração tão impossivelmente cheio.

— Eu te amo para caralho, Oliver Bergman.

Eu sinto seu sorriso enquanto ele acaricia sua têmpora contra minha mandíbula.

— Eu também te amo para caralho, Gavin Hayes. — Olhando para mim, ele desliza a mão ao longo do meu pescoço, no meu cabelo, coçando carinhosamente ao longo do meu couro cabeludo. — Foi um bom casamento.

Eu grunhi em concordância, passando minha mão sobre seu peito, beijando sua têmpora novamente.

— Boa comida, boa música e dança, não demorou muito. A tríade da perfeição da festa.

— Hum. — Ele pressiona um beijo na minha mandíbula e então se acomoda contra mim. — Você é um bom dançarino.

— Porra, sim, eu sou.

Ele bufa uma risada.

— E humilde como sempre.

— Você também. E se você acha que eu não vi aquelas meias 3/4 de arco-íris que você vestiu, eu vi.

— Droga — diz ele. — Como você as achou?

— Seus movimentos em "Electric Slide". Uma monstruosidade colorida de alfaiataria é o que eram. Você não pode fazer o que foi dito e usar um smoking e meias apropriadas.

Ele sorri.

— Você gosta das minhas monstruosidades coloridas de alfaiataria.

Eu sorrio também.



— Eu gosto. Eu as amo, na verdade. Eu poderia encontrar você em um piscar de olhos por toda a pista de dança.

Suspirando feliz, Oliver desliza a mão pela minha nuca, esfregando aqueles músculos tensos e doloridos.

— Sua casa ou a minha esta noite? — ele pergunta.

— Minha. Wilde vai começar a mijar mais do que nos meus sapatos se eu não mostrar meu rosto logo.

Oliver faz uma careta.

— Desculpe. Eu tenho monopolizado você na minha casa.

Eu engulo a ameaça de nervosismo, entrelaçando nossas mãos, deslizando nossos dedos ao longo um do outro.

— Nós poderíamos... ter um lugar juntos. Algum dia.

A cabeça de Oliver se levanta, seus olhos encontram os meus. Um sorriso novo e precioso que eu nunca vi antes, aquece seu rosto.

— Sério?

Sinto um sorriso ridículo iluminando meu rosto também.

— Sério. Eu sei que é rápido. E eu não... quero dizer, não é muito urgente se você não quiser, mas se você *quiser*, eu poderia ter contratado um arquiteto para descobrir várias opções para fundir nossos bangalôs em uma casa. Para nós.

Oliver se senta, então, gira e me encara.

— Você contratou?

— Quero dizer, são apenas plantas...

Seu beijo me silencia, enquanto ele sussurra contra minha boca:

— Eu já sei que vou amá-las.

Eu me afasto, procurando seus olhos.

— Sério?

— Sim. — Seu sorriso é suave e terno, seus olhos segurando os meus. — Sério.

Eu o beijo sob o céu noturno brilhante, cheio de possibilidades. Pela primeira vez em tanto tempo, a esperança me enche, brilhante como as estrelas acima.



Segurando o homem que amo, coração do meu coração, digo-lhe a verdade:

Mal posso esperar pelo que vem a seguir.

O FIM

A história de Oliver e Gavin acabou, mas não se preocupe – você os verá novamente na próxima história dos Bergmans, em 2023!



AGRADECIMENTOS

Como muitas pessoas, uma vez que entrei no hype e assisti *Ted Lasso*, apaixonei-me forte e rápido. O sucesso da série em tempos tão estressantes e incertos não é mistério para mim. Como Jason Sudeikis (que interpreta o personagem principal homônimo) brincou no SNL: "é construído em torno de duas coisas que os americanos odeiam – futebol e bondade". Embora, é claro, ele esteja provocando, de certa forma ele está certo: o impulso capitalista da cultura americana cultiva muitos princípios de sucesso a todo custo sustentados por uma natureza auto-orientada e cruel; quanto ao futebol, não é, de forma alguma, o jogo mais amado da América, ao passo que é o coração da experiência cultural compartilhada em quase todas as outras partes do mundo.

Tudo isso para dizer, *Ted Lasso* decolou, eu acho, porque deu aos espectadores americanos em particular um alívio verdadeiramente escapista: o mundo divertido de um esporte com o qual muitos deles não estavam familiarizados e uma ideia ainda mais desconhecida – um líder empoderado que é gentil, em vez de cortante, esperançoso, em vez de duro; uma comunidade na equipe, seus funcionários, até mesmo os moradores locais torcendo por eles, unindo-se para um objetivo comum baseado na crença, apesar dos fracassos do passado, de que eles poderiam trabalhar juntos por meio do trabalho em equipe, generosidade, paciência, esforço coletivo altruísta e ser vitorioso.

Como alguém que é uma trouxa para qualquer personagem que descompacte seu patriarcado embutido e evite a masculinidade tóxica, que cresceu jogando futebol e sentiu muita falta do jogo enquanto eles eram cancelados e as temporadas adiadas, devido a precauções de segurança pandêmicas, assistir *Ted Lasso* foi um bálsamo para minha



alma. Quando terminei as duas temporadas que estão completas até agora, senti essa necessidade dolorosa de permanecer no mundo, de ficar em vestiários barulhentos e travessuras durante os treinos, de ver os companheiros de equipe se apoiando, ascendendo em ocasiões enquanto enfrentavam desafios dentro e fora de campo.

E assim nasceu uma ideia para o livro de Oliver: um jogador cujo coração ecoava o de Ted Lasso, alguém que é sempre alegre, amigável, brincalhão, mas que também luta em particular com a solidão e a ansiedade; e outro jogador, que como Roy Kent, mal-humorado, rabugento e desbocado, que teme o fim – como todos nós – ao que deu propósito, validade e significado à sua vida. E, então, porque estou no negócio de escrever felizes para sempre, pensei, vamos fazê-los se apaixonar!

Dizer que escrever a história de Gavin e Oliver me trouxe alegria é um eufemismo selvagem. Foi catártico e curativo e bonito e desafiador da melhor maneira, como uma daquelas corridas mágicas quando suas pernas estão soltas e fortes e o sol está forte, mas não muito forte e o vento se move apenas o suficiente para esfriar sua pele sem derrubá-lo – forte, mas satisfatório, pacífico, mas reViggorante. E não teria sido possível sem algumas pessoas incríveis que trabalharam comigo para garantir que, além da minha própria experiência vivida, parte da qual é retratada nesses personagens, sua experiência vivida na representação desta história fosse retratada de forma autêntica e sensível. Jess, Tim, Ellie, obrigado. Sua sabedoria, honestidade, cuidado e dedicação em me ajudar a tornar este livro inclusivo, atencioso, autêntico e respeitoso significam o mundo para mim.

Como sempre, sou muito agradecida à minha família e amigos, que me aguentaram gargalhando enquanto escrevia e me permitiram contar um novo momento favorito que eu havia elaborado. Vocês me fazem me sentir vista, apoiada e acreditada, o que Ted Lasso diria a você que é o melhor



presente que você poderia querer ou dar às pessoas que você ama.

Espero, caro leitor, que esta história tenha lhe trazido alegria e afirmação, que mesmo se você usar aquele sorriso radiante, você perceba que não precisa se esconder quando as nuvens de tempestade chegarem, que você pode até ser amado, não, *especialmente,* quando você está ansioso e com medo; que se você sentir tristeza e dor, aqueles dignos de seu amor vão te amar nesses momentos difíceis e te fazer rir e segurar sua mão e te lembrar que, como a música amada pelos fãs de futebol e musicais nos lembra, "você nunca andará sozinho".

XO,
Chloé

